

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC - SP

Eliete Hugueney de Figueiredo Costa

Revista *A Violeta*: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

São Paulo

2016

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC - SP

Eliete Hugueney de Figueiredo Costa

Revista *A Violeta*: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elisabeth Brait.

São Paulo

2016

Banca Examinadora

A minha família, fonte inesgotável de amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra e toda glória;

A minha família, pelo apoio incondicional;

À CAPES, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa;

À UFMT, pela concessão do meu afastamento;

A minha orientadora, Prof^a Dr^a Beth Brait, pela orientação primorosa, pela confiança e respeito pelo meu trabalho;

Às professoras Diana Navas e Maria Helena Cruz Pistori, que aceitaram fazer parte da minha banca e deram expressiva contribuição teórica nos exames de qualificação;

À Prof^a Dr^a Yasmin Nadaf, por ceder seu precioso acervo para a efetivação deste trabalho e pela valiosa interlocução;

À Prof^a Dr^a Elizabeth Madureira Siqueira, pelo incentivo e grande apoio em incontáveis momentos;

À Prof^a Dr^a Simone Padilha, pelos diálogos e por me receber no Grupo de Estudos Relendo Bakhtin, ambiente de riquíssimas reflexões;

À Prof^a Dr^a Nádia Kunze, e preciosa amiga, pelo privilégio das interlocuções;

Às queridas Maria Lúcia e Márcia, funcionárias do LAEL, pela atenção nas questões burocráticas;

Aos colegas bakhtinianos e braitianos, pelo compartilhamento de ricas ideias e experiências.

Revista *A Violeta*: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes

Eliete Hugueneay de Figueiredo Costa

RESUMO

Esta tese, situada no campo de investigação dos estudos bakhtinianos, teve por objetivo compreender, na dimensão verbo-visual da revista cuiabana *A Violeta* (1916-1950), como se constitui discursivamente o entrecruzamento de vozes. O *corpus* selecionado foi composto por enunciados de duas revistas da década de 1910, uma de 1920, duas de 1930, duas de 1940 e uma da década de 1950, totalizando o número de oito. Os critérios de seleção estiveram pautados em dois aspectos: a) abrangência do tempo de publicação; b) presença de textos assinados pelas principais redatoras: Maria Dimpina Lobo Duarte e Maria de Arruda Müller. A hipótese levantada foi de que o periódico traz em seus enunciados marcas discursivas reveladoras de um posicionamento ideológico caracterizado por um conflito no discurso autoral que, por um lado, aponta para uma emancipação do espaço público destinado à mulher e, por outro, respeita e preserva as coerções impostas ao sexo feminino na primeira metade do século XX. Nesse sentido, a nossa tese é de que os enunciados apresentam estratégias linguístico-discursivas e de mobilização do plano de expressão verbo-visual que apontam para um entrecruzamento de vozes. Ou seja, *A Violeta*, mesmo sendo um veículo cuja editoria refletia posicionamentos hegemônicos da época de sua produção e circulação, refratava outros valores, deixando transparecer ao leitor atento uma sobreposição de vozes. A fundamentação teórica utilizada para confirmação de nossa hipótese ancorou-se na teoria de Bakhtin e o Círculo (2010, 2011, 2012), quanto às questões que envolvem as relações dialógicas entre os enunciados, e Brait (2005, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013, 2014, 2016), para discutir os aspectos relacionados à verbo-visualidade. Tratou-se de uma pesquisa de análise documental de abordagem qualitativa e dialógica em que analisamos os enunciados presentes nas edições selecionadas, desvelando as tensões discursivo-ideológicas geradas pelo entrelaçamento de vozes. Dessa maneira, buscamos respostas para as seguintes questões de pesquisa: 1) Como o discurso autoral pode apontar para a presença de diferentes vozes nos enunciados de *A Violeta* e como estas se constituem ao longo dos textos? 2) Como os aspectos linguístico-discursivos, constitutivos da dimensão verbo-visual, apontam para a presença de entrecruzamento de vozes? Nossa pesquisa se guiou pela perspectiva metodológica da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2008), utilizando as categorias basilares de *discurso*, *relações dialógicas*, *autoria*, *enunciado*, *texto*, *gêneros do discurso e vozes*, noções que nos ajudaram a explicitar os procedimentos de constituição do projeto discursivo do periódico. Esta investigação justifica-se, por um lado, pela possibilidade de contribuição para o estudo da verbo-visualidade, ao refletirmos sobre as estratégias discursivas utilizadas pela imprensa feminina cuiabana e, por outro, pelo fato de trazer um novo olhar para a revista *A Violeta*, através das lentes bakhtinianas. O resultado das análises demonstrou que o periódico nos apresenta, através da dimensão verbo-visual, um entrecruzamento de vozes que releva uma dupla face, tanto do conservadorismo em relação ao papel social da mulher, quanto do vanguardismo em relação às questões relativas ao progresso das cidades, tendo em vista o contexto sócio-histórico da época marcado pela tensão constitutiva do tecido social em desenvolvimento.

Palavras-chave: Revista *A Violeta*. Verbo-visualidade. Vozes.

***The Violet* magazine: the verbal-visuality and the intersection of voices**

Eliete Huguene de Figueiredo Costa

ABSTRACT

This thesis, situated in the field of inquiry of the bakhtinian's studies, had the objective to understand, in the verbal-visual dimension of the *cuiabana* magazine *The Violet* (1916-1950), how occurred the intersection of voices in the speech. The selected *corpus* was composed by texts of two magazines of 1910's decade, one of 1920's, two of 1930's, two of 1940's and one of 1950's decade, summing up eight. The criteria had been ruled in two aspects: a) range of the time of publication; b) presence of texts signed by the main editors: Maria Dimpina Lobo Duarte and Maria de Arruda Müller. The raised hypothesis was that the periodic brings in its statements revealing speech marks of an ideological positioning characterized by a conflict in the authorship speech that, on the one hand, points to an emancipation of the public space destined to the woman and, on the other hand, respects and preserves the coercions imposed to the female sex in the first half of XX century. In this direction, our thesis is that the statements present linguistic-discursive strategies and mobilization of the verbal-visual plan that points to an intersection of voices. That is, *The Violet*, even being a vehicle which the editorial reflected hegemonic positioning of the time of its production and circulation, refracted other values, making clear to the attentive reader an overlapping of voices. The theoretical ground for confirmation of our hypothesis is anchored in Bakhtin's theory and the Circle (2010, 2011, 2012), regarding to the questions that involve the dialogical relations between the statements, and Brait (2005, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013, 2014, 2016), to argue the aspects related to the verbal-visuality. It was an analysis of a documentary research of qualitative and dialogical approach in which we analyzed the statements of the selected editions, revealing the discursive-ideological tensions generated by the interlacement of voices. Thus, were sought answers to the following questions: 1) How can the authorship speech point to the presence of different voices in the statements of *The Violet* and how are they constituted throughout the texts? 2) How do the linguistic-discursive aspects, constitutive of the verbal-visual dimension, point to the presence of intersection of voices? Our research was guided by the methodological perspective of the Dialogical Analysis of the Discourse (Brait, 2008), using the fundamental categories of discourse, dialogical relations, authorship, statement, text, genres of the speech and voices, notions that helped us to make explicit the procedures of constitution of the discourse project of the periodic. This inquiry is justified, on the one hand, for the possibility of contribution for the study of the verbal-visuality, when reflecting on the speech strategies used by the feminine press and, on the other hand, by the fact of bringing a new view at the magazine, through the bakhtinian's lenses. The result of the analyses demonstrated that the periodic shows, through the verbal-visual dimension, an intersection of voices that reveals a double side, as for the preservation of the social role of the woman, as for the vanguardism in relation to questions related to the progress of the cities, bearing in mind that the context social-historical of the time marked by the constituent tension of the social web in development.

Keywords: *The Violet* magazine. Verbal-visuality. Voices.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha de tempo das publicações periódicas femininas – séc. XIX	39
Figura 2 – Linha de tempo das publicações periódicas femininas – séc. XX	40
Figura 3 – Revista <i>A Violeta</i> (Cuiabá, MT), 1916.....	41
Figura 4 – Revista <i>A Violeta</i> (Rio Grande, RS), 1879.....	41
Figura 5 – Revista <i>A Violeta</i> (São Paulo), 1887	41
Figura 6 – Revista <i>A Violeta</i> (São Paulo),1901	41
Figura 7 – Enunciado de <i>A Violeta</i> , n. 126, 25 de julho de 1925	43
Figura 8 – Enunciado de <i>A Violeta</i> , n. 127, 30 de agosto de 1925	44
Figura 9 – Continuação do enunciado de <i>A Violeta</i> , n. 127, 30 de agosto de 1925	45
Figura 10 – Enunciado de <i>A Violeta</i> , n. 129, 30 de outubro de 1925	46
Figura 11 – Revista <i>Feminina</i> , agosto de 1918	47
Figura 12 – <i>Jornal das Moças</i> , janeiro de 1940	48
Figura 13 – Revista <i>O Myosotis</i> , maio de 1890.....	49
Figura 14 – Capa colorida de <i>A Violeta</i> , n. 278, 6 de agosto de 1941.....	53
Figura 15– Primeira página de <i>A Violeta</i> , n. 13, 8 de julho de 1917.....	54
Figura 16 – Primeira página de <i>A Violeta</i> , n. 147, 31 de maio de 1927	54
Figura 17 – Primeira página de <i>A Violeta</i> , n. 179, 30 de junho de 1930.....	54
Figura 18 – Primeira página de <i>A Violeta</i> , n. 302, 30 de novembro de 1943.....	54
Figura 19 – Primeira página de <i>A Violeta</i> , n. 333, 31 de março de 1950.....	54
Figura 20 – Seção <i>Correspondencia</i> , revista <i>A Violeta</i> , n. 4, 31 de janeiro de 1917	56
Figura 21 – Excerto do Estatuto do Grêmio Júlia Lopes.....	58
Figura 22 – Capa do livreto comemorativo ao centenário de nascimento de Júlia Lopes de Almeida.....	61
Figura 23 – Carta de Júlia Lopes de Almeida à revista <i>A Violeta</i> , escrita em Paris, em 1930	67
Figura 24 – Primeira página de <i>A Violeta</i> , n. 217, de 31 de maio de 1934, com a foto de Júlia Lopes de Almeida.....	68
Figura 25 – Foto de Maria Dimpina	72
Figura 26– Excerto retirado de <i>A Violeta</i> sobre a posição da revista a respeito do trabalho da mulher no serviço público	73
Figura 27: Foto de Maria de Arruda Müller	75

Figura 28 - Foto de Bernardina Rich	77
Figura 29 – Carta aberta, de Antúdia Coutinho à Bernardina Rich, revista <i>A Violeta</i> , n. 209, 24 de setembro de 1933.	78
Figura 30 – Texto de Bernadina Rich, <i>Pagina Especial</i>	81
Figura 31 - Foto de Benilde Borba de Moura.....	83
Figura 32 – Desenho de autoria de Benilde Borba de Moura	83
Figura 33: Desenhos geométricos elaborados por Benilde Borba de Moura	84
Figura 34 – Poema <i>Andorinhas</i>	119
Figura 35 – Revista <i>A Violeta</i> , n. 1, 16 de dezembro de 1916	120
Figura 36 – Revista <i>A Violeta</i> , n. 6, 28 de fevereiro de 1917.....	130
Figura 37 – Enunciado <i>Como fazer felizes...</i> , <i>A Violeta</i> , n. 333, 31 de março de 1950.....	133
Figura 38 – Continuação do enunciado <i>Como fazer felizes...</i> , <i>A Violeta</i> , 31 de março de 1950.....	134
Figura 39 - <i>Propaganda</i> , revista <i>A Violeta</i> , n. 333, 31 de março de 1950	141
Figura 40 – <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 45, 20 de fevereiro de 1919.....	146
Figura 41 – Continuação da <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 45, 20 de fevereiro de 1919.....	147
Figura 42 – Enunciado <i>O culto da mulher</i> , <i>A Violeta</i> , n. 45, 20 de fevereiro de 1919	154
Figura 43 – Continuação do enunciado <i>O culto da mulher</i> , <i>A Violeta</i> , 20 de fevereiro de 1919	155
Figura 44 – <i>Carta</i> de Júlia Lopes de Almeida à Maria Dimpina, <i>A Violeta</i> , n. 45, 1919	157
Figura 45 – Cabeçalho do n. 298 de <i>A Violeta</i> , 31 de julho de 1943	159
Figura 46 – Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 298, 31 de julho de 1943.....	161
Figura 47 – Continuação da Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 298, 31 de julho de 1943.....	162
Figura 48– Continuação da Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 298, 31 de julho de 1943.....	163
Figura 49 – <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 152, 31 de dezembro de 1927	175
Figura 50 – Continuação da <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 152, 31 de dezembro de 1927.....	176
Figura 51 – Cabeçalho da edição 236-237 de <i>A Violeta</i> , 31 de dezembro de 1937	181
Figura 52– <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 236-237, 31 de dezembro de 1937.....	182
Figura 53 – Recorte da <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 236-237, 31 de dezembro de 1937	183
Figura 54 – Posição do símbolo que separa as seções de <i>A Violeta</i> , 31 de dezembro de 1937.....	184
Figura 55 – Continuação da <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 236-237, 31 de dezembro de 1937...	185
Figura 56 – Continuação da <i>Chronica</i> de <i>A Violeta</i> , n. 236-237, 31 de dezembro de 1937..	186

Figura 57 – Continuação da Chronica de <i>A Violeta</i> , n. 236-237, 31 de dezembro de 1937...	187
Figura 58 – Diagramação em forma de taça: articulação dos planos verbal e visual de <i>A Violeta</i> , 31 de dezembro de 1937	189
Figura 59 – Chronica de <i>A Violeta</i> , n. 206, 31 de maio de 1933.....	198
Figura 60 – Continuação da Chronica de <i>A Violeta</i> , n. 206, 31 de maio de 1933.....	199
Figura 61 – Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 344, 30 de setembro de 1948	207
Figura 62 – Continuação da Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 344, 30 de setembro de 1948	208
Figura 63 – Continuação da Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 344, 30 de setembro de 1948	209
Figura 64 – Continuação da Crônica de <i>A Violeta</i> , n. 344, 30 de setembro de 1948.....	210
Figura 65 - Programação de <i>A Violeta Falada</i> , n. 319, 30 de abril de 1945	223

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Periódicos brasileiros femininos por Estado – séculos XIX e XX.....	50
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre a revista <i>A Violeta</i>	19
Quadro 2 – Publicações brasileiras sobre a revista <i>A Violeta</i> por região	20
Quadro 3 – Relação dos títulos de trabalhos sobre <i>A Violeta</i> localizados por instituição.....	21
Quadro 4 – Publicações brasileiras sobre a revista <i>A Violeta</i> por área de conhecimento	22
Quadro 5 – Publicações brasileiras sobre o descritor revista <i>A Violeta</i> por instituição	23
Quadro 6 – Artigo de periódico com o descritor revista <i>A Violeta</i> na base CAPES.....	24
Quadro 7 - Relação do <i>corpus</i> selecionado	112
Quadro 8 – Pseudônimos utilizados pelas redatoras/colaboradoras.....	227

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 REVISTA A VIOLETA: OS SUJEITOS E SUA ÉPOCA	26
1.1 As conquistas das mulheres nos séculos XIX e XX	26
1.2 Os periódicos femininos	33
1.2.1 Periódicos produzidos por/para mulheres	38
1.3 Revista <i>A Violeta</i>	51
1.4 A figura de Júlia Lopes de Almeida	59
1.5 As redatoras de <i>A Violeta</i> e sua formação sociocultural	71
2 BAKHTIN E O CÍRCULO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A PESQUISA .	87
2.1 Conceitos basilares: primeiros guias	87
2.2 A verbo-visualidade como possibilidade investigativa	103
3 OS CAMINHOS DA PESQUISA	109
3.1 Levantamento do acervo de <i>A Violeta</i>	109
3.2 Delimitação do <i>corpus</i>	111
3.3. Revisitando os objetivos e questões de pesquisa.....	112
3.4 Perspectiva analítica dos enunciados.....	113
4 DESVELANDO A VERBO-VISUALIDADE E O ENTRECRUZAMENTO DE VOZES	117
4.1. <i>A Violeta</i> : vozes entrecruzadas	118
4.2 <i>A Violeta</i> : vozes acerca da felicidade	132
4.3 A educação da mulher: o ornamental iluminado de Mary.....	145
4.4 Batendo sempre sobre a mesma tecla.....	158
4.5 O bom feminismo de Mary.....	174
4.6 Um brinde ao entrecruzamento de vozes.....	181
4.7 Arinapi e a divisão do Estado: desvendando seu projeto argumentativo	197
4.8 Maria Dimpina: estratégias persuasivas	206
5 TEXTOS EM DIÁLOGO: SINTETIZANDO OS ACHADOS	221
5.1 Maria Dimpina e seu peculiar estilo jornalístico	222
5.2 Traços literários no estilo de Maria Müller	234
5.3 <i>A Violeta</i> : diferentes aspectos de um projeto discursivo	236
CONSIDERAÇÕES FINAIS	241

REFERÊNCIAS	249
APÊNDICES	264

INTRODUÇÃO

Esta tese objetiva investigar a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes na revista cuiabana *A Violeta*. A escolha do periódico deve-se ao fato de reconhecermos a importância desse objeto, não apenas para a história da imprensa cuiabana, mas também como uma rica fonte a ser explorada na área de Estudos da Linguagem. A pesquisa que propusemos torna-se relevante por agregar o arcabouço teórico bakhtiniano a esse objeto, desvelando aspectos discursivos ainda não explorados, reveladores das apreciações do início do século XX a respeito de temas como a participação feminina na sociedade e o desenvolvimento das cidades. Destaca-se, ainda, na investigação, a observação dos aspectos autorais na proposição e direcionamento dos enunciados das principais redatoras da revista.

Ao reunirmos a visão de Bakhtin concernente às vozes e a consideração de Brait da dimensão verbo-visual dos enunciados, também objetivamos contribuir para a área de Estudos Dialógicos do Discurso, oferecendo elementos para a análise da constituição dos sentidos dos enunciados na perspectiva da Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Tal encaminhamento teórico permitiu que pudéssemos vislumbrar a revista *A Violeta* de um outro ponto de vista, ao revalorizá-la e ressignificá-la no conjunto das produções da imprensa brasileira da época.

Inicialmente, procedemos à pesquisa exploratória para localizar os números disponíveis do referido periódico. O primeiro contato com *A Violeta* foi no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) e, a partir daí, fomos nos informando e localizando-a em outras instituições, como Casa Barão de Melgaço¹, em Cuiabá; Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro e através do contato com pesquisadores que a utilizaram como fonte de pesquisa, como Nadaf (1993, 2004, 2005, 2006, 2009, 2014), Freire (2007) e Marques (2010). Tendo em vista sua longevidade e variedade de gêneros presentes nas diversas edições, percebemos tratar-se de uma fonte muito produtiva para os estudos do discurso no viés bakhtiniano, incluindo o conceito de verbo-visualidade.

De acordo com tais pesquisadores, o cenário cultural do final do século XIX, no que se refere à trajetória das mulheres escritoras que se destacaram no Brasil em periódicos femininos, apresenta um processo de escrita que foi iniciado de forma intimista. Às mulheres era negada qualquer referência a assuntos que tratassem da sua participação efetiva na vida pública, da possibilidade de ocupar cargos, de assegurar, enfim, sua sobrevivência de forma

¹ Sede da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto **Histórico** e Geográfico de Mato Grosso, o espaço funciona como um centro de pesquisas que armazena, organiza e preserva documentos e obras raras do Estado.

independente e com dignidade. Sem acesso à educação superior, elas escreviam em diários às escondidas de seus familiares, num clima de muita desconfiança por parte dos homens da sociedade da época.

Como se não bastasse o silêncio imposto pela hegemonia masculina, algumas mulheres tementes, que não ousavam adentrar no mundo das letras, agrediam com descrédito aquelas que se lançavam na literatura feminina e rompiam a tradição, na busca de liberação e autodescoberta.

Mesmo diante de todo o preconceito, algumas escritoras poetas, nas últimas décadas do século XIX, conseguiram espaço em jornais e revistas para discorrer a respeito de assuntos concernentes à emancipação feminina, como o divórcio, o voto, o trabalho fora de casa e a elegibilidade da mulher.

Também no contexto mato-grossense, nas primeiras décadas do século XX, a imprensa masculina tinha o poder de ditar normas. Os jornais reforçavam em suas pautas culturais guias padronizados acerca do que era adequado e desejável na construção social da mulher, envolvendo sua identidade biológica, psíquica e sociocultural, de acordo com um determinado plano de comportamento. Em diversos momentos, a imprensa louvava a filha obediente, a esposa carinhosa e submissa, a mãe dedicada e a dona de casa prendada. Em outros, criticava a frivolidade, a vaidade e a emancipação feminina. Podemos dizer que esse processo acontecia também em *A Violeta*, marcando uma reprodução do *status quo*, muito embora não se restringisse apenas a tais pontos de vista, mas também à inserção de vozes femininas dissonantes, fato que marca o diferencial do periódico e que nos chamou a atenção para a sua escolha como objeto de pesquisa. Segundo Marques (2011, p. 15):

Em 1941, *A Violeta* lançou um “Apelo às senhoras e senhoritas que têm profissões remuneradas”. O chamamento era para organização das mulheres trabalhadoras no sentido de reivindicar seguridade social, férias e condições para se instruírem. Percebe-se, então, que não se tratava mais de um folhetim de mulheres da elite preocupadas com a manutenção ou crise de um *status* de feminilidade baseada na vida doméstica, mas deixava transparecer uma mobilização política reveladora de uma mudança de postura dessas mulheres. **O processo de mudança discursiva de mulheres que escreviam na revista, ou mesmo outras influenciadas pelas leituras nas suas práticas cotidianas, construiu um fazer-se mulher, nas relações de gênero, ora resistindo ao feminismo, ora se valendo do aparato discursivo do mesmo.** (grifo nosso).

Na verdade, é justamente esse movimento de flutuação entre o pensamento conservador e o pensamento inovador trazido no interior das revistas, assinalado por Marques

no excerto acima, que nossa pesquisa buscou encontrar. Ou seja, através das pistas discursivas materializadas nos enunciados selecionados, o nosso objetivo foi identificar o entrecruzamento de vozes.

No período de autoritarismo do pensamento masculino já assinalado, surgiu o primeiro jornal feminino de Mato Grosso, denominado *O Jasmim*, lançado em 10 de outubro de 1897, com Leonor Galvão à frente da redação (MENDONÇA, 1975). Fundado por algumas mulheres das camadas média e alta da sociedade cuiabana, o jornal tinha como objetivo dar “voz própria” à mulher na imprensa local. No entanto, essa iniciativa feminina de criar um jornal em uma época de domínio absoluto da imprensa masculina não contou com a esperada receptividade favorável e, sim, com forte oposição.

As críticas recebidas pautavam-se em uma análise referente ao primeiro número do jornal, quando as redatoras anunciaram a que vieram, declarando o ideário frente às lutas pela emancipação feminina. A repercussão foi tão violenta, que causou profunda divergência entre elas, o que levou ao encerramento do periódico.

O jornal local *O Matto Grosso*, expressando satisfação pelo encerramento do jornal *O Jasmim*, noticiou: “O Jasmim [...] anuncia às suas leitoras que a bandeira de revolta que tremulava ameaçadora no corpo da folha fora arriada em nome do Bom Senso”. (O MATTO GROSSO, 7 nov. 1897, p. 1).

O Jasmim foi interpretado como intimidativo na época, uma vez que poderia causar um risco de propagação da onda emancipatória feminina, ameaçando a família, os preceitos da Igreja e a ordem estabelecida. Ao reprimir a voz feminina, a marcha seguinte foi atribuir uma zombaria à frivolidade feminina, usando uma forma jocosa: “[...] entusiasmo muito mais com a cor da cinta, a flor do chapéu porque ainda lhe satisfaz em absoluto contemplar o rosto num espelho sem que procure nunca ver sua obtusa inteligência”. (O MATTO GROSSO, 21 nov. 1897, p. 2).

Apesar de haver um cenário de primazia masculina nas diversas esferas da vida social, como a política, jornalística, governamental e religiosa, vinte anos depois, em 1916, nasceu a revista *A Violeta*, fundada por um grupo de mulheres mato-grossenses. Elas faziam parte do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, que apresentava como finalidades básicas, em seu estatuto, promover o desenvolvimento intelectual de suas associadas; manter uma revista de publicação bimensal; realizar encontros, conferências, eventos morais, cívicos, artísticos, festas lítero-musicais, ou seja, divulgar valores voltados para o avanço da sociedade.

Refletindo sobre a afirmação de Marques (2011), pudemos enunciar a nossa hipótese de que o referido periódico traz em seus enunciados marcas discursivas reveladoras de um

posicionamento ideológico que desvela um conflito no discurso autoral, apontando para uma oposição ao pensamento vigente sobre diferentes aspectos político-sociais, primordialmente sobre a condição da mulher no início do século XX. Essa constatação surgiu após confronto de um contexto histórico – marcado pelo domínio do homem em todos os campos da vida social e pela limitação da atuação feminina ao lar e à maternidade – com o *corpus*, ou seja, os enunciados selecionados para análise. Partimos, portanto, da premissa de que *A Violeta*, mesmo sendo um produto que reflete valores políticos, sociais e culturais da época, refrata-os, ao trazer, em muitos de seus enunciados, discursos da emancipação feminina, através de estratégias discursivas de sobreposição de vozes, identificadas nos planos de expressão verbal, visual e verbo-visual.

Dessa forma, para confirmar a nossa hipótese, pretendemos proceder à análise dos planos de expressão verbal, visual e verbo-visual de enunciados selecionados dentro do conjunto das cento e noventa e quatro edições, publicadas ao longo das décadas de circulação da revista. Das oito edições selecionadas, elegemos apenas um enunciado de cada, conforme segue: *A educação da mulher/Andorinhas*, de 1916; *Chronica*, de 1919; *Chronica*, de 1927; *Chronica*, de 1933; *Chronica*, de 1937; *Crônica*, de 1943; *Crônica*, de 1948; e *Como fazer felizes...*, de 1950, a fim de identificar ali a presença de diferentes vozes e uma interligação entre elas.

Sendo assim, em nosso processo de pesquisa, objetivamos:

- 1) Identificar a presença de diferentes vozes, a partir da análise do discurso autoral e da dimensão verbo-visual no interior dos enunciados de *A Violeta*;
- 2) A partir dessa análise, identificar quais são as vozes presentes nesses enunciados e como elas se constituem;
- 3) Reconhecer o entrecruzamento de vozes ao longo dos textos a fim de comprovar a hipótese levantada e explicitar a tese enunciada.

Para tanto, elaboramos as seguintes questões de pesquisa:

- 1) Como o discurso autoral pode apontar para a presença de diferentes vozes nos enunciados de *A Violeta* e como estas se constituem ao longo dos textos?
- 2) Como os aspectos linguístico-discursivos, constitutivos da dimensão verbo-visual, apontam para a presença de entrecruzamento de vozes?

A escolha por Bakhtin e o Círculo (2010, 2011) e Brait (2005, 2008, 2009, 2010, 2012, 2013, 2014, 2016), como bases teóricas para conduzir as reflexões, justifica-se porque suas concepções servem como fundamentos para a leitura das relações dialógicas entre os enunciados da revista por nós selecionados. Assim, para a operacionalização da análise,

utilizaremos as categorias de *discurso, relações dialógicas, autoria, enunciado, texto, gêneros do discurso e vozes*, conceitos da teoria bakhtiniana dos quais lançaremos mão à medida que se fizerem necessários. Certamente, o *corpus* apontará para a necessidade de incluirmos outras categorias, tendo em vista a análise a ser empreendida.

A efetivação dessa investigação justifica-se pela possibilidade de conhecer e apresentar a revista *A Violeta* como ampla fonte de pesquisa que pode desvelar, por meio de seus enunciados, o ideário da sociedade mato-grossense e a participação da imprensa feminina na construção dessa sociedade.

Em nosso caminho de pesquisa, procuramos saber, também, se *A Violeta* já havia sido objeto de estudo. Para tanto, empreendemos uma busca de informações a fim de responder as seguintes questões: O que já foi pesquisado no Brasil tendo como objeto a revista *A Violeta*? Que instituições e regiões do Brasil apresentaram essa temática? Em que áreas do conhecimento tais pesquisas foram desenvolvidas?

Dessa forma, procedemos ao estado do conhecimento sobre a revista, em que os dados e reflexões apresentados nos auxiliaram a conhecer o universo de investigação sobre o periódico e verificar a relevância de nosso trabalho, tendo em vista outros já realizados.

As bases utilizadas para a realização de buscas foram: CAPES² e IBICT³ para efetuar um mapeamento de Teses e Dissertações, e SCIELO⁴ para o levantamento dos artigos de periódicos. Ressaltamos que todos os títulos localizados por instituição e região foram relacionados, independentemente de sua data de publicação ou defesa. Com este critério, recuperamos documentos de 1993 a 2012.

Assim, a respeito dos dados sobre Teses e Dissertações, para o descritor Revista *A Violeta*, nas bases CAPES-IBCT, recuperamos oito (08) registros de pesquisas.

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

³ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

⁴ *Scientific Electronic Library Online*

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre a revista *A Violeta*

ANO	DISSERTAÇÃO			TESE			TOTAL	%
	RV			RV			RV	RV
	C	I	CI	C	I	CI		
1993	1	0	0	0	0	0	1	12,5%
1995	0	0	0	0	0	0	0	0
1996	1	0	0	0	0	0	1	12,5%
1997	0	0	0	0	0	0	0	0
2002	1	0	0	0	0	0	1	12,5%
2003	1	0	1	0	0	0	2	25%
2004	0	0	0	0	0	0	0	0
2005	1	0	0	0	0	0	1	12,5%
2006	0	0	0	0	0	0	0	0
2007	1	0	1	0	0	0	2	25%
2008	0	0	0	0	0	0	0	0
2009	0	0	0	0	0	0	0	0
2010	0	0	0	0	0	0	0	0
2011	0	0	0	0	0	0	0	0
2012	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	6	0	2	0	0	0	08	100%

Notas: Abreviaturas: RV= Revista A Violeta; C= CAPES; I= IBICT; CI= CAPES E IBICT

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2013)

No quadro 2, a seguir, apresentamos os dados para o descritor *Revista A Violeta* das pesquisas recuperadas por regiões.

Quadro 2 – Publicações brasileiras sobre a revista *A Violeta* por região

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÕES	TOTAL			TOTAL	%
			C	I	I		
CENTRO-OESTE	Mato Grosso	<ul style="list-style-type: none"> UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso (03) 	3	0	1	04	50%
	Mato Grosso do Sul	<ul style="list-style-type: none"> UFGD – Universidade federal da Grande Dourados (01) 					
NORDESTE	0	0	0	0	0	0	0
NORTE	0	0	0	0	0	0	0
SUDESTE	Rio de Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> UFF- Universidade Federal Fluminense (01) 	3	0	1	04	50%
	São Paulo	<ul style="list-style-type: none"> UNIP-Universidade Paulista (01); UNICAMP – Universidade de Campinas (01) Unesp (01) 					
SUL	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL						08	100%

Notas: Abreviaturas: C= CAPES; I= IBICT; CI= CAPES E IBICT

Percebemos no quadro 2 que, dos oito (08) trabalhos localizados, 50% (04) foram desenvolvidos na região Centro-oeste e 50% (04) na região Sudeste. Nas regiões Nordeste, Norte e Sul não foram localizadas, nas bases pesquisadas, nenhuma publicação concernente ao descritor *Revista A Violeta*.

No quadro 3, a seguir, apresentamos os detalhes dos oito trabalhos encontrados.

Quadro 3 – Relação dos títulos de trabalhos sobre *A Violeta* localizados por instituição

ANO/ BASE	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	OBJETIVO
1993 CAPES	Sob o signo de uma flor: estudo da Revista <i>A Violeta</i> , publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes - 1916-1950	Yasmin Jamil Nadaf	Unesp	Mostrar as contribuições da Revista <i>A Violeta</i> para a história da imprensa e da literatura feminina no Brasil
1996 CAPES	Mulheres cuiabanas na primeira república	Elizabeth Lannes Bernardes	UFMT	Recuperar o pensamento das mulheres da elite cuiabana, seus ideais, suas lutas e conquistas durante a Primeira República
2003 CAPES	As moças-Flores e a Modernidade: uma análise sobre a viagem das idéias no Brasil da Primeira República, 1916-1930	Giselle de Almeida Costa	UFF	Analisar a vida intelectual feminina da cidade de Cuiabá para dar visibilidade à dinâmica de circulação de ideias que compunham o repertório do projeto de modernidade da Primeira República no Brasil.
2003 CAPES	Uma mulher educada educa cem homens: a revista <i>A Violeta</i> e a educação feminina durante o período estadonovista em Cuiabá	Gislaine Crepaldi Silva	UFMT	O objeto desta pesquisa é a pretendida ampliação do espaço social feminino através da educação escolar e da profissionalização durante o período estadonovista (1937-1945)
2003 CAPES IBICT	A nação em <i>A Violeta</i> : uma pedagogia do imaginário	Maria Ines Parolin Almeida	Universidade Estadual de Campinas	Periódicos, literatura mato-grossense e nacionalismo (não consta objetivo no resumo)
2005 CAPES	Rica/bendita, pobre/mal-dita: as cores da mulher em José de Mesquita (1915-1961)	Luiz Renato de Souza Pinto	UFMT	Delimitar a representação da mulher na obra de José de Mesquita publicada na Revista <i>A Violeta</i>
2007 CAPES IBICT	Imagens femininas nos jornais Mato-Grossenses (1937-1945): identidade e controle social	Carlos Alexandre Barros Trubiliano	Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD	Observar como a imprensa representava as mulheres, por que e de que maneira eram reproduzidas tais representações e qual o lugar social da produção das mesmas
2007 CAPES	Revista <i>A Violeta</i> ; um estudo de mídia impressa e gênero.	Otávio Bandeira de Lamônica Freire	UNIP	Trazer à tona a relevância do papel das redatoras e editoras da revista no processo de emancipação da figura feminina dentro da sociedade tradicional local
TOTAL	8			

Fonte: Construção da pesquisadora (2013).

Percorrendo o Currículo Lattes dos autores, podemos constatar que são provenientes de Mato Grosso ou Mato Grosso do Sul, e a maioria dos trabalhos são de Programas de Pós-Graduação em História ou em Educação, conforme podemos visualizar no quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Publicações brasileiras sobre a revista *A Violeta* por área de conhecimento

ÁREA DO CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	QTD.	INSTITUIÇÕES	REGIÃO	TOTAL	%
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	Comunicação social	01	UNIP- Universidade Paulista	Sudeste	01	12,5%
CIÊNCIAS HUMANAS	História	01	UFG- Universidade Federal da Grande Dourados (01)	Centro-oeste	05	62,5%
		01	UFF-Universidade Federal Fluminense (01)	Sudeste		
	História da educação	02	UFMT	Centro-oeste		
	História regional do Brasil	01	UFMT	Centro-oeste		
ENGENHARIAS	00	00	00	00	00	0
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	Letras	02	UNESP(01), UNICAMP(01)	Sudeste	02	25%
TOTAL					08	100%

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2013).

No quadro 4, percebemos que 62,5% (05) dos trabalhos foram desenvolvidos na área de Ciências Humanas, sendo que 04 deles na região Centro-oeste. Tal dado pode justificar-se por ser a Revista *A Violeta* um periódico que circulou em Mato Grosso por um período extenso, de 1916 a 1950, tornando-se uma fonte e/ou um objeto de estudo atraente aos olhos dos pesquisadores desta região do país.

A segunda área de conhecimento que investiu estudos relacionados com esta revista foi Linguística, Letras e Artes, com 25% (02) dos trabalhos desenvolvidos na disciplina de Letras e, por fim, a área de Ciências Sociais Aplicadas, com 12,5% (01) dos trabalhos publicados na disciplina de Comunicação Social.

Os dados permitiram, também, uma visualização dos trabalhos publicados por instituição, que apresentamos, a seguir.

Quadro 5 – Publicações brasileiras sobre o descritor revista *A Violeta* por instituição

INSTITUIÇÃO	DISCIPLINAS	ÁREA DO CONHECIMENTO	QTD.	REGIÃO	TOTAL	%
Universidade de Campinas – UNICAMP	Letras	Linguística Letras e Artes	1	Sudeste	1	12,5%
Universidade do Estado de São Paulo – UNESP	Letras	Linguística Letras e Artes	1	Sudeste	1	12,5%
Universidade Federal da Grande Dourados – UFG	História	Ciências Humanas	1	Centro-oeste	1	12,5%
Universidade Federal de Mato Grosso	História da Educação e História regional do Brasil	Ciências Humanas	3	Centro-oeste	3	37,5%
Universidade Federal Fluminense	História	Ciências Humanas	1	Sudeste	1	12,5%
Universidade Paulista – UNIP	Comunicação Social	Ciências Sociais Aplicadas	1	Sudeste	1	12,5%
TOTAL TRABALHOS					08	100%
TOTAL INSTITUIÇÕES: 6						

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2013).

Dos trabalhos publicados que abordam, de alguma maneira a Revista *A Violeta*, três (03) foram desenvolvidos na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, em Cuiabá, estado de Mato Grosso, e um (01) na Universidade Federal da Grande Dourados – UFG, em Dourados, interior de Mato Grosso do Sul. Os três (03) trabalhos demonstram que a UFMT é receptiva às intenções de estudo que pretendem utilizar a revista, porém visualizamos que a maioria, cinco (05) trabalhos, foram desenvolvidos em universidades particular, estadual e federal, circunscritas na região Sudeste, o que aponta a descentralização dos estudos que ampliaria, a nosso ver, a divulgação da Revista *A Violeta* fora dos muros das universidades de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Após um rastreamento exaustivo de trabalhos produzidos no Brasil abordando a revista *A Violeta*, no marco temporal que envolve os anos de 1993 a 2012, recuperamos oito trabalhos na área de Educação e História.

Essa busca demonstrou que foram feitas pesquisas nas disciplinas de História, Letras e Comunicação Social, o que nos motivou a trilhar um caminho de investigação pelo viés da área de Linguagens, especificamente dentro da Linguística Aplicada, com o objetivo de compreender a constituição do discurso presente no entrecruzamento de vozes, marcadas ou não, nos enunciados verbo-visuais da época de produção, circulação e recepção do referido periódico.

Apresentamos, a seguir, os dados com o descritor Revista *A Violeta*, envolvendo publicações em artigos de periódicos na base CAPES:

Quadro 6 – Artigo de periódico com o descritor revista *A Violeta* na base CAPES

ANO	BASE	PERIÓDICO	TÍTULO/ AUTOR	QTD	INSTITUIÇÃO	REGIÃO	TOTAL	%
2011	CAPES	Revista Territórios e Fronteiras	O feminismo nas narrativas de mulheres da Revista <i>A Violeta</i> – Cuiabá – 1916-1950 / Ana Maria Marques	1	UFMT	Centro-oeste	1	100%
TOTAL							01	100%

Fonte: Organizado pela pesquisadora (2013).

O único artigo recuperado com a pesquisa na base CAPES foi publicado em um periódico da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, na região Centro-oeste. Este fato nos causou estranheza porque localizamos oito (8) trabalhos de mestrado abordando a Revista *A Violeta*. Entendemos que, provavelmente, os autores de tais trabalhos não o divulgaram em formato de artigo em periódicos no Brasil. Como realizamos a pesquisa em dois suportes (Teses e Dissertações e Artigos de periódicos), não incluindo os Eventos, acreditamos que alguns destes oito trabalhos possam ter sido divulgados em eventos e disponibilizados em seus anais. Por sua vez, o artigo recuperado não consta nos resultados de Teses e Dissertações. Portanto, o mesmo, provavelmente, não foi resultado de uma pesquisa de mestrado ou doutorado já concluída.

Evidenciamos que as etapas da pesquisa não foram estáticas, mas aconteceram, eventualmente, de forma simultânea. Enquanto realizávamos a seleção do referencial teórico-metodológico por meio da pesquisa bibliográfica e do estado do conhecimento, já estávamos empreendendo a localização das revistas. Nesse momento, utilizamos várias estratégias com a finalidade de acessar o maior número possível de exemplares de *A Violeta*.

Com referências à redação do trabalho, é importante ressaltar que preservarmos a escrita original dos enunciados citados de *A Violeta*, por considerá-los documentos históricos. Assim, não fizemos uso do termo latino *sic* para nos referirmos a possíveis alterações de grafia. Quando se fez necessário, para facilitação da leitura, optamos por realizar uma breve transcrição de sequências.

Vale ressaltar que o levantamento efetuado evidenciou a revista *A Violeta* como um *objeto já falado* em variadas áreas do conhecimento. Contudo, o diferencial de nossa pesquisa é que a concebemos como um *objeto falante*, ou seja, do qual apreendemos as vozes que veiculam discursos e suscitam, após um centenário de sua criação, variados efeitos de sentido a partir da leitura de seus enunciados. Para tanto, considerando a esfera jornalística da época, buscamos perseguir o estilo das principais redatoras, aspecto que nos saltou aos olhos a partir dos achados do *corpus*.

Todas as discussões construídas nesta pesquisa estão dispostas em cinco capítulos, sendo que o primeiro busca apresentar a revista a partir de um panorama histórico, descrevendo, de forma sucinta, as conquistas femininas nos séculos XIX e XX. Apresentamos uma descrição da revista *A Violeta*, para, em seguida, trazer os periódicos produzidos por/para mulheres. Nesse capítulo, ainda, destacamos a figura de Júlia Lopes de Almeida, a escritora de maior influência na revista, e traçamos o perfil sociocultural das principais redatoras.

O segundo capítulo consiste na apresentação da fundamentação teórica do trabalho. Nesse espaço, tratamos de conceitos teóricos de fundamentação bakhtiniana relativos às relações dialógicas e da verbo-visualidade como possibilidade investigativa.

O terceiro capítulo visa discutir o percurso metodológico da coleta de dados e da análise: o processo de localização das revistas, a definição do *corpus*, os objetivos e as questões de pesquisa, a seleção das categorias de análise e os procedimentos de metodologia de análise.

No quarto capítulo, apresentamos a análise dos enunciados selecionados, presentes nos números 1, de 1916; 45, de 1919 ; 152, de 1927; 206, de 1933; 236, 237, de 1937; 298, de 1943; 344, de 1948 e 333, de 1950, totalizando oito, de acordo com os critérios estabelecidos e as categorias de análise citadas no capítulo metodológico.

No quinto capítulo, buscamos desvelar o diálogo entre enunciados da revista, caracterizando o estilo das principais redatoras, Maria Dimpina e Maria Müller. Ao refinarmos a análise, podemos evidenciar os efeitos de sentido trazidos pelos enunciados, ao retomar as questões de pesquisa e identificar o entrecruzamento de vozes.

Finalizando o texto, apresentamos nossas considerações finais, a partir dos resultados encontrados, bem como as referências utilizadas para a construção da pesquisa doutoral e os apêndices produzidos ao longo do processo de investigação.

1 REVISTA A *VIOLETA*: OS SUJEITOS E SUA ÉPOCA

1.1 As conquistas das mulheres nos séculos XIX e XX

Para compreensão de nosso objeto de pesquisa, é necessário uma contextualização sócio-histórica da época de produção, circulação e recepção da revista *A Violeta*, mas também entendemos que é preciso retomar alguns fatos anteriores, principalmente o período que envolve o final do século XIX, pois tal época traz fortes influências sobre a constituição da imprensa feminina local e nacional. Na visão de Figueiredo (2011, p. 120), para se compreender um período histórico, é preciso olhar para os períodos anteriores, pois estes

São como elos de uma longa e sucessiva cadeia ou de uma longa corrente, unidos por circunstâncias da vida. Cada um deles nos revela um elemento importante e não há como conhecer um sem o outro, em um verdadeiro *continuum histórico*, mas evidenciando a transformação social ao longo do tempo.

Ainda conforme Figueiredo (2011), a história mostra que o Brasil passara por fortes transformações políticas, desde o período colonial, em que as atividades centravam-se no meio rural, em que predominava o latifúndio monocultor de forte base escravagista, passando pelo Primeiro e Segundo Reinados, até 1840, e culminando com a Proclamação da República, em 1889. Esta se encarregou de preparar e promulgar a primeira Constituição Republicana, de 1891, que “[...] expressava valores assentados na filosofia política republicana-positivista, bem como em princípios do clássico liberalismo individualista”. (FIGUEIREDO, 2011, p. 142). Assim, mantinha-se uma ordem socioeconômica beneficiadora dos segmentos oligárquicos regionais, a denominada “república dos coronéis”.

É preciso ressaltar, ainda, que os direitos sociais não eram previstos nesta e nem na Constituição anterior, do Império de 24, que silenciavam, por exemplo, aspectos sobre o direito à educação. Sobre as eleições, aponta Figueiredo (2011, p. 144), a respeito da Constituição Republicana:

Fixou-se o sistema do voto direto e universal, suprimindo-se o censo econômico. Foram considerados eleitores todos os cidadãos brasileiros maiores de 21 anos, excluídas certas categorias, como os analfabetos, os mendigos, os praças militares. A Constituição não fez referência às mulheres, mas considerou-se implicitamente que elas estavam impedidas de votar. Excepcionalmente, os primeiros presidente e vice-presidente da República seriam eleitos pelo voto indireto pela Assembleia Constituinte, transformada em Congresso ordinário.

Todavia, a Revolução de 1930 marca a queda da Constituição Republicana. Segundo Paulo Bonavides e Paes de Andrade (2008, p. 257): “[...] as mesmas armas que derrubaram a Monarquia, e ergueram a República constitucional de 1891, depois do golpe de 15 de novembro de 1889, inspiraram a caminhada revolucionária da Aliança Liberal e desfizeram o sonho constitucional de Rui Barbosa: a Carta de 91”.

Salientamos que nesse período, precisamente, teve início o movimento integralista, denominado Ação Integralista Brasileira (AIB), fundado em São Paulo, em outubro de 1932, por Plínio Salgado. Tal movimento influenciou largamente muitos setores da sociedade, e teve grande adesão junto à elite. Ideologicamente, a AIB defendia valores morais e religiosos, utilizando o seguinte lema: *Deus, Pátria e Família*. Salgado (1933) lançou um manifesto, conhecido como Manifesto de Outubro, em que assinalava a importância de uma concepção espiritualista cristã para definir o progresso moral da família. Na visão integralista, o homem tem sua valorização pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade.

O movimento integralista e várias outras vertentes da comunicação ideológica, como as ciências, a política, o direito, foram, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, marcados fortemente pela influência do Positivismo, corrente de pensamento de grande alcance no século XIX, na Europa. Tal abordagem defendia a primazia da ciência sobre outras formas de conhecimento, e via as Ciências Naturais como modelo que deveria ser aplicado às Ciências Humanas e Sociais. Os seus principais representantes foram Auguste Comte, na França, considerado o *pai* da Sociologia; e John Stuart Mill, na Inglaterra. Uma das preocupações dessa abordagem sociológica consiste na questão do progresso. Conforme Comte (1978, p. 236-237):

Primeiramente, minha filha, deveis conceber esta grande ciência como composta de duas partes essenciais: uma, estática, que constrói a teoria da ordem; a outra, dinâmica, que desenvolve a doutrina do progresso. A instrução religiosa considera, sobretudo, a primeira, onde a natureza fundamental do verdadeiro Grande Ser é diretamente apreciada. Porém a segunda deve completar esta determinação, explicando os destinos sucessivos da Humanidade, a fim de guiar convenientemente a prática social. Estas duas metades da sociologia se acham profundamente ligadas entre si em virtude de um princípio geral estabelecido pelo positivismo para religar por toda parte o estudo do movimento ao da existência. O progresso é o desenvolvimento da ordem. Já conveniente em matemática, semelhante lei aplica-se tanto melhor quanto mais os fenômenos se complicam; porque a distinção entre o estado estático e o estado dinâmico torna-se, então, mais pronunciada, ao passo que a simplificação proveniente desta ligação de estudos adquire também mais valor. A sociologia devia, portanto, oferecer a melhor aplicação deste grande princípio e a verdadeira fonte de sua sistematização.

O progresso concebido pelo Positivismo, a partir de leis sociológicas, torna-se um valor venerado pela sociedade de então, marcado pelas conquistas tecnológicas e científicas. A efervescência de novas descobertas proporcionava um fértil ambiente para que a questão do progresso fosse alvo de frequentes discussões em várias esferas sociais, inclusive na esfera jornalística.

Por outro lado, é importante destacar a posição dos positivistas quanto ao papel da mulher na sociedade. Sobre esse tema, Bernardes (1996, p.75) assinala que:

Ao analisar o discurso dos livres-pensadores [...], tem-se a impressão de que os mesmos defendem a emancipação da mulher, e assim divergem da posição que tem a Igreja Católica sobre o papel da mesma sociedade. Entretanto, isto não condiz com a posição que se propuseram em divulgar o positivismo. Interessante resgatar nesse momento o pensamento de Augusto Comte (1973) que coloca a mulher confinada ao lar com responsabilidade de formação moral do futuro cidadão. Por representar o lado afetivo e altruísta da natureza humana, a mulher torna-se a representação ideal da humanidade.

Nas palavras de Comte (1978, p. 276-294), ainda na obra *Catecismo Positivista*, de 1852, podemos destacar o papel destinado à mulher na sociedade da época, mas que, pela força da tradição e do próprio movimento positivista, acaba por se perpetuar ao longo do século XX:

Tais são as famílias em cujo seio um sacerdócio livremente venerado por todos os seus membros se esforçará sem cessar por prevenir ou reparar os conflitos mútuos provenientes das más paixões. Ele fará sentir às mulheres o mérito da submissão, desenvolvendo esta admirável máxima de Aristóteles: A principal força da mulher consiste em superar a dificuldade de obedecer [...] O melhor resumo prático de todo o programa moderno breve consistirá neste princípio incontestável: O homem deve sustentar a mulher, a fim de que ela possa preencher convenientemente seu santo destino social.

Dessa forma, o discurso positivista sobre a mulher, altamente conservador, permeava todos os setores da sociedade, inclusive a esfera política. Segundo Hahner (1981, p. 84), na Assembleia Constituinte de 1891 foi discutido o sufrágio feminino, mas as opiniões dos homens eram decididamente contrárias. Cita os argumentos, por exemplo, de Tito Lívio de Castro (1894), discutidos nas salas da Assembleia, que julgava as mulheres inferiores em suas aptidões intelectuais. Menciona, também, Lacerda Coutinho, deputado constituinte:

[...] mesmo a educação não poderia alterar a “natureza” das mulheres; elas “têm funcções que os homens não têm, essas funcções são tão delicadas, tão melindrosas, que basta a menor perturbação nervosa, um susto, um momento de excitação, para que se pervertam e as consequências sejam, muitas vezes, funestas”.

Mas, ainda segundo Hahner (1981, p. 81), a emancipação da mulher no final do século XIX estava se tornando cada vez mais vasta. Destacam-se as jornalistas Josefina Álvares de Azevedo e Francisca S. da M. Diniz, do jornal *O Sexo Feminino*, em defesa do sufrágio feminino. Já o *Echo das Damas*, na figura de sua editora Amélia Carolina da Silva Couto, tinha uma visão distinta, acreditando ser ainda cedo para as mulheres exercerem seu poder de voto nas eleições, e o importante era que as mulheres estudassem os assuntos públicos.

Nesse contexto, Hahner (1981, p. 81) observa que “[...] no final do século XIX, algumas mulheres não mais queriam apenas respeito, tratamento favorável dentro da família ou direito à educação, mesmo educação universitária, mas sim o desenvolvimento pleno de todas as suas faculdades, dentro e fora do lar”.

Outro fato interessante é que durante a segunda metade do século XIX, periódicos não feministas e feministas constituíram espaço para as criações das mulheres cultas no Brasil. Segundo Hahner (1981, p. 89):

No final do século, cresceram tanto as fileiras de senhoras feministas quanto de literatas, e algumas mulheres podiam ser encontradas em ambos os grupos. Mulheres de famílias proeminentes, como Júlia Lopes de Almeida, Inês Sabino Pinho Maia e Maria Clara Vilhena da Cunha, contribuíram para diversos jornais feministas e não-feministas. Algumas superaram preconceitos contra escrever também para a imprensa comum, sem dúvida auxiliadas por exemplos franceses.

Assim, no início do século XX, com influência da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, a *questão da mulher* passa a se tornar um assunto adequado para *homens de opinião* e para a elite brasileira, e o direito de voto começa a receber discussão mais favorável. Fundou-se, nessa época, o Partido Feminino Republicano, presidido por Leolinda de Figueiredo Daltro. Destaca-se, ainda, neste período, a figura de Hermes da Fonseca, cujo governo se utiliza da questão feminina para benefícios políticos. Nas palavras de Hahner (1981, p. 95):

O governo Hermes da Fonseca patrocinou um congresso moderado de trabalhadores, em 1912, e procurou conquistar seções do emergente movimento trabalhista. Por que não organizar também as mulheres? Poder-se-ia colher um potencial proveito político. Tais ações poderiam também sugerir que a inclusão de mulheres era agora necessária para demonstrar a unidade nacional em alguns pontos.

A figura feminina de Bertha Lutz destacou-se na luta pelos direitos da mulher, sobretudo o direito ao voto. De acordo com Hahner (1981, p. 101-102), Bertha publicou um importante artigo que contribuiu para o início do movimento sufragista no Brasil:

Logo em seguida ao seu regresso ao Brasil, em 1918, Bertha Lutz publicou um artigo germinal, que ajudaria a iniciar um movimento pelo sufrágio feminino no Brasil. Em resposta à afirmação de um colunista de um jornal carioca de que os últimos progressos feministas nos Estados Unidos e na Inglaterra exerceriam pouca influência no Brasil, ela lançou uma chamada formal para a “fundação de uma liga de mulheres brasileiras”, não “uma associação de ‘suffragettes’ para quebrarem as vidraças da Avenida”, mas sim de brasileiras que compreendessem que a “mulher não deve viver parasitariamente do seu sexo”, mas ao contrário, “deve ser útil” e “tornar-se capaz de cumprir os deveres políticos que o futuro não pode deixar de repartir com ela”. [...] Como as primeiras feministas brasileiras, ela se opunha ao tratamento indulgente da mulher como brinquedo ou “criança mimada” e expressou sua fé no poder da educação para remediar isto, pois os brasileiros ainda permaneciam “muito atrasados, comparados às raças que hoje dominam o mundo”.

Esse período, em nossa visão, é muito relevante, não somente em relação à reivindicação pelo voto feminino, mas porque é nele que se iniciam as associações, agrupamentos, ligas femininas no Brasil e no exterior, que irão defender, entre outros aspectos, a educação da mulher. Destaca-se a Conferência Pan-Americana de Mulheres, que teve lugar em Baltimore, nos Estados Unidos, tendo Bertha Lutz como delegada oficial do Brasil. Ainda segundo Hahner (1981, p. 106):

Para Bertha Lutz, a Primeira Conferência Pan-Americana de Mulheres demonstrou uma “aproximação amigável das mulheres de todos os países do continente americano, que revelaram extraordinária unanimidade de pensamentos” referentes a uma vasta gama de assuntos relacionados a filhos, trabalhadoras, direitos legais e políticos da mulher e o “melhoramento das condições de vida da humanidade”.

Uma associação que devemos registrar é a Legião da Mulher Brasileira, organização de serviço social, criada no Rio de Janeiro, em 1919, com o lema: “Amparar e elevar a mulher”. Era liderada por Alice Rego Monteiro, tendo Júlia Lopes de Almeida como

presidente honorária. Os membros dialogavam com o periódico *Nosso Jornal* refletindo uma atitude paternalista com relação às mulheres da classe inferior. Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura fundaram, em 1920, a Liga para Emancipação Intellectual da Mulher, e concordavam quanto à necessidade de “[...] ir além das atividades anteriores como as ‘escolas domésticas ou estabelecimentos de philanthropia, creche, etc., às outras associações’, formar um ‘pequeno exercito de propagandistas da educação racional e scientifica da mulher para a sua perfeita emancipação intelectual’”. (HAHNER, 1981, p. 102). A autora acrescenta:

O interesse principal de Bertha Lutz não estava entre a massa trabalhadora do país, mas sim entre aquelas mulheres como ela própria, embora outras também se beneficiariam se se obtivesse pagamento igual para trabalho igual. O voto não seria apenas um instrumento para alcançar o progresso feminino, mas também um símbolo dos direitos de cidadania. Para Bertha Lutz, havia dois lados do movimento feminista: “um individual, econômico e intelectual, o outro, social e político”. (HAHNER, 1981, p. 103).

Essas associações e movimentos fizeram muita propaganda em defesa do sufrágio feminino, ao longo da década de 1920, sobretudo entre a classe política. Tal movimento em torno do voto feminino tomou novos rumos e se fortaleceu, com a tomada do poder por Getúlio Vargas, em outubro de 1930, chegando ao fim a República Velha. Vale ressaltar que uma das ações importantes do governo Vargas foi a criação do Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio que tinha como objetivo intervir na esfera do trabalho com base em uma legislação atualizada e que viesse a oferecer uma proteção ao trabalhador. Tais medidas legais e políticas vieram a influenciar o processo de profissionalização da mulher⁵.

Com o regime provisório de Vargas, decidiu-se criar um novo código eleitoral que previa uma oportunidade do voto feminino. No entanto, o direito ao voto era concedido apenas a alguns grupos de mulheres, como “[...] aquelas solteiras ou viúvas com renda própria ou as casadas com permissão do marido”. (HAHNER, 1981, p. 119). Essa decisão foi protestada, sendo realizada uma campanha, com o empenho de Bertha Lutz e várias outras mulheres, para remover as restrições do código antes que fosse adotado. Assim, Bertha e o grupo de feministas se encontraram com Getúlio Vargas e veio a concordância do voto feminino sem condicionantes (com exceção das analfabetas, impedidas de votar), decretado em 24 de fevereiro de 1932. A luta seguinte foi a participação na Constituinte de 1934, que confirmou a vitória obtida pelas mulheres em 1932.

⁵ Para maiores detalhes, consultar Silva (2003).

Entretanto, com o estabelecimento do Estado Novo em 1937, houve um retrocesso na participação política das mulheres. Segundo Hahner (1981, p. 123), o regime Vargas excluiu as mulheres do “[...] serviço diplomático brasileiro, e fechou cargos em diversos departamentos governamentais” e a “FBPF nunca mais readquiriu sua força organizacional”.

É importante destacar o papel da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) nesse período, com representação também no Estado de Mato Grosso. Nídia Moura foi a representante estadual e a revista *A Violeta* publicou, na edição de 28 de fevereiro de 1934, p. 12, o Estatuto da Federação. Destacamos, dessa publicação, o seu objetivo geral: “[...] destina-se a coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais eficiente a actividade social, quer na vida domestica, quer na vida publica, intellectual e política”.

Uma observação que nos traz, ainda, Hahner (1981, p. 124), sobre a posição da mulher neste período, é o fato de que, apesar da conquista do voto e de certos direitos alterando o *status* de algumas mulheres no país, ainda havia muito a ser modificado quanto à condição feminina fora do lar:

Seus jornais refletiam as necessidades sentidas por muitas mulheres de classe média e da classe superior tanto por educação como por respeito. Elas lutaram por uma ascensão ao pedestal, por uma melhora de sua posição dentro da família e para receber aprovação do que elas sabiam ser tarefas dignas. Mas ir além daquela posição, sair dos assuntos centrados na família, em direção a temas do mundo exterior, também se mostraria um processo lento e difícil.

Assim, refletindo sobre a luta das mulheres no Brasil encabeçada por Bertha Lutz, Hanher chega a interessantes conclusões, proporcionando-nos, a partir daí, uma nova compreensão das relações que as redatoras da revista *A Violeta* estabeleceram com esse movimento, via contato com a própria Bertha Lutz, com Júlia Lopes e outras mulheres engajadas no movimento. Trazemos, a seguir, a conclusão de Hahner (1981, p. 124-125), que muito nos esclarece sobre a situação das mulheres no período. Ao mesmo tempo em que avançavam, ainda estavam presas a um determinado e esperado *status quo*:

Nem radicais em seus objetivos nem militantes em suas táticas, as mulheres que conduziam a bem-sucedida campanha sufragista do século XX desejavam alguns dos direitos exercidos pelos homens de sua própria classe. Não queriam revolucionar a sociedade ou reestruturar a família. O voto, também, reforçaria o papel da mulher como mãe.

Ao compreendermos, a partir das considerações de Hahner (1981), que o discurso de Bertha Lutz preservava a família e a natureza da mulher em sua maternidade, no cuidado com os filhos e defendia um movimento pacífico, podemos afirmar que as cuiabanas aqui *isoladas* no interior do Brasil não eram alienadas. Estavam articuladas com todos esses movimentos, grupos e associações femininas, através da relação com Bertha Lutz e Júlia Lopes de Almeida e, com isso, serviam de multiplicadoras desses discursos emancipatórios dos direitos da mulher. Alienadas seriam, a nosso ver, se ignorassem tais movimentos e se restringissem à dedicação familiar junto aos seus lares, sem participação política alguma. A respeito do voto feminino, por exemplo, Silva (2003, p. 93) nos esclarece que:

Embora, para a maioria das mulheres brasileiras, o voto fosse restrito às alfabetizadas e durante o período estadonovista fosse inexistente, as autoras escreviam artigos que levavam um grupo de mulheres mato-grossenses a pensar sobre as relações éticas do sistema eleitoral e sobre o seu papel no cenário político. Se o sufrágio feminino estava limitado a estreitas estruturas sócio-políticas, a circulação do periódico sinalizou idéias que pudessem integrar o voto feminino na administração do país.

Vejamos, a seguir, um breve panorama dos periódicos femininos que circulavam em nível nacional nas primeiras décadas do século XX, produzidos por mulheres ou para o público feminino.

1.2 Os periódicos femininos

Contextualizando a esfera jornalística da época, no que concerne à imprensa feminina, salientamos que esta já havia se estabelecido desde o século XIX, formando opiniões e propagando os discursos emancipatórios. Era composta por mulheres letradas que tinham acesso aos bens culturais da época, algumas com grande poder aquisitivo.

Contudo, outras mulheres eram portadoras de elevada bagagem intelectual, mas com escassez financeira, como as irmãs Julieta e Revocata, redatoras de *O Corymbo*, e Andradina de Oliveira, redatora de *Escrínio*, que dialogaram, inclusive com a redação de *A Violeta*, sendo que estas redatoras, também, em sua maioria, pertenciam à classe média. Eram professoras e algumas provedoras financeiras de seus lares.

Mesmo com diversas dificuldades e resistências, a imprensa feminina teve papel decisivo a partir da segunda metade do século XIX, possibilitando romper com a invisibilidade da mulher, expondo sentimentos e aspirações, além de exibir reivindicações e mostrar que essas eram justas, conseguindo, assim, que a sociedade, eminentemente

masculina da época, voltasse seu olhar para as necessidades femininas. De acordo com De Luca (1999, p. 275):

As redatoras não eram lutadoras solitárias, mas participavam, sim, de uma rede dialógica de disseminação de informações e formação de opinião, formada por diferentes revistas e jornais femininos no País, inspirando-se em Júlia Lopes e outras figuras femininas, que lideravam esse movimento transformador na sociedade brasileira em relação ao papel e à participação social da mulher. Entretanto, tratou-se de um “feminismo possível dentro do quadro de sua época e dos limites dados pelo meio social em que se desenvolveu”.

Muzart (2003, p. 226) nos oferece um amplo panorama do surgimento da imprensa feminina no Brasil. Em seu artigo, afirma que “[...] uma das razões para criação dos periódicos de mulheres no século XIX partiu da necessidade de conquistarem direitos. Em primeiro lugar, o direito à educação; em segundo, o direito à profissão e, bem mais tarde, o direito ao voto”.

Em texto anterior, de 1996, Muzart também se refere aos temas correntes da imprensa feminina do século XIX, listando os movimentos em prol da abolição da escravatura, a educação da mulher e a luta pelo voto. Da mesma maneira, as redatoras de *A Violeta*, também por influência direta de Júlia Lopes de Almeida, vão clamar pela educação da mulher, como reivindicação justa para uma sociedade que não se preocupava com tal questão. Prova disso é a presença de um artigo na primeira edição da revista cujo título é *Educação da Mulher*, ou seja, o periódico cuiabano estava totalmente atualizado e integrado aos discursos correntes nos demais jornais e revistas femininos do país.

Segundo Almeida (1998, p. 40), a educação da mulher não era tema visado pelos jornais da época, dirigidos prioritariamente por homens. Em suas palavras:

A imprensa brasileira educacional e feminina mostra o Brasil como um País pouco preocupado em relação à educação das mulheres e resistente à sua saída do espaço doméstico. Transparece, na imprensa educacional, uma masculinidade construída e imposta à sociedade como modelo padrão por excelência e homens dirigindo a nação e a vida das mulheres. Mas também é possível ler nos “espaços em branco” um avanço sutil das mulheres em direção a um campo profissional que poderiam conquistar sem lutas inglórias e que lhes permitiria manter preservada a maternidade, seu destino manifesto, e o mundo da casa como suprema aspiração.

Esse avanço, na verdade, correspondia ao magistério, único espaço formal de educação reservado às mulheres, pois “[...] no caso feminino, a demanda centrava-se em ser o

curso de formação de professores a única possibilidade de escolarização para as mulheres no período, dado que lhes era vedado o ingresso em curso superior”. (ALMEIDA, 1998, p. 35).

Também, segundo Muzart (2003, p. 227), sobre as escritoras do século XIX, houve o que ela denomina de “esquecimento político”, pois:

[...] não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra. Posso adiantar, das brasileiras, Josefina Álvares de Azevedo, Ana Aurora do Amaral Lisboa, Ildefonsa Laura César e Maria Firmina dos Reis foram bastante atuantes. Das que foram louvadas em sua época há um exemplo marcante: Júlia Lopes de Almeida, a Dona Júlia. [...] Mas concluindo essa digressão: as senhoras foram louvadas, tiveram grande apoio da crítica masculina em sua época. Outras, como Délia (Maria Benedita Bormann), de idéias muito mais livres, sobretudo em relação ao sexo como o apoio ao divórcio, foram totalmente apagadas. Porém, no cômputo geral, todas ficaram esquecidas, militantes ou colaboracionistas, senhoras ou cortesãs!

Registra-se que o primeiro jornal fundado por uma mulher, no Brasil, em 1852, tenha sido o *Jornal das Senhoras*, pela argentina Juana Paula Manso de Noronha, em São Paulo. Sobre este, Muzart (2003, p. 227) nos esclarece:

O periódico abordava temas como moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. Mas era o primeiro redigido inteiramente por mulheres e o bicho-de-sete-cabeças era a mulher-chefe de um jornal... Essa atitude vem romper com a imprensa tradicional, que dedicava ao público feminino tão-somente temas como bordados, cosméticos e modas, e criar um canal para as reivindicações das mulheres e, sobretudo, um motor impulsionador de instrução, de educação, de mudança de atitudes, de idéias.

As ideias ali divulgadas foram *encampadas* por outras mulheres que se tornaram jornalistas e vários periódicos começaram a surgir no país. Os títulos eram metáforas da figura feminina, trazendo nomes de flores, de pedras preciosas, animais graciosos, como, por exemplo, *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*, *Jornal das Moças*, *Echo das Damas*.

Em sua pesquisa, Muzart (2003, p. 228-229) descobre, contudo, que o *Jornal das Senhoras* não havia sido o primeiro jornal dirigido por mulheres e sim *Belona Irada contra os Sectários de Momo*⁶, mais conhecido como *Belona* “[...] fundado e dirigido por Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, que literariamente usava o nome de Maria Josefa Barreto, nascida em Viamão, Rio Grande do Sul, em 1775”. Ela era poetisa e repentista, considerada uma

⁶ Segundo Muzart (1996, p. 156), o título indica a posição do jornal contrária ao carnaval.

feminista avant la lettre. Esse periódico apareceu em 1833, 19 anos antes do jornal de Juana Paula Manso.

Belona era um jornal político, polêmico, cuja linha editorial era totalmente diferente da do *Jornal das Senhoras*, portanto, segundo Muzart (2003), não se constituiu em um modelo a seguir, não fez escola. Era, em suas palavras, “[...] um jornal que provavelmente não trazia nem bordados nem culinária, nem boas maneiras. Por isso, estava muito à frente de seu tempo”. (MUZART, 2003, p. 230). Em 1933, Maria Josefa, juntamente com Manuel dos Passos Figueiroa, lançou outro jornal, o *Idade d’Ouro*, “jornal político, agrícola e miscelâneo”.

Outro aspecto que nos chamou a atenção foi a referência de Muzart (2003), ao tratar dos periódicos de mulheres em terras catarinenses, ao uso de pseudônimos pelas diretoras dos jornais e revistas e pelas autoras dos textos publicados. Por exemplo, em 1918, Zenir Alcêa era o provável pseudônimo da diretora do semanário *Penna, Agulha e Colher*, subtulado *Jornal de donas e donzelas*. Outro pseudônimo lembrado por Muzart foi o de Heloísa, colaboradora do mesmo jornal e que assinava diversos textos. O uso de pseudônimos é, segundo Nadaf (1993), fenômeno recorrente também na revista *A Violeta*, fato que iremos tratar com mais detalhes no quinto capítulo desta pesquisa.

Prosseguindo com a contribuição de Muzart (2003, p. 231) ao nosso trabalho, ressaltamos a alusão à formação de uma verdadeira *rede de sororidade* entre as mulheres do norte ao sul do país, via, principalmente, seção de cartas dos diversos periódicos:

Delminda Silveira, por exemplo, poetisa de Florianópolis, publicou no Ceará, em Pelotas, em São Paulo e outros lugares. Ibrantina Cardona, que viveu alguns anos em Desterro, publicou em Florianópolis, no Rio, em São Paulo, no Mato Grosso. Assim também Júlia Lopes de Almeida, que publicou no Brasil todo, e muitíssimas outras. Além de poemas, contos e crônicas, é na seção de cartas que se encontra esse diálogo entre elas.

De fato, é flagrante no teor dos textos constantes do periódico a participação ativa e o esforço coletivo desse conjunto de intelectuais, que, à frente de um tempo no qual, conforme já dissemos, o poder era concentrado apenas na figura masculina, despendia significativo esforço para promover um intercâmbio cultural de abrangência regional, nacional e internacional com os diversos colaboradores da produção. E todo esse empenho materializava-se nas variadas edições, apesar dos obstáculos impostos pela distância geográfica entre Mato Grosso e demais estados com os quais *A Violeta* se correspondia.

Em suas pesquisas, Nadaf nos confirma que as redatoras da revista *A Violeta* também compunham tal rede, pois há vários textos que remetem a diálogos entre diferentes autoras de variados periódicos, como Revocata de Mello, Júlia Lopes de Almeida e inclusive a própria Bertha Lutz. No livro *Diálogo da escrita. Alagoanos na imprensa de Mato Grosso (primeira metade do século XX)*, que veio a lume em 2003, Nadaf buscou refazer um trajeto essencial da plena atividade das letras caetés na imprensa mato-grossense em um período em que publicar trabalhos pertencentes aos “clássicos vernáculos” era uma tarefa verdadeiramente hercúlea.

Como resposta da união dessas duas extremidades geopolíticas – Mato Grosso e Alagoas –, a pesquisadora constatou não somente uma presença marcante de letrados alagoanos na revista feminina mato-grossense, como a tese de que os letrados de ambos os territórios extrapolaram a visão do Brasil cosmopolita e periférico da primeira metade do século XX, quando havia uma acentuada tendência de as regiões isoladas geograficamente se voltarem para os grandes centros, com relevo no eixo Rio-São Paulo. No caso em discussão, contrariando essa prática, a relação se deu de uma região periférica para outra igualmente periférica, num período, vale ressaltar, carente dos meios de comunicação mais usuais, como os sistemas de editoração de livros ou o recurso da xerografia para a reprodução de textos.

Na obra *Páginas do Passado*, Nadaf (2014) documenta a ligação existente entre dois pontos do país – os Estados de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul – no período correspondente à primeira metade do século XX, oportunidade que atesta um intercâmbio cultural fértil, em um mapa que traz excessivo volume de escritos literários impressos nas páginas da imprensa mato-grossense oriundos dos pampas e aos quais se somaram ainda os comentários e as críticas sobre a vida e a obra de escritores sul-rio-grandenses assinados por escritores mato-grossenses e de outras geografias.

Retomando os estudos de Muzart (2003, p. 231-232), a pesquisadora, ao avaliar os primeiros periódicos femininos que circularam no Brasil, chama a atenção para o fato de que:

Para a avaliação desses periódicos, há que bem situá-los nesse tempo de um feminismo nascente, com outras condições políticas, econômicas e sociais. Somente assim poderemos avaliá-los corretamente. Esses periódicos foram avançados: defenderam os escravos, pregaram o direito ao voto, a igualdade diante da lei, o direito às profissões liberais, o pacifismo... E teceram uma imensa rede de mulheres brasileiras, e algumas portuguesas ou latino-americanas, cuja troca de idéias e de informações foi fundamental para que hoje estivéssemos aqui discutindo periódicos feministas no Brasil.

1.2.1 Periódicos produzidos por/para mulheres

O levantamento realizado consta de dados que podem colaborar para a compreensão da rede que se estabeleceu entre diversos periódicos no país. Para esse propósito, utilizamos como base as seguintes fontes:

- a) Sites: Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro-RJ; Arquivo Nacional (AN), Rio de Janeiro-RJ; Arquivo Público de São Paulo (APSP), São Paulo-SP; Arquivo Público Mineiro (APMG), Belo Horizonte-MG;
- b) Contatos telefônicos: Arquivo Público de Rio Grande (APRG), Rio Grande-RS; Arquivo Público de Mato Grosso do Sul (APMS), Campo Grande-MS;
- c) Arquivos *in loco*: Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), Cuiabá-MT, Casa Barão de Melgaço (CBM), Cuiabá-MT;
- d) Fontes Bibliográficas: Todos os livros, disponíveis até o presente momento, dedicados à mulher.

Para a melhor condução da busca nas fontes consultadas, determinamos alguns critérios, apresentados a seguir:

- a) século XIX até 1910 – seleção dos principais periódicos femininos publicados no Brasil (jornais ou revistas);
- b) século XX - 1910 a 1950 – seleção das publicações periódicas brasileiras que possuíssem mulheres como público leitor principal, ou que tivessem participação feminina na sua fundação, direção, redação ou colaboração, e ainda, cujos títulos indicassem alguma relação com o sexo feminino. Enfatizamos que a escolha da década 1910, deve-se ao fato da revista *A Violeta* ter seu início de circulação nesse período.

Em apêndice, trazemos um quadro com a lista das revistas femininas pesquisadas. Nele, apresentamos dados concernentes ao título, local e ano de publicação. Contudo, para uma visualização mais rápida dos títulos dos periódicos e de sua temporalidade, optamos por organizá-los resumidamente em formato de *linha de tempo*, conforme as figuras 1 e 2, a seguir.

Figura 1 – Linha de tempo das publicações periódicas femininas – séc. XIX

O Jasmin	1897
O Lyrio: orgam literario do Club Lyrio Paulista	1897
A Chrysalida: orgam recreativo do Collegio Nogueira da Gama	1897
A Grinalda: em homenagem ao bello sexo	1896- 1896
O Jasmim: folha semanal	1894- 1894
Dahlia: as esmas familias que abrilhantam as reuniões do R.C.G Portuguez	1894
O Jasmim: orgam da loja da lealdade	1893- 1895
O Myosotis: periódico literario e dedicado a juventude	1890
O Jasmin	1890
Violeta: orgam da loja da lealdade	1888- 1888
Chrysalida: orgam do club literario mineiro	1887- 1888
A Camelia: orgão popular	1887- 1888
A Camelia: orgam da sociedade noites recreativas: dedicado a esmas familias	1887- 1888
<i>A Violeta</i> : folha litteraria dedicada ao bello sexo	1887
A Ortiga: orgão do Club dos Teimosos	1885
Corymbo	1883- 1944
Echo das Damas	1879- 1888
<i>A Violeta</i>	1878- 1879
Chrysalida: Folha Litteraria, Critica e Theatral	1873
O Lirio: o jornal de variedade dedicado às familias	1860- 1860
O Jasmin: periódico literário e recreativo	1857- 1857
Jornal das Senhoras	1852

Fonte: Construção da autora (2013).

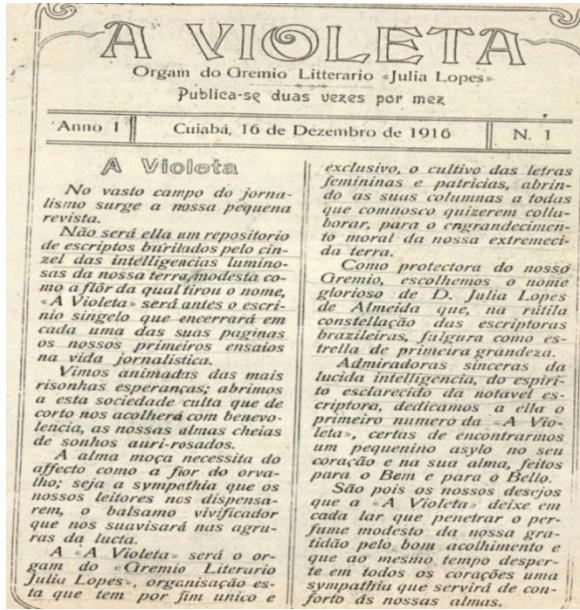
Figura 2 – Linha de tempo das publicações periódicas femininas – séc. XX

Momento Feminino	1947- 1956
Écos juvenis: órgão das alunas do colégio Nossa Senhora Auxiliadora	1936- 1939
O Espelho: revista da vida moderna	1935- 1935
A Chrysallida: periódico da mocidade estudiosa do Lyceu Cuiabano	1926- 1927
Revista Vida Doméstica: a revista do lar e da mulher	1924- 1959
FrouFrou	1923- 1927
<i>A Violeta</i> : orgam do GremioLitterario Julia Lopes	1916- 1950
Jornal das Moças	1914- 1961
FonFon: semanarioillustrado: a revista feira para o lar	1914- 1956
Revista Feminina	1914- 1926
Rosa d'amor	1912- 1912
A Primavera: litterario, humoristico e noticioso	1911
A Camelia: orgamliterario, noticioso, critico e de variedades	1909- 1909
FonFon: semanário alegre, politico, critico e esfusiante	1907- 1954
Chrysalida	1907
O Gyra Sol	1905
O Iris	1905
O Cravo	1904- 1904
A Camelia: Semanário litterario e humorístico	1904- 1904
Orkhidea: revista de sciencia, arte e polemica literaria	1902- 1903
<i>A Violeta</i> (até 1901) <i>A Violeta</i> : orgamcritico, litterario e noticioso (1902)	1901-1902
<i>A Violeta</i> : orgam dedicado ao bello sexo de Sertãozinho	1900- 1900
A Camelia: orgamliterario	1900- 1900

Fonte: Construção da autora (2013).

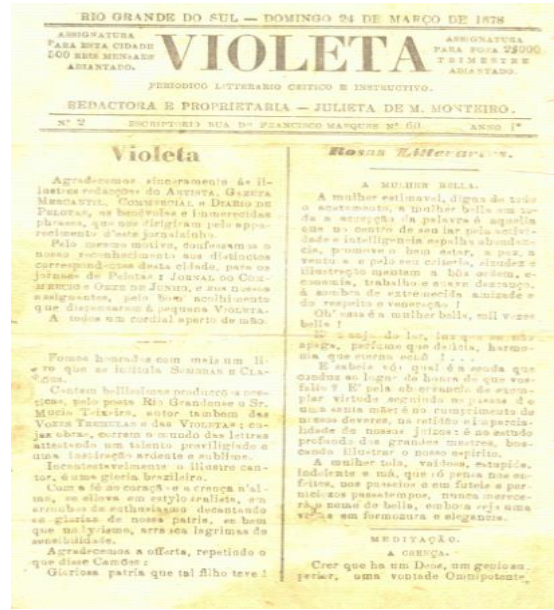
Os dados da linha de tempo permitem identificar periódicos homônimos, como o caso das revistas *A Violeta*. Apresentamos, a título de ilustração, algumas capas de diversas “Violetas”:

Figura 3 – Revista *A Violeta* (Cuiabá, MT), 1916



Fonte: Acervo de Yasmin Nadaf – AYN (2013).

Figura 4 – Revista *A Violeta* (Rio Grande, RS), 1879



Fonte: Arquivo Público do Rio Grande, RS (2013).

Figura 5 – Revista *A Violeta* (São Paulo), 1887



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo – APSP (2013).

Figura 6 – Revista *A Violeta* (São Paulo), 1901



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo – APSP (2013).

Uma observação que podemos fazer com relação às figuras 3, 4, 5 e 6, que trazem as capas homônimas de *A Violeta*, é a ausência de denominação de direção. Tal ocorrência também é verificada em *A Violeta* de Cuiabá, em que o nome da direção é apresentado apenas a partir do n. 71, publicado no ano de 1920.

Além disso, ao visualizarmos as capas, podemos inferir que as redatoras de *A Violeta*, provavelmente, tendo contato com periódicos publicados em outros estados, buscavam seguir um padrão gráfico-editorial semelhante.

Os dados relativos aos títulos dos periódicos, com a utilização do signo *violeta*, nos permitiram avançar na investigação de sua simbologia e trazer à tona os possíveis efeitos de sentido. O signo faz alusão ao universo feminino, pois a flor violeta tem raízes simbólicas em mitos, lendas e religiões. Por conta de seu tamanho pequeno e aparência delicada, é frequentemente associada a romances e amores platônicos. Já os antigos romanos relacionavam as violetas ao luto, pois sua cor indicava sangue derramado.

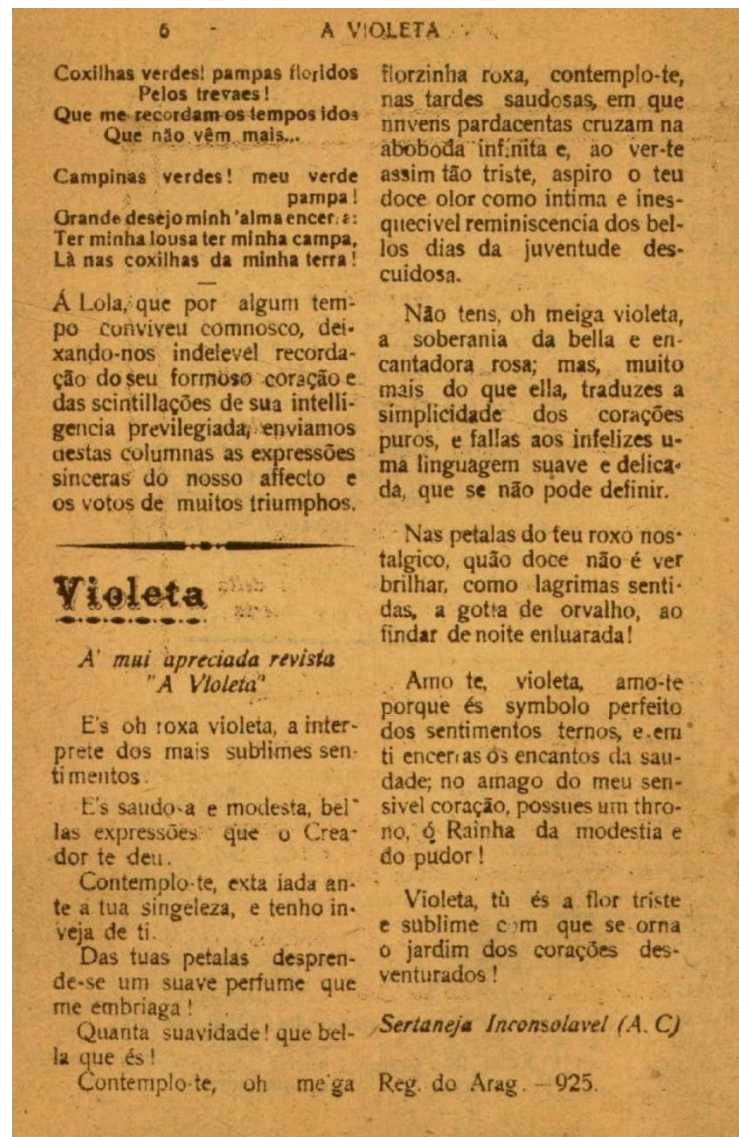
O folclore da era medieval dizia que a violeta servia como proteção contra maus espíritos. Também era usada no tratamento da insônia e em curativos. Nesse período, as violetas eram oferecidas como símbolo de amor e fidelidade. No Cristianismo, é associada à Maria e à modéstia. Modernamente, as violetas são representativas da família e do casamento.

Quanto à cor violeta, os dicionários de símbolos⁷ trazem a explicação de que ela representa o equilíbrio entre a matéria e o espírito, a terra e o céu, os sentidos e a razão. Também se relaciona com a espiritualidade e religiosidade, sendo usada nas comemorações religiosas da sexta-feira santa, simbolizando ainda o clero e a nobreza.

Essas informações sugerem que a violeta era a representante mais fidedigna dos valores que eram prezados pelos periódicos femininos, em relação ao papel e espaço da mulher na sociedade da época: família, casamento, delicadeza, amor, fidelidade, equilíbrio, humildade, religiosidade. Além disso, inferimos que o periódico que utilizasse o nome violeta teria uma vida longa, pois se trata de uma espécie florífera perene.

Encontramos em várias edições da revista, muitos enunciados que abordam o signo violeta. A título de ilustração, selecionamos três deles presentes nas edições do ano de 1925: n. 126, de 25 de julho; n. 127, de 30 de agosto e n. 129, de 30 de outubro.

⁷ Para mais detalhes, consultar CHEVALIER, Jean. (1998); CIRLOT, Juan-Eduardo. (1984).

Figura 7 – Enunciado de *A Violeta*, n. 126, 25 de julho de 1925

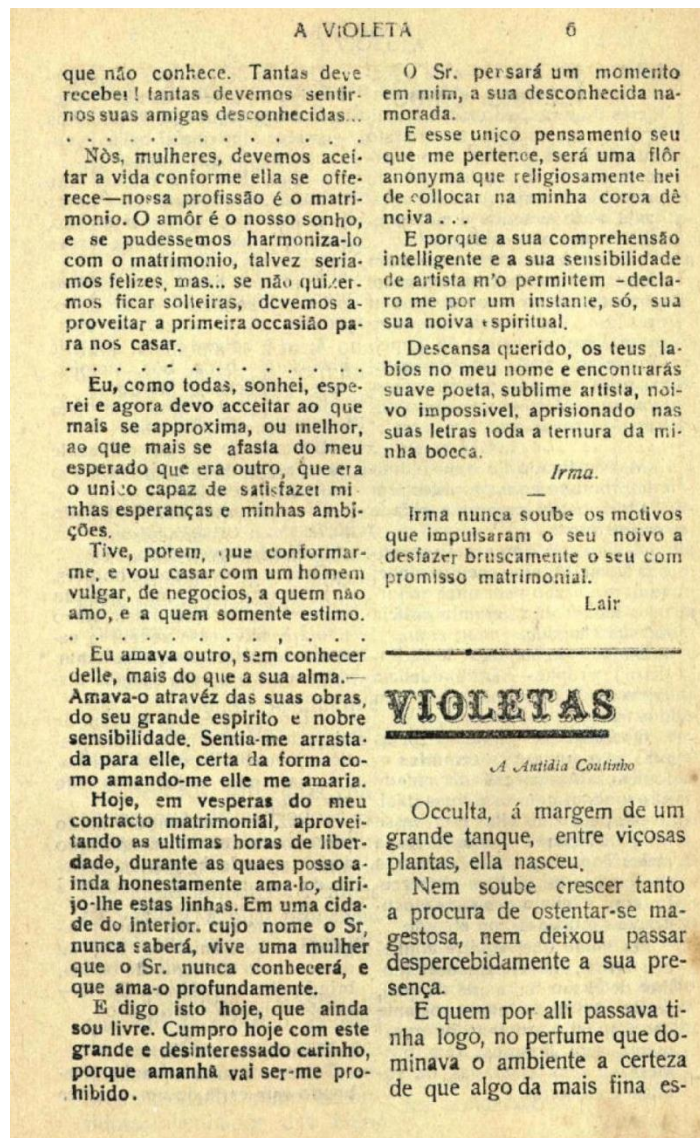
Fonte: Acervo de Yasmim Nadaf – AYN (2013).

Nesse enunciado, o signo violeta representa um sentimento de tristeza, saudosismo, luto, dor, nostalgia. Os efeitos de sentido suscitados por essa alusão à violeta parecem expressar uma fixação das redatoras ainda à escola romântica, ignorando, por exemplo, o modernismo emergente.

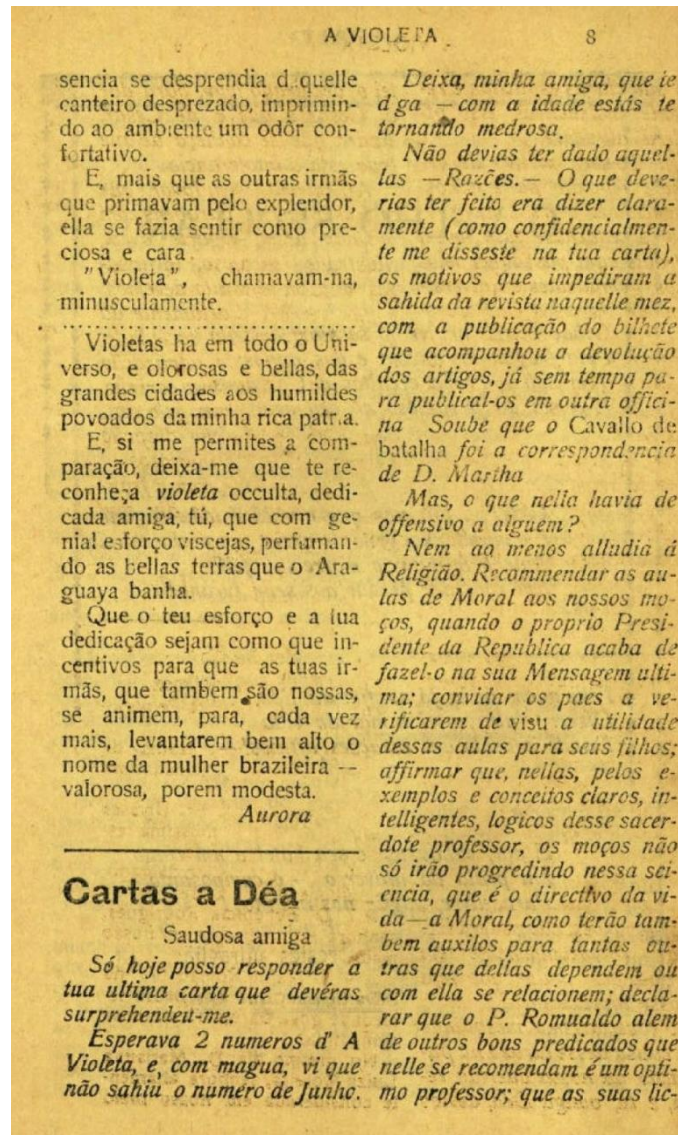
O enunciado que segue, de agosto de 1925, é uma resposta da redatora Aurora (pseudônimo de Amélia de Arruda Lobo) à Antídia Coutinho, atribuindo-lhe, de forma personificada, o signo violeta. Nesse contexto, o efeito de sentido que se cria é da representação da flor como conforto, preciosidade, humildade e modéstia, amenizando a carga de tristeza impressa pelo enunciado de Antídia. Se observarmos a página 6, que traz o enunciado em questão, percebemos a presença de outro texto que narra um amor platônico e a

cisão de um relacionamento, denominado *Conto Mensal*. Logo em seguida, é anunciado o texto *Violetas*, em fonte negritada, com linha sublinhada em cor preta, forte, remetendo à tristeza, a luto. Apesar desse emprego tipográfico, o conteúdo apresenta um tom consolador, renovando a imagem do signo violeta, como algo forte, que se destaca no ambiente.

Figura 8 – Enunciado de *A Violeta*, n. 127, 30 de agosto de 1925

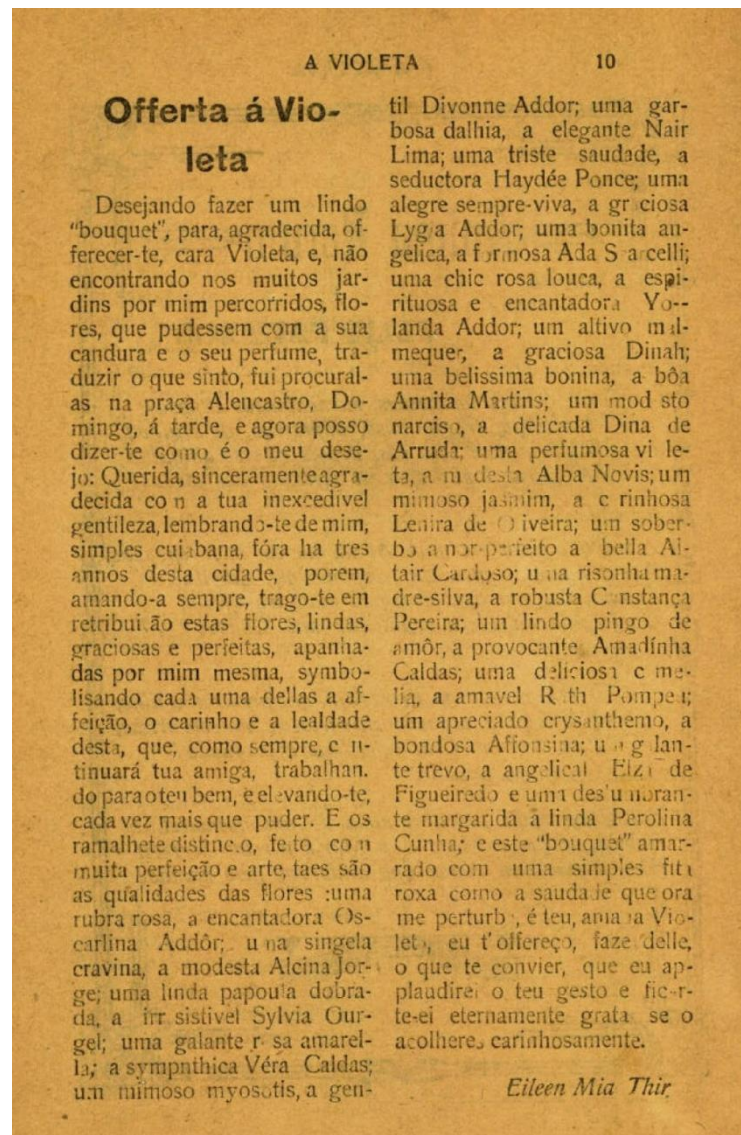


Fonte: Acervo de Yasmim Nadaf – AYN (2013).

Figura 9 – Continuação do enunciado de *A Violeta*, n. 127, 30 de agosto de 1925

Fonte: Acervo de Yasmim Nadaf – AYN (2013).

O último enunciado, apresentado na figura 10, traz variadas flores, entre elas a violeta, relacionando-as, de forma personificada, a cada mulher encontrada na Praça Alencastro. Nesse local, aos domingos, era comum o encontro de mulheres para o *footing*, onde aconteciam os flertes, os namoricos. O conjunto de flores compõe um buquê que é oferecido pela autora Eileen Mia Thir à revista *Violeta*. Ao corresponder as mulheres às flores, o efeito de sentido produzido é de que elas eram frágeis, dóceis, sensíveis, perfumadas e serviam de adorno aos ambientes. Os adjetivos atribuídos às flores seriam os atributos das mulheres, como gentileza, beleza, modéstia, amabilidade, elegância, robustez, encanto, espiritualidade etc. Ampliando a nossa compreensão, entrevemos nesse texto a concepção de mulher para a época: doce, frágil, religiosa, bonita, submissa, temente, peça de figuração na sociedade.

Figura 10 – Enunciado de *A Violeta*, n. 129, 30 de outubro de 1925

Fonte: Acervo de Yasmim Nadaf – AYN (2013).

Tratemos, agora, da representatividade das revistas femininas por época. Entre os periódicos, o maior ou mais importante periódico feminino brasileiro teria sido a *Revista Feminina* (figura 11), publicada em São Paulo, no período de 01 de dezembro de 1914 até 1936, circulando por 22 anos. Teve como fundadora Virgínia de Souza Salles e como colaboradores nomes renomados como Olavo Bilac, Coelho Neto, Couto de Magalhães, Menotti del Picchia, Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva e Presciliana Duarte. Buitoni (1990, p. 45) afirma que a *Revista Feminina* “[...] pode ser considerada como precursora das modernas revistas brasileiras dedicadas à mulher”.

Figura 11 – Revista *Feminina*, agosto de 1918

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo – APSP (2013).

Essa ilustração sugere uma semelhança no padrão de diagramação da página inicial com *A Violeta*, de Cuiabá, principalmente no que se refere à distribuição do texto em colunas e ao cabeçalho identificador da publicação. Como a *Revista Feminina* surgiu em data anterior à revista cuiabana, podemos inferir que houve uma influência da primeira nos padrões gráfico-editoriais da segunda.

Dos periódicos femininos localizados em nossa pesquisa, o que possuiu maior longevidade foi o *Jornal das Moças*, que circulou por 47 anos, de 21 de maio de 1914 a 1961, publicado no Rio de Janeiro, e teve como diretores Agostinho Menezes e Álvaro Menezes (informação só localizada na edição de 1940). Trazemos, a seguir, uma ilustração desse jornal.

Figura 12 – *Jornal das Moças*, janeiro de 1940

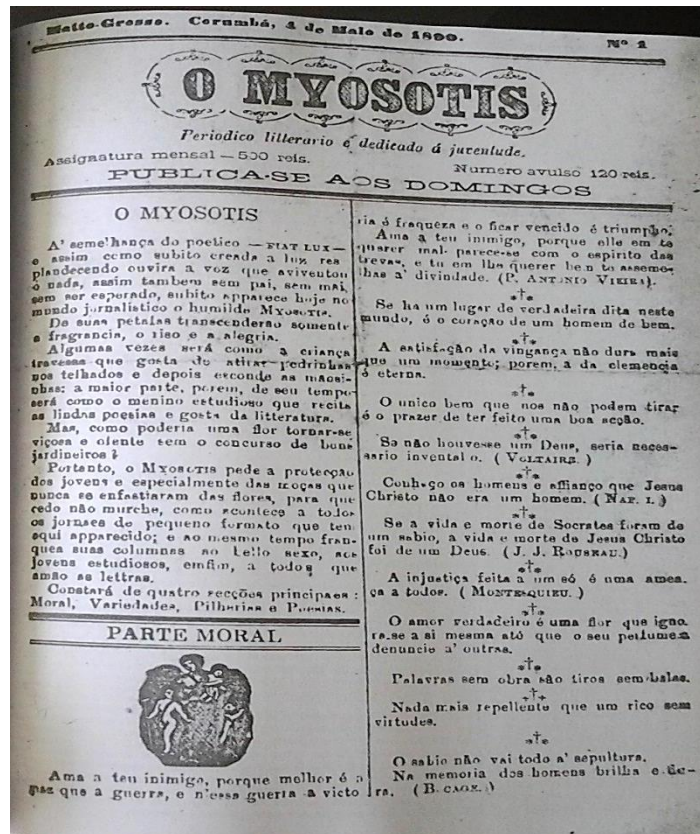
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – FBN (2013).

Dentre os periódicos apontados no Apêndice A, destacamos aqueles publicados em Mato Grosso: *O Jasmim* (1897), *O Myosotis* (1890) e *A Violeta* (1916-1950).

Enfatizamos que, na edição n. 63 de *A Violeta*, 15 de janeiro de 1920, consta uma notícia sobre a revista *O Jasmim*, afirmando que a mesma foi publicada em Cuiabá-MT no ano de 1897 e que circulou também em outros estados. Porém não há – segundo Freire (2007) e Nadaf (2009) e, ainda, de acordo com nossas tentativas de localização – número disponível para consulta, *online*, ou impresso.

Quanto ao *O Myosotis*⁸, localizamos, na obra de Morgado (2011, p. 157), a foto de sua primeira página, datada de 4 de maio de 1890, publicado em Corumbá-MT, conforme figura, a seguir.

⁸ Todavia, acentuamos que *O Myosotis*, contrariamente a *O Jasmim*, e *A Violeta*, não era exclusivamente feminino, mas sim “dedicado à juventude”.

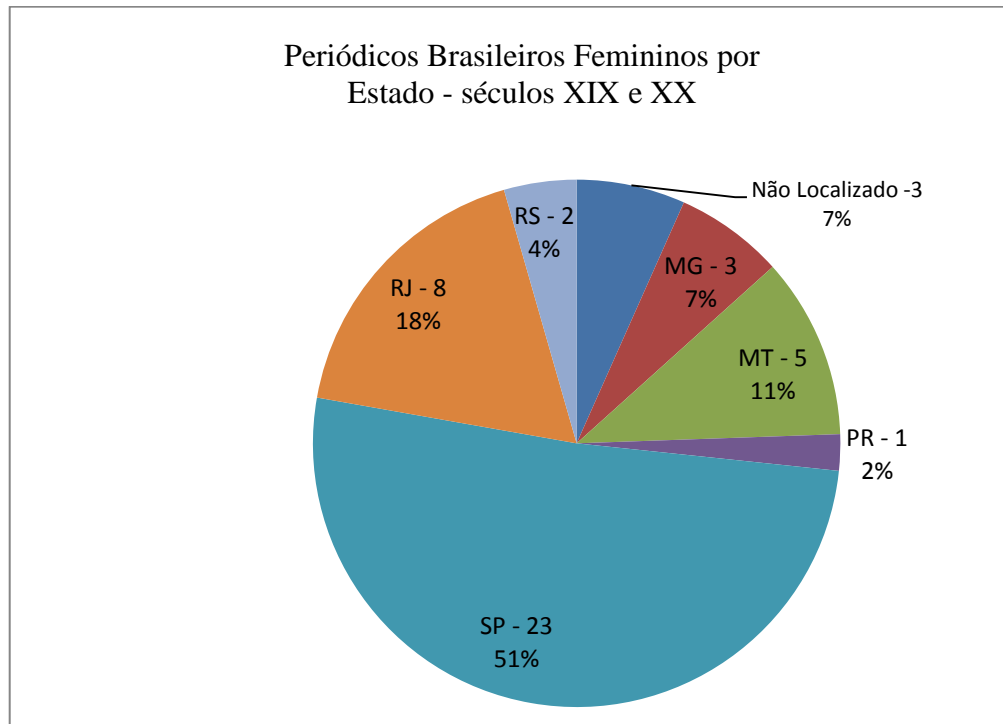
Figura 13 – Revista *O Myosotis*, maio de 1890

Fonte: Morgado (2011).

Das revistas femininas que circularam em Mato Grosso, *A Violeta* foi a que teve a maior longevidade, sendo produzida exclusivamente por mulheres em todo o período de sua circulação.

Outros achados que consideramos relevante destacar, a partir das informações constantes no quadro em apêndice, foram as produções por Estado, melhor visualizados no gráfico, a seguir:

Gráfico 1 – Periódicos brasileiros femininos por Estado – séculos XIX e XX



Nota: Construção da autora (2013).

Os dados apontam para o fato de que mais da metade das publicações periódicas dedicadas ou editadas por mulheres concentrava-se em São Paulo (51%), e os outros dois Estados que mais publicaram foram o Rio de Janeiro (18%) e Minas Gerais (7%), no período pesquisado. Mato Grosso concentrou 11% das publicações, Rio Grande do Sul, 4% e Paraná, 2%. Em síntese, 76% das publicações foram provenientes da região Sudeste. Isto se justifica pelo contexto histórico da época, em que São Paulo era a capital das Letras e das Artes e serviu como modelo para os outros estados brasileiros, inclusive Mato Grosso. Rio de Janeiro, por sua vez, era a capital do país e vivenciava um processo de modernização.

As informações do gráfico 1 contribuíram para a ampliação da nossa visão sobre as publicações existentes, para termos conhecimento das regiões do Brasil onde se concentrava a produção jornalística dos periódicos femininos. Além disso, foi possível perceber que Mato Grosso apresentava uma parcela expressiva da produção de periódicos, comparativamente em relação aos estados da região sul do país.

Na próxima seção, trazemos uma breve apresentação da revista *A Violeta*.

1.3 Revista *A Violeta*

Conforme já assinalamos na introdução, *A Violeta*⁹ foi fundada por um grupo de mulheres mato-grossenses participantes do Grêmio Júlia Lopes, instituição cultural feminina fundada em Cuiabá, em 26 de novembro de 1916. As finalidades do Grêmio eram voltadas para a publicação da revista *A Violeta*, e também para a organização de palestras literárias feitas pelas associadas ou por pessoas ilustres a convite do Grêmio, no intuito de impulsionar o movimento literário na cidade.

Segundo pesquisa de Gomes (2009, p. 77-78), ao tratar da redatora Bernardina Rich, destaca, citando a própria *Violeta*, a sua participação na criação da revista, juntamente com outras normalistas:

Com participação atuante na carreira docente, muitos dos seus feitos ficaram registrados na revista *A Violeta*, cuja criação foi idéia de um grupo de normalistas, entre elas Bernardina Rich: “Corria novembro de 1916 e Maria da Glória de Figueiredo lançou a idéia da criação de um jornal escripto pelas normalistas, idéia que encontrou applausos e entusiasmo por muitas outras”. (*A VIOLETA*, 1928, n. 162, p. 2). As sócias não seriam apenas as integrantes dessa turma, que estenderam o convite a todos os que quisessem contribuir com o periódico. Todavia, muitas normalistas abandonaram seus postos diante dos primeiros obstáculos.

A partir da promoção e realização de encontros, conferências, ou seja, eventos de cunho moral, cívico e artístico, essas estudiosas propiciavam a difusão e a circulação de valores convergentes para o progresso também da sociedade em geral.

A respeito do contexto sócio-histórico, o ano de 1916 foi auge da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), período logo anterior à Revolução Russa e à adoção do regime socialista nos países do leste europeu. Além disso, vivíamos as consequências, na região de Mato Grosso, da Guerra do Paraguai, que introduziu graves epidemias na cidade, como, por exemplo, a varíola. Por outro lado, foi a época da modernização, com o surgimento e consolidação, ao longo do século XX, da sociedade urbana e industrial.

No período de circulação da revista, primeira metade do século XX, o capitalismo também se consolidou no Brasil e no mundo, oportunizando a inserção das mulheres nas

⁹ Em termos de longevidade, *A Violeta* ocupa o segundo lugar na lista dos periódicos escritos e dirigidos por mulheres no Brasil, perdendo apenas para *O Corymbo*, jornal publicado no Rio Grande do Sul, no longo período de 1883 a 1944, e editado pelas irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo. Em formato tabloide, com quatro páginas e periodicidade variável (foi bimensal, mensal, quinzenal e até mesmo semanal), esse periódico versou sobre assuntos literários, poesias e breves notas relativas à vida e à obra de pessoas ligadas à arte da palavra escrita. *O Corymbo* continuou a circular mesmo após a morte de Julieta, dirigido por sua irmã, extinguindo-se somente com a partida desta, em 1944. Conf. Nadaf (2014).

linhas de produção das fábricas. Nessa época, surgiram os primeiros sindicatos, os partidos defensores dos trabalhadores, fatos que também beneficiaram a mulher, trazendo à tona uma reflexão sobre sua situação social e trabalhista, e sobre os seus direitos como cidadã, por exemplo, o direito ao voto.

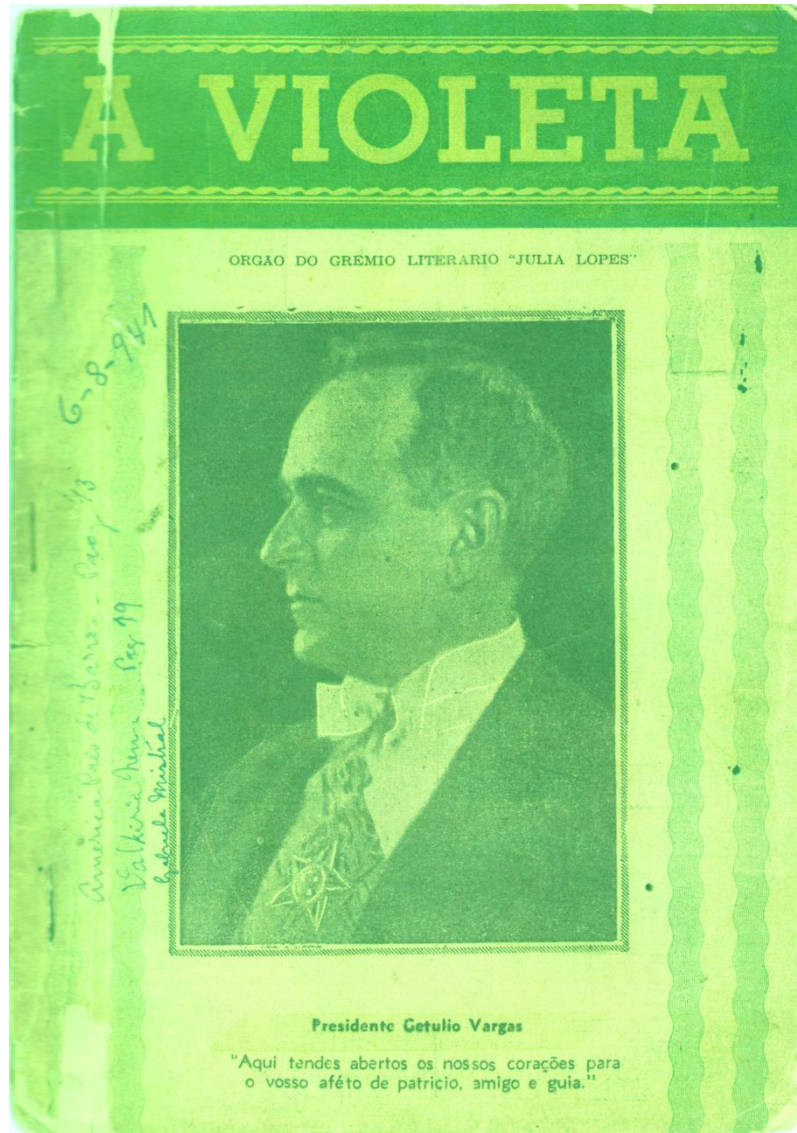
Todas essas questões locais, nacionais e mesmo internacionais foram matéria de discussão nas páginas de *A Violeta* e muitas delas compuseram os conteúdos dos enunciados, expressando o nível de politização das redatoras. Por conta dessa constatação, podemos afirmar que as redatoras da revista liam e consultavam diversas fontes, como jornalísticas ou literárias, o que as mantinham atualizadas com os acontecimentos de seu tempo. Prova disso são os textos veiculados que discutiam os aspectos relacionados à emancipação feminina. Sobre isso, a pesquisadora Nadaf (2009, p. 21) acrescenta:

No que diz respeito à mulher, por exemplo, lutou pelo seu direito à educação, ao voto, ao acesso a empregos públicos, diurnos e noturnos, ao seu engajamento na política e em outras áreas. Para o fortalecimento dessas campanhas, a revista chegou a publicar o programa da “União de Classes Femininas do Brasil”, os fins da “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, o estatuto da “União de Funcionárias Públicas”, entre outros, demonstrando perfeita sintonia com o Movimento Feminista Nacional desencadeado nas primeiras décadas do século XX.

Quanto ao aspecto físico, trata-se de uma revista de dimensões reduzidas, contendo de oito a vinte e cinco páginas. Apesar das técnicas gráficas limitadas na época, apresentou-se, no decurso de sua existência, com um *layout* variável e rico em detalhes, contendo textos publicitários de diversas ordens, diagramações bem diversificadas e uma variedade de fontes e destaques tipográficos. A primeira página do seu projeto gráfico trazia uma composição constituída ora com imagem ora sem, e em algumas edições com destaque para capas em cores sépias, em tom envelhecido.

A figura 14, a seguir, traz um exemplo de capa colorida. Ressaltamos o todo enunciativo dessa imagem, composto pela foto perfilada do então Presidente Getúlio Vargas, pela citação “Aqui tendes abertos os nossos corações para o vosso afeto de patrício, amigo e guia” e pelo emprego da cor verde com ênfase no nome da revista. Podemos antecipar que, tal conjunto verbo-visual expressa o ufanismo acrítico e ingênuo frequente nos enunciados de *A Violeta*.

Figura 14 – Capa colorida de *A Violeta*, n. 278, 6 de agosto de 1941

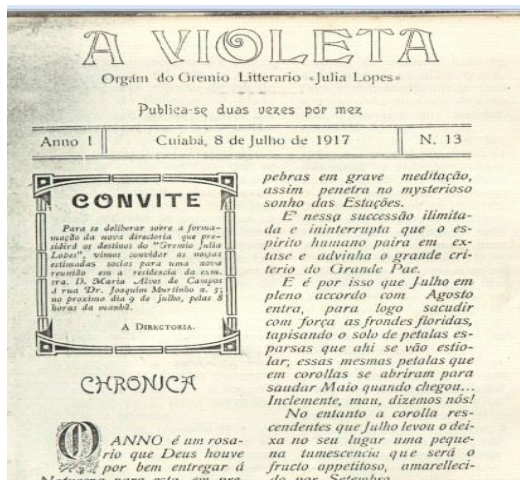


Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso - APMT (2013).

Por tudo isso, *A Violeta* tornou-se um marco da participação feminina na sociedade local, tendo circulado durante três décadas (1916-1950) e apresentado, pelo que sabemos até o momento, um número de aproximadamente cento e noventa e quatro edições.

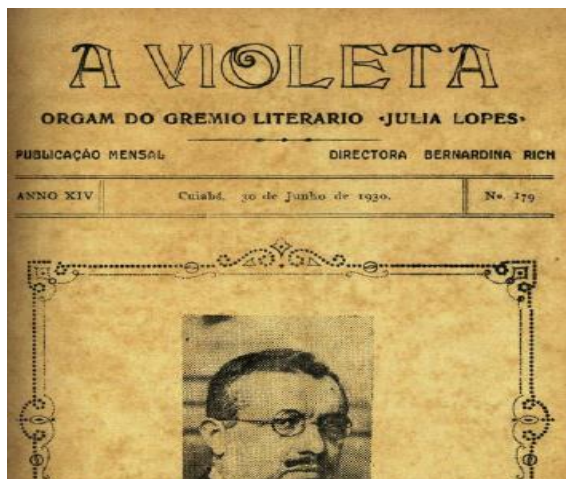
A título de visualização, escolhemos cinco capas ou primeiras páginas da revista, optando pelos números que representam cada década, uma vez que o primeiro número surgiu em 1916. Assim, serão apresentados os números de: 1917, 1927, 1930, 1943 e 1950 (que até a data do presente estudo, só foi localizado um número).

Figura 15– Primeira página de *A Violeta*, n. 13, 8 de julho de 1917



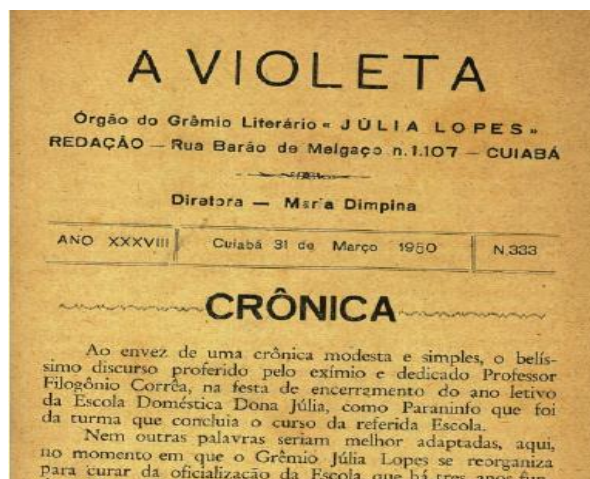
Fonte: Acervo da Biblioteca Casa Barão de Melgaço – BCBM (2013).

Figura 17 – Primeira página de *A Violeta*, n. 179, 30 de junho de 1930



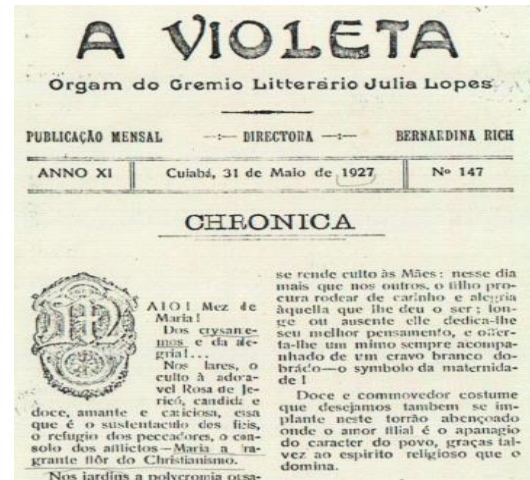
Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso – APMT (2012).

Figura 19 – Primeira página de *A Violeta*, n. 333, 31 de março de 1950



Fonte: Acervo da Biblioteca Casa Barão de Melgaço - BCBM (2013).

Figura 16 – Primeira página de *A Violeta*, n. 147, 31 de maio de 1927



Fonte: Arquivo Público do Estado de Mato Grosso – APMT (2012).

Figura 18 – Primeira página de *A Violeta*, n. 302, 30 de novembro de 1943



Fonte: Acervo da Biblioteca Casa Barão de Melgaço – BCBM (2013).

As mudanças de diagramação e tipografia nas capas não seguem um rigor, alternam-se e repetem-se a cada ano, a cada edição. Contudo, observamos que, da década de 1910 até a década de 1930, há uma preferência pelas fontes desenhadas, vazadas ou não, uso de bordas, molduras, letra capitular. O efeito de sentido que se cria é de uma produção artesanal do periódico, expressando um modo feminino de apresentação gráfica. A partir da década de 1940, inicia-se uma nova diagramação, tanto no cabeçalho quanto na disposição do texto sem colunas e diminuição do emprego de bordas, imagens e cores. As fontes utilizadas são de forma, sem serifas ou desenhos, apontando para uma aproximação com a técnica tipográfica dos jornais que circulavam no momento, expressando uma maior profissionalização da redação, retratada na aparência do periódico.

Possivelmente, tais alterações refletiam a mudança das gráficas responsáveis pela impressão das edições. Segundo Nadaf (1993, p. 31):

Em seu longo tempo de existência, as páginas de *A Violeta* foram impressas em onze diferentes gráficas de Cuiabá: TIPOGRAFIA J.PEREIRA LEITE, TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO, TIPOGRAFIA DO O JORNAL, TIPOGRAFIA DE A. EVANGELISTA, TIPOGRAFIA MODELO, TIPOGRAFIA EMÍGDIO LIMA, TIPOGRAFIA DAS ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS, TIPOGRAFIA OFICIAL (depois IMPRENSA OFICIAL), TIPOGRAFIA D'O NORTE, TIPOGRAFIA D'O MOMENTO E TIPOGRAFIA DA ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES (depois TIPOGRAFIA DA ESCOLA INDUSTRIAL). Algumas dessas gráficas cobraram pelos serviços, outras não, conforme nos informou a escritora Maria de Arruda Müller [...].

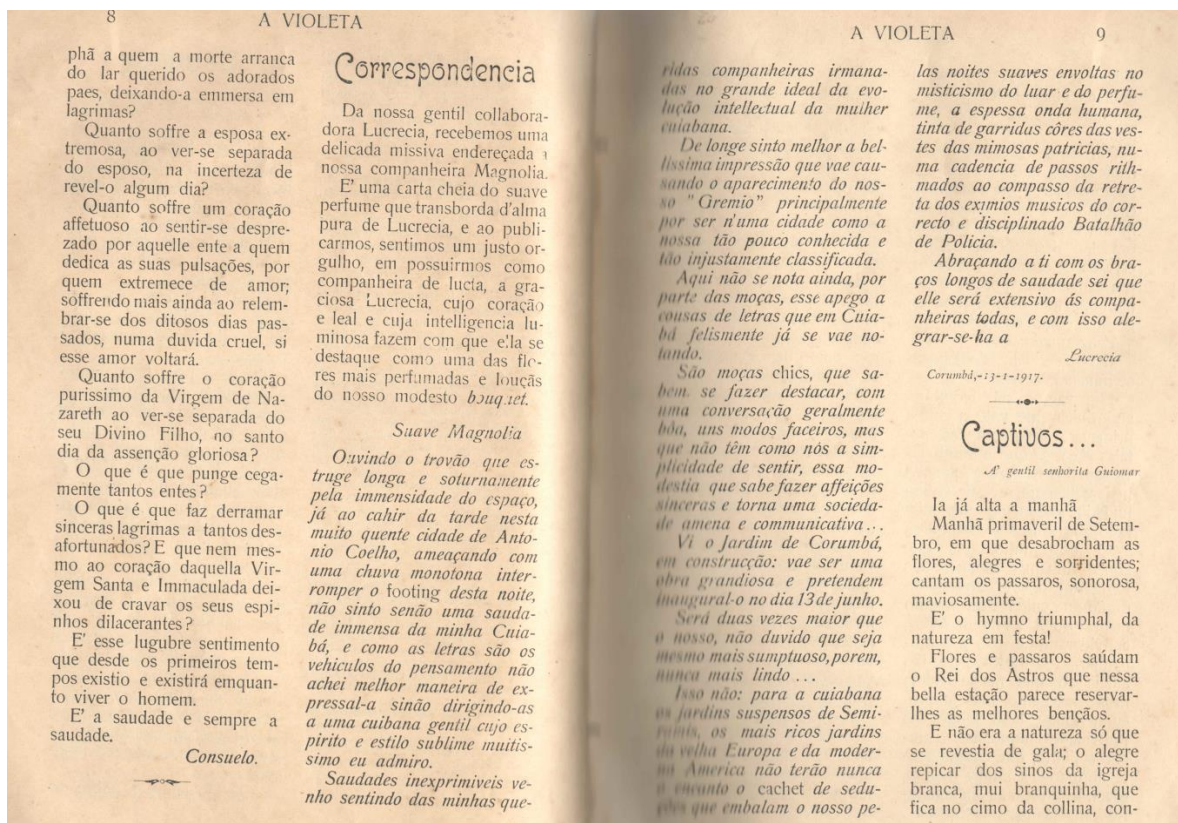
A informação final da citação pode nos revelar a provável causa de tantas variações na disposição gráfica das edições da revista, e possível dificuldade financeira, resultando, principalmente, na escassez de cores e na presença de pouquíssimas imagens no interior do periódico, o que elevaria o custo da sua impressão.

A publicação de *A Violeta*, inicialmente, apresentou certa irregularidade, até se firmar como publicação mensal. A distribuição das revistas ocorria por meio de assinatura, circulando também nas principais repartições públicas da cidade, nas residências e também eram enviadas via correio para outras cidades de Mato Grosso e para outros Estados, principalmente o Rio de Janeiro.

Podemos afirmar que o destinatário suposto (AMORIM, 2002¹⁰) da revista *A Violeta*, ou seja, seu público-alvo era constituído por mulheres circunscritas a seus próprios lares, em busca de cultura, conhecimento ou apenas entretenimento.

Já sobre os destinatários reais, pela seção *Correspondencia*, presentes a partir da edição n. 4, de 31 de janeiro de 1917, identificamos variados leitores, como homens da sociedade local, professoras, alunos, donas de casa, escritoras de outras cidades ou outros estados etc, assim como as próprias redatoras da revista. Podemos visualizar a referida seção na figura 20, a seguir, em que *Lucrecia*, pseudônimo de Maria Müller, escreve uma carta para a *Magnolia*, pseudônimo de Thereza Lobo.¹¹

Figura 20 – Seção *Correspondencia*, revista *A Violeta*, n. 4, 31 de janeiro de 1917



Fonte: Acervo Yasmin Nadaf (2013).

¹⁰ Amorim (2002, p. 9-11) faz uma distinção entre o destinatário suposto, instância interior ao enunciado, como se fosse um coautor, e o destinatário real, instância posterior à escrita do enunciado. A autora afirma que ambos participam necessariamente da construção do sentido.

¹¹ Em exploração das edições da revista, encontramos um enunciado intitulado *Noticiário*, datado de 30 de dezembro de 1949, p. 22, que homenageia a professora Thereza Lobo pela aposentadoria e informa o pseudônimo que ela utilizava, *Magnolia*, nos artigos de *A Violeta*.

Transcrição da *Correspondencia*

Da nossa gentil collaboradora Lucrecia, recebemos uma delicada missiva endereçada a nossa companheira Magnolia.

É uma carta cheia do suave perfume que transborda d'alma pura de Lucrecia, e ao publicarmos, sentimos um justo orgulho, em possuirmos como companheira de lucta, a graciosa Lucrecia, cujo coração é leal e cuja intelligencia luminosa fazem com que ella se destaque como uma das flores mais perfumadas e louças do nosso modesto bouquet.

Suave Magnolia

Ouvindo o trovão que estruge longa e soturnamente pela imensidade do espaço, já ao cahir da tarde nesta muito quente cidade de Antonio Coelho, ameaçando com uma chuva monótona interromper o footing desta noite, não sinto senão uma saudade imensa da minha Cuiabá, e como as letras são os vehiculos do pensamento não achei melhor maneira de expressal-a sinão dirigindo-as a uma cuiabana gentil cujo espirito e estilo sublime muitíssimo eu admiro.

Saudades inexprimíveis venho sentindo das minhas queridas companheiras irmanadas no grande ideal da evolução intellectual da mulher cuiabana.

De longe sinto melhor a bellissima impressão que vae causando o aparecimento do nosso "Gremio" principalmente por ser n'uma cidade como a nossa tão pouco conhecida e tão injustamente classificada.

Aqui não se nota ainda, por parte das moças, esse apego a cousas de letras que em Cuiabá felismente já se vae notando.

São moças chics, que sabem se fazer destacar, com uma conversação geralmente bôa, uns modos faceiros, mas que não têm como nós a simplicidade de sentir, essa modéstia que sabe fazer affeições sinceras e torna uma sociedade amena e comunicativa...

Vi o Jardim de Corumbá, em construcção: vae ser uma obra grandiosa e pretendem inaugural-o no dia 13 de junho.

Será duas vezes maior que o nosso, não duvido que seja mesmo mais sumptuoso, porem, nunca mais lindo...

Isso não: para a cuiabana os jardins suspensos de Semiramis, os mais ricos jardins da velha Europa e da moderna America não terão nunca o encanto o cachet de seduções que embalam o nosso pelas noites suaves envoltas no misticismo do luar e do perfume, a espessa onda humana, tinta de garridas côres das vestes das mimosas patricias, numa cadencia de passos rithmados ao compasso da retreta dos exímios músicos do corecto e disciplinado Batalhão de Policia.

Abraçando a ti com os braços longos de saudade sei que ele será extensivo ás companheiras todas, e com isso alegrar-se-há a

Lucrecia

Corumbá, -23-1-1917

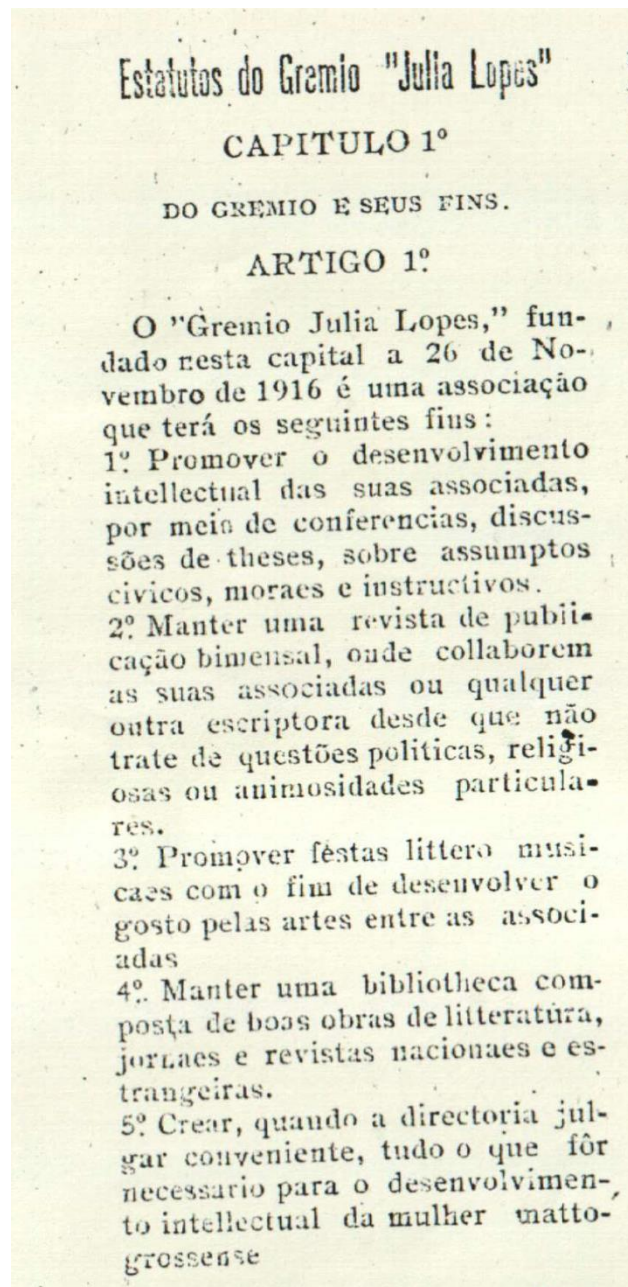
O texto ilustrado na figura 20 e, logo em seguida, transcrito, foi o primeiro registro de interlocução entre as redatoras da revista. A partir desse exemplo, outros aparecem em edições posteriores, constituindo a dimensão interlocutiva do periódico.

A primeira apreciação valorativa da redação sobre a repercussão do novo periódico é trazida já no segundo número, em que podemos ler um trecho a esse respeito:

O primeiro número da *A Violeta* foi um sucesso. O facto conforta e estimula, porque mostra que a nossa sociedade vae se interessando por assumpto das letras. *A Violeta* não pretende nem mais nem menos que desenvolver o gosto pelos prazeres do espírito. Para chegar a esse alvo, conta com o auxílio de todas as suas amigas. (REVISTA A VIOLETA, n. 2, 1916).

Trazemos, ainda, os objetivos do Grêmio Júlia Lopes, ao qual a revista estava subordinada.

Figura 21 – Excerto do Estatuto do Grêmio Júlia Lopes



Fonte: Revista *A Violeta*, n. 30, p. 9, 15 de abril de 1918.

Destacamos, do artigo 1º, a segunda e a quinta finalidades, observando, durante a análise do *corpus* de nossa pesquisa, se tais preceitos são considerados nos enunciados da revista.

Vejamos, a seguir, uma descrição da vida e obra de Júlia Lopes de Almeida, a grande inspiradora de *A Violeta*.

1.4 A figura de Júlia Lopes de Almeida

Segundo De Luca (1999, p. 277), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) “[...] atingiu a virada do século XIX para o século XX unanimemente considerada a mais importante mulher-escritora do Brasil, chegando a ser apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis e precedeu a eclosão do movimento modernista”.

Entretanto, sua figura, como escritora e jornalista, passou por muitos anos esquecida e desvalorizada no meio literário e jornalístico do Brasil. Segundo Ruffato¹² (2012):

Um dos casos mais graves de omissão da ensaística brasileira, na minha opinião, é o da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), a quem já tive ocasião de me referir aqui neste espaço. Seu nome não consta da **História concisa da literatura brasileira**, de Alfredo Bosi, um dos maiores sucessos editoriais junto ao público universitário; nem da **História da literatura brasileira** em cinco volumes, de Massaud Moisés; nem dos seis volumes de **A literatura brasileira**, de vários autores; tampouco a encontramos na extensíssima **A literatura no Brasil**, seis volumes dirigidos por Afrânio Coutinho e Eduardo Faria de Coutinho; nem nos dois tomos de **A literatura brasileira — origens e unidade**, de José Aderaldo Castello. Vamos nos deparar com a autora em **História da inteligência brasileira**, de Wilson Martins, e em **História da literatura brasileira — prosa de ficção — de 1870 a 1920**, da sempre magistral Lúcia Miguel Pereira, ambos comentadores entusiasmados de sua obra, como observaremos à frente.

Atualmente, alguns trabalhos recentes e referências a sua obra e atuação social feminina têm buscado reinseri-la no conjunto de personalidades que contribuíram para diferentes mudanças na primeira metade do século XX. Na edição comemorativa dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, a revista *Veja*, edição 2415, ano 48, número 9, de 4 de março de 2015, inclui na lista de mulheres à frente de seu tempo, dentro de uma seção especial denominada *Seu lugar era na frente*, na página 72, a homenagem à Júlia Lopes de Almeida, com o seguinte texto: “Precursora do feminismo militante, em seus textos conclamava as mulheres a ser mais ativas e mais protagonistas perante o Estado e a família.

¹² Escritor contemporâneo, autor de **Estive em Lisboa e lembrei de você, Eles eram muitos cavalos** e da pentalogia **Inferno Provisório**, entre outros. Possui um blog sobre assuntos literários: <<http://rascunho.com.br>>.

Almejava uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, mas seu marido, Filinto de Almeida, ficou com a vaga”¹³.

Nas palavras de De Luca (1999, p. 277), Júlia Lopes apresentava uma tradição de competência e equilíbrio, fato este que pode ser causa do “[...] literal esquecimento de seu empenho na luta pela emancipação feminina”. A escritora, contudo, tinha um convívio intelectual junto a Coelho Neto e Olavo Bilac, participando de conferências polêmicas sobre o papel da mulher na sociedade brasileira, o que culminou, em 1919, na criação da Legião da Mulher Brasileira, e na organização do primeiro Congresso Feminino do Brasil, ao lado de Berta Lutz, em 1922.

Júlia Lopes iniciou no jornalismo como cronista, em 1885, assinando uma coluna por mais de 30 anos no jornal *O Paiz*, no Rio de Janeiro. Através de seus textos, fez campanhas em defesa da cidade, da educação da mulher, do divórcio, instalação de creches. Porém, o jornal foi saqueado e incendiado e este material se perdeu. A escritora dedicava-se, ainda, a questões do traçado urbano da cidade, à jardinagem, sendo a responsável pela criação do Mercado das Flores, o caminho aéreo do Pão de Açúcar e a sugestão de plantação de hortênsias marginando a cidade de Petrópolis. Segundo Telles (2012, p. 441) “[...] pintou o Rio de Janeiro das últimas duas décadas do século XIX e das primeiras do XX, retratou as paixões, os conflitos, as tensões individuais e sociais de sua época”.

Outra faceta de seu trabalho consistiu na luta por uma educação para a mulher. Para tanto, seus livros didáticos infantis produzidos para serem usados na escola foram utilizados em substituição aos estrangeiros. Recuperamos, nas páginas iniciais da tese de Salomoni (2005, p. 6), passagem em que a escritora Cecília Meireles apresenta texto escrito como homenagem ao centenário do nascimento de Júlia Lopes, e fala da relação dela, quando criança, com a obra da escritora:

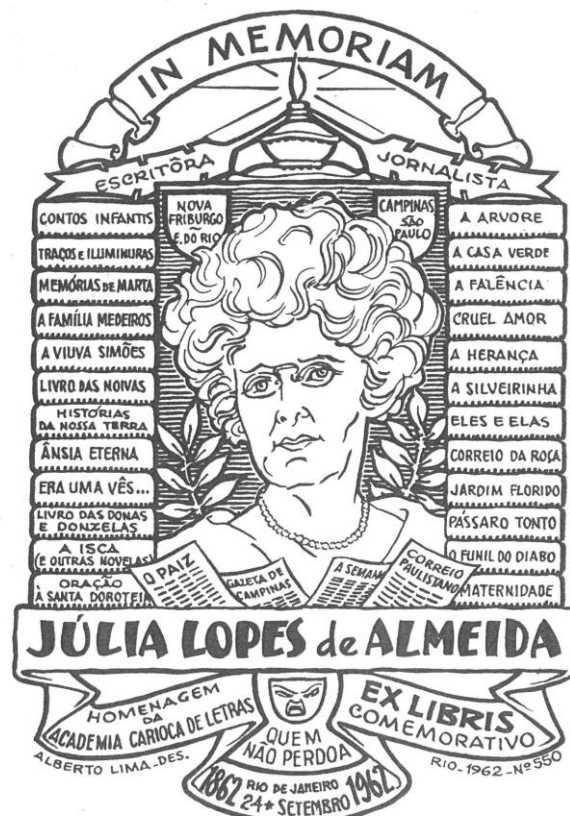
¹³ FANINI (2009, p. 329) traz o seguinte esclarecimento: “A propósito, a *Edição Comemorativa dos 110 anos da ABL* (2007) salienta que o único nome feminino presente na lista de possíveis membros fundadores era mesmo o de Júlia Lopes de Almeida, e aponta como justificativa para sua exclusão a fiel observância, por parte da congênere brasileira, aos critérios de admissão adotados pela *Académie Française de Lettres*, que previa apenas o ingresso de indivíduos do sexo masculino”. Somente após 80 anos é que a escritora Rachel de Queiroz foi aceita como a primeira mulher a ocupar a cadeira de número 5 na Academia Brasileira de Letras, com a obra *O quinze*, publicada em 1930.

Lembro-me de certo livro de leituras infantis em que colaborou. Nós, crianças, gostávamos de suas histórias e sem a conhecermos gostávamos também daquela que as escrevera. Por que celestial intuição já prevíamos que Dona Júlia seria assim uma pessoa diferente, com uma finura e uma cordialidade que as suas simples páginas transmitiam? Na verdade, ninguém nos falara da autora, ninguém nos dissera nada a seu respeito; e, embora o livro fosse feito em colaboração, era no seu nome que nos fixávamos e pensávamos com muito carinho em D. Júlia.

É agradável sentir-se que as impressões da infância, em sua pureza e naturalidade, não se desfaçam ou desfiguram com o passar dos anos. Que os olhos críticos e já sem ilusões da idade madura não se decepcionam diante do seu antigo encantamento. E D. Júlia não desencantou nunca. Soube conservar, com sua fama de escritora, sua elegância natural de mulher culta e boa, dedicada e útil, conciliando em si, como na sua obra, a beleza e o bem. E é isso o que, agora, pelo seu centenário, se recorda, se celebra e se deve agradecer.

Apresentamos, a seguir, a capa do livreto comemorativo do centenário de seu nascimento. Nela, podemos ler os títulos de algumas de suas obras, que abrangem variados gêneros, entre contos, peças teatrais, crônicas, romances e literatura infanto-juvenil.

Figura 22 – Capa do livreto comemorativo ao centenário de nascimento de Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Salomoni, Rosane Saint-Denis, 2005.

Observamos na capa o cuidado gráfico com a imagem de Júlia ao centro, cercada pelos títulos de suas obras. Acima da cabeça, há uma luz que sai de uma espécie de lamparina, representando a iluminação, a sabedoria sendo irradiada. Abaixo, a menção ao órgão que a homenageia, a Academia Carioca de Letras, e os dados de seu nascimento e morte. Chamou-nos a atenção a pequena máscara localizada na parte inferior da figura, centralizada e acompanhada por mais um título *Quem não perdoa*. Trata-se de uma peça de teatro escrita por Júlia, com a máscara representativa do símbolo do teatro. A expressão latina *EX LIBRIS*, na parte inferior da figura, associa o livro comemorativo a uma pessoa ou a uma biblioteca ou entidade, no caso, a Academia.

Júlia Lopes de Almeida era bastante ativa, não se conformando em acatar a situação que lhe era dada pelo contexto sócio-histórico do momento, pois participava intensamente de eventos, congressos, palestras no sentido de contribuir para a mudança. Alcançou um prestígio em todo o país, como escritora e como cidadã defensora de uma nova posição feminina. Segundo De Luca (1999, p. 285):

[...] a possibilidade de uma mulher conciliar a administração do lar com um trabalho literário, do mesmo nível qualitativo da produção masculina, vinha demonstrar a inconsistência dos mitos machistas que vedavam o acesso às profissões liberais a todo o gênero feminino; o ineditismo de se dispor da presença de uma escritora que não se limita à composição de versinhos – mas que participa ativamente da vida da nação, emitindo opiniões próprias –, torna a modelo a ser seguido por toda uma legião de mulheres talentosas que afloram pelo Brasil.

Entretanto, no início de sua carreira, ela escrevia às escondidas, pois não era permitido às mulheres aventurar-se pela carreira literária (FANINI, 2009). Esse fato fica evidente na entrevista concedida a João do Rio (cognome de Paulo Barreto), publicada na Gazeta de Notícias, em 25 de março de 1905, na crônica intitulada *O momento literário*:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas [...] De repente, um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando volta à chave da secretária: já vai, já vai! A mim sempre me parecia que se viessem a saber desses versos, viria o mundo abaixo. Um dia porém, eu estava muito entretida na composição de uma história, uma história em verso, com descrições e diálogos, quando ouvi por trás de mim uma voz alegre: – Peguei-te, menina! Estremeci, pus as duas mãos em cima do papel, num arranco de defesa, mas não me foi possível. Minha irmã, adejando triunfalmente a folha e rindo a perder, bradava: – Então a menina faz versos? Vou mostrá-los ao papá! Não mostres! É que mostro! (FANINI, 2009, p. 318).

Outra revista em que ela contribuiu foi *A Mensageira* (1897-1900), em seus trinta e seis números. Com seus escritos, ela chamava a atenção para a condição feminina da época, fazendo uma oposição da “[...] frivolidade e da apatia das mulheres de classes abastadas (frequentadoras dos salões) com a sobriedade e atividade da mulher humilde, que trabalha para prover sua subsistência”. (DE LUCA, 1999, p. 290).

Analisando sua obra, é De Luca (1999, p. 291), ainda, que nos auxilia a compreender o projeto de dizer de Júlia:

Devemos considerar, portanto, que estes seus textos iniciais contêm, em germe, idéias que serão depois melhor desenvolvidas por ela, a ponto de poder-se afirmar que Júlia Lopes já possuía aí um verdadeiro projeto pessoal que a transcendia – projeto segundo o qual o ato de escrever (daí a necessidade de estender-se a instrução a toda a população), serviria de instrumento para um processo mais amplo de libertação, de superação da condição de submissão, dos segmentos sociais oprimidos, incluídos nesse rol os pobres, as mulheres e os escravos.

Portanto, pode-se ampliar o escopo de preocupação da escritora com as questões sociais mais importantes do período, como o sistema escravocrata, trazendo ideias abolicionistas em suas obras, como no seu primeiro romance *A Família Medeiros*, de 1891, ou em artigos publicados em jornais, como o *Almanaque Literário de S. Paulo*, de 1884.

Em seus primeiros contos, a temática era variada, mas uma característica que prevalecia era o lirismo da narrativa e a definição de universos especificamente femininos, com destaque para a maternidade e o casamento. Segundo De Luca (1999, p. 290), a linguagem “[...] cativa por sua limpidez, precisão e simplicidade”. No conjunto de sua obra, os temas favoritos foram o progresso feminino, a necessidade de reformulação, de democratização e de transformação social, a denúncia do machismo e da hipocrisia social.

Preocupava-se, ainda, com a relação entre o homem e a natureza e as relações de trabalho no setor rural. De acordo com De Luca (1999, p. 297):

A proposta inicial da escritora extrapola, assim, o plano da mera revalorização ou aperfeiçoamento do setor rural de nosso país: esse melhoramento passaria pelo “trabalho justo” (aqui compreendido como o exercício da atividade transformadora, benéfica e solidária) e por um relacionamento mais equilibrado entre o homem e a natureza. O sujeito por excelência desse trabalho seria, aliás, não o homem – mas a mulher, devidamente instruída e instrumentada para essa missão.

Em suas conclusões, De Luca (1999, p. 298) constata que Júlia Lopes de Almeida realizou o que denomina por um *feminismo possível*, levando em conta as questões histórico-sociais e culturais da época, porque só assim se pode evidenciar o cunho revolucionário de suas ideias sobre a condição feminina, mesmo que atualmente estas aparentem uma visão ultrapassada e conformista. A respeito de seu estilo *ameno*, acrescenta:

Num certo sentido, sua provalada “amenidade” refere-se mais a recursos estilísticos (sua estratégia de “aconselhar persuadindo”) do que ao caráter brando de seu feminismo propriamente dito. Foi justamente graças às suas pouco agressivas intervenções que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais. Propostas de cunho mais revolucionário iriam bani-la da grande imprensa, principal meio de comunicação de massa da época – condenando-a a permanecer confinada às páginas dos periódicos de circulação restrita e minúscula tiragem, como já ocorrera com sua antecessora Josefina Álvares de Azevedo. (DE LUCA, 1999, p. 298-299).

A biografia de Júlia, suas ações, suas interlocuções (aqui salientamos o constante diálogo com as redatoras de *A Violeta* cujo Grêmio Literário levava seu nome) e sua obra ultrapassavam as fronteiras dos modelos de conduta esperados para uma mulher daquela época. De Luca (1999, p. 299) afirma que “[...] somente a partir de uma confrontação cuidadosa entre as propostas da autora e as idéias correntes no contexto histórico-social em que se inseria poderemos efetuar uma avaliação justa de seu “vanguardismo” ou “reacionarismo””.

Júlia Lopes de Almeida também é conhecida como a *a escritora da belle époque tropical*. Esta expressão *Belle Époque Tropical* é uma alusão a um determinado período na Europa, principalmente na França, conhecido como *Belle Époque*, em que havia uma efervescência cultural, e a literatura estava no centro desse processo, cumprindo um papel de difusora desse espírito, dos valores ligados à modernidade. Lia-se Júlio Verne, Zola,

Maupassant, Flaubert e outros escritores franceses. Needell (1993) assinala que a *belle époque carioca* se estendeu de 1898 a 1914, da eleição do Presidente Campos Sales à Primeira Guerra Mundial.

Nessa época, o Rio de Janeiro sofria várias transformações urbanas, passando a ser a capital da *Belle Époque Tropical*, tendo Júlia Lopes como uma das suas maiores representantes. Segundo Sevckenko (2002, p. 522), com a ampla reforma, a capital brasileira mantinha-se:

[...] no eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação em território brasileiro. O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima.

Mattos (2006, p. 2) caracteriza com mais detalhes a cidade do Rio de Janeiro, nesse período:

Na parte central da cidade, especialmente na recém criada Avenida Central, a modernidade estava presente nas lojas caras de influência francesa, nas casas de chá, nas confeitarias e cafés, como a Colombo, o Paris ou o *Provence*, os *clubs* e cassinos onde se jogava o *poker*, os teatros com as temporadas líricas que testemunhavam mulheres elegantemente vestidas em tafetá e chamalotes, conduzidas pelo braço de seus pares de cartola, polainas e bengala.

Assim, durante a chamada *Belle Époque Tropical* ou Brasileira, ocorreram diversas correntes literárias, tais como o Parnasianismo de Olavo Bilac, a prosa tradicionalista de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Coelho Neto, uma espécie de Simbolismo e ainda o Realismo/Naturalismo. Podemos perceber que, dessa forma, conviveram tendências literárias conservadoras e renovadoras, e isso transparece nos textos dos diferentes escritores, como na obra de Júlia Lopes de Almeida.

Um dado interessante é que ela foi companheira de redação de Emilia Morcorvo Bandeira de Melo, que tinha vários pseudônimos, sendo o mais utilizado, o de *Carmem Dolores*¹⁴. Segundo Telles (2012, p. 438-439), *Carmem* era

¹⁴ Júlia Lopes e Carmem Dolores foram colegas no jornal *O Paiz*, de 1908 a 1910, alternando crônicas semanais, que versavam, entre outros assuntos, sobre a educação da mulher. *A Violeta* de 18 de abril de 1921, p. 3, dedicou um artigo de quatro páginas a Carmem Dolores.

[...] muito combativa, foi também conferencista e escreveu, entre outros, um livro naturalista, *A luta* (1911), no qual focaliza a instabilidade social e moral das mulheres que não querem se submeter às regras e, ao mesmo tempo, não encontram outras alternativas a não ser abrir mão das poucas vantagens de que desfrutam.

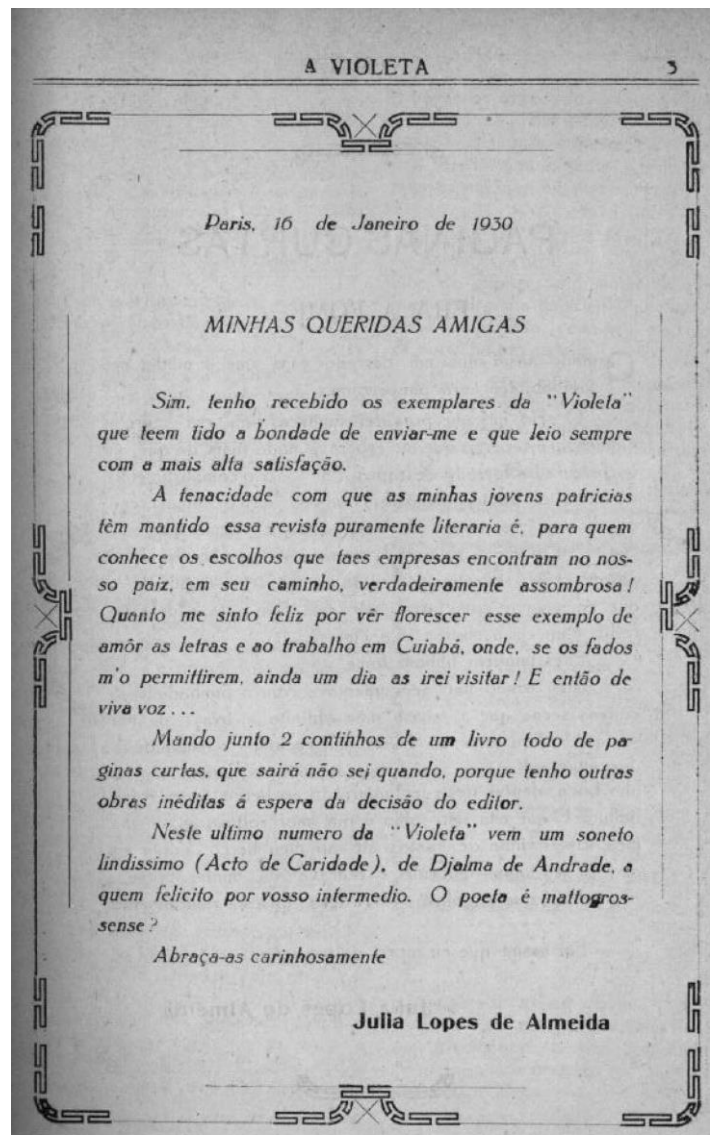
Carmem Dolores teve uma filha de nome Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos (1870-1948), também escritora, conhecida como Mme Chrysanthème. Com longa carreira lítero-jornalística, Chrysanthème escreveu para inúmeros periódicos e publicou contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro e crítica literária. Seus escritos denunciavam a má distribuição de renda *per capita*, a miséria, a seca, as guerras, o desemprego, a transformação do espaço urbano e especialmente a condição feminina. Consideramos a obra de Chrysanthème representativa de um momento em que a mulher buscava um novo papel no cenário social, deixando de se dedicar apenas ao espaço doméstico e procurando novas perspectivas. O resultado foi uma literatura altamente questionadora e expressiva dos valores da *Belle Époque*.

Ao pesquisarmos a revista *A Violeta*, portanto, encontramos em várias de suas edições publicações de Júlia Lopes de Almeida, fragmentos de algumas de suas obras, e também textos sobre ela. Como exemplo, podemos citar trecho de *Polaco*, do livro *Histórias de nossa terra*, na edição n. 13, de 8 de julho de 1917; *As crianças*, do *Livro das Noivas*, na edição n. 344, de 30 de setembro de 1948. As edições n. 25 A, de 25 de dezembro de 1917 e n. 217, de 31 de maio de 1934 trazem uma foto de Júlia na capa, como homenagem do Grêmio Júlia Lopes.

Outro reconhecimento a ela, encontramos na sessão inaugural do Grêmio, conforme a edição da revista n. 243, p. 3, de 31 de agosto de 1930: “Escolhemos para nossa patrona a notável e abalísada escritora Júlia Lopes. Faremos com que a nossa pequena e humilde penna acompanhe sempre as pegadas brilhantes dessa estrela fulgurante da Literatura Brasileira”.

Na edição 176, de 30 de março de 1930, há uma carta de Júlia às editoras de *A Violeta*, escrita em Paris em 16 de janeiro do mesmo ano. Nela, podemos perceber a qualidade da relação entre a escritora e as redatoras cuiabanas, a proximidade e intimidade já construídas ao longo dos anos de convivência, mesmo à distância e com as dificuldades de comunicação da época. Trazemos a carta na figura, a seguir.

Figura 23 – Carta de Júlia Lopes de Almeida à revista *A Violeta*, escrita em Paris, em 1930



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Em homenagem póstuma à Júlia Lopes de Almeida, *A Violeta* publica, em maio de 1934, enunciado de abertura da primeira página, com uma foto da escritora.

Figura 24 – Primeira página de *A Violeta*, n. 217, de 31 de maio de 1934, com a foto de Júlia Lopes de Almeida



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Sem pretender entrar no mérito analítico do referido enunciado, destacamos a valoração dada pela revista aos seus romances: “[...] todos moralistas, instrutivos e nacionalistas”. (*A VIOLETA*, n. 217, 1934, p. 1).

Observamos, também, o diálogo com outras escritoras, entre as quais podemos destacar as sul-rio-grandenses: Andradina de Oliveira, Lola de Oliveira e Hecilda Clark. Estas referências revelam uma grande troca de correspondências entre as escritoras e uma participação ativa no periódico *A Violeta*, entre outros. Assim, voltamos nossa atenção para a rede de relações literárias estabelecida entre Mato Grosso e o Rio Grande do Sul, a partir dos impressos nas páginas da revista, envolvendo comentários e críticas sobre a vida e obra de escritores sul-rio-grandenses. De acordo com os estudos de Nadaf (2014, p.100):

O intercâmbio funcionava mais ou menos assim: as redatoras de *A Violeta* trocavam com os escritores de outras localidades cartas, livros, notícias sobre a vida literária circundante e divulgavam o resultado desse diálogo nas páginas da revista. Temos ainda notícias, pela própria revista, que o inverso também ocorreu: periódicos de outras localidades davam conta igualmente de produções e informes sobre a literatura e o circuito literário em Mato Grosso.

Tais informações contidas na citação nos dão indícios, também, do universo de leituras das redatoras de *A Violeta*. Eram mulheres que, além de produzir, liam a literatura produzida pelas escritoras de sua época, conferindo-lhes, portanto, uma cultura literária atualizada. Entretanto, ainda segundo Nadaf (2004, p. 98):

No tocante à produção literária, a revista seguiu os cânones do Movimento Literário Romântico no Brasil, em seus diversificados grupos do século XIX. A começar pelos temas eleitos por suas colaboradoras para a composição de seus escritos, relacionamos o amor, a pátria, a natureza expressiva, a religião (como fé e valor espiritual), a morte, a noite, o luar, as flores, o desejo de evasão, a valorização da história, do passado nacional e da vida simples, em natureza, o anseio de progresso e a preocupação social. Tudo isso aliado a um estado de espírito ora melancólico e pessimista, ora terno e singelo e ora, ainda, ufanista e ousado.

Na verdade, o período de circulação da revista envolveu, em termos literários, o Pré-modernismo e o Modernismo, em sua primeira e segunda fase, estilos literários que apresentavam características muito distintas do estilo empregado pelas autoras, descrito de forma mais detalhada por Nadaf (2004, p. 98):

As escritoras utilizavam uma linguagem metafórica, romântica e melodiosa, com largo emprego dos sinais gráficos de reticências e exclamações, adequados às efusões do sentimento; a busca pela melodia, pelo ritmo e pela rima na poesia e, por fim, a aliança entre a palavra impressa e a música presente no programa “*A Violeta Falada*”, que consistia na leitura, em grupo, pelas sócias do Grêmio, das páginas da revista, ao som de um fundo musical. Percebemos o exercício da aliança entre a palavra escrita e a música pela Escola Romântica, fato que evidencia uma vez mais a definição de uma linha literária única na produção das escritoras.

Nessa mesma obra, Nadaf (2004, p. 66-67) qualifica a poética das autoras presentes em *A Violeta*:

[...] evidencia-se, ainda, que a poética das escritoras mato-grossenses impressa em *A Violeta*, na primeira metade do século XX, foi similar ao ideário da “contradição”, ou “volúpia dos opostos” como preferiu chamar o estudioso da literatura Antônio Candido, difuso no Romantismo. Nesta produção, como naquele movimento literário, permitiu-se a manifestação de sentimentos antagônicos, tais como sentimento de amor individual X sentimento patriótico; desejo de evasão X desejo de progresso, etc.

Portanto, a partir das contribuições de Nadaf, evidenciamos que o estilo das redatoras de *A Violeta* pode ser considerado esteticamente conservador para sua época, tendo em vista as experiências literárias presentes no Pré-modernismo e no Modernismo. A exploração dos aspectos estilísticos dos enunciados, que constituíam o estilo ornamental, será realizada na análise do *corpus*.

É importante ressaltar, conforme afirma Nadaf (2010), que as produções literárias de Mato Grosso cruzaram movimentos de vanguarda modernista, em final da década de 1930, como o Movimento Graça Aranha e o Movimento da Revista Pindorama. Entretanto, essas produções não assimilaram as propostas de renovação, mantendo-se fiéis ao estilo literário do século anterior.

Na análise que empreenderemos dos enunciados de nosso *corpus*, é importante verificar os traços de estilo da escola romântica, a partir dos gêneros literários produzidos, dos títulos dos enunciados, do vocabulário utilizado, bem como das marcas de entoação ali presentes.

Consideramos relevantes as informações trazidas nesta seção para a compreensão do diálogo estabelecido entre as escritoras de *A Violeta* e outras jornalistas/escritoras que participavam da esfera intelectual brasileira na primeira metade do século XX.

Na próxima seção, apresentaremos as principais redatoras da revista, focando na formação cultural de cada uma delas.

1.5 As redatoras de *A Violeta* e sua formação sociocultural

Esta seção explora brevemente a biografia das principais redatoras da revista cuiabana *A Violeta*. Consideramos que, ao trazer dados de sua formação sociocultural, é possível realizar uma compreensão contextualizada da rede intelectual formada entre as mulheres jornalistas da época. Na visão de Nadaf (1993, p. 19, grifo nosso):

A Violeta foi uma revista de mulher para mulher. Grande parte de sua produção diz respeito direta e especificadamente à mulher – à mulher-esposa, à mulher-mãe, à mulher-namorada, à mulher-filha, à mulher-moça, à mulher-educadora, à mulher estudante, à mulher-funcionária pública e à mulher-profissional liberal. Seus escritos, vindos, grande parte deles, de mulheres simples e lutadoras – umas escritoras, outras professoras, funcionárias públicas e autônomas, jovens e donas-de-casa revelam-nos tanto o universo dessas mulheres que o escrevem como o daqueles a quem escrevem: um mundo recheado de criações literárias, desejos, lutas, frustrações, modo de ver e de viver a vida, e o **dúbio pensamento ideológico conservador e de progresso**.

As principais redatoras da revista foram Maria Dimpina Lobo Duarte e Maria de Arruda Müller. Optamos por apresentar informações mais detalhadas sobre elas para, em seguida, trazer dados de outras redatoras que compuseram o corpo editorial.

Maria Dimpina Lobo Duarte (MT, 1891-1966) destaca-se no rol das mulheres cuiabanas colaboradoras do periódico, não somente por sua produção jornalística, mas também por sua atuação como mulher, ocupando espaços inéditos na sociedade local. Tinha traços afrodescendentes em seu fenótipo, o que não constituiu um óbice para a sua inserção e reconhecimento social.

Figura 25 – Foto de Maria Dimpina



Fonte: Silva (2003).

Professora da Escola Modelo Barão de Melgaço e fundadora do Colégio Particular São Luiz, obteve o prêmio de medalha de prata num concurso de âmbito nacional promovido pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Foi a primeira funcionária pública do Estado de Mato Grosso, ocupando o cargo de Postalista dos Correios e Telégrafos, no ano de 1924¹⁵. No concurso, obteve a primeira colocação entre os candidatos de todo o país. Tal fato parece-nos atualmente comum, mas, para a época, havia muita resistência da sociedade na ocupação dos espaços públicos pela mulher, fora do lar. Podemos destacar a posição do jornal *O Ferrão*, em um artigo de 1928, que acusa as mulheres de prejudicarem os rapazes habilitados durante os concursos públicos, conforme descrevem Almeida; Bernardes; Santos¹⁶ (1998, p. 63):

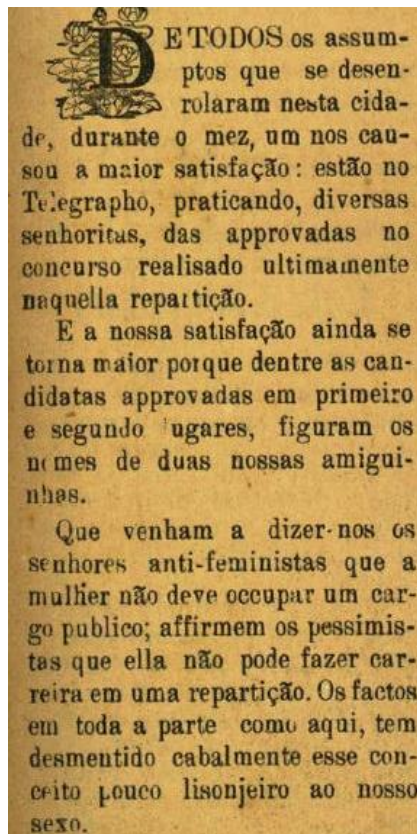
Entendia-se que as mulheres, ao se inscreverem nesses concursos, levavam vantagens diante do examinador, por se apresentarem munidas de pistolões, risos e lágrimas, vencendo a luta contra os homens. Afirma-se, ainda, nesse artigo que a mulher não pode exercer o cargo de funcionária pública, pois "*o seu físico, o seu sexo, o pudor e os seus costumes não comportam o emprego público, feito exclusivamente para o homem que já nasceu talhado para esse gênero de trabalho*" (*O Ferrão*, 26.01.1928, nº 84, p. 2). O artigo termina pedindo ao administrador dos Correios para não aceitar a inscrição de mulheres para o concurso desta repartição.

¹⁵ De acordo com as informações trazidas na "Chronica" da edição n. 121, de 31 de janeiro de 1925.

¹⁶ Retirado da Revista Educação Pública, v.7, n.11, p. 63, jan.-jun./1998.

Contudo, a revista *A Violeta* defendia a posição contrária, favorável ao trabalho da mulher no serviço público, conforme podemos observar em trecho da crônica de abertura da edição n. 121, de 31 de janeiro de 1925, assinada por Maria Dimpina.

Figura 26— Excerto retirado de *A Violeta* sobre a posição da revista a respeito do trabalho da mulher no serviço público



Fonte: Revista *A Violeta*, n. 121, p. 1, jan., 1925.

De acordo com Nadaf (1993), Maria Dimpina atuou como diretora¹⁷, entre setembro de 1920 a dezembro de 1921; de maio de 1935 a abril de 1936; junho de 1940 a março de 1950, e juntamente com Benilde Moura, de agosto de 1938 a abril de 1940, e como colaboradora incessante da revista, produzindo vasta produção ficcional e jornalística, em gêneros variados como crônicas, cartas, discursos, artigos, textos curtos em prosa literária, cujos temas focavam o universo feminino, o progresso para a região e, restritamente, o lirismo amoroso. Lançou a obra *Folhas soltas*, no Rio de Janeiro, pela Editora Gráfica Laemmert, em 1955, que reúne seleção de escritos publicados na imprensa. Usou os pseudônimos de Arinapi, Martha, além das iniciais de seu nome M.D. e Maria Dimpina.

¹⁷ De acordo com Nadaf (1993, p. 31): “Os primeiros 70 números da revista não informam a respeito da direção de sua redação, mas é ela própria a nos noticiar, em sua seção ‘Noticiário’, do exemplar de n. 16 (agosto de 1917), a existência de um corpo redatorial, composto pelas sócias do grêmio literário ‘Júlia Lopes’, responsável pela sua circulação”.

A sua autoria era marcante nas *crônicas*, escritas no decorrer da circulação da revista, e na seção *Correspondência de Dona Martha*, publicada entre 1917 a 1940. Segundo Nadaf (2009, p. 24), esta seção era “[...] constituída de cartas ficcionais nas quais Maria Dimpina abordava, com graça e talento, assuntos variados do dia a dia, fazia comentários e críticas, tecia elogios”. Já a sua crônica era clara e objetiva, revelando o acompanhamento dos fatos contemporâneos e o espírito de luta pelo progresso da região. Os temas recorrentes nos seus textos tratavam da história do cotidiano, regras sociais, preceitos morais, cívicos e religiosos, reivindicações e denúncias de irregularidades e abusos de governantes, desenvolvimento e progresso de Cuiabá e região, aprimoramento educacional e conquista do trabalho remunerado para a mulher. De acordo com Nadaf (2009, p. 25), essas temáticas proporcionavam “[...] aos leitores a oportunidade de expandir sua consciência crítica, exercendo sua vocação de mestra”.

Foi uma das fundadoras do Grêmio Júlia Lopes, da Escola Doméstica Dona Júlia Lopes de Almeida e da Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino. Também atuou na filantropia frente aos trabalhos da Liga de Assistência aos Lázaros.

Maria Dimpina destacou-se como a mais produtiva das redatoras, circulando por várias temáticas e gêneros, sobressaindo-se no âmbito da política, educação, sociologia e feminismo e prosa literária curta. Além disso, permaneceu atuante durante todo o período de circulação da revista, e seus textos foram publicados sistematicamente quase em todas as edições.

Ela foi homenageada em Cuiabá, tendo seu nome conferido a uma das escolas no bairro Coxipó da Ponte, Escola Municipal de Educação Básica Maria Dimpina Lobo Duarte, considerada escola modelo da capital. Além disso, sua história também é imortalizada pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígena e de Fronteira Maria Dimpina (NUMDI). Nesse núcleo se dão as ações referentes aos estudos, pesquisas e projetos institucionais voltados para as questões afro-brasileiras¹⁸.

Outra redatora sobre a qual faremos uma breve descrição biobibliográfica é Maria de Arruda Müller (1898-2003). Formou-se, em 1915, pela Escola Normal Pedro Celestino de Cuiabá, passando a exercer, a seguir, o magistério em vários estabelecimentos de ensino de Cuiabá e no município de Poconé. Também dirigiu o Grupo Escolar Senador Azeredo, lecionou Música e Desenho na Escola Normal Pedro Celestino e foi membro do Conselho da

¹⁸ Conforme informa o site do Instituto Federal de Mato Grosso. Disponível em: <<http://blv.ifmt.edu.brqpost/100326>>. Acesso em: 12 set. 2015.

Instrução Pública. Fundou o Abrigo dos Velhos e o Abrigo das Crianças em Cuiabá, que até hoje existem e a Comissão Estadual Legião Brasileira de Assistência em Mato Grosso. Foi também uma das fundadoras do Grêmio Júlia Lopes e da Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino. A seguir, a título de ilustração, apresentamos uma foto da redatora.

Figura 27: Foto de Maria de Arruda Müller



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Integrou a Academia Mato-grossense de Letras e foi membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Recebeu títulos de países estrangeiros por sua atuação cultural, exemplarmente, em 1952, com o diploma de *Miembro de Honor* pela *Associazione Internazionale – Pro-Pace de Salerno*, Itália, e em 1953 com o diploma de *Miembro Corriespondiente*, pelo Centro Literário Filosófico *Arca del Sur* da República Oriental Del Uruguay e *Diploma de Honor* do Conselho Superior de Cultura do *Instituto y Biblioteca Panamericana* da República Argentina.

A respeito da revista *A Violeta*, foi uma das fundadoras, onde escreveu uma produção ampla e variada contendo crônicas, discursos, contos, narrativas ficcionais, composições poéticas e entretenimentos voltados à vida social da época. Assinava seus textos com vários pseudônimos como Mary, Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrécia, Ofélia, Vespertina, além de seu nome real. Suas crônicas e demais enunciados demonstram um conhecimento diversificado e seu engajamento com os fatos atuais da época.

Publicou, ainda, na revista (n. 238, 239), algumas de suas relevantes conferências, como a Fundação de Cuiabá, proferida em 1938, no Instituto Nacional de Música, no Rio de

Janeiro, que apresentou aspectos da História de Mato Grosso. Entre outras produções, podemos citar os artigos de entretenimento *Perfil* (n. 4, 34 e 35); *Seção Recreativa* (n. 8 a 17); *Álbum de A Violeta* (n. 13 a 22); *Na hora do footing* (n. 32 a 35); *Página especial* (n. 34). Publicou também *Família Arruda* (1972) e *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994), em coautoria com Dunga Rodrigues; e *Sons longínquos* (1998), uma coletânea de seus poemas, em comemoração ao seu centenário de nascimento.

Viveu uma vida longa, falecendo com cento e quatro anos. Entre outras homenagens, o seu nome foi dado à *Escola Liceu Cuiabano*, importante instituição de ensino da rede estadual.

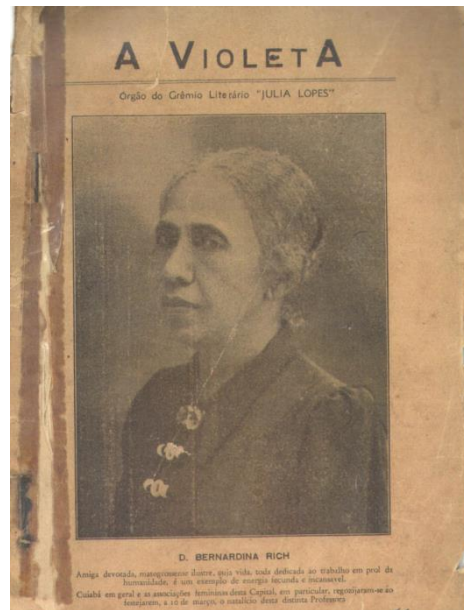
Tanto Maria Müller como Dimpina¹⁹ tinham forte influência da Igreja Católica. Ambas eram frequentadoras assíduas e participantes dos rituais e festas religiosas em Cuiabá.

Após a breve apresentação das principais redatoras, evidenciamos a presença, no corpo editorial da revista, de duas outras participantes: Bernardina Rich e Benilde Borba de Moura.

Bernardina Maria Elvira Rich (MT, 1872-1942), segundo a pesquisa de Gomes (2009), era uma pessoa fenotipicamente negra (cabelos, nariz, lábios e pele), conforme podemos visualizar na imagem, a seguir.

¹⁹ Maria Dimpina, por sua vez, era mãe do conhecido Padre Firmo Duarte (1928-2007), que foi um religioso famoso em Cuiabá, diretor de vários colégios e reitor do Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. Iniciou o movimento Vinde e Vede de oração na época do carnaval e a Renovação Carismática na cidade. É reconhecido como um visionário da fé, pois famílias vinham do interior do Estado de Mato Grosso em busca da cura de doenças através de sua intercessão. Também foi membro da Academia Mato-Grossense de Letras, tomando posse em 8 de dezembro de 1997. Escreveu o livro *Mulher – Intercessora*, entre outros livros inéditos.

Figura 28 - Foto de Bernardina Rich



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Tratava-se de uma pessoa muito inteligente, generosa e ativa socialmente. Segundo Gomes, Sá e Dutra (2008), ela colaborou para a criação do *Grêmio Júlia Lopes*, assumindo várias funções como redatora da revista, tesoureira²⁰ eleita por unanimidade do Grêmio, vice-presidente (1920), diretora geral das Sociedades de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra no Estado (1932), presidente da Federação Mato-grossense pelo Progresso Feminino (1934). Desenvolveu, ainda, trabalhos filantrópicos como diretora de nove obras assistenciais da Imaculada Conceição.

Foi atuante na carreira docente, conseguindo efetivação como professora do Estado em 1890, após ter perdido a vaga de professora primária para uma concorrente branca em 1888, ano da abolição da escravatura. Ressaltamos que ela era uma mulher negra à frente da revista, assim como Maria Dimpina, cujos traços também apontavam para sua afrodescendência. Desde menina, Bernardina agregava, em sua volta, pessoas para ensinar, muitas delas, também, da raça negra. Consta, ainda, que atuou na Escola Elementar do sexo masculino da capital e como diretora de uma escola particular denominada *Oito de Dezembro*.

Em sua atuação como jornalista em *A Violeta*, mesmo antes de se tornar Presidente da Federação, podemos perceber pistas da rede de inter-relações que se estabelecia, via carta,

²⁰ As atribuições da Tesoureira de *A Violeta* eram, segundo consta na edição da revista n. 33, p. 8, de 1918: “1. Ter sob a sua guarda os fundos sociaes, escriturando com clareza o Livro Caixa e qualquer outro exigido pelo serviço a seu cargo; 2. Fazer ou mandar fazer por pessoa de confiança e sob sua responsabilidade, nos primeiros dias do mês, a cobrança das contribuições das sócias e demais quantias devidas ao Grêmio; 3. Satisfazer todos os pagamentos autorizados pela Presidente; 4. Apresentar no 8º dia útil do mês o balanço do mês anterior para ser publicado.”

entre as redatoras e as leitoras. O tema do progresso das regiões foi o foco de uma destas cartas, encontradas por Gomes (2009, p. 84), que solicitava um olhar das mulheres da capital para as mulheres das vilas e cidades do interior do Estado. Após essa referência, localizamos a revista com a referida carta.

Figura 29 – Carta aberta, de Antídia Coutinho à Bernardina Rich, revista *A Violeta*, n. 209, 24 de setembro de 1933.



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Outro exemplo apontado por Gomes (2009, p. 94) é o da leitora Malva do Campo, que solicita, no texto *Como foi que escrevi para A Violeta*, a participação na revista como colaboradora, e reconhece o acolhimento de Bernardina Rich para veicular seus textos. Trazemos o excerto na edição da revista n. 245, de 1938.

Desde muito tempo, sinto verdadeira admiração pelas páginas d’*A Violeta*. Onde aparecem estampadas através das frases coloridas de D. Maria Muller, D. Bernardina Rich, D. Maria Dimpina, D. Alzira Aderet, Sehorinha Benilde Moura e de outras, que emprestam àquela revista o valor que tem como órgão literário. É esse exemplo que sempre quis seguir, ansiando por me tornar capaz de escrever alguma cousa [...] Motivos imperiosos me fizeram falar mais intimamente, com uma das suas devotadas dirigentes e colaboradoras: D. Bernardina Rich. Nem sei como, num grito há muito recalçado dentro d’alma, perguntei-lhe se é permitido a alguém, que não faça parte das colaboradoras eleitas, escrever para a revista. Benevolente como é D. Bernardina aceitou-me para o fim que sempre almejei.

Através de alguns enunciados veiculados na revista, que fazem alusão à Bernardina, podemos perceber qual era a circulação dessa redatora entre as classes sociais que compunham a sociedade local. Conforme Gomes (2009), ela dialogava com pessoas de classes diversas, desde as mais necessitadas, através de seu trabalho filantrópico, até as representantes das classes média e alta. Sua residência era bastante frequentada, o que revela seu bom relacionamento com os diferentes segmentos sociais. Na edição de *A Violeta* n. 7, p. 11, 1917 há um registro, trazido por Gomes (2009, p. 84), que descreve as comemorações do aniversário de Bernardina, que exemplifica bem este aspecto:

Transcorreu através da mais franca alegria no dia 10 do presente, o aniversário natalício da prolecta e querida professora D. Bernardina Rich. Desde manhã a sua residência affluiu um grande número de alunas e ex-allunas, senhoras e senhoritas que ali foram felicitá-la. À noite depois de um lauto jantar, iniciaram-se as dansas que se prolongaram até muito tarde concorrendo para isto um grande número de cavalheiros e senhoritas da nossa melhor sociedade. À distinta educadora as nossas felicitações.

Por conta de sua atuação e posição social, e de sua carreira docente, sofreu um processo de “branqueamento”, conforme nos esclarece Gomes, Sá e Dutra (2008, p. 8):

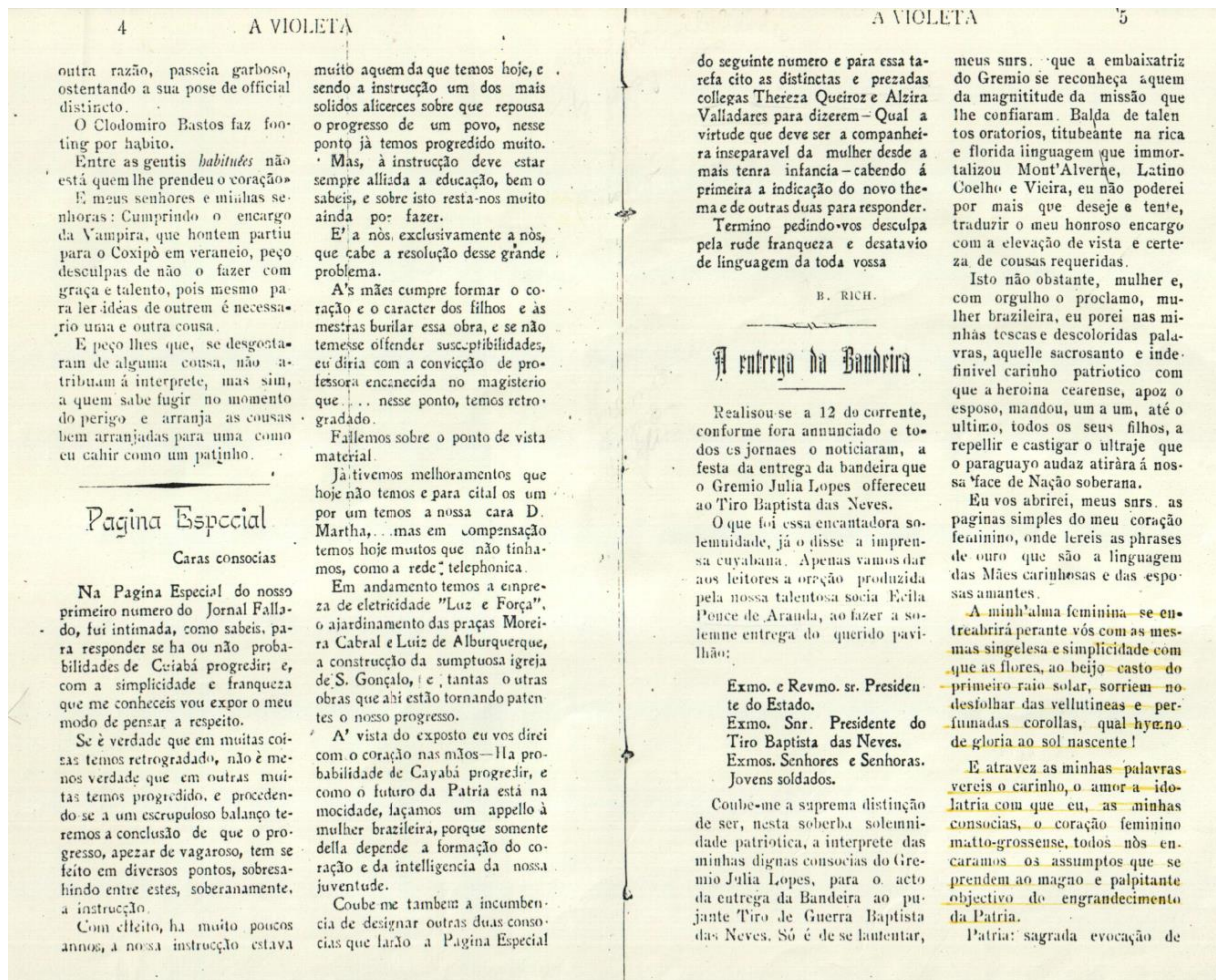
A presença do negro como professor punha por terra as concepções da “inferioridade” intelectual e moral do negro. Dada a teoria do branqueamento, era praticamente inaceitável que negros conseguissem transpor as barreiras impostas pelas representações de que somente os brancos teriam condições para transmitir conhecimentos durante o ato de educar. Por conta desses fatores, a “cor” poderia ser clareada ou omitida.

Suas atitudes como mulher solteira também foram salientadas por Gomes (2009, p. 85). Por exemplo, o fato de ir sozinha a eventos sociais, transgredindo os padrões de comportamento feminino para a época, conforme podemos observar no enunciado a seguir, que noticia a sua participação como madrinha de casamento.

Civil e religiosamente, uniram-se no dia 8 do corrente pelos laços matrimoniais, a prezada e graciosa Senhorita Maria Amália da Costa Gama e o Sr. Godofredo Albuquerque. Ambos os atos foram celebrados na residência dos pais do noivo, tendo servido de paraninheiros na cerimônia civil por parte da noiva o Sr. Dr. Caetano M. De Faria Albuquerque e sua Excelentíssima Esposa [...] e no religioso, [...] **Dr. Otílio da Gama e Excelentíssima Esposa e D. Bernardina Rich**. Ao jovem par desejamos um mundo de felicidades. (A VIOLETA, n. 18, 1917, grifo do autor).

Vale ressaltar que o fato das mulheres não terem seus nomes citados – eram meras *excelentíssimas esposas de fulano* – revela o apagamento identitário da mulher e a valorização da figura masculina. No caso de Bernardina Rich, isso não acontece, pois sua presença, enaltecida do evento, vem marcada e nomeada.

Apesar de encontrarmos poucos enunciados na revista atribuídos diretamente a sua pessoa, a não ser que ela utilizasse um dos vários pseudônimos que assinavam os textos, localizamos, na edição n. 41, de 18 de outubro de 1918, um exemplo em que Bernardina se dedica aos temas da educação e do progresso. Após consultarmos a referência e localizarmos o número, trazemo-lo, na íntegra.

Figura 30 – Texto de Bernadina Rich, *Pagina Especial*

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Transcrição da *Pagina Especial*

Caras consocias

Na Pagina Especial do nosso primeiro numero do Jornal Fallado, fui intimada, como sabeis, para responder se ha ou não probabilidades de Cuiabá progredir: e, com a simplicidade e franqueza que me conheceis vou expor o meu modo de pensar a respeito.

Se é verdade que em muitas coisas temos retrogradado, não é menos verdade que em outras muitas temos progredido, e procedendo-se a um escrupuloso balanço teremos a conclusão de que o progresso, apesar de vagaroso, tem se feito em diversos pontos, sobresahindo entre estes, soberanamente, a instrucção.

Com effeito, ha muito poucos annos, a nossa instrucção estava muito aquém da que temos hoje, e sendo a instrucção um dos mais solidos alicerces sobre que repousa o progresso de um povo, nesse ponto já temos progredido muito.

Mas, à instrucção deve estar sempre aliada a educação, bem o sabeis, e sobre isto resta-nos muito ainda por fazer.

E' a nós, exclusivamente a nós, que cabe a resolução desse grande problema.

A's mães cumpre formar o coração e o character dos filhos e às mestras burilar essa obra, e se não temesse ofender susceptibilidades, eu diria com a convicção de professora encanecida no magistério que nesse ponto, temos retrogradado.

Fallemos sobre o ponto de vista material.

Jà tivemos melhoramentos que hoje não temos e para cital os um por um temos a nossa cara D. Martha,...mas em compensação temos hoje muitos que não tínhamos, como a rede telephonica.

Em andamento temos a empresa de electricidade “Luz e Força”, o ajardinamento das praças Moreira Cabral e Luiz de Albuquerque, a construção da sumptuosa igreja de S. Gonçalo, e, tantas outras obras que ahi estão tornando patentes o mesmo progresso.

A’ vista do exposto eu vos direi com o coração nas mãos – Há probabilidade de Cuyabá progredir, e como o futuro da Patria está na mocidade, façamos um appello à mulher brasileira, porque somente della depende a formação do coração e da intelligencia da nossa juventude.

Coube me tambem a incumbência de designar outras duas consocias que farão a Pagina Especial do seguinte numero e para essa tarefa cito as distinctas e prezada colegas Thereza Queiroz e Alzira Valladares para dizerem – Qual a virtude que deve ser a companheira inseparavel da mulher desde a mais tenra infancia – cabendo á primeira a indicação do novo thema e de outras duas para responder.

Termino pedindo-vos desculpa pela rude franqueza e desatavio de linguagem da toda vossa
B. RICH.

Consideramos esse enunciado importante, pois consiste no único texto de autoria de Bernardina Rich que encontramos durante nossa pesquisa, a partir do qual podemos identificar seu posicionamento ideológico, demonstrando-se otimista em relação ao progresso de Cuiabá, porém ressaltando a necessidade de maior avanço na área educacional. Outros textos dela registrados em *A Violeta* se restringem a informações sobre balancetes e dados contábeis da revista.

Dando sequência à descrição biográfica das redatoras, tratemos de recuperar as informações sobre Benilde Borba de Moura, nascida em João Pessoa, Paraíba, em 1914. Veio mais tarde para Mato Grosso, Cuiabá, onde lecionou Desenho e atuou como Cartografista. Segundo Nadaf (1993, p. 57):

[...] deu início a sua carreira de magistério no Grupo Escolar Barão de Melgaço, da mesma cidade. Lecionou desenho, de 1936 a 1939, no Curso Complementar anexo à Escola Normal “Pedro Celestino” e, de 1945 a 1968, na Escola Industrial de Mato Grosso, e exerceu, também, a função de cartografista no Departamento Estadual de Estatística de Mato Grosso nos anos de 1939 a 1945.

Seguem foto de Benilde e um de seus desenhos:

Figura 31 - Foto de Benilde Borba de Moura



Fonte: Nadaf, (p. 56, 1993).

Figura 32 – Desenho de autoria de Benilde Borba de Moura



- Desenhista: Benilde Borba de Moura
- Técnica: Zincogravura
- Formato: 7x7cm
- Cor: Preta
- Lema: “Credidimus caritati”: Cremos no amor de Deus. (1 João 4,16).

in: “Arquivo Brasileiro de Ex Libris A-Z”, de Octávio de Campos Tourinho e Otto Floriano, 1950, pág.78.

Obs: Obtido com a colaboração do colecionador, Carlos Alberto Brantes, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

Fonte: Biblioteca Virtual José de Mesquita.

Nos anos em que ela assumiu a direção da revista, de maio de 1937 a julho de 1938, e o período de agosto de 1938 a abril de 1940, encontramos uma variedade de pequenas ilustrações ao longo das páginas. Tal fato ocorreu em outros momentos também, mas se intensificou nessa época, pois sendo desenhista, provavelmente deve ter colaborado com a revista na diagramação e ilustração das páginas.

Em entrevista concedida no dia 4 de maio de 2015, pela sua sobrinha Iolanda Fátima Apoitia Pedrosa, pudemos ter acesso a alguns desenhos geométricos ainda preservados de sua autoria, cujos traços espelham uma similaridade com as pequenas ilustrações, bordas e molduras presentes em *A Violeta*, conforme visualizamos, a seguir.

Figura 33: Desenhos geométricos elaborados por Benilde Borba de Moura



Fonte: Acervo da família de Benilde Borba de Moura (2015).

De acordo com Nadaf (1993), Benilde era escritora de prosa curta e poesia, e adepta da estética romântica. Escreveu mais de mil trovas assinando suas produções com as iniciais B.B., B. B. M., além de seu nome completo. Segundo Walker (2013, p. 102-103):

A lírica de Benilde Moura carrega imagens de sonho, alma, asas, voo, Deus, sol e luz. Todas elas, no entanto, parecem traduzir uma desilusão, um descontentamento para o qual o sujeito poético não encontra consolo. A experiência amorosa revela-se na esfera do sonho, espaço ao qual o eu lírico se reporta para elaborar as imagens que idealizam o amor.

Ainda em Nadaf (1993, p. 57-59), obtivemos as informações de que Benilde Moura²¹ fora representante por Mato Grosso do *Ex-libris* no Brasil para difusão no país e no exterior, indicada pela Academia Brasileira de Letras e com inscrição na Associação Brasileira de Imprensa. Pertenceu também à União Brasileira de Trovadores UBT, seção de Cuiabá, e fez parte do Grêmio Júlia Lopes.

Além disso, recebeu medalha de honra ao mérito pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, Escola Técnica Federal de Mato Grosso e Governo de Mato Grosso. Dentre as suas publicações, podemos citar a de 1969, pela Gráfica União de Cuiabá, *A serra dos mártiros*, que narra em nova versão duas lendas históricas do folclore mato-grossense com respeito às

²¹ Segundo entrevista concedida por José de Mesquita, então presidente da Academia Mato-grossense de Letras, a Roberto Fontes Gomes, em, 1957, Benilde Moura fora classificada como pintora, escritora e escultora. Disponível em: <<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjesquita.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

monções no oeste brasileiro e à busca do ouro e *Mal me quer, Bem me quer*, romance regional de ficção, de 1997.

Na revista *A Violeta* publicou variada produção nas décadas de 1930 e 1940: composições poéticas, pequenas narrativas literárias, contos e artigos de cunho histórico, cívico e educacional. Escreveu também para a Revista da Academia Mato-grossense de Letras, para os jornais *O Estado de Mato Grosso*, *A Cruz*, *Tribunal Liberal* e *Folha Matogrossense*.

Ainda segundo Nadaf (1993), sobre os artigos não literários, sua preocupação maior recaiu na temática educacional e nacionalista, como em *O estudo e suas consequências*, que destaca o estudo e suas vantagens. Na *Vanguarda* (*A VIOLETA*, n. 231, 232), ela responde aos ataques desferidos pelo artigo *Resfolegando*, do Jornal *A Cruz*, contra os *mestres*, e apresenta um novo sentido a essa palavra. No artigo *A escola normal*, da revista *A Violeta* n. 258, ela expressa argumentos a favor do fechamento da Escola Normal de Cuiabá do Governo do Estado. Além disso, escreveu variados artigos sobre fatos políticos como a Proclamação da República e a Independência do Brasil, ressaltando o papel de José Bonifácio nessa luta. Benilde faleceu em 8 de junho de 2010, em Cuiabá, aos noventa e seis anos.

Após esta breve descrição biobibliográfica das principais redatoras de *A Violeta*, podemos reconstruir o trajeto de suas formações socioculturais, o que nos remete novamente à rede de intelectuais que compunha os periódicos femininos da primeira metade do século XX. Portanto, tendo em vista a ampla produção literária e não literária dessas cuiabanas, com atuação na cidade e no restante do Estado, em termos políticos, de cidadania e filantropia, assim como considerável reconhecimento fora, em âmbito nacional e internacional, podemos dizer que Maria Dimpina, Maria Müller, Bernardina Rich, Benilde Moura, entre outras participantes do corpo editorial de *A Violeta*, levaram a cabo um projeto sociocultural, tendo a revista como veículo propagador, e o Grêmio Júlia Lopes como sede de onde irradiavam seus ideais.

Neste capítulo, contextualizamos a época das conquistas femininas, expondo alguns fatos que influenciaram desde o século XIX, o surgimento de *A Violeta*, bem como os que foram matérias de suas páginas, já na primeira metade do século XX. Em seguida, apresentamos um cenário dos diversos periódicos femininos que já existiam em nosso país no período, para, logo após, posicionar a Revista *A Violeta*, com suas principais características editoriais. A partir daí, discorreremos sobre a patronesse de *A Violeta*, Júlia Lopes de Almeida, numa breve descrição bibliográfica. Trouxemos, ao final, dados relacionados à formação sociocultural das principais redatoras e sua atuação na sociedade local.

Ao fazermos esse percurso, conseguimos afinar o nosso olhar de pesquisadora, focando um terreno mais consistente e trabalhando de forma mais consubstanciada, para que, nas análises propostas das vozes entrelaçadas no interior da revista, possamos dialogar com tais achados e embasar nossos argumentos em direção à hipótese por nós levantada e à tese por nós defendida.

O passo seguinte que objetiva fundamentar a pesquisa é explorar o nosso referencial teórico, de cunho bakhtiniano, a fim de mobilizar os conceitos que embasarão os procedimentos analíticos de nosso estudo. É sobre isso que tratará o próximo capítulo.

2 BAKHTIN E O CÍRCULO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A PESQUISA

2.1 Conceitos basilares: primeiros guias

Em nossa investigação, faz-se necessário definir de que modo compreendemos alguns conceitos advindos do arcabouço bakhtiniano, uma vez que eles constituem guias para um aprofundamento teórico em direção a uma análise efetiva de nosso *corpus*.

É partindo da concepção dialógica da linguagem, cerne do pensamento bakhtiniano, que podemos entender os conceitos de discurso, relações dialógicas, enunciado, texto, autoria, gêneros do discurso e vozes.

Para Bakhtin, toda enunciação constitui um diálogo fundado num processo ininterrupto, no qual não existe um enunciado isolado ou fechado em um único sentido, pois que todo ele pressupõe outros, os que o antecederam e os que o sucederão. Como o próprio Bakhtin (2011, p. 297) afirma: “Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem uns nos outros. [...] Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados [...]”. A partir desse pressuposto dialógico é que nos é possível analisar e compreender os diferentes discursos que são produzidos em variadas esferas, em tempos e espaços diversos, como por exemplo, os discursos veiculados na revista *A Violeta*.

Tendo por base o princípio dialógico da linguagem, é que Bakhtin, em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010a, p. 207), concebe o discurso como

[...] a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística [...] Por esse motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística.

Na sequência, Bakhtin (2010a, p. 210), ao tratar do discurso dostoiévskiano, aborda especificamente as relações dialógicas. Em suas palavras:

Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa.

Para o autor, as relações dialógicas são extralinguísticas e não se separam do campo do discurso, isto é, “[...] toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas”. (BAKHTIN, 2010a, p. 209).

No terreno do discurso, precisamos levar em conta não apenas a materialidade linguística, organizada conforme procedimentos de textualização, mas também e, sobretudo, os aspectos constitutivos das relações dialógicas, relacionados à autoria, à apreciação valorativa dos interlocutores e aos procedimentos de transmissão da palavra do outro, pautados nos processos ideológicos enraizados em determinado contexto sócio-histórico e cultural. Vale ressaltar que nos referimos a discursos sociais, históricos, culturais etc. que são caracterizados por relações dialógicas entre signos ideológicos, entre palavras, entre enunciados.

Para Bakhtin (2011, p. 274), o enunciado, nos estudos linguísticos, era então desconhecido ou desprezado. Em suas palavras:

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir.

Não podemos, portanto, dissociar *discurso* de *enunciado*; onde encontramos enunciados advindos de falantes participantes da vida da linguagem, ali encontramos discursos. Para Bakhtin e o Círculo, o conceito de enunciado não se separa do contexto extraverbal que o engendra, pois “[...] a característica distinta dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação [...]”. (VOLOSHÍNOV, s. d., p. 7).

Na perspectiva bakhtiniana, qualquer locução oral ou escrita é “[...] expressão e produto da interação social de três participantes: o falante (autor), o interlocutor (leitor) e o tópico (o que ou o quem) da fala (o herói)”. (VOLOSHÍNOV, s. d., p. 10).

Em nossa pesquisa, o conceito de enunciado concreto é essencial, visto que, ao considerarmos os textos veiculados em *A Violeta* como enunciados, levamos em conta os aspectos extraverbais, como, por exemplo, o momento sócio-histórico, os participantes da

situação de comunicação, a apreciação valorativa entre participantes e a entonação marcada nas pistas verbais e verbo-visuais.

Além disso, a respeito da análise dos enunciados, consideramos importante abordar a questão das coerções do discurso e das tensões constitutivas do processo de produção da linguagem. Sobre esses aspectos, ao tratar do texto *Os gêneros do discurso*, enfatizando a descrição que Bakhtin faz sobre as características do enunciado, os elementos que o determinam como exauribilidade, intenção discursiva e formas típicas composicionais de gênero e do acabamento, Faria e Silva (2010) salienta as relações entre o ato discursivo e as coerções culturais do gênero, frisando que há sempre uma tensão, pois *as relações dialógicas que se estabelecem entre os diversos discursos podem ser baseadas na tensão, no embate de ideias*.

Reconhecemos que as tensões se realizam em determinadas esferas, campos ou domínios ideológicos e se definem, conforme o Círculo, a partir da imbricação entre o semiótico e o ideológico. Segundo Grillo (2008, p. 147):

[...] a noção de campo/esfera está presente em toda a obra do Círculo de Bakhtin. Ela se constitui em importante alternativa para pensar as especificidades das produções ideológicas (obras literárias, artigos científicos, reportagens de jornal, livro didático, etc.), sem cair na visão imanente da obra de arte do formalismo nem no determinismo do marxismo ortodoxo. As esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros.

Dessa maneira, compreendemos que qualquer projeto discursivo que se constitui por uma unidade de sentidos, formada por textos e discursos, ocorre dentro de uma esfera ideológica e, conseqüentemente, a partir de suas condições de produção, circulação e recepção. Nos textos do Círculo, encontramos as expressões esfera ideológica ou campo ideológico, como em Bakhtin/Volochínov (2010, p. 33):

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem, diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. *É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.*

Assim, compreendemos as esferas como espaços constituídos sócio-historicamente e ideologicamente, que abarcam uma parcela do mundo, onde ocorrem as relações entre os sujeitos mediadas pela linguagem. Diante de tais considerações, nosso olhar, durante a leitura das edições da revista *A Violeta*, será conduzido para observar o funcionamento da esfera jornalística que, por sua vez, traduzia as especificidades e características da época, do contexto sociocultural e histórico, e das condições técnicas, no que concerne à produção gráfico-editorial. Evidenciaremos, ainda, as tensões advindas dos enunciados presentes na revista.

Não pretendemos nos ater à descrição das transformações históricas pelas quais passou a esfera jornalística. Entretanto, é importante ressaltar que vários aspectos que se estabilizaram ao longo do tempo, em relação ao jornal impresso, são essenciais para a apreensão dos sentidos produzidos a partir da circulação dos enunciados. Evidenciaremos, ao focar os enunciados da revista *A Violeta*, as características da esfera jornalística, investigando os aspectos e peculiaridades do projeto gráfico, do estilo das principais redatoras e, por fim, da configuração do plano de expressão verbo-visual.

Sobre esse último aspecto, recorremos a Brait (2008a, p. 84):

As particularidades de seu plano de expressão explicitam-se, e diferenciam-se de outros “veículos”, pelo fato de que tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e conseqüentemente a atuação conjunta. Isso pode ser constatado na organização dos cadernos e das páginas, na diversidade de tipos e tamanhos das letras utilizadas, nas mais diferentes combinatórias envolvendo texto-foto, foto-legenda, texto-ilustração. Esses elementos, somados a vários outros, caracterizam estratégias discursivas e textuais que, construídas e constituídas ao longo da história do jornal impresso, obrigam o analista a pensar determinadas questões de significação também a partir dessas particularidades.

Além de refletir sobre a esfera ou campo ideológico no qual se encontram os enunciados, os estudiosos do Círculo preocuparam-se em discorrer sobre a relação entre texto e enunciado. Em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2011, p. 308) concebe “[...] O texto como enunciado. [...] Dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção”.

Nessa mesma obra, Bakhtin (2011, p. 309-310) distingue dois polos do texto: como *dado*, conjunto de unidades repetíveis, e como *criado*, conjunto significativo singular. Ao último, ele denomina enunciado. Em suas palavras:

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado).

Apoiando-nos nessa distinção dos dois polos do texto, é possível compreender o que Bakhtin (2010, p. 127-128) vai denominar por *palavra bivocal*. Para ele,

O discurso bivocal sempre é internamente dialogizado. Assim é o discurso humorístico, irônico, paródico, assim é o discurso refratante do narrador, o discurso refratante nas falas dos personagens, finalmente, assim é o discurso do gênero intercalado: todos são bivocais e internamente dialogizados. Neles se encontra um diálogo potencial, não desenvolvido, um diálogo concentrado de duas vozes, duas visões de mundo, duas linguagens.

Na análise dos enunciados que compõem o *corpus*, procuraremos evidenciar se o entrecruzamento de vozes é marcado pela bivocalidade. Além desse conceito, outro aspecto de interesse de Bakhtin refere-se às relações entre os textos, às “[...] formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação”. (BAKHTIN, 2011, p. 319). No ensaio *Metodologia das ciências humanas*, Bakhtin (2011, p. 401) reafirma a importância das relações dialógicas entre textos:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de texto eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite).

Refletindo sobre *A Violeta* e os objetivos de nossa pesquisa, interessa-nos também evidenciar as vozes que expressam o posicionamento de sujeitos, por exemplo, entre redatoras e leitores, colaboradores e jornalistas ou escritores de outros periódicos. Assim, consideramos o material textual da revista não como um conjunto de textos autônomos, mas sim como enunciados concretos, com uma autoria determinada, dirigidos a certos interlocutores, produzidos num momento sócio-histórico situado, bem como em relação dialógica com outros enunciados.

Vale ressaltar que o conceito de texto por nós mobilizado, nessa pesquisa, integra não apenas a dimensão verbal, mas também a visual e a verbo-visual, de acordo com Brait (2009, p. 144):

Esse conceito ultrapassa a dimensão verbal, reconhecendo o visual, o verbo-visual, o projeto gráfico, como participantes da constituição de um enunciado concreto, que deve, portanto, ser analisado a partir das especificidades da natureza de seus planos de expressão e da esfera em que circula.

Como já citado anteriormente, para Bakhtin, *ganhar autor* é um dos pressupostos para que um texto possa ser concebido como enunciado, um projeto discursivo em que haja participantes envolvidos em uma dada situação. Ou seja, a autoria é constitutiva e determinante na gênese da linguagem, principalmente na seleção das formas linguísticas que farão parte dos enunciados.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010a, p. 210), Bakhtin esclarece quais poderiam ser as formas desse autor:

[...] todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador. Podemos não saber absolutamente nada sobre o autor real, como ele existe fora do enunciado. As formas dessa autoria real podem ser muito diversas. Uma obra qualquer pode ser produto de um trabalho de equipe, pode ser interpretada como trabalho hereditário de várias gerações, etc., e, apesar de tudo, sentimos nela uma vontade criativa única, uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente. A reação dialógica personifica toda enunciação à qual ela reage.

A questão da autoria em Bakhtin é central, já que a partir dela advêm categorias para que possamos compreender sua concepção de estética. Para ele, o autor não é o autor biográfico (autor-homem), mas também não é o narrador, e sim o autor-criador, constitutivo do processo humano de criação da linguagem. Assim, nessa perspectiva, entendemos que o autor-criador não se confunde com o autor-pessoa.

O teórico ainda defende que o autor-criador responde ativamente e axiologicamente a determinado conteúdo, ou seja, seleciona palavras da vida e não do dicionário, impregnadas de julgamento de valor. Dessa maneira, ao apreender um tema, o autor o relaciona com sua esfera de atividade, e estabelece um diálogo com outros autores e discursos de outras esferas, do mesmo contexto sócio-histórico ou de tempos e espaços distintos. Dessa forma, compreendemos que o pensamento bakhtiniano a respeito da produção da linguagem busca congrega autoria, estilo, forma, valoração e relações dialógicas.

Vemos aqui uma analogia com o sujeito discursivo e o sujeito empírico, distinção presente nas teorias do discurso de forma geral, que explicita a autoria não relativa à pessoa física do autor, mas a sua constituição discursiva nos enunciados. Portanto, quem fala é o sujeito discursivo, que se enuncia no texto através de uma ou várias vozes. É importante, também, a figura do autor-contemplador, que constitui o processo interlocutivo. Da mesma forma, cabe explicitar a noção de autoria para Bakhtin, a qual consideramos, em nossa pesquisa, não apenas como uma autoria reconhecida na esfera literária, mas também numa perspectiva ampliada. Nas palavras de Sobral (2009, p. 61):

Ao falar do sujeito, falamos de passagem de enunciado e dissemos que o enunciado tem um autor. Isso pode parecer estranho, pois autor é uma palavra muito carregada que não costuma ser usada para designar o “mero” agente de enunciações “corriqueiras”. Pode-se dizer que por autor o Círculo designa não somente o autor de obras, literárias ou não, mas também o autor de enunciados, o que se justifica se pensarmos que, embora reconhecendo a especificidade dos discursos aos quais se costuma atribuir um autor, o Círculo considera os atos de discurso parte do conjunto dos atos humanos em geral – e todo agente de um ato humano é, nesse sentido, “autor” de seus atos. Assim, falar de autor no âmbito das teorias do Círculo implica pensar no contexto de ação dos sujeitos, e nas complexas tarefas que realizam ao enunciar. Implica considerar, como afirmei alhures, de um lado, o princípio dialógico (que segue a direção do interdiscurso, da relação com o outro) e, do outro, os elementos sociais, históricos etc. que formam o contexto da interação e que incidem sobre a ação autoral.

É de nosso interesse verificar se essa visão ampliada de autoria pode contribuir para interpretar a participação das autoras dos enunciados de nosso objeto, que, por sua vez, também mobilizavam formas, para dar contornos aos seus textos, de acordo com os julgamentos de valor ancorados nos processos ideológicos da época. Além disso, conforme já anunciamos neste mesmo capítulo, nosso propósito investigativo será também verificar o estabelecimento de diálogo entre as autoras com escritores/jornalistas de outros periódicos.

Tratamos, pois, dos conceitos de discurso, relações dialógicas, enunciado, texto e autoria. Estes elementos estão intimamente articulados e ligados à noção de gênero discursivo. Para Bakhtin (2011), o enunciado singular constitui a unidade da comunicação discursiva e, ao longo do tempo, ao se estabilizar relativamente em determinada esfera, gera o chamado gênero do discurso. Dessa forma, enunciado e gênero estão inter-relacionados, sendo que tomamos o primeiro como materialização do segundo, situadamente em um tempo e espaço específicos, numa interação única.

Em várias obras do Círculo, podemos encontrar uma discussão a respeito dos gêneros. Em *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Medviédev (2012, p. 193) aborda a questão do gênero argumentando que este não fora compreendido pelos formalistas, que se ativeram apenas às questões composicionais. Afirma que qualquer poética deve partir do gênero, pois este “[...] é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado”.

Importante realçarmos a distinção de Medviédev sobre a dupla orientação dos gêneros: para a vida e para o interior dos textos, que acontecem sempre em determinado lugar, em determinadas circunstâncias. Segundo o autor “[...] em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático”. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195). Na primeira orientação, a obra pressupõe um endereçamento, ou seja, um “[...] auditório de receptores ou leitores, esta ou aquela reação deles, esta ou aquela relação entre eles e o autor”. (MEDVIÉDEV, 2012, p. 195).

Para Bakhtin (2011, p. 262), o gênero apresenta três elementos constitutivos: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, concebidos de forma articulada e integrada, “[...] indissolivelmente ligados no todo do enunciado” e “[...] igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Em nossa pesquisa, tal campo se refere à comunicação jornalística.

Embasados na concepção bakhtiniana, compreendemos conteúdo temático não como assunto de um texto, mas por aquilo que é possível de ser dito em um determinado gênero, por exemplo: ao falarmos de carta de amor ou de procuração, já podemos antecipar, salvo criativas exceções, qual conteúdo o enunciado apresentará em um gênero ou em outro.

Medviédev (2012, p. 195-196), ao tratar da unidade temática do gênero, explicita:

Porém, não é menos importante a determinação interna e temática dos gêneros. Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela.

No tocante à construção ou forma composicional, Bakhtin refere-se à organização das partes do enunciado, compreendendo até mesmo elementos gráficos e de diagramação que caracterizam determinado gênero, por exemplo: um poema ou uma tirinha. No caso específico de *A Violeta*, vamos buscar, na forma composicional, a presença da verbo-visualidade como constitutiva dos enunciados.

Já, em relação ao estilo, Bakhtin (2011) afirma tratar-se da seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua e acrescenta que há uma certa tensão entre o estilo individual e o estilo do gênero, dependendo da esfera em que esse gênero é produzido. Por exemplo, em termos gerais, na esfera literária, prevalece o estilo individual e, nas esferas burocrática e jurídica, prevalece o estilo do gênero ali produzido. Segundo o teórico russo:

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. [...] As condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, por exemplo, em muitas modalidades de documentos oficiais, de ordens militares, nos sinais verbalizados da produção, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 265).

A relação entre estilo e gênero é abordada em relação aos estilos de linguagem ou funcionais. Em sua visão, “[...] os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação”. (BAKHTIN, 2011, p. 266).

O autor igualmente argumenta que mudanças históricas dos estilos estão intimamente ligadas a mudanças dos gêneros do discurso, ou seja, para compreendermos como os estilos sofrem alterações, é preciso fazer uma análise da história dos gêneros, já que estes “[...] refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Considerando tal afirmação, entendemos ser necessário investigar os reflexos das mudanças sociais nos usos da linguagem, nos gêneros presentes em nosso *corpus*, pois “[...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. (BAKHTIN, 2011, p. 268).

Em nossa pesquisa, constitui-nos um desafio perceber nuances de estilo, ou seja, variações entre os diferentes usos e empregos lexicais, ortográficos, gramaticais das redatoras e o que era regido pelas normas da época, tendo em vista a distância temporal entre a língua portuguesa atual e a utilizada no período de circulação do periódico. Mesmo em relação aos sentidos ali produzidos, temos consciência da distância espacial e temporal entre a esfera de produção dos enunciados e as coordenadas de nosso olhar de analista.

A respeito da tensão entre o estilo de gênero e o estilo de autor, podemos retomar aquilo que Bakhtin denomina por *criado*, ou o segundo polo do texto: “Esse segundo polo é

indissolúvelmente ligado ao elemento da autoria e não tem nada em comum com a singularidade natural e causal [...]”. (BAKHTIN, 2011, p. 310). Assim, compreender como os enunciados de *A Violeta* se organizam linguisticamente e discursivamente permite-nos desvelar o segundo polo e caracterizar o estilo das redatoras da revista.

Ao tratarmos dos três elementos constituintes do gênero, consideramos importante apresentarmos o conceito de arquiteônica, já que este envolve tanto o estilo, como a forma composicional e o tema de um enunciado, vinculando-se à questão autoral. Compreendemos que tudo que se refere à arquiteônica envolve a imbricação entre elementos de linguagem reunidos e a produção de sentidos, concebidos como uma totalidade.

A produção de um enunciado concreto qualquer, por um autor (locutor) para um ouvinte (leitor, interlocutor, contemplador), sempre ocorrerá em um determinado gênero. Assim, ao tentarmos compreender as relações estabelecidas entre os participantes da interação verbal, produzindo enunciados em determinados gêneros, estaremos vislumbrando a arquiteônica desses enunciados.

A respeito de *A Violeta*, indagamos: Qual será a sua arquiteônica? Para tanto, teremos que conceber como a revista funciona discursivamente, a partir das vozes de suas redatoras, influenciadas pelos discursos da época provenientes de diversas fontes, sobretudo dos periódicos femininos que circulavam e da literatura produzida já pelas mulheres, como é o caso de Júlia Lopes de Almeida.

Podemos, ainda, estabelecer diferentes relações entre as redatoras, os enunciados por elas produzidos, os pseudônimos por elas assumidos, e investigar a presença de ressonâncias de outras vozes. Assim, por exemplo, qual a relação entre o texto escrito, seus elementos selecionados (estilo) e os interlocutores da revista (as mulheres, os homens, os governantes etc.)? Qual a vinculação, ainda, entre o conteúdo (e as formas também), dos textos produzidos pelas redatoras e o discurso proveniente da obra de Júlia Lopes de Almeida? Ao considerarmos, portanto, esses elementos na análise do *corpus*, estaremos investigando a arquiteônica de *A Violeta*. Ou seja, compreendemos que pensar a arquiteônica é evidenciar como funciona uma rede discursiva, e as possíveis respostas advindas dali, ou seja, sempre a questão da responsabilidade/responsabilidade estará presente.

Ao refletirmos, ainda, sobre arquiteônica, é preciso considerar o que Bakhtin chama de “tom emocional-volitivo”, que está relacionado à valoração e desejo de dizer (projeto discursivo), constituinte da tensão entre os envolvidos no processo interlocutivo, tanto o autor-criador, quanto o autor-contemplador (tensão entre o projeto discursivo do autor e a recepção efetuada pelo contemplador). A autoria imprime aos enunciados determinado “tom”

que aponta para uma posição ideológica. Ao refletirmos sobre os enunciados de *A Violeta*, nossa investigação poderá perceber, nas pistas dos planos verbal, visual e verbo-visual, qual é o tom emocional-volitivo impresso aos enunciados.

É importante salientarmos que investigar ou compreender a arquitetônica de uma rede discursiva é uma construção do pesquisador, e o resultado advém de uma leitura atenta, comprovadamente com os elementos presentes nos textos e suas correlações.

Com maior ou menor distanciamento dos discursos que circulam numa época, os enunciados se caracterizam, na visão de Bakhtin/Volochínov (2010), pela assimilação da palavra de outrem. A terceira parte da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* é dedicada a essa questão. Nela, articula-se, principalmente, a teoria da enunciação a problemas sintáticos, através da explicitação de características discursivas das variadas formas de presença do discurso de outrem.

Primeiramente, um dos aspectos que nos chama a atenção consiste nas considerações de Bakhtin/Volochínov a respeito do parágrafo, entendido por eles como a divisão do discurso em partes. Para os autores, o parágrafo é o elemento que faz uma estrutura análoga ao diálogo, uma vez que entre um parágrafo e outro há ajustes prevendo a reação do leitor ou ouvinte. Apesar de isso ocorrer em uma enunciação monológica, há uma pressuposição de que o receptor contribui na construção enunciativa. De acordo com Bakhtin/Volochínov (2010, p. 147):

A composição sintética dos parágrafos é extremamente variada. Eles podem conter desde uma única palavra até um grande número de orações complexas. Dizer que um parágrafo deve conter a expressão de um pensamento completo não leva a nada. [...] Os tipos clássicos de parágrafo são: pergunta e resposta (o autor faz as perguntas e dá as respostas); suplementação; antecipação de possíveis objeções; exposição de aparentes incoerências ou contradições no próprio discurso, etc.

Ressaltamos também a discussão de Bakhtin/Volochínov sobre como o falante pode se apropriar do discurso do outro e reproduzi-lo por meio do discurso citado, fazendo com que o discurso de outrem se torne parte da enunciação do falante. Em suas palavras, discurso citado é “[...] o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 150).

Segundo os autores, ao utilizar o discurso do outro na sua enunciação, o falante faz ajustes sintáticos e estilísticos do discurso, conservando a autonomia primitiva do discurso de outrem. Há, nessa transmissão, uma relação ativa de enunciação que faz com que o conteúdo

semântico e a estrutura da enunciação não se diluam totalmente no discurso citado, pois eles se mantêm estáveis para que seja compreendido o limite entre a fala do falante e a do discurso citado. Assim, a presença da palavra do outro em qualquer discurso envolve, para além dos aspectos sintáticos e estruturais, a produção de sentidos.

Ainda na visão de Bakhtin/Volochínov (2010), os discursos direto e indireto são as formas padrões para se trabalhar com o discurso citado, e tomam forma de acordo com as tendências dominantes sociais da apreensão do discurso que podem exercer um papel regulador, estimulante ou inibidor ao transmitir o discurso de outrem. A escolha entre um tipo de discurso ou outro ocorrerá de acordo com a época, grupo social e relação entre os falantes de uma determinada comunidade.

A inter-relação dinâmica da enunciação e do discurso citado pode ser dividida, segundo o autor, em dois estilos: o linear e o pictórico. O estilo linear é mais impessoal, gerando uma apreensão apreciativa muito baixa ou quase nula, pois há um grau ideológico autoritário e dogmático no discurso do outro que não poderá ser transmitido se o discurso citado não for feito quase que exatamente igual ao que foi dito. Durante a transmissão do discurso citado em estilo linear, sabe-se bem qual discurso é o citado e qual é o do narrador.

O estilo pictórico já é diferente. Nele, o discurso citado mistura-se com o discurso do narrador e não se nota qual parte da enunciação é o discurso do autor e qual é o discurso citado. Há o uso do discurso indireto e do discurso indireto livre, enquanto que no linear há o uso do discurso direto em suas muitas variedades. A evidência de variados tipos de discurso transmissores do discurso de outrem, a partir das ideias de Bakhtin/Volochínov, pode contribuir para as nossas análises ao tratarmos das possibilidades da presença dos discursos citados em *A Violeta*.

Aproveitamos, ainda, a teorização que Bakhtin (2010) empreende a respeito das *formas de presença do discurso de outrem* e sobre as *palavras autoritária e internamente persuasiva*. Tais noções são formuladas na quarta parte do texto *O Discurso no Romance*, denominada *A pessoa que fala no romance*, em que o teórico russo, para desenvolver uma reflexão sobre o sujeito que fala no romance e sobre as questões da representação literária no discurso de outrem, vê como necessário “[...] abordar o significado do tema do sujeito que fala e sua palavra dentro da esfera extraliterária da vida e da ideologia”. (BAKHTIN, 2010, p. 139). Através de variados exemplos, Bakhtin, nessa mesma página, chama-nos a atenção para as diferentes formas de transmissão do discurso de outrem, salientando, sempre, que neste processo há profundas transformações de significado:

Pode-se mesmo dizer: fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações; indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc.

A respeito da palavra autoritária, Bakhtin (2010) a descreve como um discurso unido à autoridade, reconhecido no passado e que impõe uma escrita especial, incontestável, exigindo um reconhecimento incondicional. Em sua visão, a palavra autoritária não se representa, mas é transmitida e pode encarnar diferentes conteúdos como o autoritarismo, o tradicionalismo, o universalismo etc.

Não é possível, ainda, à palavra autoritária, imprimirmos diferentes sentidos, conforme assinala o autor: “É muito mais difícil introduzir modificações de sentido com a ajuda do contexto que o enquadra, sua estrutura semântica é imóvel e amorfa, ou então é acabada e monossêmica, seu sentido se refere ao pé da letra, se torna rígido”. (BAKHTIN, 2010, p. 144).

Já a palavra persuasiva, para Bakhtin, é bastante diferente da palavra autoritária. Coloca-se como determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual e provoca, ao mesmo tempo, um conflito tenso no interior por conta da produção de diferentes pontos de vista verbais e ideológicos, aproximações, tendências, avaliações.

Assim, sua estrutura semântica é aberta, e se constitui numa palavra contemporânea que se orienta para um homem contemporâneo. Há, na palavra internamente persuasiva, ainda, uma interação máxima da palavra do outro com o contexto e um inacabamento de sentido.

Bakhtin (2010, p. 145-146) nos esclarece que

À diferença da palavra autoritária exterior, a palavra persuasiva interior no processo de sua assimilação positiva se entrelaça estreitamente com a ‘nossa palavra’. No fluxo de nossa consciência, a palavra persuasiva interior é comumente metade nossa, metade de outrem. Sua produtividade criativa consiste precisamente em que ela desperta nosso pensamento e nossa nova palavra autônoma [...] adaptando-se ao novo material, às novas circunstâncias, a se esclarecer mutuamente, com os novos contextos.

Na dinâmica relação estabelecida entre a fala do enunciador e o discurso citado, podemos verificar variados efeitos de sentido que são instaurados através da inserção da voz de outrem no discurso, apontando para diferentes posições ideológicas ali inscritas.

Assim, todo enunciado já vem marcado por outras apreciações, instaurado por diferentes vozes, num sentido dialógico mais amplo que a situação imediata de comunicação.

Isto quer dizer que a concepção de diálogo não se refere apenas à interação face a face de duas pessoas, mas diz respeito às plurais e polissêmicas vozes dos “eus” identitários possíveis, ou seja, aqueles que envolvem as inscrições históricas, sociais e político-ideológicas. Para o teórico russo, produzir enunciados em um determinado gênero constitui uma escolha determinada por vários aspectos da relação entre os interlocutores (BAKHTIN, 2011), que determinam, por assim dizer, a estrutura da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010).

Da mesma forma, em diversos momentos, a autoria institui no texto o *outro*, marcando, por exemplo, por formas de chamamento, vocativo ou qualificadores, a interlocução. Entendemos que toda linguagem é constituída a partir das relações dialógicas, das quais as vozes emergem. Elas representam não somente a voz de quem fala, mas dos sujeitos ali representados, com suas visões de mundo, valorações, pontos de vista, que responderam a outras vozes em determinado momento, e cujos sentidos de seus enunciados são atualizados no presente de acordo com o projeto discursivo do falante e já suscitam respostas futuras. A forma como esses enunciados são elaborados e materializados pode, portanto, revelar quem fala, ou seja, as vozes sociais.

Sobre o conceito de vozes, apoiamo-nos em Bubnova (2011, p. 276), ao afirmar que “[...] cada voz possui sua cronotopia – sua raiz espaço-temporal – que a situa como única, e sua ideologia, que a identifica como entidade social. Voz se identifica com opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica”.

A voz é encarnada em uma rede dialógica, que se inicia a partir de um dos participantes da enunciação, em uma dada situação de comunicação, constituída numa tensão de produção de sentidos, estando propícia à geração de novos sentidos num dado tempo, no devir.

Segundo a pesquisadora, Bakhtin explora a questão da reprodução da voz ou da palavra alheia. Conforme a perspectiva dialógica da linguagem, em cada palavra há traços da voz de quem a pronunciou antes. A autora ainda retoma o conceito de bivocalismo, o qual já explicitamos neste mesmo capítulo, que seria uma *palavra a duas vozes*, como ocorre, por exemplo, na ironia. Em sua compreensão, na bivocalidade, podemos perceber dois pontos de vista, duas posições em tensão. Assim, o processo de compreensão da palavra do outro desloca o sentido original, atualizando-o no momento da retomada. Ao citarmos o enunciado de alguém, nunca conseguimos fazê-lo plenamente, tendo em vista a historicidade constitutiva do movimento de produção da linguagem.

Amorim (2002, p. 9-11), ao propor uma *teoria das vozes* para a análise de textos nas Ciências Humanas, acaba por fazer uma espécie de *tipologia*, elencando quatro pontos. O

primeiro diz respeito à voz do destinatário, considerada por Bakhtin como um coautor do enunciado. Ancorando-se no princípio dialógico da linguagem, podemos compreender essa voz do ponto de vista do discurso, pois *A não é nunca idêntico a A*. Isto é, na questão do discurso relatado ou citado, não se pode recuperar o sentido primeiro do que foi dito no ato de produção, pois o texto se constitui sempre a partir de um novo contexto.

Outro aspecto relevante apontado pela autora diz respeito à distinção entre destinatário suposto e o destinatário real ou sobredestinatário. O primeiro é constitutivo do processo de produção do enunciado e, segundo Amorim (2002, p. 9-10), “[...] faz que um texto seja sempre um texto de seu tempo e de seu meio”. O segundo, por sua vez, “[...] libera o texto das limitações de seu contexto, projetando-o naquilo que Bakhtin nomeia *grande temporalidade*: um tempo futuro, desconhecido e imprevisível em que o texto poderá ser acolhido e, ao mesmo tempo, reconstruído de outro modo”. (AMORIM, 2002, p. 9-10).

O terceiro ponto trata das vozes do objeto, dentro do contexto das Ciências Humanas. Para a autora, todo objeto já é um objeto falado e, na perspectiva bakhtiniana, também um objeto falante. Como o objeto é um sujeito produtor de discursos, neles há vozes a serem ouvidas.

O quarto e último tópico apresentado por Amorim (2002, p. 11) traz a distinção de duas vozes: do autor e do locutor. Trata-se de uma observação sobre a abordagem enunciativa do texto, ou seja, a “[...] distinção entre lugar do autor e lugar do locutor, que outros preferem chamar de sujeito da enunciação e sujeito do enunciado”. No caso de *A Violeta*, podemos considerar aqui a figura das redatoras e seus pseudônimos.

Em síntese, podemos compreender que o conceito de vozes para Amorim circunscreve-se a quem fala (o enunciator), para quem se fala (o destinatário) e sobre o que se fala (o objeto). Destes três elementos, advêm as vozes que podem ser desveladas nos textos. Considerando estes tópicos evidenciados pela autora, procuraremos, durante a análise de nosso *corpus* explorar estes aspectos, para, da mesma forma, identificar as vozes ali presentes nos diferentes enunciados da revista.

Da mesma forma, consideraremos as vozes a serem identificadas como posicionamentos sociais, axiológicos, cuja presença pode se dar de forma explícita nos enunciados, através dos diferentes recursos de citação dos discursos de outrem, bem como de forma velada, identificada através de indícios discursivos de diferentes ordens, constitutivos da dimensão verbo-visual. Para VOLOSHÍNOV (s.d., p. 7), as formas escolhidas por um autor são determinadas por julgamentos de valor, por *avaliações sociais não articuladas*, que consistem no que o autor denomina por presumido, avaliações sociais básicas não enunciadas,

mas que “[...] estão na carne e sangue de todos os representantes desse grupo; elas organizam o comportamento e as ações; elas se fundiram, por assim dizer, com os objetos e fenômenos aos quais elas correspondem, e por essa razão elas não necessitam de uma formulação verbal especial”.

Outro conceito que se articula ao presumido é o de *entoação avaliativa*. Este conceito, mobilizado por Bakhtin e o Círculo em alguns momentos no conjunto das obras, vincula-se, indissolivelmente, ao processo interlocutivo, ao julgamento de valor entre os participantes da interação. A compreensão da *entoação avaliativa* nos é dada para além do verbal, e está, no dizer de VOLOSHÍNOV (s.d., p. 8), “[...] sempre na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito”.

VOLOSHÍNOV (s.d., p. 10) ainda nos alerta para o fato de que a entoação está orientada para duas direções:

Como vemos, então, cada instância da entoação é orientada em *duas direções*: uma em relação ao interlocutor como aliado ou testemunha, e outra em relação ao objeto do enunciado como um terceiro participante vivo, a quem a entoação repreende ou agrada, denigre ou engrandece. *Esta orientação social dupla é o que determina todos os aspectos da entoação e a torna inteligível*. E a mesmíssima coisa é verdadeira para todos os outros fatores dos enunciados verbais: eles são todos organizados e tomam forma, sob todos os aspectos, no mesmo processo da *dupla orientação* do falante; esta origem social só é mais facilmente detectável na entoação porque ela é o fator verbal de maior sensibilidade, elasticidade e liberdade.

Ao considerarmos este conceito como possível de ser utilizado na análise dos enunciados de *A Violeta*, temos que pensar numa entoação inserida na escrita e nos diferentes aspectos que envolvem a impressão do texto jornalístico, ou seja, a diagramação, a escolha do tipo e tamanho de fontes, o uso de itálico e negrito, a extensão e posicionamento dos textos, os acentos apreciativos marcados pelo emprego de elementos como aspas, travessões, reticências. Todo esse aparato que, em nossa pesquisa, será investigado na dimensão verbo-visual poderá apontar para uma entoação ou outra.

Contudo, isso só poderá ser afirmado se pudermos, durante o processo de análise dos dados, através do conhecimento da situação sócio-histórica, reconhecer e traçar o perfil dos interlocutores, bem como identificar os objetos e as apreciações valorativas sobre os objetos tratados nos enunciados pelas redatoras da revista. Assim, ao longo das análises, poderemos apresentar exemplos da presença da entoação avaliativa nos enunciados selecionados, e verificar como esse conceito pode se articular aos demais, constituindo as redes discursivas de *A Violeta*.

Além dos conceitos aqui descritos, apoiamo-nos ainda em Dahlet (2006) e Puzzo (2014) para uma compreensão discursiva dos empregos dos sinais de pontuação e recursos da escrita, já que esses aspectos são bastante relevantes na revista *A Violeta*, pois sugerem a produção de diferentes efeitos de sentido dos enunciados, contribuindo para o estabelecimento das relações dialógicas e marcando os posicionamentos axiológicos das redatoras.

Na próxima seção, trataremos das questões teóricas que envolvem a verbo-visualidade.

2.2 A verbo-visualidade como possibilidade investigativa

Um aspecto importante para a nossa tese é a dimensão verbo-visual dos enunciados, constitutiva do plano de expressão e do conteúdo, e que vem sendo pesquisada por Brait, na perspectiva bakhtiniana, em diferentes obras (2016; 2014; 2013; 2013a; 2012; 2012a; 2012b; 2012c; 2012d; 2011; 2010; 2009; 2009a; 2009b; 2009c; 2008; 2008a; 2008b; 2008c; 2007; 2007a; 2006; 2005; 2004; 1997). Trata-se, sobretudo, da consideração de uma sintaxe verbo-visual, em que não podemos trabalhar apenas um dos elementos separadamente, o verbal ou o visual, e sim como um conjunto integrado para a produção de sentidos.

Em várias obras do Círculo, encontramos referências à consideração dos enunciados não-verbais, o que nos autoriza a utilizar também os conceitos bakhtinianos no processo de análise dos planos de expressão visual e verbo-visual.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010a, p. 211), ao tratar das relações dialógicas entre enunciados, aborda a questão:

Lembremos para concluir que, numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria *sígnica*. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística.

Na obra *Estética da criação verbal* (2011), encontramos também em dois textos referências à linguagem não-verbal: *O autor e a personagem na atividade estética* e *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*.

No primeiro texto, no capítulo 2, Bakhtin vai tratar do excedente da visão estética. A respeito dos limites da percepção, nossos horizontes concretos não coincidem uns com os outros, uma vez que sempre ocuparemos uma posição que o outro não ocupa. Bakhtin denomina essa característica comum como *excedente de visão*, que está relacionada à singularidade e à alteridade do sujeito no mundo.

Para definir a questão do *excedente de visão*, Bakhtin (2011, p. 23) utiliza-se de uma analogia:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste.

Na percepção do broto, enquanto algo possuidor de uma forma que desabrochará numa determinada planta, é necessário que ultrapassemos o limite de uma visão direta e imediata. Do mesmo modo, na criação verbalizada é importante que completemos o horizonte do *outro* sem perder de vista sua originalidade.

A título de ilustração, podemos pensar na percepção de um todo concreto a partir de uma cena dramática em um filme. Para tanto, precisamos considerar o lugar que o espectador ocupa. Na interação entre os sujeitos, observamos o sofrimento do outro a partir do compartilhamento daquilo que é vivido numa espécie de intercâmbio. No entanto, podemos nos solidarizar com esse sofrimento do outro sem nos fundirmos com ele, uma vez que ocupamos lugares diferentes. Nas palavras de Bakhtin (2011, p. 23):

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

Nessa ação de contemplação, conseguimos perceber o tom volitivo-emocional de sofrimento pela visão do mundo concreto, sendo possível dividir essa ação em dois momentos distintos, a compenetração e o acabamento. Na fase de compenetração, necessitamos nos colocar no lugar do outro, retornando posteriormente ao nosso lugar, dando acabamento ao material observado.

Essa atitude implica a participação ativa do interlocutor por meio de uma ação enérgica e intensa, na qual esse processo é denominado de *ativismo* por Bakhtin, diferindo do vocábulo *atividade*, que pressupõe um trabalho sem intensidade ou dinamismo.

As considerações a respeito do excedente de visão levam o autor a se indagar sobre a imagem externa: “Como vivenciamos a nossa própria imagem externa e a imagem externa no outro?” (BAKHTIN, 2011, p. 25). Em seu entendimento, nossa imagem externa não se une ao

horizonte real da visão, mas chega ao campo dos sentimentos por meio dos nossos pensamentos que situam nosso corpo no mundo exterior em relação aos outros elementos que o rodeiam, sem necessariamente possibilitar-nos uma visão efetiva desse todo, mas proporcionando o vivenciamento da nossa imagem externa a partir da impressão que produzimos no *outro*.

Diante dos olhos do outro, não conseguimos ver nosso verdadeiro rosto, mas somente nossa máscara; do mesmo modo, ao nos contemplarmos diante do espelho, conseguimos ver a imagem externa apenas pelo reflexo dela e não a imagem que nos envolve como um todo.

Pensar a imagem refletida no espelho é um exercício que leva em conta, na perspectiva do excedente de visão, uma análise que não é verbal, mas sim visual. Dessa maneira, Bakhtin, nesta obra, fornece-nos também elementos para a compreensão dos enunciados não-verbais.

Já em *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2011, p. 307) considera o texto de forma ampla: “Se entendido o texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)”.

No livro *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Medviédev (2012, p. 48), ao tratar do *Caráter concreto e material do mundo ideológico*, também considera os diferentes materiais semióticos:

Todos os produtos da criação ideológica – obras de arte, trabalhos científicos, símbolos e cerimônias religiosas, etc – são objetos materiais e partes da realidade que circundam o homem. É verdade que se trata de objetos de tipo especial, aos quais são inerentes significado, sentido e valor interno. Mas todos esses significados e valores são somente dados em objetos e ações materiais. Eles não podem ser realizados fora de algum material elaborado.

Os diferentes materiais semióticos que Medviédev (2012, p. 48-49) assinala encarnam as diferentes concepções ideológicas que envolvem o ser humano. Portanto, temos que considerá-los numa análise das relações dialógicas de enunciados de diferentes materialidades:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem.

O autor traz, portanto, esses traços de consideração ideológica do material não-verbal, fato que será mais amplamente explorado em obra do Círculo, *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Nesta, Bakhtin/Volochínov articulam o conceito de signo ao de ideologia, acrescentando que: “E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 31).

Mais adiante, os autores vão argumentar sobre a relação entre o discurso interior e os signos não-verbais:

Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 38).

Ao percorrer todas essas obras, podemos nos assegurar da contribuição da teoria bakhtiniana para o estudo dos enunciados cuja constituição se apresenta para além da materialidade verbal, conjugando elementos visuais e verbo-visuais. Dessa forma, voltaremos nosso olhar, com as lentes bakhtinianas, para a produção de sentidos realizada pela dimensão verbo-visual nos enunciados da revista *A Violeta*.

Os primeiros trabalhos de Brait que integram o termo verbo-visual datam de 1996, ano da primeira edição da obra *Ironia em Perspectiva Polifônica*. Nela, a autora desenvolve todo um estudo sobre a ironia, utilizando como objeto de análise as primeiras páginas de jornais de circulação nacional.

Nesse estudo, ela considera que o conjunto de elementos dos diferentes planos de expressão, verbal e visual, uma *espécie de colagem verbo-visual*, contribui para apreensão dos efeitos de sentido. Por exemplo, numa análise da primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 7 de janeiro de 1991, Brait (2008 a, p. 45) destaca que:

Entretanto, é a diagramação – o projeto gráfico da página, a maneira de colocar as informações verbais e visuais nesse espaço – que propõe o conjunto, a possibilidade de leitura e interpretação dos dois acontecimentos como se a foto fizesse referência à manchete e vice-versa. A foto está emoldurada pelas seqüências verbais e as seqüências verbais têm como centro catalisador a foto.

Brait (2010, p. 194), em texto posterior, conceitua a verbo-visualidade, ao afirmar que “[...] a linguagem verbo-visual será aqui considerada uma enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual”.

O estudo da dimensão verbo-visual, na visão da autora, concebe o fenômeno em que se articulam os elementos verbais e visuais, de maneira indissociável, em um processo de construção de sentidos a partir das esferas de produção dos enunciados, como é o caso da esfera jornalística. Brait (2010, p. 194- 195) esclarece:

Ainda com relação à esfera jornalística compõem o projeto discursivo verbo-visual desenhos, ilustrações, gráficos e infográficos, sempre articulados a textos verbais com os quais estão constitutivamente sintonizados a partir da disposição das matérias numa dada página, da organização das páginas em cadernos, do forte diálogo mantido entre os cadernos e as formas diferenciadas de organizar verbal e visualmente os assuntos. Um mesmo assunto poderá fazer parte de diferentes cadernos e, como consequência, produzir diferentes sentidos e efeitos de sentidos. E o leitor do jornal, incluído no projeto jornalístico, alfabetizado, por assim dizer, nessa maneira de organizar a linguagem, participa ativamente da produção dos sentidos. Considerando essa e outras esferas, fazem parte das produções de caráter verbo-visual charges, propagandas, capas e páginas de veículos informativos, as formas de apresentação dos jornais televisivos (apresentadores, textos orais, vídeos), poemas articulados a desenhos, comunicação pela internet, textos ficcionais ilustrados, livros didáticos, *outdoors*, placas de trânsito etc.

Portanto, para captar as relações dialógicas existentes entre enunciados, é necessário considerar tanto o material verbal quanto o verbo-visual, numa dupla orientação, interna e externa. Esse movimento exige do pesquisador um olhar treinado, em que, a partir do auxílio das lentes dialógicas, possa enxergar a totalidade do enunciado e os sentidos ali advindos desse todo, bem como as relações entre seus elementos constitutivos e, da mesma forma, com outros enunciados. Essa perspectiva analítica contribui para a compreensão dos enunciados da revista *A Violeta*, que podem revelar criações dialógicas verbo-visuais, mobilizadas pelos projetos discursivos das redatoras.

Em texto de 2006, Grillo também se indaga a respeito das contribuições da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin para análise de enunciados verbo-visuais e de como

incorporar a dimensão verbo-visual de alguns enunciados em uma abordagem dos gêneros discursivos. Em busca de resposta, visita a produção teórica de Bakhtin e Brait, oferecendo-nos uma produtiva distinção entre relações dialógicas interdiscursivas (relação com enunciados anteriores) e interativas (relação com os leitores presumidos).

Ao tratar da materialidade verbo-visual, especificamente das ilustrações, Grillo (2006) lança mão dos conceitos de texto e peritexto, afirmando que, na esfera jornalística, a utilização de ilustrações reforça sentidos presentes no texto e no material verbal do peritexto. Esse último compreende o título, o título-auxiliar e a legenda. Assinala, ainda, que texto e peritexto compõem a construção composicional das reportagens.

Percebemos, ainda, que alguns enunciados podem trazer uma forma diferenciada de apresentação da verbo-visualidade, não utilizando imagens, fotos, ilustrações, mas sim criando imagens a partir da própria materialidade verbal. Brait (2010, p. 224-225) vai se referir a este fenômeno, como uma *verbo-visualidade que se dá apenas por palavras*. E acrescenta:

O espelho, o olhar, o olhar-se, enfim, a construção artística de uma imagem, não é privilégio das artes visuais. Com frequência e intensidade, aparece em poetas e prosadores, de forma que os artistas da arte verbal, à semelhança de pintores, fotógrafos, desenhistas, esboçam retratos e autorretratos, introduzem o espelho em suas obras, mostram e deixam ver faces recortadas pela afiada tesoura das palavras. Com elas – sua organização sintática, sua força semântica, sua disposição no texto –, tecem traços, cores, espaços, lançam olhares sobre as presenças de ausências constituídas por fotos e pinturas, trazendo para dentro do texto verbal a tensão da visibilidade do invisível.

Iremos considerar na análise dos enunciados de nosso *corpus* também essa ocorrência de verbo-visualidade, possível de estar presente e de criar imagens também constitutivas da produção de sentidos.

Para organização de nossa análise, e para seguirmos um rigor metodológico, em que sejam articulados os conceitos bakhtinianos aos aspectos constitutivos da verbo-visualidade, aqui brevemente explanados, passemos ao próximo capítulo que trata dos aspectos metodológicos.

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo, detalhamos os aspectos metodológicos que descrevem o processo de investigação, esclarecendo os objetivos e motivos para determinadas escolhas, como o tipo de pesquisa, método de geração e análise dos dados e constituição do *corpus*.

Trata-se de um estudo de análise documental de abordagem qualitativa e dialógica. Apoiamo-nos nas obras de Bakhtin e o Círculo, e em Brait (2008), ao formular as bases de uma análise/teoria dialógica do discurso (ADD). Nessa perspectiva, os estudos da linguagem trabalham com conhecimentos provenientes de contextos históricos e culturais específicos, concebendo a linguagem, a construção e a produção de sentidos “[...] apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”. (BRAIT, 2008, p. 10).

Dessa forma, compreendemos que o caminho metodológico segue também as proposições bakhtinianas, no que concerne à organização da pesquisa, às etapas que a compõem, à postura do pesquisador e aos procedimentos de análise do *corpus*, constituído, basicamente, por textos concebidos como enunciados concretos, em diferentes gêneros, dos quais apreendemos, no processo interlocutivo, as vozes ali presentes. Ainda segundo Brait (2008, p. 29):

As contribuições bakhtinianas para uma teoria/análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções e categorias que especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico.

Apoiamo-nos, também, em Brait (2009a; 2012; 2013), dentre outras obras, para o estudo da verbo-visualidade, e em Amorim (2002; 2009), para tratar da análise das vozes, conforme explicitado na fundamentação teórica da tese, no capítulo dois.

3.1 Levantamento do acervo de *A Violeta*

Nesta parte, apresentamos o procedimento realizado na pesquisa exploratória, que teve como objetivo a localização dos números disponíveis da revista *A Violeta* para que pudéssemos escolher as que comporiam o nosso *corpus*.

A pesquisa exploratória foi realizada no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (APMT) e na Biblioteca da Casa Barão de Melgaço (BCBM), instalados em Cuiabá-MT. E houve, ainda, o contato com pesquisadores que trabalham ou trabalharam com o periódico. Assim, recebemos colaboração valiosa de professores pesquisadores, como Yasmin Jamil Nadaf e Elizabeth Madureira Siqueira, que nos disponibilizaram diversos números da revista, ampliando o leque do nosso levantamento.

A forma de coleta dos exemplares foi por meio do registro fotográfico, posteriormente organizado em pastas, por ano e número, em arquivo digital. Providenciamos, também, a impressão e encadernação dos números localizados, visando facilitar o manuseio no momento da descrição e análise.

Segundo o nosso levantamento, o total de periódicos perfaz trezentos e trinta e sete (337) revistas e trezentos e cinquenta e cinco (355) números, uma vez que algumas edições trazem mais de um número em sua composição. Porém, nas etapas de localização e coleta empreendidas, só foi possível reunir cento e noventa e quatro (194) revistas, compondo duzentos e oito (208) números, conjunto que serviu para seleção do *corpus* de pesquisa.

Procedemos a uma descrição dos números da revista, resultando na organização de quadros informativos (em apêndice) que colaboraram para o recorte da pesquisa, conforme disposição a seguir:

- a) Apêndice A – Revistas Femininas no Brasil (séculos XIX e XX);
- b) Apêndice B – Números de *A Violeta* (1916-1950);
- c) Apêndice C – Enunciados publicados em *A Violeta* (1916-1918).

O levantamento realizado foi importante para a nossa apropriação da revista, ao revelar dados referentes à ausência da identificação da direção até o ano de 1920, verificação da extensão e periodicidade mensal ou quinzenal da revista. Outro dado relevante foi a pouca referência à tipografia responsável, o que indicava uma escassez de gráficas na cidade de Cuiabá e região circunvizinha para o processo de edição da revista.

No momento do levantamento dos vinte e seis primeiros números, identificamos a presença de enunciados inscritos em diferentes gêneros. A propósito, as seções constantes da revista, às vezes, são nomeadas justamente com o nome do gênero correspondente e, em outras, recebem diferentes títulos, sem que se mencione o nome do gênero a que pertencem. Percebemos, além disso, a existência de seções que se repetem em vários números, como o caso das crônicas e noticiários, havendo outras que aparecem esporadicamente.

3.2 Delimitação do *corpus*

Após o levantamento, acompanhado da descrição das cento e noventa e quatro (194) revistas, foi preciso constituir o *corpus*. Inicialmente selecionamos as revistas e, em seguida, os enunciados para análise.

Os critérios para a escolha das revistas foram pautados em:

- a) abrangência do tempo de publicação;
- b) presença de textos assinados pelas principais redatoras que permaneceram do início ao encerramento da revista: Maria Dimpina Lobo Duarte e Maria de Arruda Müller.

Dessa maneira, selecionamos um conjunto que envolve o período de 1916 a 1950 e constitui-se de enunciados de duas revistas da década de 1910, uma de 1920, duas de 1930, duas de 1940 e uma da década de 1950, totalizando oito enunciados.

Procedemos à escolha dos enunciados, considerando que a *Violeta* conta com uma diversidade de gêneros, alguns se repetindo em vários números, tais como conto, conversa informal, crônica, notícia, poesia, recados e mensagens; e outros figurando esporadicamente, como anúncio, carta, conferência, discurso, nota editorial, propaganda etc.

Tendo em vista esse vasto universo de possibilidades oferecido pela revista, foi necessário definir a escolha dos enunciados. Chamou-nos a atenção os enunciados de abertura, pois funcionavam sempre como o carro-chefe da edição, tratando de assuntos relevantes para o período de sua publicação. Além desse aspecto, tais textos, extensos e densos, em sua maioria, traziam a assinatura das principais redatoras e os posicionamentos ideológicos da editoria de *A Violeta*. Nesse contexto, verificamos que tais enunciados de abertura recebiam, quase sempre, o título de “Chronica”²². Assim, o *corpus* se constituiu principalmente dos textos de abertura, denominados crônicas, mas também de dois artigos presentes no interior das revistas, que consideramos relevantes e em diálogo com os demais textos selecionados.

A partir dessa constatação, apresentamos o quadro ilustrativo, a seguir.

²² Essa denominação “Chronica” aparece apenas a partir do número 3, de 15 de janeiro de 1917.

Quadro 7 - Relação do *corpus* selecionado

DÉCADA	NÚMERO	TÍTULO	AUTOR	DIREÇÃO	DIA/MÊS	ANO
1910	1	A educação da mulher/Andorinhas	Maria Dimpina/Regina Prado	Não mencionado	16 dezembro	1916
	45	Chronica	Mary (Maria de Arruda Müller)	Não mencionado	20 de fevereiro	1919
1920	152	Chronica	Mary (Maria de Arruda Müller)	Bernardina Rich	31 de dezembro	1927
1930	206	Chronica	Arinapi (Maria Dimpina)	Bernardina Rich	31 de maio	1933
	236; 237	Chronica	Sem assinatura	Mariana Povoas e Benilde Moura	31 de dezembro	1937
1940	298	Crônica	Maria Dimpina	Maria Dimpina Lobo Duarte	31 de julho	1943
	344	Crônica	Maria Dimpina	Maria Dimpina Lobo Duarte	30 de setembro	1948
1950	333	Como fazer felizes...	Maria Dimpina	Maria Dimpina Lobo Duarte	31 de março	1950

Fonte: Organizado pela autora (2015).

3.3. Revisitando os objetivos e questões de pesquisa

Para dar conta da hipótese e da tese anunciada na introdução desta pesquisa, tomando como objeto a revista *A Violeta*, guiados pela Análise Dialógica do Discurso e pretendendo examinar, na dimensão verbo-visual, os enunciados selecionados, retomamos os nossos objetivos de pesquisa:

- 1) Identificar a presença de diferentes vozes, a partir da análise do discurso autoral e da dimensão verbo-visual no interior dos enunciados de *A Violeta*;
- 2) A partir dessa análise, identificar quais são as vozes presentes nesses enunciados e como elas se constituem;
- 3) Reconhecer o entrecruzamento de vozes ao longo dos textos, a fim de comprovar a hipótese levantada e explicitar a tese enunciada.

Retomamos, também, as questões de pesquisa já anunciadas:

- 1) Como o discurso autoral pode apontar para a presença de diferentes vozes nos enunciados de *A Violeta* e como estas se constituem ao longo dos textos?
- 2) Como os aspectos linguístico-discursivos, constitutivos da dimensão verbo-visual, apontam para a presença de entrecruzamento de vozes?

3.4 Perspectiva analítica dos enunciados

Utilizaremos, na análise, primordialmente, as categorias já anunciadas na introdução e brevemente explicitadas na fundamentação teórica desse trabalho, a saber: *discurso, relações dialógicas, autoria, enunciado, texto, gêneros do discurso e vozes*, conceitos que podem nos ajudar a explicitar os procedimentos de constituição das relações dialógicas presentes na revista e que nos levem a comprovar a hipótese de pesquisa por nós levantada. Além disso, outras categorias podem advir da análise do *corpus*.

Retomando Brait (2008, p. 13-15), reafirmamos nossa perspectiva analítica a partir da Análise Dialógica do Discurso, a qual permite:

[...] esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macro-organizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos. Não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos, com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado texto [...]. As diferentes formas de conceber “enfretamento dialógico da linguagem” constituem, por sua vez, movimentos teóricos e metodológicos que se desenvolvem em diferentes direções.

Para guiar a nossa análise, organizamos uma ordem metodológica, pautada nos conceitos teóricos explanados em nossa fundamentação teórica. Tomamos como base a consideração da dupla orientação do gênero por Medviédev (2012), para a vida e para o interior dos textos, o que compreendemos como uma análise cuja interpretação dos dados se faz situadamente, à luz do contexto sócio-histórico em que foram produzidos.

Podemos aliar esta dupla orientação do gênero ao que Bakhtin (2011) denomina, ao conceber o texto como enunciado, de “dois polos do texto”. O primeiro polo corresponde a “[...] tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). (BAKHTIN, 2011, p. 309-310). Já o segundo polo “[...] não está vinculado aos elementos (repetíveis) do sistema da língua (os signos) mas a outros textos (singulares), a relações dialógicas (e dialéticas com abstração do autor) peculiares”. (BAKHTIN, 2011, p. 310).

Dessa maneira, a análise deverá levar em conta os elementos linguísticos dos enunciados, e também as relações dialógicas entre eles. No caso de *A Violeta*, buscaremos compreender quais relações se estabelecem entre enunciados dentro e fora da revista, evidenciando a possibilidade de um entrecruzamento de vozes.

O tratamento analítico do interior dos enunciados será realizado pelo estudo do estilo e das configurações estilístico-composicionais, através da descrição minuciosa e rigorosa dos elementos verbo-visuais. O que nos interessa, para além da descrição da materialidade, contudo, é o sentido produzido pelo seu emprego nos enunciados.

Dessa maneira, direcionamos nosso olhar analítico para os seguintes tópicos: a dimensão verbal e as dimensões visual e verbo-visual. Cabe esclarecer que tal divisão tem apenas um propósito organizacional, já que concebemos as dimensões verbal, visual e verbo-visual como um conjunto enunciativo indissociável, compondo um todo de sentido. A verbo-visualidade, portanto, em nossa compreensão, abrange também a dimensão verbal, por exemplo, no tocante à presença de recursos da escrita como a pontuação. Consideramos que o emprego de aspas, travessões, parênteses, e mesmo sinais como vírgulas e pontos de interrogação e exclamação ultrapassam a dimensão estrutural e gramatical dos textos, modificando a sua configuração visual, ao encaminhar o leitor para diversas produções de sentido.

Assim, a respeito da dimensão verbal dos enunciados, consideraremos os seguintes aspectos para análise:

- Presença de recursos da escrita como uso de reticências, ponto de exclamação, pontos de interrogação, travessão, dois pontos, aspas, parênteses, colchetes;
- Uso de expressões latinas ou estrangeiras;
- Emprego recorrente de certos adjetivos, qualificadores e advérbios, operadores argumentativos, tempos, modos e aspectos verbais, pronomes de tratamento;
- Uso de figuras de linguagem;

- Utilização de sequências textuais descritivas, narrativas etc.

No tocante às dimensões visual e verbo-visual que, como um todo, constituem o projeto gráfico-editorial da revista, focaremos os seguintes aspectos:

- Emprego de marcas tipográficas como bordas, *esperluettes*, molduras, linhas, pontos;
- Diagramação dos textos na página: posicionamento em colunas ou não; inserção de um texto em outro; descontinuidade da extensão dos textos ao longo das páginas;
- Variados espaçamentos entre linhas e entre letras;
- Presença e posicionamento na página de imagens, fotos, ou ilustrações, desenhos, pinturas, gravuras, mapas, gráficos, infográficos, emblemas, siglas;
- Uso de cores;
- Utilização de diferentes tipos e tamanhos de fontes, serifadas ou não serifadas; utilização de negrito e itálico; maiúsculas e minúsculas; letra capitular;
- Presença de cabeçalho, títulos, subtítulos, e assinaturas.

Com referência à segunda orientação do gênero, ou ao segundo polo do texto como enunciado, a análise deverá evidenciar, como já assinalamos, o contexto sócio-histórico do período de produção e circulação de *A Violeta*. É pertinente também investigarmos a dimensão interlocutiva dos enunciados, em que a entoação avaliativa seja marcada pelo componente verbo-visual, apontando para o locutor, seu querer-dizer, sua apreciação valorativa sobre o interlocutor e sobre o objeto de dizer. Certamente, consideraremos esse jogo interlocutivo a partir da análise das relações dialógicas entre os enunciados, ao revelar o objeto de nossa investigação: o entrecruzamento de vozes.

Compreendemos que, ao compor um enunciado, o autor realiza suas escolhas verbais, visuais e verbo-visuais com base na apreciação valorativa que possui dos interlocutores, da situação interlocutiva, do conteúdo a ser desenvolvido, de outros enunciados já produzidos sobre o mesmo tema, construindo um todo enunciativo que aponta para um posicionamento ideológico, ou seja, para a voz da editoria da revista.

Para a delimitação das vozes presentes nos enunciados selecionados, consideraremos as contribuições de Bubnova (2011) e de Amorim (2002), ao enunciar sua “teoria das vozes”, numa tipologia explicitada em quatro pontos básicos, já apresentados no segundo capítulo desta tese. Além disso, buscaremos as pistas discursivas da incidência de diferentes vozes em situações típicas as quais elencamos a seguir:

- Presença de vozes ideológicas distintas no discurso que apontam para a palavra autoritária e internamente persuasiva;

- Uso do discurso direto para transmissão do discurso alheio; uso do discurso indireto ou indireto livre;
- Emprego de ironia, paráfrase, paródia, intertextualidade;
- Evidência de marcas textuais de autoria que podem ser percebidas pela entoação avaliativa;
- Presença de marcas de interlocução nos enunciados.

Os elementos listados não precisam, necessariamente, estar presentes em todos os enunciados, bem como outros não apontados aqui podem surgir no decorrer da análise.

Vale ressaltar que, ao longo da análise, lançaremos mão de outros enunciados da revista que não integram nosso *corpus* principal, mas com o qual poderão estabelecer relações dialógicas.

Neste capítulo tratamos dos aspectos metodológicos concernentes à nossa pesquisa. A seguir, no capítulo quatro, faremos um estudo dos sentidos criados pelas tensões que se instauram nos discursos trazidos pelos textos selecionados no *corpus*, seguindo a metodologia analítica proposta.

4 DESVELANDO A VERBO-VISUALIDADE E O ENTRECruzAMENTO DE VOZES

Neste capítulo, apresentamos a análise de nosso *corpus*, composta por oito enunciados da revista, conforme o quadro 7 anunciado no capítulo metodológico. Para proceder à análise, lançamos mão dos parâmetros descritos na metodologia, ou seja, a exploração do interior dos enunciados, através do estudo dos elementos linguísticos que compõem o estilo e a descrição minuciosa dos elementos verbo-visuais. Além disso, a análise leva em consideração as relações dialógicas entre os enunciados de dentro da revista e fora dela, evidenciando a possibilidade de um entrecruzamento de vozes, conforme anunciamos na hipótese de nossa pesquisa. Para a delimitação e análise das vozes, investigamos a dimensão interlocutiva dos enunciados, observando o contexto sócio-histórico do período de produção, circulação e recepção da revista *A Violeta*.

Buscamos, ainda, recorrer aos estudos da *Nova Retórica*²³, considerando o projeto argumentativo das redatoras, a partir das figuras de retórica presentes no *corpus*. É importante ressaltar que tais estudos não estão explicitados em nossa fundamentação teórica, pois, como coloca Brait (2008, p. 14), “Não há categorias *a priori*, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos com a finalidade de compreender formas de produção de sentido num dado discurso, numa dada obra, num dado tempo”. Assim, apreendemos de Brait que o “*corpus* fala”, e exige do pesquisador a complementação de seu aporte teórico.

Pistori (2013, p. 63) trata da aproximação entre a teoria bakhtiniana e os estudos da Retórica. Segundo a autora, ambas as perspectivas trabalham com o conceito de discurso situado, ou seja, em que “[...] cada gênero se dedicando a situações, interlocutores, tema e finalidades concretas e definidas”. Em sua visão:

Partimos da constatação de que a retórica (aristotélica, mas também a de Platão) ressoa na teoria do discurso expressa nas obras do Círculo de Bakhtin em diferentes pontos e de diferentes maneiras, de forma mais ou menos explícita, e com referências avaliativas nem sempre positivas.

Após a realização da análise, decidimos não seguir a ordem cronológica trazida pelo quadro, organizando a apresentação de acordo com a proximidade temática e o diálogo estabelecido entre os enunciados. Assim, por exemplo, iniciamos com o texto de 1916 e, logo

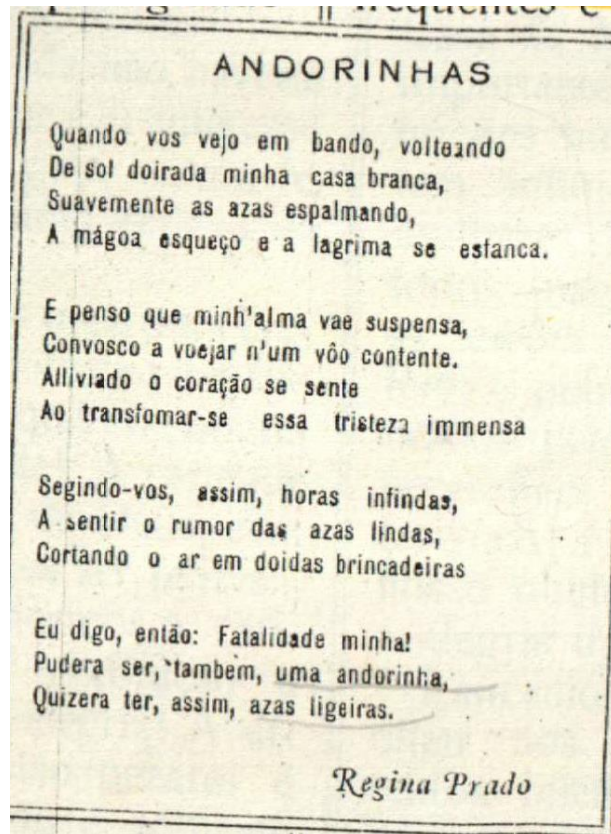
²³ Segundo Pistori (2010, p. 130): “Da segunda metade do séc. XX ao início do XXI, podemos contar muitas abordagens que procuram descrever o discurso argumentativo – ou retórico, fundamentadas em diferentes concepções de língua. É consenso que a publicação das duas obras emblemáticas na área – *Tratado da argumentação: A nova retórica*, de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, e *Os usos do argumento*, de Stephen Toulmin, ambos em 1958, contribuiu para a revitalização dos estudos da Retórica, a disciplina que tem seu surgimento na Grécia antiga, por volta do séc. V a. C.”

a seguir, passamos para o de 1950, de 1919 e de 1943, cuja ênfase recai sobre a educação da mulher e a sua atuação na sociedade. Os dois enunciados seguintes, de 1927 e 1937 focam outras questões, como as festas religiosas e o nacionalismo. Os dois textos finais da análise, de 1933 e de 1948, tratam de questões relativas ao desenvolvimento do Estado de Mato Grosso.

4.1. A Violeta: vozes entrecruzadas

O enunciado *A Educação da mulher/Andorinhas* encontra-se localizado²⁴ nas páginas 2 e 3 da primeira edição da revista, de 16 de dezembro de 1916, evidenciando, no alto, o título da revista. Na primeira página, logo abaixo do título, segue o texto, dividido em duas colunas, sendo que na primeira coluna há um destaque para o título *A Educação da Mulher*, em negrito e fonte diferenciada. Há um trabalho de diagramação que aplica aos textos uma moldura desenhada, ornamentando os cantos superiores das duas páginas. Em seguida, com recuo para direita, vemos uma epígrafe introdutória, em fonte menor, sem referência de autoria. Em posição centralizada entre as duas colunas, emoldurado por linhas retas e duplas, destaca-se o poema *Andorinhas*, de autoria de Regina Prado ([19--?]), conforme figura 34, a seguir:

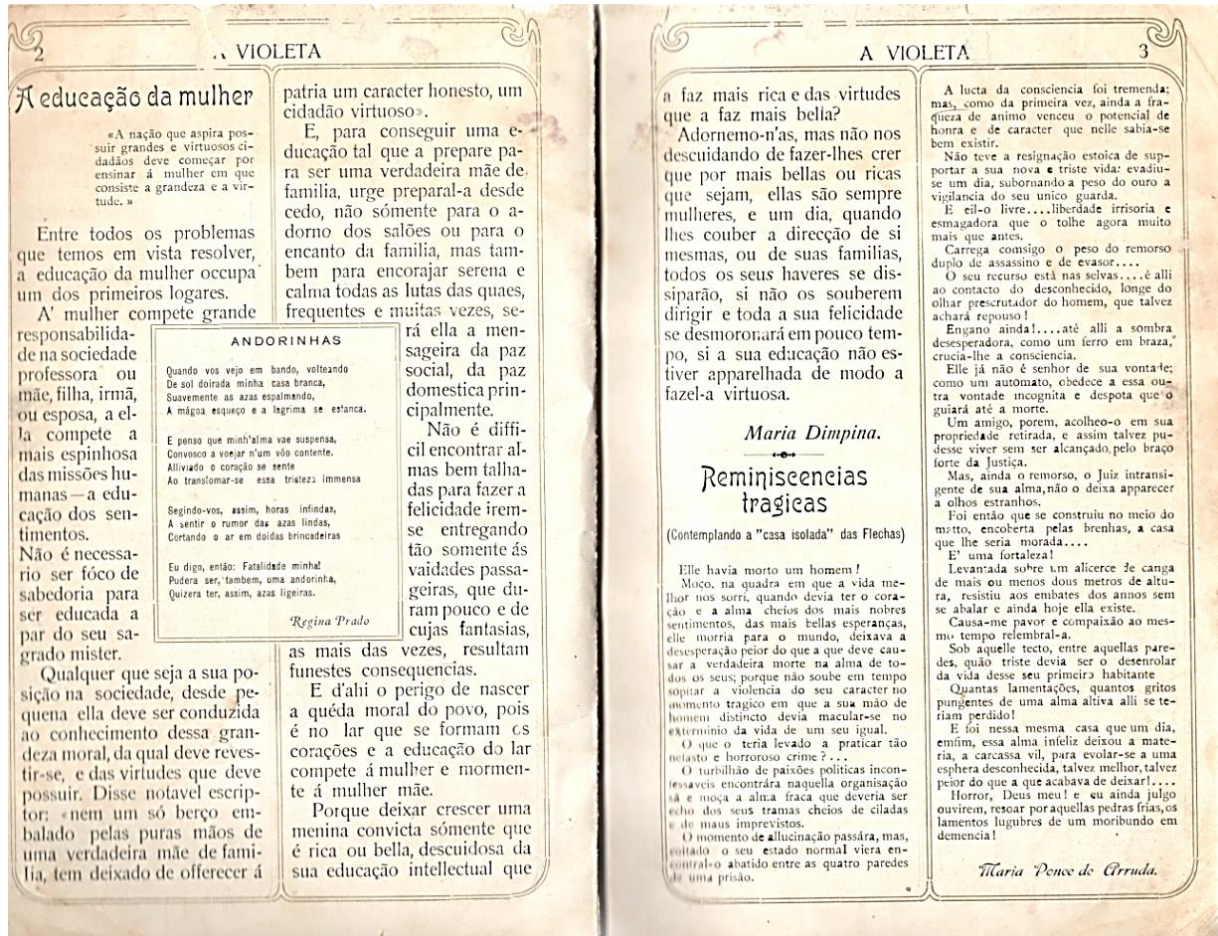
²⁴ O enunciado em questão não se encontra na capa da revista da edição de 16 de dezembro de 1916.

Figura 34 – Poema *Andorinhas*

Fonte: Acervo de Yasmin Nadaf (2013).

Na página 3, encontra-se a finalização do texto, assinado por Maria Dimpina. A coluna final divide o espaço da página com outro enunciado denominado *Reminiscencias tragicas*, assinado por Maria Ponce de Arruda, nome de solteira de Maria Müller.

Na figura 35, a seguir, apresentamos as páginas completas ocupadas pelos enunciados.

Figura 35 – Revista *A Violeta*, n. 1, 16 de dezembro de 1916

Fonte: Acervo de Yasmin Nadaf (2013).

Transcrição do enunciado *A educação da mulher*

“A nação que aspira possuir grandes e virtuosos cidadãos deve começar por ensinar à mulher em que consiste a grandeza e a virtude.”

Entre todos os problemas que temos em vista resolver, a educação da mulher ocupa um dos primeiros lugares.

À mulher compete grande responsabilidade na sociedade professora ou mãe, filha, irmã, ou esposa, a ela compete a mais espinhosa das missões humanas – a educação dos sentimentos.

Não é necessário ser foco de sabedoria para ser educada a par do seu sagrado mister.

Qualquer que seja a sua posição na sociedade, desde pequena ella deve ser conduzida ao conhecimento dessa grandeza moral, da qual deve revestir-se, e das virtudes que deve possuir.

Disse notável escriptor: “nem um só berço embalado pelas puras mãos de uma verdadeira mãe de família, tem deixado de oferecer à pátria um character honesto, um cidadão virtuoso”.

E, para conseguir uma educação tal que a prepare para ser uma verdadeira mãe de família, urge preparal-a desde cedo, não somente para o adorno dos salões ou para o encanto da família, mas também para encorajar serena e calma todas as lutas das quaes, frequentes e muitas vezes, será ella a mensageira da paz social, da paz domestica principalmente. Não é difícil encontrar almas bem talhadas para fazer a felicidade irem-se entregando tão somente ás vaidades passageiras, que duram pouco e de cujas fantasias, as mais das vezes, resultam funestes consequências.

E d’ahi o perigo de nascer a queda moral do povo, pois é no lar que se formam os corações e a educação do lar compete á mulher e mormente á mulher mãe.

Porque deixar crescer uma menina convicta somente que é rica ou bella, descuidosa da sua educação intellectual que a faz mais rica e das virtudes que a faz mais bella?

Adornemo-n'as, mas não nos descuidando de fazer-lhes crer que por mais belas ou ricas que sejam, ellas são sempre mulheres, e um dia, quando lhes couber a direção de si mesmas, ou de suas famílias, todos os seus haveres se dissiparão, si não os souberem dirigir e toda a sua felicidade se desmoronará em pouco tempo, si a sua educação não estiver aparelhada de modo a fazel-a virtuosa.

O texto é introduzido pela sequência epigráfica sem assinatura: “A nação que aspira possuir grandes e virtuosos cidadãos deve começar por ensinar á mulher em que consiste a grandeza e a virtude”. Compreendemos que a epígrafe em questão é uma estratégia utilizada pela enunciadora para, ao citar um discurso, não apenas antecipar a temática a ser desenvolvida no enunciado principal, mas, sobretudo, para trazer uma voz que reforce a sua orientação argumentativa a respeito do papel da mulher e da importância de sua educação para bem cumprir essa tarefa. A voz veiculada nesse enunciado ecoa um discurso positivista, que concebe a mulher responsável pela formação moral do futuro cidadão, conforme assinalamos no capítulo 1, sobre o pensamento de Comte.

O emprego das epígrafes retrata, de forma metonímica, valores e posicionamentos éticos da autoria responsável pelos periódicos. A sua função é adiantar um posicionamento, tendo um papel estratégico na dimensão retórica dos enunciados, constituindo-se como um argumento de autoridade. Para Perelman e Tyteca (2014, p. 348): “O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”.

Assim, a epígrafe em análise marca a posição da editoria da revista *A Violeta*, sua perspectiva ideológica, encarnando uma voz que sustenta o discurso de que a responsabilidade pelo desenvolvimento de uma nação recai sobre a mulher. Dessa maneira, o presumido (VOLOSHÍNOV, s.d.) que se estabelece é de que o fracasso de uma nação também seria culpa da mulher.

A enunciadora inicia o texto com uma afirmação de que a educação da mulher constitui um problema a ser resolvido, e que este é prioritário em relação aos demais. No parágrafo seguinte afirma: “Á mulher compete grande responsabilidade na sociedade professora ou mãe, filha, irmã ou esposa, a ela compete a mais espinhosa das missões humanas – a educação dos sentimentos”. (A VIOLETA, n. 1, 1916, p. 2).

Duas observações podem ser feitas em relação ao estilo empregado nesse parágrafo. A primeira diz respeito ao uso dos qualificadores: “**grande** responsabilidade”; “**a mais espinhosa** das missões humanas”, associados à sequência sintática “à mulher compete”. Cria-

se um efeito de sentido que “aumenta”, “eleva” o peso da participação feminina. Outro aspecto diz respeito ao emprego do travessão simples, que, nesse caso, “[...] integra determinada estrutura sintático-semântica que o assimila aos dois pontos”. (DAHLET, 2006, p. 191). A estrutura destacada é “educação dos sentimentos”, objeto de análise do projeto discursivo da autora.

Podemos observar que o conteúdo desta sequência está em diálogo convergente com o discurso trazido pela epígrafe, pois ambos apontam qual deve ser a atuação feminina na sociedade. Introduce-se, portanto, a ideia da educação da mulher como condição necessária para a formação dos filhos, dos alunos no âmbito escolar, e para o bem-estar conjugal e familiar, conseqüentemente, propiciando o desenvolvimento da nação.

Os dois parágrafos seguintes se complementam em torno da ideia de que qualquer mulher, seja qual for sua posição social ou intelectual, está apta para receber “desde pequena [...] conhecimento dessa grandeza moral, da qual deve revestir-se, e das virtudes que deve possuir”. (A VIOLETA, n. 1, 1916, p. 2). Em sequência, a autora recorre ao discurso citado, em sua forma direta, utilizando-se das aspas: “Disse notável escriptor: ‘nenhum só berço embalado pelas puras mãos de uma verdadeira mãe de família, tem deixado de oferecer á pátria um character honesto, um cidadão virtuoso’”. (A VIOLETA, n. 1, 1916, p. 2).

Assim como na epígrafe, não há, nesta citação, indicação da autoria e a nossa busca não localizou a fonte original do referido excerto. Contudo, seu teor está em relação dialógica com os versos do conhecido poema de William Ross Wallace, de 1865, citado e popularizado por Abraham Lincoln: “A mão que embala o berço é a mão que governa o mundo”. No texto, a redatora apenas cita que se trata de um “notável escriptor”, o que aponta para um movimento de apropriação do discurso alheio, da *palavra outra*, que mesmo demarcada no texto pelo destaque ou pelas aspas, pode ser compreendida, pela convergência de ideias, como *palavra própria* (BAKHTIN, 2010).

Em Bakhtin/Volochinov (2010, p. 155-156) encontramos, ainda, uma apreciação a respeito do discurso citado em sua forma de delimitação com fronteiras mais nítidas e estáveis, através de esquemas linguísticos que o protegem de “infiltração pelas entoações próprias ao autor”. Afirmam, da mesma forma, a relação entre o dogmatismo do discurso e a impessoalidade das formas de transmissão do discurso de outrem. A escolha, portanto, do discurso citado em sua forma direta aponta para “o grau de firmeza ideológica, o grau de autoritarismo e de dogmatismo que acompanha a apreensão do discurso”.

Dessa forma, detectamos duas maneiras explícitas, no texto, *de presença do discurso de outrem*, pela epígrafe e pela citação, funcionando como recursos retóricos ao permitir que

duas vezes adentrem o texto para fazer eco à voz da redatora de *A Educação da mulher*, reforçando o seu posicionamento ideológico.

No tocante ao aspecto verbal, nos dois parágrafos subsequentes, encontramos dois trechos que trazem expressões bastante significativas revelando a imagem de mulher que a enunciadora busca compor para o seu leitor: “mensageira da paz social, e da paz doméstica, principalmente”; “almas bem talhadas para fazer a felicidade”. (A VIOLETA, n. 1, 1916, p. 2). O efeito de sentido que tais expressões geram é o da imagem de uma mulher submissa, pacífica, moldada para ser bondosa.

Em seguida, a autora delega à ação da mulher as características morais de um povo: “E d’ahi o perigo de nascer a quéda moral do povo, pois é no lar que se formam os corações e a educação do lar compete á mulher e mormente á mulher mãe”. (A VIOLETA, n. 1, 1916, p. 2). Reafirma-se, aqui, a posição conservadora sobre o papel social feminino, já anunciada na epígrafe. A redatora explicitamente atribui à mulher a responsabilidade sobre quaisquer problemas que possam advir na sociedade. Para tanto, utiliza novamente o verbo competir, como signo ideológico que traduz uma perspectiva normativa de obediência para o agir feminino.

No parágrafo posterior, a autora do texto, no desenvolvimento de sua argumentação, atém-se ao universo social específico da mulher de classe alta ou elite, focando os valores da riqueza e da beleza, opondo frivolidade à virtude, conforme podemos constatar nas escolhas lexicais efetuadas:

Porque deixar crescer uma menina convicta somente que é **rica ou bella**, descuidosa da sua educação intellectual que a faz mais rica e das virtudes que a faz mais bella? Adornemo-n’as, mas não nos descuidando de fazer-lhes crer que por mais **bellas ou ricas** que sejam, ellas são sempre mulheres, e um dia, quando lhes couber a direção de si mesmas, ou de suas famílias, todos os seus haveres se dissiparão, si não o souberem dirigir e toda a sua felicidade se desmoronará em pouco tempo, si a sua educação não estiver aparelhada de modo a fazel-a virtuosa. (A VIOLETA, n. 1, 1916, p. 2-3, grifo nosso).

Na apreciação valorativa da autora, a educação se encontra num patamar mais elevado, já que a riqueza e a beleza são efêmeras. A sequência “de modo a fazel-a virtuosa” também evidencia a valoração da autora sobre o “ser virtuoso”, sobre a “virtude”, valor bastante inculcado pelo discurso religioso. Além disso, sobre o estilo da enunciadora, encontramos o uso de verbo no imperativo, “adornemo-n’as”, que sugere um tom normativo, próprio da palavra autoritária.

A escolha da redatora, ao tratar das mulheres “ricas”, justifica-se, ainda, pelo fato de que, nos primeiros anos de sua publicação, o contexto social da época é captado pela *Violeta* no que diz respeito aos costumes e práticas das altas camadas da sociedade cuiabana, o que, no decorrer dos anos, vai se modificando, de tal forma que as redadoras passam a se ocupar com a educação das mulheres em geral, de qualquer classe social. Especificamente, sobre a posição da revista em relação aos hábitos e costumes locais, nos primeiros números, podemos encontrar em Freire (2007, p. 113) a seguinte passagem:

Nos diversos números examinados, *A Violeta* reserva espaço para a trivialidade descompromissada em várias seções. Dão destaque ao *pic nic* e outros divertimentos organizados por oficiais do 16º Batalhão de Caçadores sediado em Cuiabá; as *soirées* dançantes em casa de oficiais ou de pessoas da elite cuiabana; a fofocas sobre a vida afetiva, sobre *flirt*, namoro; a trajes e complementos usados pelas mulheres; ao *footing* no jardim da Praça Alencastro.

O aspecto observado em *A Educação da Mulher*, que considera as mulheres de elite e as elege suas leitoras privilegiadas, pode ser constatado, também, no conjunto verbo-visual do texto *Como fazer felizes...* (*A VIOLETA*, n. 333, 1950), cuja análise é apresentada neste capítulo, na próxima seção.

Vemos, ainda, no enunciado *A Educação da Mulher*, o emprego de alguns adjetivos em determinadas expressões que oferecem pistas, ao leitor, da apreciação valorativa da redatora sobre o perfil construído da mulher: “a mais **espinhosa** das missões humanas”; “**sagrado** mister”; “encorajar **serena e calma** todas as lutas”; “fazel-a **virtuosa**”. Os efeitos de sentidos produzidos com tais usos sugerem que a participação feminina é fadada ao sacrifício e à resignação, e constituem vozes que trazem para o enunciado o discurso de submissão, ancorado no discurso religioso e suas práticas.

A respeito do poema *Andorinhas*, encontra-se no centro da página, inscrito dentro do enunciado *A Educação da mulher*. A forma escolhida é o soneto, composto de versos decassílabos, cujas rimas obedecem ao seguinte esquema, marcado pelas letras maiúsculas:

Quando vos vejo em bando, volteando (A)
 De sol doirada minha casa branca, (B)
 Suavemente as azas espalmando, (A)
 A mágoa esqueço e a lágrima se estanca.(B)

E penso que minh'alma vae suspensa, (C)
 Convosco a voejar n'um vôo contente, (D)
 Alliviado o coração se sente (D)
 Ao transformar-se essa tristeza imensa (C)

Segindo-vos, assim, horas infindas, (E)
 A sentir o rumor das azas lindas, (E)
 Cortando o ar em doidas brincadeiras (F)

Eu digo, então: Fatalidade minha! (G)
 Pudera ser, também, uma andorinha, (G)
 Quisera ter, assim, azas ligeiras. (F)

Verificamos uma variedade no emprego das rimas, com alternância (ABAB), intercalação (CDDC) e variação entre as estrofes (EEF/GGF), fugindo do esquema de rimas do soneto clássico, ou seja, rimas abraçadas ou intercaladas nos quartetos (ABBA/ABBA) e rimas cruzadas nos tercetos (CDC/DCD). O efeito de sentido do uso de um esquema de rimas diferenciado pode ser o de transgressão das práticas poéticas tradicionais ou o de uma inexperiência da poetisa sobre essa construção poética. De qualquer maneira, não temos dados literários para cotejar a escrita da poetisa, uma vez que há apenas uma recorrência de poema assinado pela autora em todas as edições da revista, e não encontramos nenhuma referência em buscas avançadas em bibliotecas e obras especializadas.

O eu enunciador, até a terceira estrofe, dirige-se às andorinhas, marcadas no texto pelo emprego de pronomes da segunda pessoa do plural: “vos”; “convosco”. Somente na última estrofe, ao trazer sua voz através do discurso citado em sua forma direta, o enunciador expressa seu desejo de liberdade. O tom emocional-volitivo é lamentoso e choroso, perpassando todo o poema, como podemos perceber pelos trechos: “A mágoa esqueço e a lágrima se estanca”; “Ao transformar-se essa tristeza imensa”; “Fatalidade minha!”.

Observamos, além das rimas, o recurso poético *enjambement*²⁵ no primeiro e segundo versos da primeira estrofe: “Quando vos vejo em bando, volteando/De sol doirada minha casa branca”; e no terceiro e quarto versos da segunda estrofe: “Alliviado o coração se sente/ Ao transformar-se essa tristeza imensa”. Tal recurso poético, conforme nos explicita Goldstein (2007), produz uma tensão que se relaciona ao som, à sintaxe e ao sentido. Em relação ao som, observamos que há uma completude nos primeiros versos dos pares, pela pausa advinda

²⁵ *Enjambement* é um recurso poético em que um verso tem sua continuidade sintática no verso seguinte.

das sílabas tônicas “an”, e “en”, e pelo ritmo produzido através do efeito de continuidade produzido pela nasalidade, assim como verificamos uma alteração rítmica nos versos seguintes pela introdução da consoante /d/ (De sol...) e a vogal aberta /a/ (Ao transformar-se...). Já em relação à sintaxe e ao sentido, há uma incompletude nos primeiros versos, que busca complemento nos versos seguintes.

Assim, a poetisa, ao privilegiar, no primeiro exemplo, o movimento das andorinhas ao invés do lugar em que ocorre – a casa – e, no segundo exemplo, o sentimento de alívio ao invés da causa – a transformação –, transgride a ordem direta da língua, destacando esses elementos. Ao fazê-lo, produz a quebra sintática e de sentido que se resolve pelo *enjambement*.

O emprego dos sinais de pontuação, como as vírgulas, os dois pontos e o ponto de exclamação são recursos de natureza gramatical, dentro dos planos verbal e verbo-visual, estando também a serviço do conjunto significativo do poema. As vírgulas separam sintaticamente os períodos que compõem os versos onde não há *enjambement*. Os dois pontos introduzem a fala da enunciadora “Fatalidade minha!”. Já o ponto de exclamação expressa a avaliação lamentosa da enunciadora sobre sua situação. Da mesma forma, a configuração gráfica do poema é delineada pelas marcas da pontuação, no plano verbo-visual, orientando o olhar do leitor. Um exemplo consiste no verso “Eu digo, então: Fatalidade minha!”, que a presença dos dois pontos, do ponto de exclamação, além da vírgula e da letra maiúscula instaura uma posição diferenciada que é verbo-visual, cujo efeito de sentido é de uma marca discursiva, com a inserção da fala da enunciadora no poema.

Segundo Nadaf (2004, p. 66), o poema *Andorinhas*, de Regina Prado, está enumerado, entre outros, como um representante de um tema de destaque da poética do Romantismo: o desejo de evasão. Como exemplo, trazemos os versos finais: “Pudera ser, também, uma andorinha”, “Quisera ter, assim, azas ligeiras”. A repetição da estrutura sintática destes versos, em que se emprega o pretérito mais-que-perfeito, seguido de verbo no infinitivo, aponta para o desejo, para o sonho inatingível da conquista da liberdade, impossível de ser realizado. Outro aspecto também comum ao Romantismo que podemos abstrair desse poema é a recorrência pela poetisa a elementos da natureza para a manifestação do seu estado de espírito, o que os românticos da época batizavam de *spleen*²⁶.

²⁶ *Spleen*, também chamado de mal do século, é um termo utilizado para se referir aos sentimentos de tédio, mal-humor, melancolia, desânimo, causados por amores não correspondidos ou pela descrença na vida por causa da aproximação da morte, temas comuns da poesia ultrarromântica (2ª Geração Romântica), cujo maior expoente brasileiro foi Álvares de Azevedo (1831-1852). Bosi (1995, p. 120) se refere a essa geração como sendo do “Romantismo egótico”, segundo o autor: “[...] a oclusão do sujeito em si próprio é detectável por uma

Algumas imagens singelas são criadas ao longo do poema, como “volteando De sol doirada minha casa branca”, “minh’alma vae suspensa, Convosco a voejar n’um vôo contente”, “azas lindas, Cortando o ar em doidas brincadeiras”. Estas figuras metafóricas compõem o cenário criado pelo enunciador para que seu sonho possa ser vivenciado, dando ênfase ao querer dizer do eu enunciador.

Ao instaurarmos um diálogo entre o poema e a epígrafe introdutória do texto *A educação da mulher*, o efeito de sentido que se cria é a da presença de vozes contrárias, constituindo um movimento discursivo oposto, divergente. Considerando essa interpretação, se a epígrafe expressa a afirmação da palavra autoritária, ao responsabilizar a mulher pelas ações dos cidadãos por ela criados, e, conseqüentemente, pela grandeza da nação, o poema, por sua vez, com o verso “Quando vos vejo em bando, volteando”, produz um sentido que remete à união, à condução de um grupo para o alcance de um ideal. Dessa maneira, o poema parece sugerir que a responsabilidade sobre o desenvolvimento de uma nação deva ser esforço de todos, homens e mulheres. Essas vozes se encontram, ainda, em relação dialógica com ditados populares, fórmulas discursivas do senso comum, como “a união faz a força” ou “uma andorinha só não faz verão”.

Na relação entre o poema e o enunciado *A educação da mulher*, é visível a presença de vozes antagônicas no mesmo espaço: uma que enquadra a mulher e a responsabiliza pelo “perigo de nascer a queda moral do povo”, e outra que clama pela liberdade do eu enunciador, desejoso de voar como uma andorinha, mas que, por uma “fatalidade” de ser mulher, torna-se impossibilitado de atingir novos objetivos. A afirmação da palavra internamente persuasiva, na perspectiva bakhtiniana, é constatada nesse movimento discursivo, e cria um efeito de sentido, ao leitor, de que o poema possa ter sido colocado intencionalmente no interior do enunciado principal.

A redatora Maria Dimpina encarna uma voz que impõe orientações para a atuação da mulher, ao mesmo tempo em que Regina Prado (autora do poema) representa a própria mulher em seu desejo de emancipação e libertação. As dimensões visual e verbo-visual dos enunciados apontam, na diagramação da página, para o fato de que o “ingênuo” poema, envolto, cercado, grafado em fonte menor que a do enunciado principal, é um clamor abafado, ilhado, emoldurado por um discurso conservador e uma ideologia bem retratados no texto e

fenomenologia bem conhecida: o devaneio, o erotismo difuso ou obsessivo, a melancolia, o tédio, o namoro com a imagem da morte, a depressão, a auto-ironia masoquista: desfigurações todas de um desejo de viver que não logrou sair do labirinto onde se aliena o jovem crescido em um meio romântico-burguês em fase de estagnação”.

que caracterizam, conforme já assinalamos, o papel que a mulher deveria exercer na sociedade da época.

Tal efeito de sentido é criado pela alternância dos sujeitos que falam nos diferentes enunciados presentes na mesma página: *Andorinhas* intercalado em *A educação da mulher*. Bakhtin (2010, p. 124) vai tratar da intercalação, afirmando que os gêneros intercalados são uma das “[...] formas mais importantes e substanciais de introdução e organização do plurilinguismo no romance”. No caso de *A Violeta*, trata-se de um gênero da esfera literária intercalado num enunciado da esfera jornalística. Para Bakhtin (2010, p. 125), ainda:

Os gêneros intercalados podem ser diretamente intencionais ou totalmente objetais, ou seja, desprovidos inteiramente das intenções do autor. Eles não foram ditos, mas apenas mostrados como uma coisa pelo discurso; na maioria das vezes, porém, eles refrangem em diferentes graus as intenções do autor, e alguns dos seus elementos podem afastar-se, de diferentes maneiras, da última instância semântica da obra.

Nesse sentido, podemos nos indagar se a redatora do enunciado principal, *A educação da mulher*, ao intercalar o poema *Andorinhas* apenas estava apresentando uma “palavra mostrada”, ou se havia um grau diferenciado em que os sentidos fossem refrangidos, num processo de dialogização, permitindo uma abertura para a palavra internamente persuasiva dentro de um espaço ocupado pela palavra autoritária. Os enunciados em relação dialógica, portanto, compõem um discurso híbrido, para ser lido, por um lado, apenas como um singelo poema inserido no centro de outro texto por questões meramente gráficas ou ornamentais, ou como um gênero intercalado intencionalmente posicionado, para dar vazão a uma outra voz.

Ou seja, temos aqui um exemplo de como a verbo-visualidade aponta para um entrecruzamento de vozes, reafirmando um movimento discursivo dúbio.

Outra possibilidade de leitura é aquela que percebe a dimensão verbo-visual presente no texto não como uma estratégia de inserção de uma voz contrária, mas sim de uma voz que reafirma o discurso trazido pelo enunciado principal. Isso é possível de ser considerado tendo em vista o contexto sócio-histórico da época de produção dos enunciados de *A Violeta*, ou seja, o início do século XX. Vale lembrar que se trata de uma edição de abertura de um periódico produzido por mulheres no interior do Brasil, e que, tendo em vista seu público-alvo, as mulheres, concebia, certamente, o tema da educação da mulher como algo totalmente relevante para o período.

Assim, se fizermos um movimento exotópico, na perspectiva bakhtiniana, somos autorizados a reconhecer que o ideal das redadoras era defender pontos de vista favoráveis à

educação da mulher. Consequentemente, mulheres educadas seriam mulheres livres, por isso agregar o poema *Andorinhas* ao texto *A educação da mulher* teria um propósito de reafirmar/atualizar a posição ideológica expressa neste. Compreendemos que o nosso olhar de pesquisadora dista cem anos da publicação do enunciado em foco, o que torna mais complexa a tarefa de qualificar as vozes ali presentes.

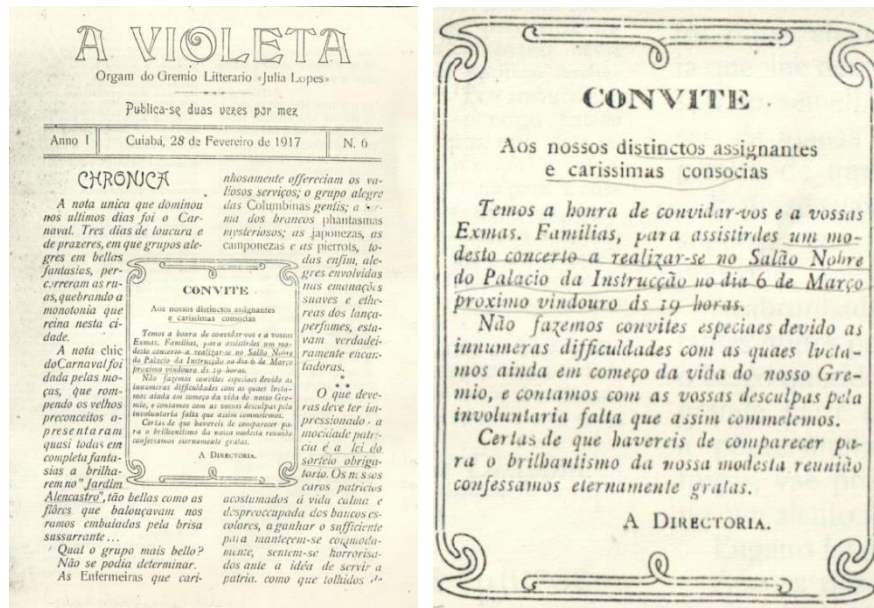
Nessa perspectiva, atribuímos ao texto *A educação da mulher* um caráter conservador e, neste sentido, a voz trazida pelo poema *Andorinhas* é uma voz contrária, abrindo para uma palavra internamente persuasiva. Por outro lado, considerando as colocações anteriores, se nos colocarmos no lugar das redatoras, preparando uma revista, em 1916, para adentrar na esfera jornalística predominantemente masculina, esperançosas de uma boa recepção junto às leitoras e ao público em geral, o tema da educação da mulher se reveste de um novo caráter, não conservador para a época, mas sim libertador.

Dimpina acreditava piamente no papel social transformador da educação, mesmo que o espaço feminino considerado fosse bastante restrito. Prova disso é que, em enunciados de edições posteriores, ela retorna várias vezes ao mesmo ponto, como no texto presente em nosso *corpus*, de 31 de julho de 1943, quase trinta anos depois. Nele, a redatora afirma que, ao longo dos anos de publicação de *A Violeta*, “bate sempre na mesma tecla”, e mesmo assim, o assunto relacionado à educação da mulher não se esgota, nem as questões envolvidas são minimizadas.

Quando, portanto, pensamos no conceito de vozes, na perspectiva bakhtiniana, entendemos que elas estão situadas ideologicamente em um tempo e em um espaço. Para as redatoras, trata-se de um texto emblemático, o primeiro texto assinado da revista, defensor da educação da mulher, ideia não muito aceita pela sociedade patriarcal dominante. Em relação dialógica, apontamos o enunciado da edição de 20 de fevereiro de 1919, que também integra nosso *corpus*. Nele, Mary, por meio do discurso citado, reproduz um discurso patriarcal sobre a mulher: “para o lar não necessita saber ler”.

O recurso verbo-visual de inserir um enunciado em outro também está presente em alguns números da revista, como, por exemplo, e na edição 6, de 28 de fevereiro de 1917, que veicula, logo em sua capa (Figura 36), um convite inserido em uma crônica, a qual apresentamos a título de ilustração.

Figura 36 – Revista *A Violeta*, n. 6, 28 de fevereiro de 1917



Fonte: Acervo de Yasmin Nadaf (2013).

Neste conjunto enunciativo, podemos perceber a preocupação da redação de *A Violeta* em trazer aos seus leitores informações culturais, ao focar o carnaval de rua no enunciado principal e, no convite inserido no centro, anunciar um concerto no Salão Nobre do Palácio da Instrução. Dessa maneira, a revista se coloca como promotora da cultura local, ampliando sua função de mero instrumento de informação jornalística. Observamos, ainda, o cuidado gráfico da redação em ornamentar o convite, com bordas desenhadas, para dar destaque ao momento cultural que promove.

Bakhtin (2010a, p. 140) apresenta algumas considerações a respeito do carnaval:

O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. [...] As leis, proibições e restrições, que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extracarnavalesca, revogam-se durante o carnaval: revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens.

Nessa direção, cria-se um efeito de sentido de contraste, produzido pelo fato de que o convite é feito para um concerto num salão nobre, fechado, ou seja, para um auditório restrito à classe social de elite, evento apropriado àquilo que Bakhtin denomina por “ideologia oficial”, e está emoldurado, encerrado, fechado dentro de outro enunciado que traz informações sobre o carnaval, que é um evento da cultura popular, realizado no espaço da

praça pública, “ideologia popular”, que envolveria pessoas de diversas classes sociais. Contudo, reconhecemos que, na crônica em questão, a autoria aponta para o grupo representante de classe econômica privilegiada, ao citar apenas as moças devidamente adornadas em suas fantasias, compondo a “nota chic do Carnaval”.

Podemos observar, ainda, que os enunciados em análise, *A educação da mulher* e *Andorinhas* dividem o espaço da página com o texto de prosa literária curta *Reminiscencias tragicas*, assinado por Maria Ponce de Arruda, nome de solteira de Maria Müller. Antes de adentrar no conteúdo desse outro enunciado, notamos que a fonte utilizada para inserir os títulos *A educação da mulher* e *Reminiscencias tragicas* é a mesma, recebendo um tratamento ornamental, desenhado, o que os destaca no espaço gráfico da página.

Um efeito de sentido suscitado pela presença dos dois títulos é de que a mulher tenha tido um passado trágico, sem acesso à educação. Além disso, o conteúdo do enunciado *Reminiscencias tragicas*, que traz a história de um homem que vive enclausurado por ter cometido um crime, pode aludir à condição feminina de outrora, marcada pelo isolamento e representada pela figura da mulher fechada em seu quarto, lendo às escondidas e sem participação ativa nos acontecimentos da vida social.

Outro efeito de sentido que advém do compartilhamento da mesma página por esses enunciados é de que a mulher educada se liberta, ampliando a sua participação social, enquanto que, em *Reminiscencias tragicas*, o homem representado ali se fecha, se isola, sofre, por cometer ato ilícito e morre solitário. Não há, na história retratada, nenhuma figura feminina que tenha participado de sua vida ou que tenha tentado resgatar o protagonista. A sugestão é de que o homem, sem a mulher, está fadado à queda moral, à solidão, ao fracasso, ao isolamento e à morte. A esse respeito, é importante citar novamente a passagem do texto *A educação da mulher*: “E d’ahi o perigo de nascer a queda moral do povo, pois é no lar que se formam os corações e a educação do lar compete à mulher e mormente à mulher mãe”. (A VIOLETA, 1916, p. 2).

Após a análise do primeiro enunciado de nosso *corpus*, em sua dimensão verbo-visual, passamos, a seguir, para a análise do texto presente na edição de encerramento da revista, em 1950.

4.2 *A Violeta*: vozes acerca da felicidade

Nesta seção analisamos o enunciado presente na edição n. 333, de 31 de março de 1950, intitulado *Como fazer felizes...*, assinado por Maria Dimpina e publicado em duas partes, nas páginas 16 e 20, respectivamente, conforme figuras 37 e 38, a seguir. Evidenciamos o fato de o texto estar dividido e a segunda parte, na página 20, estar posicionada inferiormente, sendo que a parte superior é reservada ao texto em homenagem ao Desembargador José de Mesquita. Sem querer entrar no mérito das questões de diagramação que poderiam estar implicadas na composição tipográfica possível para a época, parece bastante revelador este aspecto verbo-visual, pois o efeito de sentido sugerido é o de menor importância para a conclusão do enunciado *Como fazer felizes...*, e destaque em tom bajulatório para o aniversariante, Desembargador José de Mesquita, sempre considerado como uma importante figura nas páginas de *A Violeta*, como voz masculina a ser ouvida e acatada.

O título está grafado em fonte serifada²⁷, maior do que a do texto, destacado em negrito e centralizado. O corpo do texto é composto de parágrafos curtos e não está diagramado em colunas. Além disso, são utilizados diferentes recursos tipográficos e de convenções da escrita que variam ao longo do texto, como itálico, negrito, uso de travessão, muitos pontos de exclamação e interrogação, reticências, e espaçamento diferenciado entre fontes. Podemos observar, do lado superior direito da página 16, uma ilustração (representação figurativa) desenhada em preto e branco, que retrata uma elegante jovem senhora, vestida com um casaco estilo sobretudo, cujo corte proporciona uma aparência esguia ao modelo. A jovem senhora usa uma espécie de casquete²⁸ que ajuda na composição do seu visual.

²⁷ Fonte serifada ou serifa equivale a pequenos traços e prolongamentos no fim das hastes das letras. As famílias tipográficas podem se apresentar com/sem serifas. (HOCHULI, 2013).

²⁸ Peça de vestuário para a cabeça, flexível e sem aba, de couro ou de tecido etc. Chapéu pequeno, oval, com lados retos e copa achatada, usado preso aos cabelos por um alfinete decorativo. (FERREIRA, 2010, p. 446).

Figura 37 – Enunciado *Como fazer felizes...*, *A Violeta*, n. 333, 31 de março de 1950

— 16 — A Violeta

Como fazer felizes...

Leitora amiga:
 Tú, que ostentas êsse bonito agasalho — onde o adquiriste?
 Em a casa Laraya? Em "A Exposição, quando da tua última estava na Cidade Maravilhosa?"

Qualquer que seja a procedência, é belo e vai bem com a tua elegância!

És feliz? Recolha-te por um momento e pensa nos sofrimentos dos que não podem adquirir roupas suficientes para se agasalharem no inverno que se aproxima.

Lembra-te das crianças pobres e de tantas pessoas velhas e doentes a quem os rigores dessa estação podem trazer o sofrimento e quiça a morte!

Não me refiro às felizes crianças do Hospital Darcy Vargas, que estão ao amparo de generosa Associação.

Vamos ao encontro da pobreza desamparada, dessa que se abriga nos ranchinhos miseráveis dos arrabaldes distantes dessa que, ainda, não está recolhida nos asilos e nas casas de caridade.

Ali mesmo, á rua Pedro Celsetino, estão as alunas da Escola Doméstica Dona Júlia.

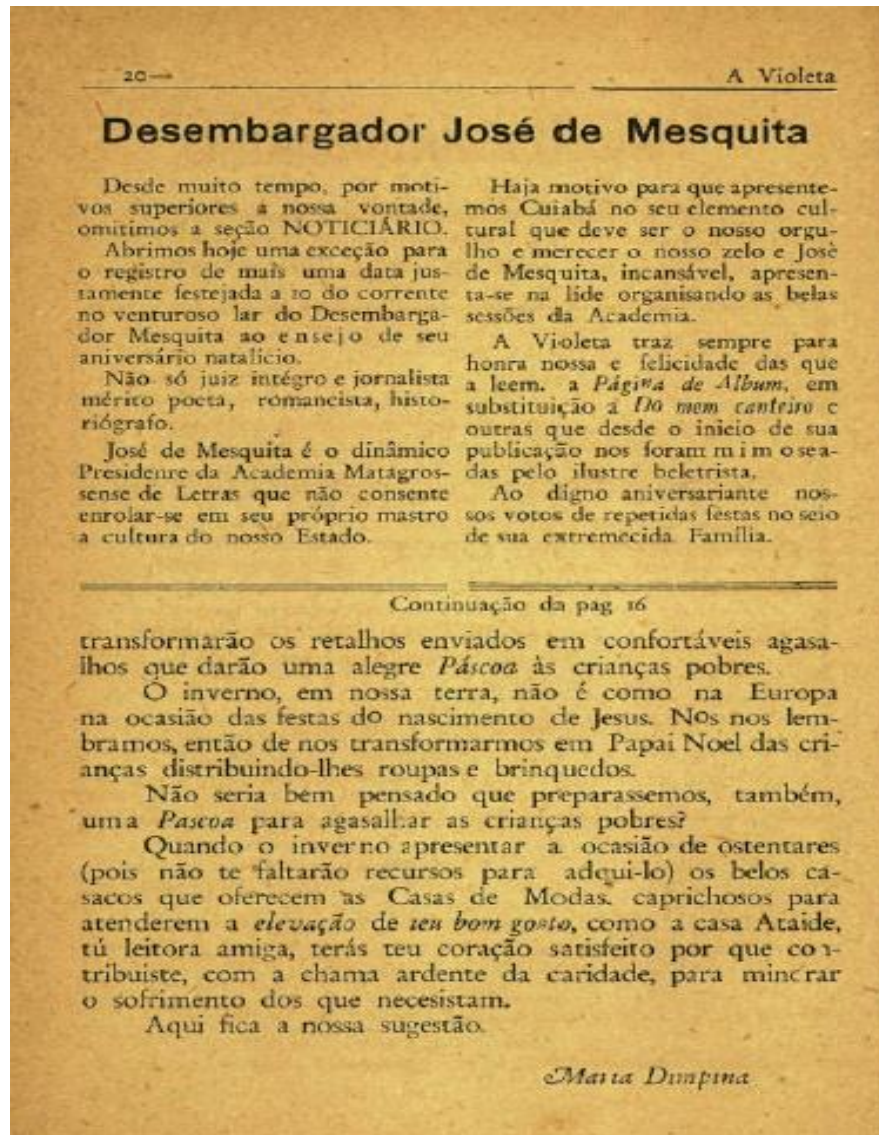
Precisam, é certo, de material para o trabalho em classe. De boa vontade, auxiliadas pelas distintas Professoras, elas

Continua noutro local



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 38 – Continuação do enunciado *Como fazer felizes...*, *A Violeta*, 31 de março de 1950



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

O título *Como fazer felizes...* é sugestivo, pois, ao terminar com reticências, encaminha para um discurso de orientação, de instrução para o alcance da felicidade. Reconhecemos a importância do emprego das reticências logo no título, pois, segundo Dahlet (2006), o lugar de ocorrência desses três pontos indica a função do sinal. Assim, no título em questão, as reticências ocupam um lugar de fim de frase, sugerindo, a partir daí, um “espaço de interpretação”. A autora esclarece:

O algo a mais fica por conta do leitor: ele é quem efetua a completude do sentido. Com efeito, dos três sinais, as reticências são, certamente, as mais ostensivamente interativas. [...] De modo que o *escriptor* passa o bastão para o leitor, que se torna então enunciador do dito que originalmente está faltando. O recuo do enunciador-*escriptor* é inversamente proporcional ao avanço do leitor co-enunciador. (DAHLET, 2006, p. 205).

Mais adiante, na página 208, a autora acrescenta: “[...] vemos a função desse sinal, que enseja um dizer a vir na subsequência do dito, que indica um dizer *in absentia*. Nesse lugar, as /.../ são, por excelência, sinal de cooperação”. Dessa forma, o efeito de sentido que as reticências provocam é de que o leitor pode prosseguir à completude do pensamento a respeito de como fazer felizes, e essa indagação indireta perpassa todo o enunciado.

Numa releitura bakhtiniana, vislumbramos nesse “espaço de interpretação” uma possibilidade de cocriação por parte do leitor. Segundo Wesling (2016, p. 199): “Esta é a cocriatividade da leitura-resposta, quer do intelectual ou do artista, parceiros em toda a trivialidade do dialogismo: democrático, sempre aberto para qualquer um”. Na obra de Bakhtin (2011, p. 377-378), encontramos a referência a esse aspecto articulado ao ato da compreensão:

Compreender o texto tal qual o próprio autor de dado texto o compreendeu. Mas a compreensão pode e deve ser melhor. A criação poderosa e profunda em muitos aspectos é inconsciente e polissêmica. Na compreensão ela é completada pela consciência e descobre-se a diversidade dos seus sentidos. Assim, a compreensão completa o texto: ela é ativa e criadora. A compreensão criadora continua a criação, multiplica a riqueza artística da humanidade. A cocriação dos sujeitos da compreensão.

Nesse sentido, a autoria não tem uma mão única, não provém apenas do locutor, mas se completa no processo da interação verbal, durante o ato de leitura. A pista verbo-visual que aponta para a necessidade dessa completude é dada pela presença das reticências.

O texto inicia com o vocativo “Leitora amiga”, ao qual segue uma chamada interrogativa, que marca o início de uma conversa, ou melhor, de uma “convocação” da leitora: “Tu, que ostentas esse bonito agasalho – onde o adquiriste?” Em a casa Laraya? Em “A Exposição, quando da tua última estava na Cidade Maravilhosa?” (A VIOLETA, 1950, p. 16). Esta convocação continua ao longo do texto, tomando diferentes formas linguísticas para compor, por meio da dimensão interlocutiva, da presença do *tu enunciativo*, o projeto discursivo, argumentativo e persuasivo da redatora: convencer as leitoras ricas a doarem agasalhos aos mais necessitados.

Compreendemos, ainda, a estratégia da interrogação utilizada por Dimpina como uma figura retórica de comunhão, segundo Perelman e Tyteca (2014, p. 201-202). Para os autores, a “[...] comunhão cresce igualmente por meio de todas as figuras pelas quais o orador se empenha em fazer o auditório participar ativamente de sua exposição, atacando-o, solicitando-lhe ajuda, assimilando-se a ele”.

As pistas do poder aquisitivo e da classe social das leitoras advêm das referências à casa Laraya²⁹ e à Cidade Maravilhosa. Durante muito tempo, o Rio de Janeiro foi uma cidade referência para a moda e costumes, principalmente das classes mais abastadas. Os cuiabanos tinham uma forte ligação com o Rio, pelas condições climáticas e pelo fato de que muitos dos jovens filhos de famílias cuiabanas de classe média e alta se deslocavam para lá a fim de prosseguir os estudos.

No parágrafo seguinte, observamos a apreciação valorativa da enunciadora sobre seu público, produzindo um efeito de sentido de que as leitoras são mulheres da sociedade com elevado poder aquisitivo. Formalmente, ao se dirigir à leitora a respeito do agasalho que esta provavelmente venha a ter, a redatora lança mão de recursos da língua, dos elementos da dimensão verbal, através do uso de adjetivo, locução adverbial e substantivo: “Qualquer que seja a procedência, é **belo** e **vai bem** com a tua **elegância!**” (A VIOLETA, 1950, p.16, grifo nosso). Essa estratégia também foi usada no parágrafo inicial através do emprego do verbo ostentar, na segunda pessoa do singular em “Tú, que **ostentas**” (A VIOLETA, 1950, p.16, grifo nosso). Assim, o léxico selecionado pela autora, nesse trecho, serve ao propósito de compor o perfil da leitora: uma mulher bela, elegante e que ostenta um bonito agasalho.

Antecipadamente, podemos afirmar que o procedimento enunciativo de referência às pessoas do discurso acontece ao longo de todo o enunciado. Há uma alternância entre a segunda e a primeira pessoa do singular (tu/eu), e a primeira e a terceira pessoa do plural (nós/elas). Reconhecemos a incidência da permutação entre o *tu* e o *nós*, *enálage* do número de pessoas, conforme Perelman e Tyteca (2014, p. 202), uma estratégia retórica de “comunhão com o auditório”, em que o autor do enunciado busca confundir-se com seu leitor.

Explorando ainda a dimensão verbal dos parágrafos iniciais, podemos perceber o emprego de alguns recursos da escrita como ponto de interrogação, exclamação e travessão. Sobre a interrogação, Dahlet (2006, p. 196) nos esclarece que há uma distinção entre a interrogação e a interrogação retórica. Segundo a autora, a questão retórica tem um poder coercitivo sobre o interlocutor, e “[...] todas as interrogações em cotexto monologal são por

²⁹ Estabelecimento comercial de Cuiabá do início do século XX, no ramo de vestimentas e acessórios.

certo retóricas, mas que tomam encaminhamentos complexos, aproximando-se às vezes de verdadeiras encenações”. (DAHLET, 2006, p. 198-199).

Em Perelman e Tyteca (2014, p. 202), encontramos algumas considerações sobre a interrogação oratória:

A apóstrofe, a interrogação oratória, que não visa nem a informar-se, nem a assegurar um acordo, são em geral figuras de comunhão; na comunicação oratória o orador pede ao próprio adversário, ao juiz, que reflita sobre a situação em que se está, convida-o a participar da deliberação que ele parece prosseguir à frente dele, ou então o orador procura confundir-se com o seu auditório.

Considerando as observações de Dahlet e de Perelman e Tyteca, podemos afirmar que a enunciativa Dimpina também lança mão de perguntas retóricas, ou seja, ela não deseja saber as respostas, antes já as conhece. Apenas está construindo uma pequena encenação discursiva que funciona como pretexto para inserir a temática principal do enunciado, ou seja, persuadir as leitoras a doarem agasalhos para os menos favorecidos financeiramente, durante o inverno em Cuiabá. A prática de doação de agasalhos certamente foi inspirada pelas ações das pastorais da Igreja Católica e também pela ação do governo federal, no governo Vargas, através da criação da Legião Brasileira de Assistência – LBA³⁰, no ano de 1942.

Com relação ao ponto de exclamação no final do quarto parágrafo, o mesmo indica a posição valorativa de aprovação da enunciativa a respeito do uso do agasalho citado, ao dizer “é belo e vai bem com a tua elegância!” Conforme Dahlet (2006), o ponto de exclamação pode ter valor de interjeição, vocativo, imperativo e exclamação. Acrescenta, ainda: “Sendo exclamativo, o enunciado não somente transmite o conteúdo, como também, pelo fato de o próprio enunciador ter tomado posição mediante o sinal de pontuação, apela para o leitor tomar posição a respeito”. (DAHLET, 2006, p. 195).

Quanto ao uso do travessão, observamos tratar-se de um travessão simples. Esse recurso tem a função de substituir os dois pontos, caracterizando-se como um “[...] marcador expressivo que proporciona um destaque notável ao segmento introduzido pelo sinal”. Ainda segundo Dahlet (2006, p. 191), “[...] o destaque assim gerado pelo travessão simples transforma o valor declarativo do segmento em mais-valia afirmativa, fiduciária”. No caso de

³⁰A LBA foi criada em 1942, tendo como objetivo inicial amparar os convocados para a II Guerra Mundial e suas famílias. Porém, desde sua criação, as metas previam sua fixação como instituição destinada a desenvolver serviços de assistência social. (CAMPOS; ROSEMBERG; FERREIRA, 1993, p. 30).

nosso exemplo, o travessão simples destaca a pergunta “onde o adquiriste?”, questão que introduz o projeto discursivo argumentativo da enunciadora.

Dando sequência, Dimpina prossegue na criação de seu cenário enunciativo para introduzir a sua argumentação, ao dialogar com a “leitora amiga”, tornando-se uma aliada, para, no parágrafo seguinte, instaurar uma reflexão: “És feliz? Recolha-te por um momento e pensa nos sofrimentos dos que não podem adquirir roupas suficientes para se agasalharem no inverno que se aproxima”. (A VIOLETA, 1950, p. 16).

A interrogação a respeito da felicidade da leitora dialoga diretamente com o título do enunciado: *Como fazer felizes...* Conforme assinalamos anteriormente, a indagação a respeito da felicidade irá perpassar todo o enunciado e na questão “És feliz?” encontra sua primeira ancoragem. Para Perelman e Tyteca (2014, p. 180), “As perguntas são, em geral, apenas uma forma hábil para encetar raciocínios, notadamente usando da alternativa ou da divisão, com a cumplicidade, por assim dizer, do interlocutor que se compromete, por suas respostas, a adotar esse modo de argumentação”. Assim, tal interrogação é também uma questão retórica, em que a autora não está interessada na resposta e, sim, em convencer as leitoras para a doação de agasalhos.

O parágrafo seguinte auxilia na criação de uma imagem das pessoas desassistidas: “Lembra-te das crianças pobres e de tantas pessoas velhas e doentes a quem os rigores dessa estação podem trazer o sofrimento e quiça a morte!”. (A VIOLETA, 1950, p. 16). Acrescentamos um trecho que complementa a referência inicial feita pela enunciadora sobre a condição dessas pessoas durante o inverno: “Recolha-te por um momento e pensa nos sofrimentos dos que não podem adquirir roupas suficientes para se agasalharem no inverno que se aproxima”. (A VIOLETA, 1950, p. 16). Ao utilizar os verbos no imperativo: “lembra-te”; “recolha-te”, “pensa”, a autora encarna uma voz não apenas autoritária que o emprego gramatical denuncia, mas sobretudo ecoa uma voz assistencialista, que reafirma também o discurso religioso da caridade, do auxílio ao próximo.

A prova dessa afirmação está no fato de que o próprio texto prossegue fazendo referência explícita ao Hospital Darcy Vargas, tecendo uma apreciação valorativa que considera essa instituição como bem sucedida: “Não me refiro às felizes crianças do Hospital Darcy Vargas, que estão ao amparo de g e n e r o s a Associação”. (A VIOLETA, 1950, p. 16) Na opinião de Simili (2006, p. 3), a figura de Darcy Vargas³¹

³¹ Darcy Vargas, primeira-dama, foi presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), de 1942 a 1945, durante a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

[...] traz as marcas das representações presentes no universo feminino da época de que a mulher tinha um papel a cumprir na sociedade, que era o de ser esposa e mãe e que suas causas deviam ser em defesa de problemáticas relacionadas ao sexo feminino e que a ele diziam respeito, tais como a maternidade e a infância.

Verificamos, no enunciado em análise, que a verbo-visualidade é acionada: a palavra “generosa”, adjetivo dado à Associação Darcy Vargas, aparece grafada com letras com espaçamento maior. Tal marca tipográfica, destacando a palavra, sugere uma entoação avaliativa específica, que aparenta ser um chamado da redatora em direção às leitoras bem-sucedidas, destinatárias supostas, conforme Amorim (2009), para refletirem a respeito de virtudes como a generosidade. Além disso, o destaque dado à palavra “generosa” também é uma marca expressiva que acentua a apreciação valorativa positiva da enunciadora sobre a Associação e marca uma estratégia persuasiva em direção às leitoras, para que, tocadas, também exerçam a sua “generosidade”.

No parágrafo seguinte, Dimpina se apropria de uma voz mobilizadora de um discurso que qualifica as pessoas pobres por meio de chavões: “Vamos ao encontro da **pobreza desamparada**, dessa que se abriga nos **ranchinhos miseráveis dos arrabaldes** distantes dessa que, ainda, não está recolhida nos asilos e nas casas de caridade”. (A VIOLETA, 1950, p.16, grifo nosso). Recorremos, novamente, a Perelman e Tyteca (2014. p. 187), ao tratarem dos clichês como *forma do discurso e comunhão com o auditório*:

Se os clichês são perseguidos, desde o romantismo, [...] é porque a expressão estereotipada só tem valor como meio fácil, fácil demais às vezes, de comunhão com os ouvintes. Essa expressão resulta de um acordo sobre o modo de expressar um fato, um valor, uma ligação de fenômenos ou um relacionamento entre pessoas.

Assim, o referido trecho de *A Violeta* nos remete a discursos político-demagógicos sobre a pobreza, possivelmente compartilhados pelas elites e classe média da época. Podemos observar que este parágrafo está em direta relação dialógica com o discurso do assistencialismo e da caridade, já comentados anteriormente.

Até esse momento do enunciado, a autora Maria Dimpina trata apenas das questões assistencialistas, focando a campanha de doação de agasalhos. A partir do nono parágrafo, inicia uma referência à Escola Doméstica, conduzindo o leitor ao conhecimento de uma das ações do Grêmio Júlia Lopes. Ao descrever a carência de materiais das alunas, a autora parece comparar as situações da bem-sucedida Associação do Hospital Darcy Vargas com a pobreza local, incluindo as necessidades da Escola Doméstica Dona Júlia. Denuncia, assim, de forma

indireta, para as leitoras da classe social privilegiada, as privações financeiras por que passavam o Grêmio Júlia Lopes.

Identificamos, novamente, nos parágrafos subsequentes, através da análise da dimensão verbal, as pistas da caracterização da leitora de *A Violeta* como alguém que tem posses e que ostenta a sua cara indumentária para a sociedade: “Quando o inverno apresentar a ocasião de **ostentares** (pois não te faltarão recursos para adqui-lo) os **belos** casacos que oferecem as Casas de Modas, **caprichosos** para atenderem *a elevação de teu bom gosto* [...]”. (A VIOLETA, 1950, p. 20, grifo nosso). A escolha lexical reside no emprego dos adjetivos “belos” e “caprichosos”, bem como do verbo “ostentares”.

Apesar das acepções trazidas pelo dicionário para o verbo “ostentar” – pompear, alardear, exibir, mostrar com orgulho –, não encaminham um sentido negativo, podemos perceber, a partir do todo do enunciado, que é produzido um efeito de sentido de crítica às mulheres que usam esses casacos. Exemplo disso é o fato de o texto trazer a expressão “a elevação do teu bom gosto” em itálico, que sugere um discurso bivocal, uma abertura para outra voz, em tom irônico, como se a enunciadora estivesse afirmando o bom gosto da leitora, mas, ao mesmo tempo, discordando ou criticando, tendo em vista o fato de que os casacos pesados não são apropriados ao clima de Cuiabá, por ser muito quente. Vale destacar que, o primeiro emprego do verbo ostentar, logo no início do texto, vem seguido da pergunta “És feliz?”, questionamento que coloca em xeque o ato de exibicionismo das caras vestimentas.

O enunciado traz explicitamente uma comparação entre o inverno da Europa e o inverno de Cuiabá. A leitora, conhecedora do clima europeu, e acostumada a viajar para o exterior, usa, da mesma forma em Cuiabá, roupas importadas, conforme podemos apreender da leitura do fragmento: “O inverno, em nossa terra, **não é como** na Europa na ocasião das festas do nascimento de Jesus”. (A VIOLETA, 1950, p. 20, grifo nosso).

No interior da edição de 1950, há outro enunciado em relação dialógica direta com a verbo-visualidade presente na ilustração do texto *Como fazer felizes...* Na página 8, encontramos um enunciado do gênero propaganda, intitulado *Elegante, sim, senhorinha!*, divulgando três estabelecimentos comerciais voltados para aquisição de vestuário e acessórios: Casa Ataíde, D. Almira Bodsteim e Livraria e Papelaria Progresso. Nele há duas ilustrações de modelos trajadas elegantemente, conforme aponta o título, com roupas em estilo europeu, mangas e comprimentos longos, conforme figura 39, a seguir.

Figura 39 - Propaganda, revista *A Violeta*, n. 333, 31 de março de 1950

A Violeta

Elegante, sim, senhora!

Mas, para que a tua personalidade seja completa, vá adquirir perfumes na Casa Ataíde, a tradicional casa de modas desta Capital Verde, a casa onde quem compra demonstra elevação de bom gosto.

Ao teu porte airoso, para realce do teu belo traje, enfim para que nada te falte, vá ali à rua Antonio Maria, D. Almira Bodsteim ajudar-te a escolher belíssimos colares, finíssimos brinços, um bonito anel que não de completar tua distinção no vestir.

Vá à Livraria e Papelaria Progresso.

Lá encontrarás para tu, para tua casa, para presenteares teus amigos, tudo o que o bom gosto exige.

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Ao observarmos os empregos verbais no texto que acompanha a propaganda, encontramos uma equivalência discursiva no enunciado de Dimpina: “elevação de bom gosto”; “distinção no vestir”, “tudo que teu bom gosto exige”. Revela-se, nesse diálogo entre os enunciados, a mesma apreciação valorativa a respeito da leitora de *A Violeta* e consumidora da Casa Ataíde.

Assim, podemos afirmar que a edição de 1950 oferece-nos dados que possibilitam a caracterização da leitora de *A Violeta*, representante da elite econômica cuiabana. A sua imagem é criada pela verbo-visualidade, pintada pela dimensão verbal no texto e apresentada pela dimensão visual através das ilustrações, de forma conjunta. Podemos, portanto, perceber a apreciação valorativa de Maria Dimpina sobre a leitora a quem se dirige: ou seja, ela “pinta”

a mulher da alta sociedade não como uma cuiabana, mas como uma europeia. Esse movimento autoral pode revelar apenas uma tendência das revistas literárias da época, em que os traços de europeização na moda e nos textos, traduzidos pela ênfase no estilo ornamental, dominavam o mundo literário.

De qualquer forma, os recursos verbais citados anteriormente parecem tecer um perfil positivo das leitoras, mas, ao mesmo tempo, ironizam-nas pelo uso de tais vestimentas. Podemos, portanto, reconhecer, na ironia, o discurso bivocal. Há presença de duas vozes, uma que traz elogios e outra que, simultaneamente, expressa uma crítica.

Recorremos novamente a Bakhtin (2010, p. 127), ao tratar da ironia como discurso bivocal, ou seja, aquele que:

[...] serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes [...] Nesse discurso há duas vozes, dois sentidos, duas expressões. Ademais, essas duas vozes estão dialogicamente correlacionadas, como que se se conhecessem uma à outra (como se duas réplicas de um diálogo se conhecessem e fossem construídas sobre esse conhecimento mútuo), como se conversassem entre si.

Compreendemos que a bivocalidade integra o enunciado, através do projeto discursivo da redatora que articula os elementos gráficos no plano de expressão verbo-visual para inserir uma voz de crítica ao comportamento social da elite cuiabana.

As vozes presentes no texto e a composição verbo-visual remetem-nos, novamente, ao título *Como fazer felizes...* Vemos que, após uma leitura mais atenta do enunciado, surge uma interrogação: Quem é preciso fazer felizes? Os pobres, sem agasalho, ou as ricas senhoras que, ao agirem com caridade, tornariam suas vidas mais felizes? A opção ainda pelas reticências e não pelo ponto de interrogação, evidenciada no título, autoriza-nos tal leitura, pois a convocação feita pelo texto não assegura que a felicidade almejada seja a das jovens senhoras pela caridade e nem dos pobres pelo recebimento dos agasalhos. O emprego das reticências sugere que a realização da felicidade acontece numa dupla orientação: tanto dos pobres quanto das senhoras da elite.

Por outro lado, os recursos verbo-visuais presentes no texto, além de apontarem para uma voz filantrópica que pede por agasalhos para crianças pobres, indiretamente inserem no fio discursivo um pedido de clamor às mulheres de elite para que ajudem a “salvar” também a Escola Doméstica, o Grêmio Júlia Lopes e, por extensão, a própria revista *A Violeta*, ameaçados de fechamento por motivos financeiros. Lembremos que este foi seu último número publicado. Tal interpretação é corroborada pelas relações dialógicas estabelecidas

com outros enunciados, dentro dessa mesma edição, que trazem algumas passagens apresentando um tom de súplica por auxílio ao não fechamento da revista, sugerindo uma despedida.

Na página 7, no encerramento do texto de abertura desta edição de 1950, intitulado *Crônica*, que aparentemente reproduz o discurso do professor Filogônio Corrêa³², na festa de encerramento do ano letivo da Escola Doméstica Dona Júlia, a redatora Maria Dimpina, em tom triste, parece lamentar um futuro encerramento da Escola por falta de recursos financeiros:

Resta-nos esperar a continuação do auxílio público e do apoio particular para que a Escola continue a semear o bem formador da coesão e da felicidade das Famílias, da Sociedade e da Pátria, dependentes todas da **educação da mulher**. (A VIOLETA, 1950, p. 7, grifo nosso).

Não podemos deixar de destacar, aqui, a relação dialógica estabelecida entre esse fragmento e o texto inicial da revista de 1916, *A educação da mulher*, já analisado anteriormente, que atribui à mulher a responsabilidade pela educação de toda uma sociedade e, em extensão, de todo um país. No trecho citado, podemos observar, ainda, o emprego de letras maiúsculas para grafar os substantivos “Família”, “Sociedade” e “Pátria”, que coloca, em primeiro plano, valores do século XIX, mas também que traz eco de vozes que ressoam o discurso do Positivismo, do Integralismo e o discurso religioso, nos moldes que já comentamos no primeiro capítulo.

Maria Dimpina, na primeira edição de 1916, traz o enunciado *A Educação da mulher*, e encerra o seu possível último texto na edição de 1950³³, com a expressão “a educação da mulher”. Tal fato demonstra quão obstinado era o seu posicionamento no trato dessa questão e ainda prova a coerência do projeto discursivo da revista.

Já na página 24 da mesma edição de 1950, encontramos outro enunciado, intitulado *Grêmio Júlia Lopes*, também em relação dialógica com o referido enunciado *Como fazer felizes...* Tal texto realiza uma espécie de inventário do Grêmio e se encerra com duas referências às dificuldades por que passavam:

³² Filogônio de Paula Correa, padre, era considerado um dos grandes oradores sacros do país à época.

³³ Lembramos que nas pesquisas realizadas por Nadaf (1993), o último exemplar desse periódico localizado data de 31 de março de 1950.

As sócias do Grêmio Júlia Lopes mantinham uma contribuição mensal de *dois mil reis* o que hoje não permite nem a publicação de A VIOLETA por falta de recursos para manter a sua despesa. [...] E! de esperar que a sociedade Cuiabana venha ao encontro do Grêmio que promete, e deve cumprir, continuar suas atividades por Mato-Grosso, pela sua Cuiabá da qual já constitui uma das benemerências dignas de ser conservada. (A VIOLETA, 1950, p. 24).

Ressaltamos, mais uma vez, neste pequeno trecho, o acionamento da verbo-visualidade pela redatora, ao marcar em *itálico* o valor com que as sócias contribuía para o Grêmio: *dois mil reis*. Esse destaque, seguido do nome da revista em letras maiúsculas, constitui a entoação avaliativa de Dimpina, buscando chamar a atenção daquelas a quem se endereça o texto, as “leitoras amigas”. Mais adiante, o adjetivo *Cuiabana* também aparece grafado em inicial maiúscula, como uma marca de expressividade que confere um efeito de sentido de destaque, visibilidade e/ou valorização da sociedade à qual pertenciam.

O todo enunciativo, como verificamos nas relações dialógicas entre os diferentes enunciados, portanto, sugere um apelo para as sócias contribuírem para modificar a situação financeira do periódico. Nesse sentido, o trabalho da editoria da revista efetuado na dimensão interlocutiva contava com uma compreensão ativa de seu público-alvo sobre os enunciados ali presentes.

Sugerindo uma nova possibilidade de leitura para o título *Como fazer felizes...*, podemos afirmar que as reticências apontam não apenas para as mulheres que serão felizes doando agasalhos e para os pobres que os receberão, mas também para as redadoras e a direção do Grêmio, que aguardavam ansiosas por contribuições e também se sentiriam felizes com tal acolhida. Conforme vimos, isso não ocorre, pois a revista se encerra na edição de 1950.

Levando em conta todas essas questões colocadas aqui na análise, é possível construirmos um conceito de felicidade que se adequava às condições sócio-históricas daquele momento, em relação não somente às leitoras e aos pobres necessitados de agasalhos, mas também às próprias redadoras da revista. Ou seja, a felicidade se realizava através do sentimento provocado por meio do ato de doação, de auxílio ao próximo, mas também por meio da obtenção de recursos financeiros para a própria sobrevivência. Na metade do século XX, no auge do Capitalismo, nada mais coerente do que um discurso que aliava o conceito de felicidade à plena tranquilidade proporcionada por fartos recursos materiais e financeiros.

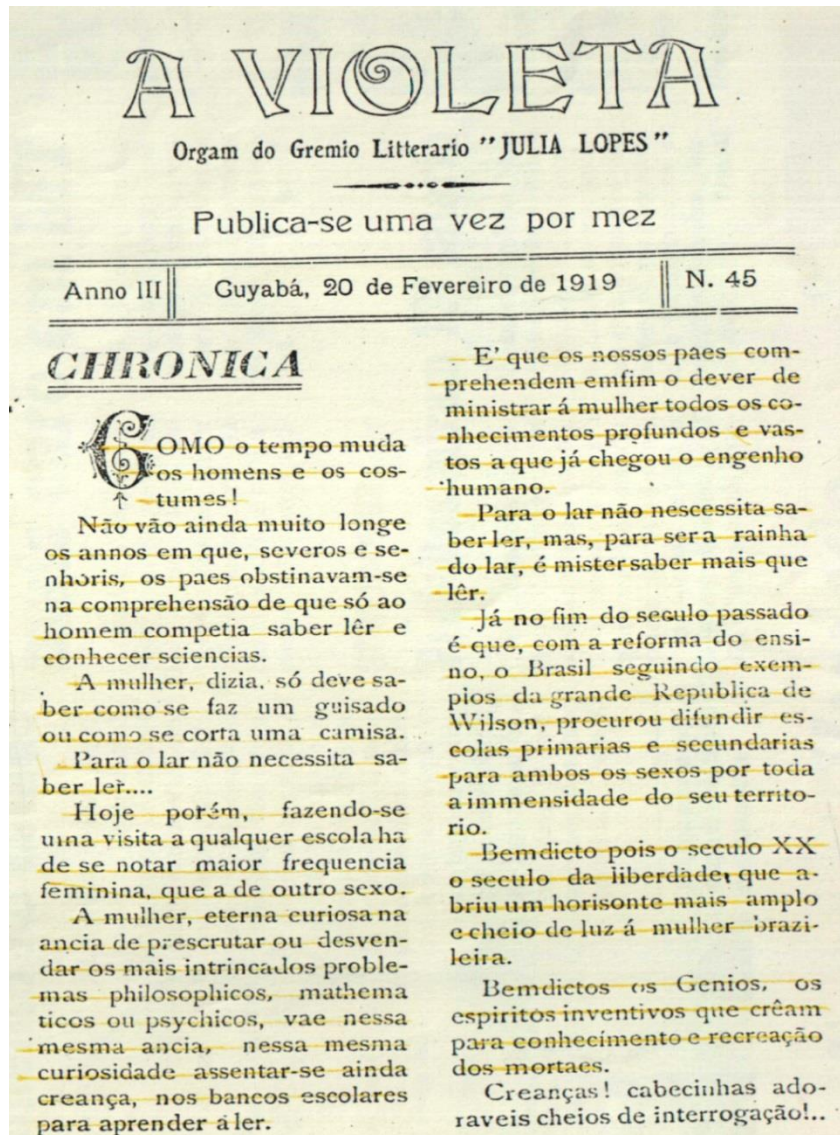
Dando sequência, passemos à próxima análise.

4.3 A educação da mulher: o ornamental iluminado de Mary

Na edição 45, de 20 de fevereiro de 1919, observamos, na primeira página, bem no alto, o cabeçalho identificador da publicação, com o nome da revista, em preto e branco, centralizado, com letras desenhadas e sem serifas. Logo abaixo do título, há uma referência ao Grêmio Literário Júlia Lopes e, em seguida, um desenho trabalhado que funciona como linha divisória, para destacar a periodicidade. A partir do início de 1919, a periodicidade mudou de quinzenal para mensal. Completando as informações do cabeçalho, há uma composição visual retangular, composta de linhas duplas, com destaque para o ano de publicação, local, data, o número da edição.

O enunciado intitulado *Chronica*, foco de nossa análise, tem a assinatura de Mary grafada em itálico e negrito e em fonte que imita a letra cursiva, possivelmente para destacar o pseudônimo de Maria Müller, estratégia discursiva que pode ser interpretada como uma forma de proteção do sujeito empírico. A utilização da fonte cursiva, do itálico e negrito ocorre para outras assinaturas dessa edição, sugerindo um efeito de sentido de subjetividade ou intimidade, como se as redatoras estivessem assinando seus enunciados de próprio punho.

O projeto discursivo da autora desenvolve uma reflexão analítica a respeito do avanço do tempo, no que concerne às conquistas da educação, principalmente da mulher, ao fazer uma retrospectiva dos acontecimentos políticos do século anterior e apresentar uma perspectiva favorável para o século XX. Tal orientação discursiva está em relação dialógica direta com os enunciados da primeira edição, de 1916, *A educação da mulher/Andorinhas*, já analisados, e também com o projeto discursivo da revista, conforme ressaltamos anteriormente. Vejamos as figuras 40 e 41, a seguir, que trazem as páginas do enunciado em questão:

Figura 40 – *Chronica* de *A Violeta*, n. 45, 20 de fevereiro de 1919

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 41 – Continuação da *Chronica* de *A Violeta*, n. 45, 20 de fevereiro de 1919

2	A VIOLETA	A VIOLETA	3
---	-----------	-----------	---

Correi á escola, ide aprender como se deve escrever e fallar a lingua portugueza.

Escola, templo do Saber! Permitta Deus que o teu poder de defusibilidade augmente sempre, sempre, para que o brasileiro depois de um seculo de emancipação politica possa exclamar sou livre e sei ler.

Como se fosse uma corrente electrica subtil e traçoieira, e que ao mesmo momentó se estabelecêsse para cada coração cuyabano, espalhou-se a pouco a tão agradável noticia de que em Março teremos luz.

O sr. João Pedro Dias esforçado e corajoso, qual titan vencendo todos os obstaculos conseguirá emfim aproveitando uma das nossas formosas quedas d'agua para extrahir força, dotar a nossa lendária cidade com luz electrica.

Cuyabá! parece que te abre agora um horizonte novo!

Cuyabanos! num gesto energico atirem para muito longe as chicanas politicas, cuidem do seu berço tão mal querido até agora,

Luz, principio basico de toda acção humana; luz, percepção physica; luz, percepção do espirito, illumine muito e sempre a nossa terra querida.

Irmanadas, electrizadas, comuniquem-se na mesma intensidade.

Dous seculos atraz, como devia tersido tenebrosa a intemerata investida de Miguel Sutil pelo Coxipó acima.

Mas não! elle tinha em torno a si muita claridade.

Luzia-lhe na alma a cubiça, accendendo-lhe lampejos nos olhos, pyrilampos accendiam luz tremeluzente pelo espaço, e sobre tudo pela immensidade verde das nossas mattas, despediam faiscas, relampejavam clarões, o ouro, o famoso ouro, factor dá fundação de Cuyabá, factor de qualquer progresso humano.

Mary

24 de Fevereiro

Entre as datas fulgurantes da nossa Historia, occupa lugar de destaque, a que encima estas linhas.

Proclamada a Republica Brasileira, ruindo por terra a velha Monarchia, transformando-se em fim todo o nosso organismo politico, era a maior das necessidades a sua reorganisação.

O povo brasileiro, após tão branca transição, necessitava urgentemente que se lhe traçassem os seus deveres e lhe fossem revelados os seus direitos.

Durante essa dolorosa expectativa de 15 longos mezes o Governo Provisorio adoptou a nova bandeira, decretou o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a federação das provincias, que tomaram o nome de Estados.

Convocou-se uma Assembléa Constituinte, creou-se o ministerio da Instrucção, correios e telegraphos, reformou-se a Instrucção Publica.

Entretanto proseguia a Constituinte no seu tão afanoso quanto proveitoso trabalho.

As discussões se abriram, os debates se prolongaram até que a 24 de Fevereiro de 1891, em solemnisissima sessão, no velho paço dos Imperadores transformado em séde da Convenção Republicana, o povo brasileiro ouviu, de pé, tremulo e pallido de emoção e patriotismo, a leitura da promulgação do codigó de sua liberdade, feita em nome da Nação Brasileira, pelo órgão purissimo de um simples cidadão, — Prudente de Moraes — a encarnação viva do patriotismo.

como as corollas recém-abertas das magnolias.

— Vês aquella estrella? e dizendo isto, Virginia apontava Sirius, que radiosa tremulava, na gaze alvacenta do céu.

Ella me faz lembrar uma amiguinha que perdi a algum tempo; chamava-se Stella e era uma alma feita para Deus; e foi por isso que voou tão cedo, deixando um vacuo insondavel no coração dos que a amaram.

Mas, deixa que te conte porque a estrella despertou-me essa lembrança

Stella nascera debil e mimosa. Crescera sempre rodeada de afagos até que um dia o amor veio tomar conta do seu coração.

Viram-sel e entre elles nasceu logo a sympathia! amaram-se.

Carlos era delicado e affavel, com um genio bem, próprio para ser o forte arrimo daquella debil flor, como a haste forte dos arbustos, sustenham os ramos frageis das trepadeiras.

Mas Stella, sentia se a pouco e pouco desfallecerem as forças; e toda vez que Flora, a Deusa das flores enfeitava de niveas floras as ramagens verdes das laranjeiras, ella sentia ir acabando dentro de si, a força mysteriosa que anima de vida o organismo.

Era que ella nos dizia, a mim e ao eleito de seu coração: «Em breve irei para a mansão dos justos; e si é verdade que a alma das virgens habitam nas estrelas, eu quero que meu espirito vá scintillar naquella formosa estrella, para que os que ficarem aqui, ter-me sempre na lembrança, quando a sua luz rasgar o véo da noite.

Orchidea.

Recordando!

A vida é sempre assim: uma alegria. Depois uma tristeza, uma saudade.

ASSEAVAM juntas, sob o esplendor de um luar alvissimo.

Eram ambas jorens e formosas! Conversavam com essa linguagem das almas virgens, linguagem que só nos falla das vozes dos anjos, cheias de perfume

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

O texto inicia-se com letra capitular “c”, ornamentalmente trabalhada para compor a palavra “COMO”, grafada em letra maiúscula, cuja ampliação marca um destaque para o começo do texto: “Como o tempo muda os homens e os costumes!” (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 1). Ressaltamos que o uso da letra capitular passa a ser uma constante a partir da terceira edição da revista, cuja diagramação procura reproduzir o padrão tipográfico dos periódicos que circulavam no início do século XX e marca, possivelmente, um traço de feminilidade ao aspecto visual do texto. Com esse primeiro parágrafo, a autora Mary antecipa ao leitor o conteúdo que será abordado. Os três parágrafos seguintes dão continuidade à temática, trazendo a voz da família num tempo passado, porém próximo, a respeito das restrições do espaço reservado à mulher na sociedade:

Não vão ainda muito longe os annos em que, severos e senhoris, os paes obstinavam-se na comprehensão de que só ao homem competia saber lêr e conhecer sciencias.

A mulher, dizia, só deve saber como se faz um guisado ou como se corta uma camisa.

Para o lar não necessita saber lêr... (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 1).

Nessa sequência, observamos o emprego do discurso citado em sua forma direta, porém sem marcas como aspas ou travessões, apenas com a presença do verbo *dicendi* dizer, conjugado no pretérito imperfeito “dizia”. Trata-se de uma estratégia retórica em que o sujeito do verbo não está explicitado no texto, mas se revela como a voz patriarcal e do senso comum, algo próximo do *pseudodiscurso direto*, trazido por Perelman e Tyteca (2014, p. 200), que aumenta o sentimento de presença, “[...] atribuindo ficticiamente palavras a uma pessoa ou a várias conversando entre si”.

Além disso, o efeito de sentido produzido pelo emprego do tempo verbal, o pretérito imperfeito, sugere uma ação não finalizada, ou seja, o discurso conservador continua ecoando uma concepção cristalizada já instituída sobre a mulher, e compartilhada, de forma incontestável, à época: “Para o lar não necessita saber ler...” Destacamos, novamente, o uso das reticências ao final do quarto parágrafo, fato que, conforme já afirmamos, suscita um efeito de sentido de abertura para um espaço de interpretação.

Dessa maneira, a posição daquele que defende que “a mulher não precisa saber ler para o lar” é apresentada pela autora, mas fica pressuposta, pelas reticências, uma apreciação valorativa contrária, criando uma tensão discursiva momentânea, mas logo dissipada pelo posicionamento autoral nos parágrafos subsequentes. Podemos acrescentar que as reticências sugerem o desdobramento desse discurso em outros tantos, da mesma forma conservadores e contra os quais a autora poderá se colocar. Nesse contexto, o discurso citado não funciona como argumento de autoridade, mas como uma evidência combatida pela orientação argumentativa do enunciado. Isso se comprova no desenvolvimento dos parágrafos que se seguem:

Hoje porém, fazendo-se uma visita a qualquer escola ha de se notar maior frequencia feminina que a de outro sexo.

A mulher, eterna curiosa na ancia de perscrutar ou desvendar os mais intrincados problemas philosophicos, mathematicos ou psychicos, vae nessa mesma ancia, nessa mesma curiosidade assentar-se ainda creança, nos bancos escolares para aprender a ler.

É que os nossos paes comprehendem enfim o dever de ministrar á mulher todos os conhecimentos profundos e vastos a que já chegou o engenho humano.

Para o lar não necessita saber ler, mas, para ser a rainha do lar, é mister saber mais que lêr. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 1).

O espaço interpretativo disponibilizado pelas reticências na dimensão verbal no quarto parágrafo é preenchido pelo oitavo parágrafo, quando a autora estabelece uma relação dialógica ao trazer o mesmo enunciado “para o lar não necessita saber ler”, subvertendo o sentido proposto inicialmente. A ressignificação discursiva se dá pelo emprego da expressão “rainha do lar”, ou seja, não cabe à mulher qualquer posição no lar a não ser de uma rainha, bem como pelo acréscimo, no enunciado, de que é preciso saber mais do que ler, ou seja, a necessidade de educação da mulher, para Mary, vai além da alfabetização. Por outro lado, está entrelaçada a voz do senso comum, já que a expressão “rainha do lar” constitui um típico chavão. Lembramos que o emprego de chavões, como já apontado na primeira análise, constitui uma estratégia retórica de presença e de comunhão com o auditório, no caso, com as leitoras privilegiadas da revista, às quais seria atribuído o estatuto de “rainhas”.

Salientamos, ainda, nessa sequência de parágrafos, o tempo presente para a autora, em que os pais já teriam avançado na compreensão da necessidade da educação da mulher, tendo em vista a frequência feminina nas escolas. Já no parágrafo nono, a autora comenta a difusão das escolas de ambos os sexos, através da reforma de ensino promovida no período estadonovista, espelhada no sistema norte-americano. Ao citar os Estados Unidos, refere-se a esse país através da expressão “República de Wilson”, fazendo alusão ao presidente americano Thomas Woodrow Wilson, que ficou no cargo de 1912 a 1921.

Tal referência, no texto, aponta para o fato de que a revista *A Violeta*, apesar de ter sido publicada numa cidade isolada no interior do Brasil, sem energia elétrica, com problemas de saneamento, primava pela cultura geral, sempre atualizada, a partir da leitura de jornais, revistas e livros nacionais e internacionais. Prova disso é o enunciado assinado por Robert J. Bender, correspondente especial da *United Press*, com o título *Wilson e o Feminismo*, presente na edição n. 43b, de 25 de dezembro de 1918, p. 12. Tal fato vai ao encontro, ainda, da quarta finalidade colocada para o Grêmio Literário Júlia Lopes: “Manter uma biblioteca

composta de boas obras de litteratura, jornaes e revistas nacionais e estrangeiras”, conforme apresentado no primeiro capítulo.

Em seguida, Mary faz uma distinção entre as práticas do século passado, XIX, e do século XX, frisando que este último é um século de abertura para a condição feminina no Brasil. Essa sequência traz marcas da entoação da autora, que exprime um posicionamento social-axiológico criando um tom exortativo, oratório, com a repetição do termo “Bemdicto”, nos dois parágrafos subsequentes, através do emprego da figura *anáfora* que, conforme Fiorin (2014, p. 118), trata-se da “[...] repetição de palavras ou sintagmas no início de orações ou de versos”.

Bemdicto pois o seculo XX o seculo da liberdade que abriu um horizonte mais amplo e cheio de luz á mulher brasileira.
Bemdictos os Genios, os espiritos inventivos que crêam para conhecimento e recreação dos mortaes. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 1).

Assim, o efeito de sentido criado pela *anáfora* é o de ampliação da aura exortativa e valorização dos elementos ali citados, como a liberdade e os conhecimentos que o novo século pode propiciar à mulher brasileira.

Apesar da temática não envolver diretamente a esfera religiosa, o emprego do signo “Bemdicto” ecoa, para dentro do texto, a voz dos rituais litúrgicos. Tal presença desvela a participação da Igreja, instituição altamente conservadora, na memória acionada dessa rede discursiva, já que, como assinalamos no primeiro capítulo, tanto Maria Müller quanto Maria Dimpina tinham uma relação muito estreita com a religião católica.

A respeito dos recursos da escrita na dimensão verbal, nos parágrafos seguintes, observamos a utilização da exclamação, ora em vocativos ora em frases de efeito:

Creanças! cabecinhas adoraveis cheios de interrogação !...
Correi á escola, ide aprender como se deve escrever e fallar a língua portugueza.
Escola, templo do Saber! (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 1-2).

O uso das reticências no parágrafo “Creanças! cabecinhas adoráveis cheios de interrogação!..” pode suscitar um tom irônico, em que a enunciadora sugere ao leitor que, talvez, não sejam tão “adoráveis”. Outro efeito de sentido produzido quando a autora se dirige ao público infantil, de forma retórica, fazendo apenas uma referência às muitas interrogações próprias da curiosidade infantil, é o de aconselhamento, através do emprego de uma entoação professoral. O uso da exclamação, em primeira posição, destaca o vocativo “Creanças”, fato

que, segundo Dahlet (2006, p. 195), “[...] quando o // se refere apenas a uma palavra, há operação de topicalização, de modo que se atinge, por assim dizer, o grau superlativo”. Já a exclamação final, seguida das reticências, expressa a apreciação valorativa da autora sobre as interrogações feitas pelas crianças.

Para Fiorin (2014, p. 185), a exclamação constitui uma figura de troca que tem função de “[...] aceleração do andamento do texto e intensificação do sentido [...]” e “[...] consiste em apresentar exclamativamente um ponto de vista que poderia apenas ser afirmado. Nela troca-se a afirmação pela exclamação”. E acrescenta: “Para dar mais força à exclamação, coloca depois dela reticências para indicar pausas de elocução”. Esse emprego é muito recorrente nos enunciados de *A Violeta*, provavelmente pelo contato das redatoras com os autores da escola romântica, para os quais essa prática era bastante comum, como no caso, por exemplo, de Castro Alves.

Enfatizamos, novamente, a recorrência aos chavões, que trazem a voz do senso comum, por exemplo, sobre o valor da escola, “templo do Saber”. Tal expressão, contendo a palavra “saber” com inicial em letra maiúscula, coloca o espaço da escola como sagrado, e o conteúdo a ser apreendido como conhecimento altamente valorizado, remontando aos valores do século XIX e do Iluminismo, que foi designado como uma época das luzes, ou seja, da valorização do conhecimento e das ciências pelo homem.

Mary refere-se, também, à falta de energia que acometia a cidade, anunciando que no mês seguinte ao da publicação da revista, março, Cuiabá ganharia energia elétrica:

Como se fosse uma corrente electrica subtil e traiçoeira, e que ao mesmo momento se estabelecesse para cada coração cuyabano, espalhou-se há pouco a tão agradável notícia de que em Março teremos luz. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 2).

A autora prossegue o texto explorando um campo lexical que foca a palavra “luz”, novamente fazendo uma alusão ao Iluminismo:

Luz principio básico de toda acção humana; luz, percepção physica; luz, percepção do espírito, ilumine muito e sempre a nossa terra querida. Irmanadas, electrizadas, comuniquem-se na mesma intensidade. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 2).

Observamos que a repetição da palavra luz lembra a figura de retórica denominada *antanáclase*. Segundo Fiorin (2014, p. 132), “[...] quer dizer ‘refração’, ‘repercussão’ e daí ‘repetição de palavra em outro sentido’ ou *diáfora* (do grego *diáfora*, que denota ‘diferença,

diversidade, variedade’). É a figura em que se repetem palavras com significados diversos para intensificá-los”. Em Perelman e Tyteca (2014, p. 198), há uma alusão à repetição como figura retórica cujo efeito é aumentar o sentimento de presença. Além disso, para os autores, “[...] a repetição pode agir diretamente; pode também acentuar o fracionamento de um acontecimento complexo em episódios detalhados, apta, como o sabemos, para favorecer a presença”.

Ao repetir insistentemente a palavra luz, já apresentando, de forma didática, os possíveis sentidos, Mary quer intensificar seu argumento a favor da educação, já que conhecimento é luz, e assim como a luz chega à cidade, a educação deverá chegar às mulheres e a toda a população.

A redatora prossegue o texto buscando ampliar o sentido da palavra “luz”, ao citar a proeza de Miguel Sutil, desbravador do interior do Brasil e bandeirante paulista que descobre, no século XVIII, ouro nas margens do Rio Cuiabá e à beira do córrego da Prainha. Tal referência histórica, em que Mary cita o bandeirante, acaba por criar um efeito que imprime à “luz” também o sentido de riqueza, cuja fonte seria o ouro, e em consequência, o desenvolvimento da cidade e o progresso humano. A seguir, trazemos em negrito as palavras que compõem o campo semântico que Mary mobiliza ao final do texto:

Mas não! elle tinha em torno a si muita **claridade**. **Luzia**-lhe na alma a cobiça, **accendendo**-lhe **lampejos** nos olhos, **pyrilampos acendiam luz tremeluzente** pelo espaço, e sobre tudo pela imensidade verde das nossas mattas, despediam **faíscas**, **relampejavam clarões**, o **ouro**, o famoso **ouro** fator da fundação de Cuyabá, fator de qualquer progresso humano. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 2, grifo nosso).

Ao longo de todo o enunciado, podemos perceber uma aura poética, ornamental, em que a autora busca realizar um jogo de palavras, como já assinalamos, em torno da ideia de “luz”, agregando esse aspecto ao tom exortativo, oratório, materializado não somente pelo uso da exclamação, em diferentes lugares, mas também pelo emprego de vários verbos no modo imperativo, como “correi”, “ide”, “atirem”, “comuniquem-se”, “illuminem”. Além disso, notamos um esforço estilístico de Mary ao trabalhar a tessitura do texto em torno de algumas palavras-chave, como “ancia” e “curiosa”, desenvolvendo pequenos campos lexicais em determinados momentos do enunciado, e repetindo a fórmula sintática “nessa mesma”, como podemos observar no sexto parágrafo:

A mulher, eterna **curiosa** na **ancia** de perscrutar ou desvendar os mais intrincados problemas philosophicos, mathematicos ou psychicos, vae **nessa mesma ancia, nessa mesma curiosidade** assentar-se ainda creança, nos bancos escolares para aprender a ler. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 1, grifo nosso).

A redatora anuncia, assim, um futuro promissor às mulheres, pelas novas conquistas educacionais, e ao povo cuiabano, como um todo, pelo advento da energia elétrica. Os recursos estilísticos utilizados por Maria Müller nos aludem às práticas poéticas que circulavam na época, em tom laudatório e ufanista, tendo como representante mais conhecido o poeta Olavo Bilac. O progresso era comemorado, em função dos avanços que, para Cuiabá, eram representados pela energia elétrica, assim como, em outra época, foram representados pela abundância do ouro.

Portanto, a “aura poética” impressa ao texto através dos recursos metafóricos nos auxilia a reconhecer o estilo de Maria Müller – que também era poetisa – constituindo uma autoria ímpar, recorrente em outros enunciados da revista assinados por ela. De certa maneira, conforme Puzzo (2014, p. 11), “[...] tanto o estilo quanto a forma composicional demandam o uso de sinais de pontuação que garantem a expressividade do enunciado”. No caso de Mary, o seu estilo poético ornamental demanda a utilização de muitos pontos de exclamação, bem como a criação de muitas imagens.

Podemos ainda observar, pela utilização de vocativos, as estratégias interlocutivas da enunciatória, que revelam traços de sua retórica. Ela se dirige às crianças, à escola, à Cuiabá e aos cuiabanos, sempre em forma de orientações ou conselhos, num estilo professoral, oriundo da sua própria formação profissional como normalista. Dessa maneira, parece ampliar o seu público-alvo para além do grupo de mulheres de elite. Da mesma forma, ao lançar mão de vocativos, aponta para variadas vozes, como a da escola, a da infância e a da sociedade cuiabana em geral.

É preciso ressaltar que no todo enunciativo há um entrecruzamento de vozes, uma voz que perpassa todo o texto em torno das mudanças sobre a participação social da mulher e sua educação, ancoradas nos avanços do conhecimento, nas descobertas científicas e no progresso das cidades, e outra voz, conservadora, alicerçada no senso comum, no discurso religioso, que circunscreve a mulher, mesmo “educada”, ao espaço do lar.

Esse número da revista é muito rico, pois traz enunciados que estão em relação dialógica com o texto inicial, sobre a questão da mulher e da educação feminina. Merece destaque um artigo assinado por Arinapi, pseudônimo de Maria Dimpina, cujo projeto

discursivo objetiva discorrer a respeito do projeto de lei que cria um feriado nacional dedicado ao “culto da mulher”. Visualizamos o enunciado nas figuras 42 e 43, a seguir.

Figura 42 – Enunciado *O culto da mulher*, *A Violeta*, n. 45, 20 de fevereiro de 1919

4 A VIOLETA

— Tempos depois, em uma tarde calma e serena de Setembro, como naquella em que se conheceram, Stella deixou de existir; a lua era um disco de prata e as estrellas brilhavam no céu.

Eu então acreditei que a sua alma tinha ido habitar no astro radioso e desde então, Sirius é para mim uma lembrança dolorosa! Carlos jamais sentiu felicidade na terra.

E não havia uma só noite que não recordava da sua amada.

Elle chora! chora de saudades, porque falta-lhe o guia de sua felicidade,—falta-lhe o seu amôr!

E com uma lagrima de saudade, Virginia terminou a sua triste historia.

Dolores

Cuyabá 12—2—919

O Culto da mulher

O deputado Verissimo de Mello apresentou á Camara Federal um projecto creando um feriado nacional consagrado ao «Culto da Mulher».

Li esta noticia na "Revista Feminina" de S. Paulo.

Depois de conceitos serios, sobre o feminismo no Brazil, comparada aos Estados Unidos e Inglaterra, disse a conceituada revista: «O culto da mulher, como o bra pendente de deliberação official, vehiculada e proclamada pela acção solemne e dogmatica do Poder Legislativo, na occasião em que na Inglaterra na França, na Italia, nos Estados Unidos a mulher associa legalmente ao homem

para dirigir o Estado, tem apenas uma significação cavalheiresca, platónica e inexpressiva e tresanda francamente à Idade Media.

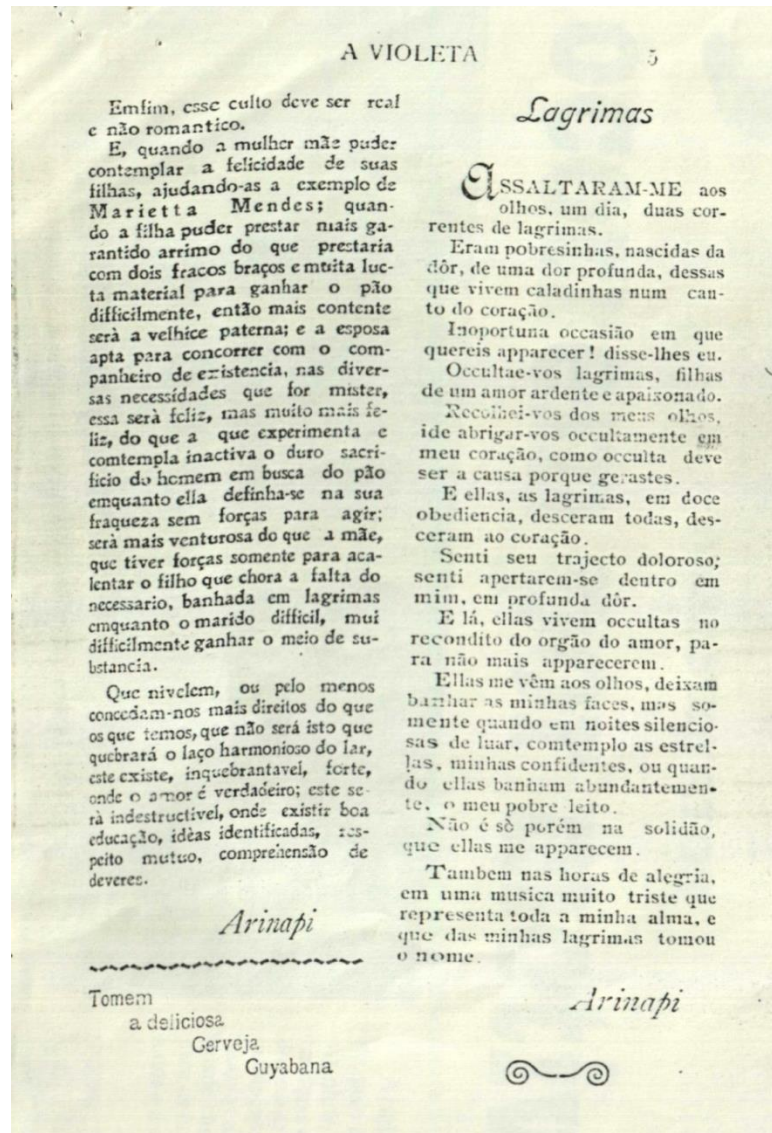
Não quer isto dizer que condemnemos em absoluto a iniciativa gentilissima que o requerimento Verissimo Mello corporifica. Não a condemnamos, não; desejaríamos apenas que em tão sympathico movimento correspondesse ás verdadeiras conveniencias femininas dos tempos positivos em que vivemos e se despisse, portanto das abstrações romanticas que o desvirtuam e pode comprometter o no consenso pratico e ponderado das Camaras da Republica.»

Tambem penso que deve existir no Brazil, um dia destinado ao culto da mulher—mãe, receptaculo amantissimo de todos os nossos sentimentos; filha, expressão santa das adorações; esposa, vinculo sagrado de todos os deveres; irmã, cara companheira nas dores e nas alegrias.

E a mulher considerada em qualquer destes pontos de vista, bem merece um culto, é verdade; mas um culto que a eleve, não como sendo unicamente aquelle bem fragil que se adora, mas com a companheira, a igual, como realmente o é; que essa igualdade que se estenda na lucta vá até os prazeres; que existe nos trabalhos, exista tambem nos direitos.

Que esse culto traga bem proxima a epocha em que as mulheres brasileiras, sem excepção, conheçam que não nasceram simplesmente para adoração—adoração muitas vezes ephemera—mas tambem para agir, para emprestar ao companheiro inseparavel da sua vida, os fructos dos bens que puder semear na terra.

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 43 – Continuação do enunciado *O culto da mulher*, *A Violeta*, 20 de fevereiro de 1919

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Trazemos a citação da Revista Feminina, por Arinapi. Trata-se de parte de uma notícia em que é feita uma referência ao Positivismo:

Não quer isto dizer que condemnemos em absoluto a iniciativa gentilíssima que o requerimento Veríssimo Mello corporifica. Não há condemnamos, não: desejaríamos apenas que em tão sympáthico movimento correspondesse ás verdadeiras conveniências femininas dos **tempos positivos** em que vivemos e se despisse, portanto, das abstrações românticas que o desvirtuam e pode compromettel-o no consenso pratico e ponderado das Camaras da Republica. (*A VIOLETA*, n. 45, 1919, p. 4, grifo nosso).

Vale relembrar que, no início do século XX, o Positivismo estava no auge, e sua posição sobre a atuação da mulher na sociedade era bastante conservadora. Assim, criar um

feriado para fazer o culto à mulher deveria ser condizente com os ditames positivistas. Como Arinapi acrescenta: “Emfim, esse culto deve ser real e não romântico”. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 5).

Nesse enunciado, constatamos que o espaço reservado à mulher na sociedade da época restringia-se ao círculo doméstico e ao grupo familiar, como podemos observar, ainda, na seguinte sequência: “Também penso que deve existir, no Brasil, um dia destinado ao culto da mulher-mãe, receptáculo amantíssimo de todos os nossos sentimentos; filha, expressão santa das adorações; esposa, vínculo sagrado de todos os deveres; irmã, cara companheira nas dores e nas alegrias”. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 4).

Assim, podemos perceber, no todo enunciativo, o entrecruzamento de duas vozes: uma voz concernente a um discurso reacionário sobre a mulher, que restringe seu espaço ao lar e às tradicionais funções familiares: mãe, filha, esposa, irmã, e uma outra voz emancipatória que reivindica direitos para a mulher, como podemos observar no seguinte trecho:

E a mulher considerada em qualquer destes pontos de vista, bem merece um culto, é verdade; mas um culto que a eleve, não como sendo unicamente aquelle bem frágil que se adora, mas com a companheira, a igual, como realmente o é; que essa igualdade que se estenda na lucta vá até os prazeres; que existe nos trabalhos, exista também nos direitos. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 4).

Portanto, o mesmo movimento por nós observado, no texto de Mary, em que há uma intenção para um discurso emancipatório que não se concretiza, pois é barrado pelas forças conservadoras, centrípetas³⁴, acontece em *O culto da mulher*.

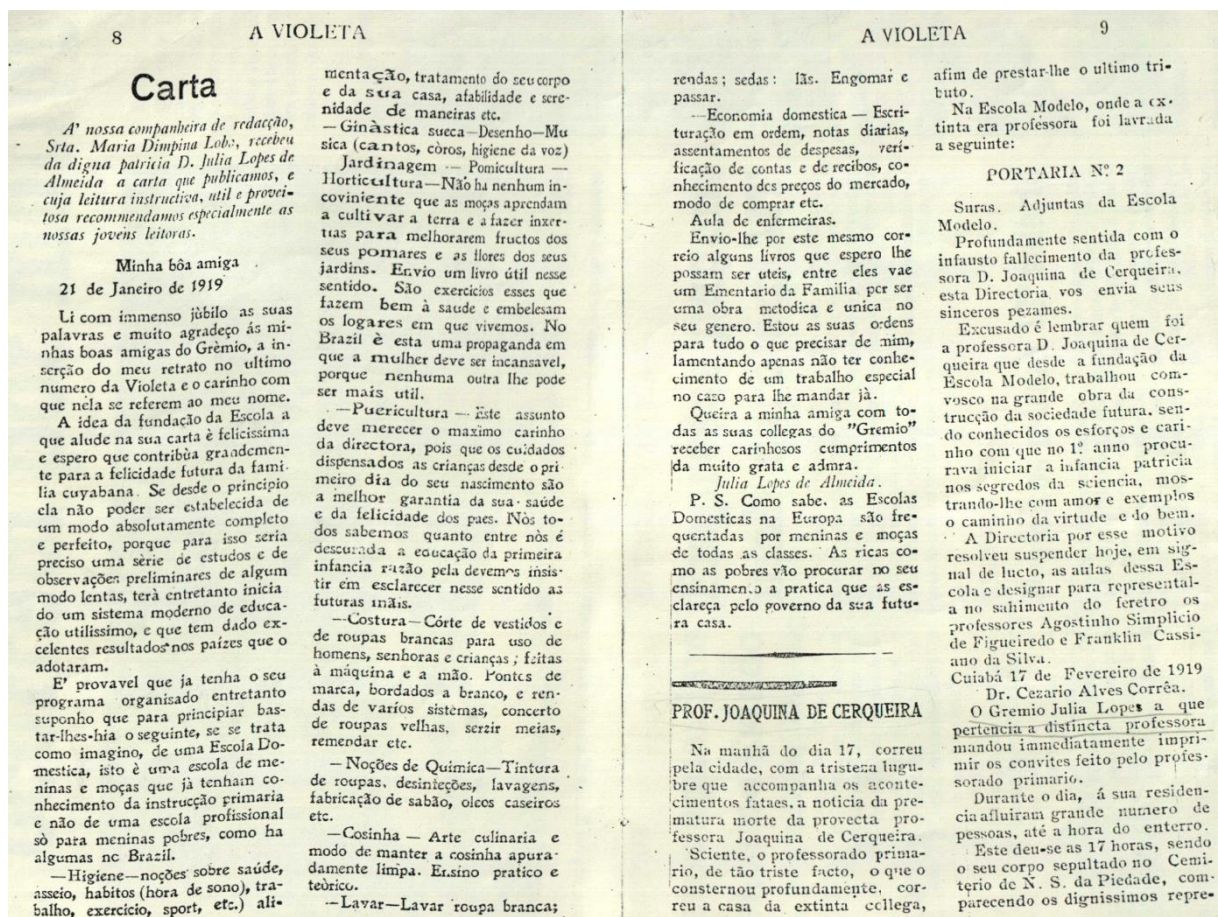
Nadaf (1995, p. 261), em artigo sobre a imagem da educação feminina na imprensa de Mato Grosso (1850-1950), traz o pensamento da época sobre a mulher pelo ponto de vista de um jornalista local, José Palmella:

O ideário de José Palmella limita-se a ver o papel da mulher no mundo, como a da “regeneradora do homem e da sociedade”. Suas ações deveriam se restringir ao lar ou voltar-se prioritariamente para ele, tal como o queriam Rousseau e Comte, nos séculos XVIII e XIX, e a Igreja Católica, na época.

³⁴ Conceito desenvolvido por Bakhtin no texto *O discurso no romance*, em *Questões de Literatura e Estética* (2010). Para o autor: Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. [...] Cada enunciação que participa de uma ‘língua única’ (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). (BAKHTIN, 2010, p. 82).

Podemos desvelar outra relação dialógica entre o enunciado de Mary e a carta de Júlia Lopes de Almeida à Maria Dimpina, tratando do tema da Escola Doméstica, na mesma edição. Na afirmação: “Para o lar não necessita saber ler, mas, para ser a rainha do lar, é mister saber mais que lêr”, Mary sugere uma necessidade de aprendizagem de outros conhecimentos que, quiçá, em nossa interpretação, pudessem ser fornecidos por uma escola doméstica ainda em criação. A carta de Júlia lista os principais tópicos a serem trabalhados dentro da instituição, seguindo os padrões das escolas domésticas europeias, como higiene, noções de saúde, ginástica, jardinagem, puericultura, costura, noções, de química, cozinha, lavagem de roupas, economia doméstica, conforme podemos observar na figura 44, a seguir.

Figura 44 – Carta de Júlia Lopes de Almeida à Maria Dimpina, *A Violeta*, n. 45, 1919



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Essa carta é prova de que a Escola ainda não estava em pleno funcionamento, e sim era uma ideia a ser colocada em prática pelas mulheres do Grêmio, conforme podemos observar no seguinte trecho: “A ideia da fundação da Escola a que alude na sua carta é

felicíssima e espero que contribua grandemente para a felicidade futura da família cuyabana”. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 8).

Verificamos que a *Chronica*, de 20 de fevereiro de 1919, em diálogo com outros enunciados da mesma edição, conforme já salientamos, fornece pistas que nos ajudam a compor qual imagem de mulher e de educação para a mulher era defendida no início do século XX. Pudemos desvelar várias vozes presentes ao longo do texto principal que encarnam os discursos tradicionais, como a voz da Igreja, do Positivismo, do Iluminismo, do senso comum, da família patriarcal, do nacionalismo/ufanismo. Apesar de se colocar contrária às vozes patriarcais do passado, que limitavam a educação da mulher, a editoria de *A Violeta* pouco reservava para si um lugar discursivo diferenciado, pois ainda estava em consonância com esse conjunto discursivo conservador.

Compreendemos que o projeto discursivo de Mary está a serviço da manutenção de um *status quo*, e isso se materializa na criação dialógica verbo-visual não pela presença de ilustrações, mas pela mobilização dos recursos da escrita, como o emprego dos pontos de exclamação, reticências e ainda, pela formação das imagens em torno do signo “luz”. Da mesma maneira, figuras de retórica, na forma de repetições como a anáfora e o uso de vocativos, constituem o alicerce para a edificação das vozes chamadas para o interior do texto. Todos esses aspectos compõem um todo significativo para realizar um projeto de dizer que reproduz e reafirma posições conservadoras, embora, aparentemente, e se levarmos em conta o contexto da época, soem como emancipatórias.

Dando continuidade a nossas análises, passemos ao enunciado de 31 de julho de 1943.

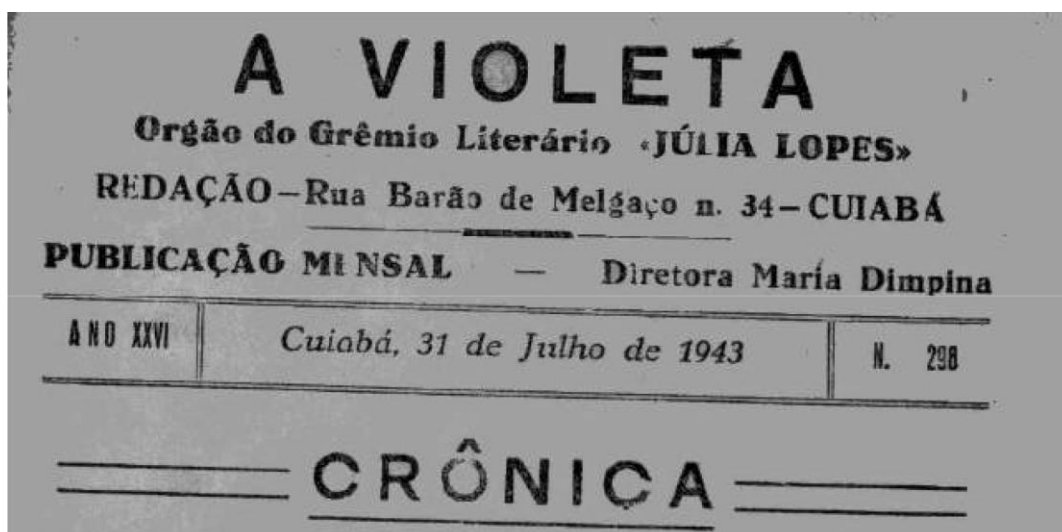
4.4 Batendo sempre sobre a mesma tecla...

A *Crônica*, de 31 de julho de 1943, selecionada para análise, ocupa as três primeiras páginas da edição de número 298, e não se apresenta dividida em colunas. A página inicial traz um cabeçalho com o nome da revista em fonte não serifada bem grande, em negrito, centralizado. Logo abaixo, segue o nome do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, também em negrito. Em seguida, consta uma indicação do endereço da redação da revista: “Rua Barão de Melgaço n. 34 – CUIABÁ”, em fontes menores, não negritadas. Há um pequeno ornamento que separa as informações posteriores do cabeçalho, em destaque para “Publicação Mensal” em caixa alta e negrito, assim como o destaque para a indicação de direção: Maria Dimpina.

Segue, de forma similar às outras edições, o conjunto que encerra o cabeçalho, uma moldura em forma de retângulo de linhas duplas, em que constam o ano, o local, a data e o

número da revista, com divisões também em linhas duplas para cada informação. O título *Crônica* está destacado, centralizado, em negrito, em fontes grandes não serifadas, com espaçamento entre letras, sendo envolvido, em cada lado, por dois traços duplos decorativos, e um traço sublinhando o título, conforme podemos observar na figura a seguir.

Figura 45 – Cabeçalho do n. 298 de *A Violeta*, 31 de julho de 1943



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Ao comparar a configuração gráfica desse cabeçalho com anteriores, de 1916 e 1919, podemos observar algumas diferenças, no que concerne às informações a respeito da indicação de direção, da publicação e endereço da redação. A primeira página apresenta alterações em relação aos aspectos gráficos e de diagramação, com um *layout* mais próximo do jornalismo profissional, alteração das fontes empregadas, ausência de desenhos, bordas e letras capitulares e grafia atualizada conforme o acordo ortográfico de 13 de janeiro de 1943.

Sobre tal acordo, a revista apresenta, na página 3, dividindo o espaço com o final da crônica, um enunciado, *Lições de Português*, que apresenta parte do decreto lei n. 5.186 de reformulação ortográfica, a respeito da regra sobre consoantes mudas. Essa seção é apresentada em várias edições da revista, o que revela preocupação das redatoras em manter o público leitor atualizado. O fato de a revista trazer tal enunciado na parte superior da página, acima do trecho final da crônica suscita um efeito de sentido de valorização da normatização gramatical, o que constitui um aspecto da ideologia oficial e compõe o conjunto das forças centralizadoras, centrípetas da língua nacional.

A modificação dos aspectos gráfico-editoriais pode ter sido resultado de um avanço tecnológico nas atividades das gráficas de Cuiabá, e de um desejo da redação da revista de se colocar atualizada em relação a outros periódicos que circulavam na época. Notamos que há

um recuo na ornamentação mais feminilizada da revista, fato que produz um efeito de sentido de que *A Violeta*, revista produzida por mulheres, deveria ter a mesma aparência das revistas e jornais produzidos por homens, já que, na década de 1940, a mulher já conquistara muitos direitos, com mais amplitude em seu espaço social. Tal ocorrência pode ser compreendida do ponto de vista bakhtiniano, que concebe de maneira indissociável o *ético* e o *estético*. Barros (2012, p. 21-24), ao tratar das relações entre ético e o estético explicita que:

No plano do discurso literário, Bakhtin (2010[1920-24]) assinala que o acontecimento vivido no mundo ético (já em si impregnado por diferentes avaliações sociais tendo em vista a complexa atmosfera valorativa envolvendo a vida) é reconstituído em outro plano (o da obra) por meio da atividade estética que cria objetos artísticos, por isso, o autor afirma que *Quando o homem está na arte não está na vida* (BAKHTIN, 2010[1919-24]) [...] Assim, a atividade estética começa quando, situados em contextos precisos e singulares, contemplamos aspectos e parcelas do conteúdo do mundo vivido e o transfiguramos a partir do olhar valorativo que lançamos sobre essa realidade experienciada a qual é trabalhada e plasmada em um material específico, no nosso caso, o linguístico, criando determinados objetos socioculturais numa dimensão discursiva (enunciados/gêneros). Portanto, o todo acabado une de forma integrada e indissolúvel atos éticos (vida, o processo) e estéticos (linguagem, conteúdo) por meio da posição ativa de um centro valorativo. [...] Podemos dizer que a atividade criadora é um ir e vir incessante ao “mundo e suas mazelas” (espaço ético) e um retorno a si mesmo constituindo formas próprias de dizer (espaço estético).

A partir dessas considerações, podemos inferir que o *layout* de *A Violeta*, que constitui a dimensão estética, sofre alterações após a década de 1940 por causa das mudanças no plano ético, principalmente no que concerne ao papel da mulher na sociedade. A seguir, apresentamos o enunciado em sua totalidade.

Figura 46 – Crônica de *A Violeta*, n. 298, 31 de julho de 1943

A VIOLETA
 Órgão do Grêmio Literário «JÚLIA LOPES»
 REDAÇÃO – Rua Barão de Melgaço n. 34 – CUIABÁ
 PUBLICAÇÃO MENSAL — Diretora Maria Dimpina

ANO XXVI	Cuiabá, 31 de Julho de 1943	N. 298
----------	-----------------------------	--------

CRÔNICA

Ha mais de cinco lustros que fundamos a «A Violeta». Escolhi para tema de meu primeiro artigo, então, *A Educação da Mulher*.

Timidamente iniciava a minha atividade jornalística quando ouvi, de viva voz, a primeira crítica, sincera e justa: "do seu artigo, professora, o título foi maior que o desenvolvimento! Quantas idéas poderia expôr a Srna!..."

As palavras francas e leais do Professor Nilo Póvoas serviram-me de estímulo, determinaram o rumo que eu devia seguir.

Já se vai tornando longo o tempo em que «A Violeta» cumpre a sua missão, tempo em que continuo colaborando e, sem esmorecimentos, batendo sempre sôbre a mesma tecla:—a educação da mulher.

Todas as vezes que escrevo sôbre este assunto, tiro sempre a mesma conclusão: o Professor Nilo está com a razão, o tema continúa bem maior que o seu desenvolvimento!

Hoje, porem, não me seria difícil falar sôbre êste assunto.

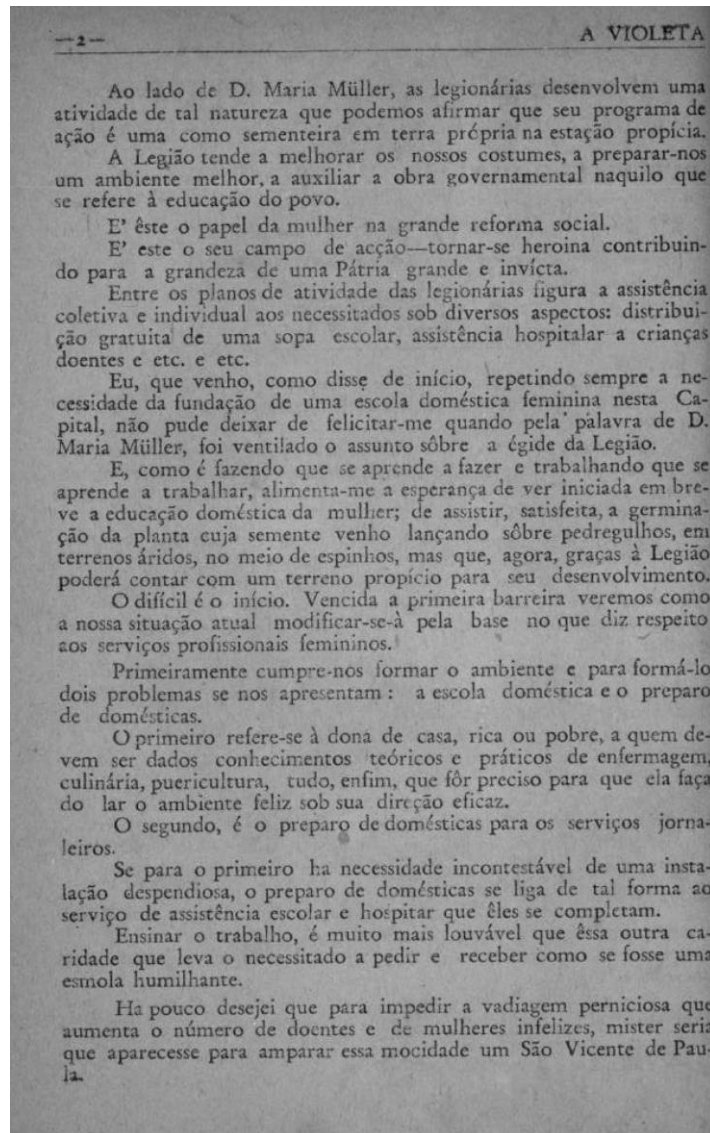
Venho de assistir a uma reunião da Legião Brasileira de Assistência, nobre Exército que se estende do Amazonas ao Prata, criado pelo espírito ativo e empreendedor de D. Darcy Vargas, e que neste Estado prospera à vez de comando e aos impulsos do trabalho eficaz de D. Maria Müller a quem sobram capacidades intellectivas e de espírito empreendedor para o desenvolvimento das atividades da Legião em nosso Estado.

Essa útil agremiação vem prestando ótimos serviços numa demonstração cabal de que a atuação da mulher e a sua educação continuam sendo a base primordial, o alicerce em que se assentam as sociedades dignas.

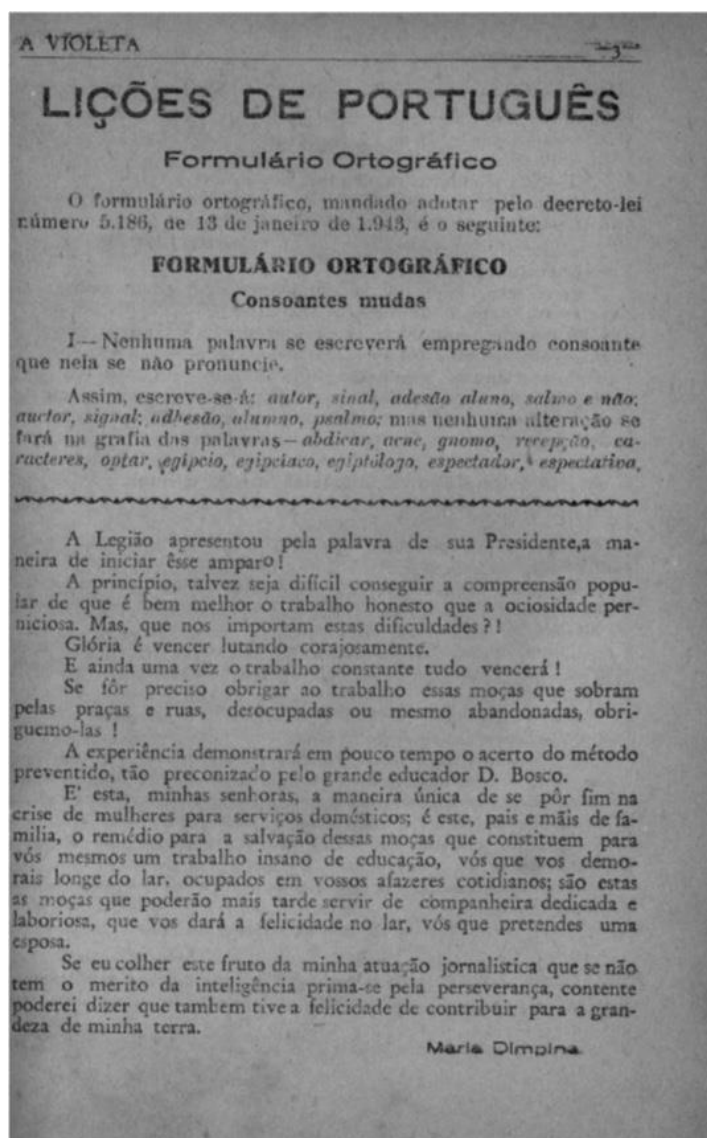
Aos influxos da mulher inteligente e sensata quantas e quão boníssimas obras surgem e prosperam engrandecendo os povos e elevando as Nações!

Tal a Legião nesta Capital!

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 47 – Continuação da Crônica de *A Violeta*, n. 298, 31 de julho de 1943

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 48– Continuação da Crônica de *A Violeta*, n. 298, 31 de julho de 1943

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

O texto é assinado por Maria Dimpina, e trata da questão da educação da mulher, em relação dialógica com o enunciado de abertura da primeira edição da revista, em 1916. Dimpina articula, no enunciado, a educação da mulher com a questão da escola doméstica e com a atuação da Legião Brasileira de Assistência em Mato Grosso.

A entrada da autora nesse tema é realizada através de sua memória como redatora de *A Violeta*, em seu primeiro número, atuação sobre a qual recebeu críticas do Professor Nilo Póvoas³⁵, a respeito do tema ser maior que seu desenvolvimento, ou seja, na primeira tentativa

³⁵ Segundo o site oficial da Academia Mato-grossense de Letras, Nilo Póvoas nasceu em Cuiabá no dia 2 de outubro de 1891 e faleceu a 7 de abril de 1967. Era bacharel em Direito, mas sua vocação era o Magistério. Escreveu livros sobre diversos assuntos, atuando como professor nas áreas de Linguística e Literatura, tendo lançado a obra *A analogia na evolução da linguagem*, em 1951. Disponível em: <<http://www.academiadeletrasmt.com.br>>. Acesso em: 14 set. 2015.

de tratar sobre esse assunto, ela percebeu que falar sobre educação da mulher demandaria a ampliação do espaço e do tempo, tendo em vista a complexidade da questão. Por isso, a redatora assinala que já havia passado cinco lustros da fundação da revista, de 1916 a 1943, e que as dificuldades sobre a educação da mulher ainda se mantinham, promovendo um debate bastante atual para a referida época.

No terceiro parágrafo, a autora traz de sua memória o discurso citado, ou seja, a voz de Nilo Póvoas a respeito do enunciado de 1916: “do seu artigo, professora, o título foi maior que o desenvolvimento! Quantas idéas poderia expor a Snra!...” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 1). Tal estratégia faz parte do projeto discursivo, argumentativo de Dimpina, que se desenvolve nos parágrafos subsequentes. Além disso, a primeira ocorrência do ponto de exclamação acrescenta ao enunciado a expressão do alto grau de propriedade. Conforme Dahlet (2006, p. 195): “O alto grau fornecido pelo ponto de exclamação densifica o conteúdo semântico para fins argumentativos, sendo que estes passam pela construção de um espaço de conjunção consensual.” O sinal vindo acompanhado de reticências também pode funcionar retoricamente como um marcador de interação, ao apelar ao leitor que assuma tal assertiva, com a possibilidade de se instaurar uma coenunciação de responsabilidade partilhada. No exemplo apresentado no texto, o sinal traduz, pela entoação, o entusiasmo do Professor pelo texto da redatora, ao mesmo tempo em que sugere a abrangência da temática que pode ser alcançada pela tomada de posição do interlocutor, a partir do emprego das reticências.

A presença das aspas nos três primeiros parágrafos do texto tem por finalidade destacar o título da revista *A Violeta*, o título do artigo *A Educação da Mulher* e marcar o discurso citado em sua forma direta, ao trazer a fala do Professor Nilo Póvoas. Novamente, Dimpina lança mão da estratégia retórica de utilização do argumento de autoridade, cujas configurações se constituem, não apenas nesse caso, mas em vários outros momentos ao longo dos enunciados de *A Violeta*, por figuras masculinas que, de certa maneira, adentram o texto para autorizar, legitimar as posições das redadoras. Além disso, tais figuras vêm sempre acompanhadas de sua posição social: Professor, Desembargador, Governador, Escritor, Deputado, Bispo etc. O efeito de sentido produzido por essas ocorrências linguísticas é o de subserviência à opinião masculina, patriarcal, sempre valorizada pela referidas atuações.

A redatora, nos dois parágrafos seguintes, reconhece a sua atuação e a da revista sobre o tema da educação da mulher: “Já se vai tornando longo o tempo em que “A Violeta” cumpre a sua missão, tempo em que continuo colaborando e, sem esmorecimentos, batendo sempre sobre a mesma tecla: – a educação da mulher.” (A VIOLETA, 1943, n. 298, p. 1). Salientamos o uso da expressão retórica e metafórica “batendo sempre sobre a mesma tecla”,

que cria um efeito de sentido de desgaste da temática. Contudo, pela própria descrição da autora, não é um tema ainda que tenha sido explorado em sua totalidade. “Bater sobre a mesma tecla”, portanto, sugere o esforço da autora num caminhar argumentativo sem respostas que venham possibilitar um avanço no debate e mesmo a presença de novas atitudes ou políticas que garantam a educação da mulher. O emprego do travessão simples antes da expressão “a educação da mulher” e a inserção anterior dos dois pontos também servem discursivamente para dar ênfase à temática, colocando em destaque o objeto incessantemente perseguido pela redação da revista.

No parágrafo seguinte, retomando a estratégia argumentativa, Dimpina lança mão, novamente, da estratégia retórica de comunhão, ao tomar a apreciação de Póvoas como verdadeira, assumindo-a como sua apreciação também: “Todas as vezes que escrevo sobre este assunto, tiro sempre a mesma conclusão: o professor Nilo está com a razão. O tema continua bem maior que o seu desenvolvimento!” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 1). A autora assume, conforme a teoria bakhtiniana, a palavra alheia, no caso, de Nilo Póvoas, como palavra própria, reafirmando a amplitude da temática e prosseguindo na argumentação.

Em seguida, a própria redatora afirma que “Hoje, porém, não me seria difícil falar sobre este assunto”, e articula tal “domínio” à presença da Legião Brasileira de Assistência, que se instaura em Cuiabá, tendo Maria Müller como presidente. As obras da Legião acabam por motivar a crença na educação da mulher: “Essa útil agremiação vem prestando ótimos serviços numa demonstração cabal de que **a atuação da mulher e a sua educação continuam sendo a base primordial, o alicerce em que se assentam as sociedades dignas.**” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 1, grifo nosso). Essa sequência final está em relação dialógica com o conteúdo da epígrafe trazida em *A educação da mulher*, ao reproduzir novamente um discurso bastante conservador sobre o papel da mulher na sociedade, e sua responsabilidade diante daquilo que se considerava como “dignidade”.

Os parágrafos subsequentes comprovam o posicionamento ideológico assumido pela autora: “Aos influxos da mulher inteligente e sensata quantas e quão boníssimas obras surgem e prosperam engrandecendo os povos e elevando as Nações! Tal a legião nesta Capital!” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 1). Destacamos o uso dos qualificadores: “mulher inteligente e sensata”. Com o olhar de pesquisadora na atualidade, apreciamos o posicionamento de Dimpina como conservador, e podemos afirmar que a inteligência e sensatez almejadas se enquadrariam num modelo de atuação feminina bastante moderado e tradicional. Alia-se a isso, a recorrência a lugares comuns que cria um tom emocional-volitivo enaltecendo: “prosperam engrandecendo os povos e elevando as Nações!” A exclamação coroa esse acento

avaliativo de exortação, compondo um cenário retórico apropriado para a veiculação de um discurso de base nacionalista e positivista. Inclui-se, nesse conjunto, a frase exclamativa “Tal a Legião nessa Capital!

No oitavo parágrafo do texto, evidenciamos a atitude discursiva da redatora, ao louvar duas figuras: a da Legião Brasileira de Assistência e a da redatora Maria Müller. Tal fato não acontece despropositadamente, pois o projeto de Dimpina é angariar recursos financeiros para a concretização de um de seus sonhos: a escola doméstica. A pessoa que poderia conseguir donativos, por ter se casado com um político eminente, Interventor do Estado de Mato Grosso, Sr. Júlio Müller, é exatamente Maria Müller. Faz-se necessário colocar em destaque o fato de que os interventores estavam submetidos ao regime totalitário estadonovista.

Isso pode ser comprovado através das informações trazidas pela edição de *A Violeta* n. 347, de 29 de junho de 1949, em relação dialógica com o enunciado em análise. Nela, aparece um texto afirmando que a Legião Brasileira de Assistência em Mato Grosso contribuiu parcialmente com donativos para a Escola Doméstica Dona Júlia e essa fora fundada por influência de Maria Müller:

A 26 de novembro de 1946 fundamos nesta Capital, incumbida pelo Grêmio Literário Júlia Lopes, a Escola Doméstica Dona Júlia. [...] A Excelentíssima Snra. D. Maria de Arruda Müller, um dos mais valiosos baluartes do Grêmio Júlia Lopes, que tantos benefícios deixou em Cuiabá, quando o destino a levou aos deveres e direitos de *Primeira Dama do Estado*, deu-nos a honrosa e mui cara incumbência de fundarmos a escola de nossos sonhos, **amparada pela Legião Brasileira de Assistência**. [...] Existia, para isto, **um depósito de dez mil cruzeiros, donativo do benemérito Snr. Filinto de Almeida**. [...] Presidente do Grêmio Júlia Lopes a Exma Snra. D. Nilza Verlangieri de Barros promoveu a instalação da Escola graças, ainda, **a donativos da Legião**, entregando-nos a sua direção. [...] Como sempre acontece a todas as empresas, a Escola Doméstica Dona Júlia estava ameaçada de extinguir-se logo ao terminar seu primeiro ano de vida. **O donativo da Legião Brasileira**, reduzida que foi, tornava-se insuficiente. Foi então que recorremos ao Exmo **Dr. Arnaldo de Figueiredo Mui Digno Governador dêste Estado**. [...] **auxílio pecuniário de Cr\$ 24.000,00 anuais dados pelo Estado** já em dois exercícios financeiros consecutivos, não poderá ficar sem registro quando se contar a história verdadeira dêste estabelecimento que vem marcar um início de educação doméstica em nosso Estado. **Também a Assembléia Legislativa nos deu esse apoio franco**, decidido e valioso com que ela sempre nos honrou encorajando-nos, por assim dizer, para continuarmos a obra. **Assim o Comércio, assim o Departamento de Educação e Cultura, assim a Prefeitura Municipal que, embora não mantivesse êste ano, contribuiu em 1948 com a quantia de Cr\$ 1.000,00 mensais** de abril a dezembro. (A VIOLETA, n. 347, 1949, p. 16, grifo nosso).

Podemos reconhecer, após o cotejamento desses enunciados, um traço discursivo de Dimpina que remete a uma bajulação, pois, já em 1943, ela sabe de onde poderiam advir os recursos financeiros para a criação da escola doméstica, o que se realiza em 1946. Em 1949, como pudemos observar, a redatora rememora tais fatos por reconhecimento, prestação de contas, muito embora discursivamente trata-se de mais uma estratégia retórica de pedido de socorro para a escola que está prestes a fechar.

Retornando ao nosso enunciado, a autora trabalha com léxicos do campo semântico da área agrícola, sugerindo uma imagem que traduz o movimento de plantar e colher, em que as redatoras e também legionárias eram as responsáveis por este cultivo, levando como bandeira o discurso do trabalho incessante, lema também caro ao Positivismo: “Ao lado de D. Maria Müller, as legionárias desenvolvem uma atividade de tal natureza que podemos afirmar que seu programa de ação é uma como **sementeira em terra própria na estação propícia**”. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2, grifo nosso). Nessa sequência, encontramos ressonâncias do discurso bíblico, por exemplo, entre muitas outras passagens, a de Mateus, 13-27: “Então, indo ter com ele os servos do pai de família, lhe disseram: Senhor, não semeaste tu no teu campo boa semente? Como então está cheio de joio?”

Compreendemos tratar-se de uma metáfora, figura de retórica que, nas palavras de Fiorin (2014, p. 34):

[...] é uma concentração semântica. [...] Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata [...] aumentando a intensidade do sentido. Poder-se-ia dizer que o sentido torna-se mais tônico. Ao dar ao sentido tonicidade, a metáfora tem um valor argumentativo muito forte. [...] A metáfora é, pois, o tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por similaridade, restringindo a extensão sêmica dos elementos coexistentes e aumentando sua tonicidade.

Se levarmos em conta, ainda, que a verbo-visualidade pode se dar por meio das imagens sugeridas pela materialidade verbal, conforme explicita Brait (2010), a metáfora pode ser considerada uma figura retórica predominantemente verbo-visual. O estilo do discurso de Dimpina engendra, portanto, na mente do leitor, uma representação não apenas verbal, mas sobretudo visual, pictórica. Ao longo das edições de *A Violeta*, esse fenômeno é recorrente, e contribui para constituir o tecido verbo-visual da revista.

Na sequência do enunciado, Dimpina deposita na Legião Brasileira de Assistência toda a esperança de sucesso: “A Legião tende a melhorar os nossos costumes, a preparar-nos um ambiente melhor, a auxiliar a obra governamental naquilo que se refere à educação do povo.” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2). Assim, a redatora prossegue em seu projeto

argumentativo, enaltecendo a Legião Brasileira de Assistência, para que dela receba auxílios financeiros para a criação da escola doméstica.

Ao citar a necessidade de criação de uma escola doméstica, ainda não fundada em 1943, Dimpina já apresenta o planejamento de atividades que tal escola deveria executar, colocando sua apreciação valorativa a respeito da educação para a mulher e seu papel na sociedade, e novamente articulando o seu dizer a um discurso positivista, altamente nacionalista: “É este papel da mulher na grande reforma social. É este o seu campo de acção – tornar-se heroína contribuindo para a grandeza de uma Pátria grande e invicta.” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2). O travessão empregado nesse trecho substitui os dois pontos, marcando enfaticamente a sequência explicativa do que seria o “campo de acção” da mulher. Além disso, o emprego lexical da palavra “heroína” reforça o efeito de sentido de que a mulher é a responsável pela salvação da sociedade, da Pátria.

Com esse último excerto, reafirma-se a posição ideológica conservadora da redatora e, em extensão, da revista, sobre o espaço de atuação feminina na sociedade. Na edição n. 347, de 29 de junho de 1949, à qual nos referimos há pouco, encontramos um enunciado que traz a mesma posição de 1943:

Nota da Redação

“Estamos na época das grandes realizações. A mulher deve ser a renovadora” diz Eunice Tavares.

Renovadoras, sim! Sua educação deve ser intelectual, religiosa, moral e cívica.

Deve ser educada para educadora. **A família é o seu campo de acção.** Mesmo afastada de sua casa, lutando fora dela para atender às necessidades da vida, a **ela deve estar presa pelo dever que a própria natureza lhe impõe de construtora do lar e da sociedade.** (A VIOLETA, n. 347, 1949, p. 6, grifo nosso).

O discurso conservador sobre a posição da mulher, como podemos observar na *Nota da Redação*, principalmente nas sequências “A família é o seu campo de acção” e “ela deve estar presa pelo dever que a própria natureza lhe impõe de construtora do lar e da sociedade”, não negava que a vida da mulher em sociedade estava se renovando, mas, ao mesmo tempo, circunscrevia um espaço próprio para a circulação e atuação feminina, o seio familiar. Ou seja, mesmo estando fora de casa no trabalho, é ao lar que a mulher pertence e deve pertencer, e tal fato é tomado como algo natural e não cultural. Tal posicionamento ideológico aponta para um fio discursivo que vem, possivelmente, costurar os enunciados de *A Violeta* desde 1916, sua primeira edição, com os enunciados *A educação da mulher/Andorinhas* e fechar o círculo discursivo em 1950, com o enunciado *Como fazer felizes...*, já analisados nesta tese.

Pensamos que a teia dialógica que carrega tal posição ideológica perdura por muito mais tempo no meio social brasileiro, entretanto a revista não sobrevive além de 1950.

A autora prossegue seu enunciado apoiando o trabalho assistencialista, listando as ações da LBA, como distribuição de sopa escolar, assistência hospitalar a crianças doentes etc. Em seguida, Dimpina se coloca no texto através do eu enunciativo, fazendo uma apreciação valorativa em que demonstra felicitação pelo apoio favorável recebido da Legião Brasileira de Assistência à fundação da escola doméstica feminina: “Eu, que venho como disse de início, repetindo sempre a necessidade da fundação de uma escola doméstica feminina nesta Capital, não pude deixar de felicitar-me quando pela palavra de D. Maria Müller, foi ventilado o assunto sobre a égide da Legião”. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2).

No parágrafo seguinte, Dimpina utiliza uma sequência proverbial que faz alusão a um dito popular sobre “o fazer” e “o trabalhar”, para, em seguida, retomar a imagem da semente, lançada anteriormente:

E, como é **fazendo que se aprende a fazer e trabalhando que se aprende a trabalhar**, alimenta-me a esperança de ver iniciada em breve a educação doméstica da mulher; de assistir, satisfeita, **a germinação da planta cuja semente venho lançando sôbre pedregulhos, em terrenos áridos, no meio de espinhos, mas que, agora, graças à Legião poderá contar com um terreno propício para seu desenvolvimento**. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2, grifo nosso).

A respeito do emprego de provérbios, Perelman e Tyteca (2014, p. 188) acrescentam que

[...] o provérbio exprime um acontecimento particular e sugere uma norma; daí, de certo, sua difusão fácil, seu aspecto popular, que o opõe ao aspecto livresco, erudito, de certas máximas. [...] Por ser percebido como ilustração de uma norma, o provérbio poderá servir de ponto de partida para os raciocínios, contanto, claro, que essa norma seja admitida pelo auditório.

Vale lembrar que o “auditório” de *A Violeta* são as leitoras, primordialmente, e em extensão, toda a sociedade cuiabana. Assim, parece tácito a esses interlocutores o conteúdo proverbial, mobilizado pela redatora como estratégia retórica de comunhão com o seu auditório. Contudo, a distância temporal e o desgaste proporcionado pelo emprego recorrente dessa sequência proverbial a transformam, aos nossos olhos, em lugar comum, em clichê. A presença de clichês, como já apontamos, é uma constante nos enunciados da revista.

No trecho em foco, a semente lançada encontra obstáculos para sua germinação – pedregulhos, terrenos áridos, espinhos –, ou seja, a autora cria uma nova metáfora para expressar suas dificuldades de implantação da escola doméstica feminina. Conforme já assinalamos, a mobilização de metáforas constitui uma estratégia retórica que integra o projeto discursivo autoral. Mesmo reconhecendo que a metáfora é uma figura originária da esfera literária, observamos que o seu emprego, no contexto desse enunciado, não é literário, mas argumentativo. O diálogo que se estabelece, nessa metáfora, é com *A parábola do semeador*, localizada em Mateus 13:1-9:

A parábola do semeador

Naquele mesmo dia, saiu Jesus de casa e assentou-se junto ao mar.
 E juntou-se a Ele muita gente, de modo que entrou num barco e se assentou, e toda a multidão estava em pé na praia.
 E Ihes falou de muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear.
 E quando semeava, parte da semente caiu junto ao caminho; e vieram as aves e a comeram.
 Outra parte caiu em pedregais, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque não tinha terra funda.
 Mas quando saiu o sol, queimou-se e, porque não tinha raiz, secou-se.
 E outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram.
 Porém, uma parte caiu em terra boa e deu fruto. Um a cem, outro a sessenta, outro a trinta.
 Quem tem ouvidos para ouvir ouça (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 1086).

Com alusão à parábola, cria-se, portanto, para o leitor, uma efusão de sentidos a partir da qual podemos reconhecer outras vozes no enunciado, como, por exemplo, a voz da resistência à mudança na educação da mulher, representada pela semente que não dá frutos.

Ainda na página dois, a autora prossegue sua argumentação acrescentando a questão da problemática do serviço doméstico, enfatizando dois aspectos: “a escola doméstica e o preparo de domésticas”. A partir daí, divide seus argumentos para a consecução dos objetivos exigidos por cada um dos tópicos. No que se refere ao primeiro, afirma que: “O primeiro refere-se à dona de casa, rica ou pobre, a quem devem ser dados conhecimentos teóricos e práticos de enfermagem, culinária, puericultura, tudo, enfim, que fôr preciso para que ela faça do lar o ambiente feliz sob sua direção eficaz”. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2). Novamente, a autora reafirma seu posicionamento ideológico tradicional, ditando preceitos julgados por ela como essenciais à educação da mulher de sua época.

Já sobre o segundo aspecto, explica que: “O segundo, é o preparo de domésticas para os serviços jornalheiros. Se, para o primeiro há necessidade incontestável de uma instalação

dispendiosa, o preparo de domésticas se liga de tal forma ao serviço de assistência escolar e hospitalar que êles se completam”. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2). Antecipamos o anúncio de uma tensão que se instaura no discurso de Dimpina, através da divisão proposital do serviço doméstico: de um lado se encontram as patroas, as filhas das classes abonadas, e, do outro, as domésticas, “as jovens perdidas”.

A redatora vai à procura das suas referências religiosas para sustentar seu discurso de necessidade de “salvação” dos jovens perdidos, trazendo para o interior do enunciado a voz da Igreja, pela citação das figuras de São Vicente de Paula e de Dom Bosco³⁶:

Há pouco desejei que para impedir a vadiagem perniciosa que aumenta o número de doentes e de mulheres infelizes, mister seria que aparecesse para amparar essa mocidade um São Vicente de Paula. [...] A experiência demonstrará em pouco tempo o acerto do método preventido, tão preconizado pelo grande educador Dom Bosco. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2-3).

O efeito de sentido criado pela alusão às figuras religiosas é o de, numa perspectiva retórica, comunhão com as leitoras, também inseridas na tradição católica. Perelman e Tyteca (2014, p. 201) afirmam que “[...] a alusão aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas”. A partir daí, podemos inferir que, ao citar os religiosos, a autora agrega para si o valor de prestígio e ganha adesão por se revestir de uma autoridade discursiva, cujos argumentos passam a ser dificilmente contestados.

No conjunto de parágrafos subsequentes há um movimento discursivo enaltecendo da Legião Brasileira de Assistência, constituído por fórmulas linguísticas do senso comum, calcadas no Positivismo, que apontam para a supervalorização do trabalho, diminuindo, assim, o peso das dificuldades:

A Legião apresentou pela palavra de sua Presidente, a maneira de iniciar êsse amparo!
 A princípio, talvez seja difícil conseguir a compreensão popular de que é bem melhor o trabalho honesto que a ociosidade perniciosa. Mas, que nos importam estas dificuldades?!
 Glória é vencer lutando corajosamente.
 E ainda uma vez o trabalho constante tudo vencerá! (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 3).

³⁶ São Vicente de Paula é considerado protetor dos pobres e doentes. Dom Bosco foi aclamado por São João Paulo II como “Pai e mestre da juventude”, sendo fundador da Pia Sociedade São Francisco de Sales e proclamado santo em 1934. Atualmente, Cuiabá conta com colégios salesianos que têm Dom Bosco como patrono e há um colégio com seu nome, o Colégio Salesiano Dom Bosco.

Notamos que o projeto argumentativo de Dimpina de *bater sempre sobre a mesma tecla* perpassa todo o enunciado. A cada parágrafo, a autora retoma seu propósito de elevar a imagem da Legião, através da figura da Presidente regional, Maria Müller e de louvar o trabalho e os valores positivos. Isso se realiza pelo emprego recorrente de chavões, criando um tom encomiástico, marcado pelas exclamações e pela interrogação exclamativa retórica.

A escola doméstica, portanto, viria bem ao encontro do amparo referido no excerto, já que suas ações poderiam reeducar as moças para servirem às senhoras da sociedade. Contudo, a visão de Dimpina a respeito do trabalho das domésticas não era muito favorável. Podemos estabelecer uma relação dialógica deste enunciado com um trecho da crônica de abertura da edição de 1950:

Agora então, que as empregadas andam sempre alegando leis protetoras para claudicar no cumprimento das suas obrigações, muito ciosas dos seus direitos mas relegando para segundo plano os seus deveres; agora que os ajantarados domingueiros e nos dias santificados, estes em grande número para o empregado manhoso, pedem constantemente a presença das patrões na cozinha, para o preparo de uma refeição ligeira, como há de ser útil a existência de uma escola profissional feminina? (A VIOLETA, n. 333, 1950, p. 4).

A “crise das mulheres para o serviço doméstico”, como Dimpina cita no enunciado em questão, parece ser um problema das senhoras de elite, denunciando a falta de qualificação de mão de obra para os serviços domésticos. O discurso sugere a ausência de pessoas qualificadas para esse trabalho, e se traduz como uma palavra autoritária, cuja apreciação valorativa é a de que o trabalho constitui um remédio ou salvação para as moças “perdidas” nas praças da cidade: “Se fôr preciso obrigar ao trabalho essas moças que sobram pelas praças e ruas, desocupadas ou mesmo abandonadas, **obriguemo-las!**” (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 3, grifo nosso). Vale ressaltar o emprego da forma verbal no modo imperativo, apontando para a palavra autoritária na voz da redatora, que traz ecos das práticas escravagistas.

Importa retomarmos as considerações bakhtinianas a respeito da palavra autoritária:

O discurso autoritário exige nosso reconhecimento incondicional, e não absolutamente uma compreensão e assimilação livre em nossas próprias palavras. [...] Ela entra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, é preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la na íntegra. Ela se incorpora indissolivelmente à autoridade – o poder político, a instituição, a personalidade – com ela permanece e com ela cai. (BAKHTIN, 2010, p. 144).

Dessa maneira, é necessário que as leitoras também se identifiquem com a posição ideológica autoritária da redatora em relação às moças das ruas e praças, que deveriam “servir” à elite como trabalhadoras domésticas.

Dando prosseguimento, como enunciadora perspicaz, Dimpina se dirige para três interlocutores diferentes num único parágrafo: as donas de casa, *minhas senhoras*, os pais e mães de família, e o esposo, o qual, provavelmente, é quem irá sustentar o pagamento dessa futura doméstica:

É esta, minhas senhoras, a maneira única de se pôr fim na crise de mulheres para serviços domésticos; é este, pais e mãis de família, o remédio para a salvação dessas moças que constituem para vós mesmos um trabalho insano de educação, vós que vos demorais longe do lar, ocupados em vossos afazeres cotidianos; são estas as moças que poderão mais tarde servir de companheira dedicada e laboriosa, que vos dará a felicidade no lar, vós que pretendes uma esposa. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 3).

Observamos que a autora retoma a imagem de plantação e colheita no último parágrafo, criada anteriormente a partir de escolhas do campo lexical da área agrícola e do discurso religioso. Assim, ao longo do enunciado, e durante todo o período de sua atuação jornalística na revista, em sua militância sobre a educação da mulher, Dimpina lança sementes que germinam e podem dar frutos: *Se eu colher este fruto*.

Podemos afirmar que o enunciado de 1943 é bastante representativo da posição mais conservadora de Dimpina e, conseqüentemente, da editoria da revista *A Violeta*, a respeito da condição da mulher na sociedade da época. Como já afirmamos, apesar de as redatoras serem intelectuais, e comporem uma rede dialógica com outras jornalistas e escritoras, ainda é bem evidente o fato de que as jornalistas cuiabanas não conseguiram se desvencilhar das concepções mais tradicionais, por influências diversas, como da Igreja, por exemplo.

Apesar de termos evidenciado várias modificações no projeto gráfico-editorial da revista, elencadas anteriormente, o discurso sobre a mulher, quase trinta anos depois, continua o mesmo desde a primeira edição de 1916.

4.5 O bom feminismo de Mary

Na composição visual da página que abriga o enunciado de 31 de dezembro de 1927, notamos alterações nas fontes utilizadas no cabeçalho, comparadamente aos demais enunciados já analisados de 1916 e 1919. O título da revista apresenta-se em fonte diferenciada, grande, em negrito, centralizado. Logo abaixo, segue o nome do *Órgão Grêmio Literário Júlia Lopes*, em destaque negritado. Seguem as informações sobre a periodicidade e direção, assim como é apresentado o mesmo conjunto retangular em linhas duplas contendo dados sobre o ano, local, data e número da edição. Antes do texto principal, há uma homenagem da revista ao Arcebispo Dom Aquino Corrêa, seguida de foto emoldurada, com o perfil do religioso. A moldura é toda trabalhada com detalhes de desenhos de folhas nos cantos. Separado por duas linhas, segue o enunciado cujo título também se apresenta destacado, com fontes maiúsculas ornamentadas.

O texto vem em colunas, separado em três partes pelo conjunto de asteriscos ornamentados. Na segunda página, o enunciado prossegue, com assinatura de Mary – Maria Müller, em negrito e itálico. Na segunda coluna da mesma página, há um pequeno texto dividido por uma linha decorada com flores, intitulado *D. Maria de A. Müller*, em homenagem ao seu aniversário. Ao final da segunda coluna, há um quadro desenhado com linha enfeitada por pequenas flores, em que se inscreve uma propaganda do ponto de táxi *A Garage Avenida*. Podemos observar os detalhes nas figuras 49 e 50, a seguir.

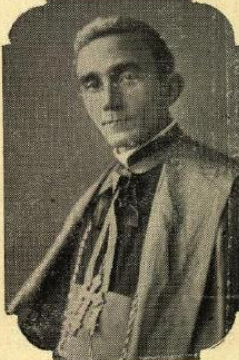
Figura 49 – Chronica de *A Violeta*, n. 152, 31 de dezembro de 1927

A VIOLETA
Orgam do Gremio litterario "Julia Lopes"

PUBLICAÇÃO MENSAL —:— DIRECTORA —:— BERNARDINA RICH

ANNO XII Cuiabá, 31 de Dezembro de 1927 Nº 152

Homenagem d'«A Violeta»



A S. Excia Revma. D. Aquino Costa

lor muito a tem dignificado e galardoado.

Escrinio de talento raro onde as gemmas preciosas do saber misturam seu fulgor intenso ás magicas scintillações duma inspiração casta e elevada, a alma do nosso Arcebispo deve ter sentido profundamente o carinho dessa recepção captivante que lhe fez a terra natal.

O ingresso á Academia de Letras, dessa formosa organização de estheta, cultor maravilhoso do bello, nas suas manifestações mais elevadas, é uma honra insigne para Mato-Grosso, não deixando de ser por isso um acto de rigorosa justiça dos conspicuos membros daquella colmeia de immortaes, onde será uma figura de reievo maximo, esse espirito cujos olhos se abriram no encantamento da terra matto-grossense e cuja intelligencia foi firamente trabalhada sob o céu luminoso da cidade Eterna.

Estampando o seu retrato numa homenagem respeitosa de humilde membro do jornalismo regional, «A Violeta» léva as expressões do seu regosijo, áquelle

CHRONICA

Engalanada e risonha esta «cidade verde», acolheu em seu seio num amplexo emocionado de sincéras boasvindas, D. Aquino, o filho dilecto, cujo va-

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 50 – Continuação da Chronica de A Violeta, n. 152, 31 de dezembro de 1927



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Na primeira parte do texto, ocupando os quatro primeiros parágrafos, a autora dedica-se a homenagear Dom Aquino Corrêa³⁷, então Arcebispo de Cuiabá. Essa consideração feita por Mary ocorre um mês após a posse dele na Academia Brasileira de Letras, em 30 de novembro de 1927. Isso demonstra a preocupação da revista em atualizar as notícias para os seus leitores, destacando as personalidades e seus feitos, no caso, a ocupação da cadeira 34 da Academia pelo religioso. Aliás, a sua figura aparece constantemente em outras edições, configurando a força da voz da Igreja no periódico.

³⁷ Francisco de Aquino Corrêa nasceu em Cuiabá a 2 de abril de 1885 e morreu em São Paulo no dia 22 de março em 1956. Além de Arcebispo de Cuiabá e Governador de Mato Grosso, foi poeta e escritor, reconhecido como primeiro mato-grossense a integrar a Academia Brasileira de Letras. Foi um dos maiores incentivadores da fundação da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Evidenciamos o emprego de bordas e molduras trabalhadas na foto, que apesar de estar em preto e branco, apresenta-se bem visível e busca ilustrar a figura do religioso, expressando um perfil elegante, jovem, ao mesmo tempo sério, intelectual, trajado com vestes típicas. A presença da moldura trabalhada cria um efeito de quadro, de obra de arte valiosa que deve ser preservada, valorizada, imortalizada.

O texto se inicia com a letra capitular *E*, da palavra *engalanada*. No primeiro parágrafo, há uma apreciação valorativa de Mary sobre o retorno do religioso a Cuiabá, através do emprego de diferentes adjetivos e expressões qualificadoras: **Engalanada e risonha** esta “cidade **verde**”, acolheu em seu seio num amplexo **emocionado** de **sincéras** boasvindas, Dom Aquino, o filho **dilecto**, cujo valor muito a tem **dignificado** e **galardoado**”. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 1, grifo nosso). O conjunto lexical utilizado pela autora cria um efeito de sentido de exaltação ao religioso, colocando o catolicismo em evidência e a comemoração do seu ingresso na Academia.

No parágrafo seguinte, a exaltação prossegue com o desenvolvimento de um campo lexical que cria efeito de luz/luminosidade à figura de Dom Aquino: “Escrínio de talento raro onde as **gemmas preciosas** do saber misturam seu **fulgor intenso** às **magicas scintillações** duma inspiração casta e elevada, a alma do nosso Arcebispo deve ter sentido profundamente o carinho dessa recepção captivante que lhe fez a terra natal”. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 1, grifo nosso). O emprego de tal campo semântico cria um efeito de sentido que atribui à alma de Dom Aquino um caráter de ser *iluminado*, detentor de um saber que traz *luz* onde esta não existe. Já as expressões *escrínio de talento raro*, *inspiração casta e elevada*, *recepção captivante* compõem um conjunto de qualificações que eleva a figura do religioso, criando um perfil que enaltece suas qualidades.

O terceiro parágrafo amplia os elogios, a ponto da recorrência a chavões:

O ingresso á Academia de Letras, dessa formosa organização de estheta, **cultor maravilhoso do bello**, nas suas manifestações mais elevadas, é uma **honra insigne** para Matto-Grosso, não deixando de ser por isso um acto de rigorosa justiça dos **conspicuos membros daquela colmeia de immortaes**, onde será uma **figura de relevo máximo**, esse espírito cujos olhos se abriram no encantamento da terra matto-grossense e cuja intelligencia foi finamente trabalhada sob o céo luminoso da cidade Eterna. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 1, grifo nosso).

Mary cria ou se refere a expressões indiretas, metonímicas, atribuídas a lugares como *cidade verde*, referência a Cuiabá, e *cidade eterna*, referência a Roma. Já o uso recorrente de chavões aponta para o estilo retórico pomposo da autora, como já pudemos observar na

análise do enunciado de 1919. Considerar tais usos como formas de enaltecimento e entusiasmo exacerbado, recursos estilísticos usados pela redatora que revelam características de sua prática poética, herdeira do Romantismo.

A autora encerra a primeira parte do texto fazendo referência ao retrato trazido pela Revista *A Violeta* em homenagem a Dom Aquino. Mais uma vez identificamos, nesse parágrafo, expressões que enaltecem a figura do religioso: “Estampando o seu retrato numa homenagem respeitosa de humilde membro do jornalismo regional, “A Violeta” leva as expressões do seu regosijo, áquelle que é o expoente da nossa cultura e o propugnador dos movimentos literários de nossa terra”. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 1-2).

A segunda parte do texto é bem curta, compondo-se de apenas três parágrafos, e faz referência ao décimo segundo aniversário de *A Violeta*. Nesse pequeno enunciado, Mary apresenta sua apreciação sobre o periódico:

Revista singela, de pequeno formato, levada à arena jornalista pela gentileza do público que assim a aceitou, ella é o órgão da única associação literária feminina em nosso estado, e, si motivo nenhum á benemerencia tivesse, esse de ser a iniciadora do bom feminismo, essa inquebrantável energia que a tem sustentado através as vicissitudes, bastariam para sagral-a. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 2).

A expressão utilizada pela autora *bom feminismo* caracteriza a revista como iniciadora dessa prática. Em uma leitura atenta, fica evidente que, para a redação, havia, à época, um *mau feminismo*, caracterizado pela radicalidade, o qual era desprezado. Seguia-se um feminismo *moderado* cujos valores essenciais a serem preservados envolveriam a família, a religião e o papel da mulher como mãe e dona do lar.

Ainda nesse parágrafo, evidenciamos o uso de termos como *arena* e *sagral-a*. O primeiro faz alusão à tensão constitutiva da esfera jornalística da época; o segundo traz novamente a voz do discurso religioso, já que *sagrar* evoca *santificação*, *benção*, *consagração*, *veneração*.

Podemos estabelecer uma relação dialógica entre esse trecho do enunciado e um artigo pertencente à edição de número 196, de 31 de março de 1932, intitulado *Palestrando*, também assinado por Mary. Nele, a autora dialoga com seu “antigo e caro amigo”, um interlocutor sobre o qual nada sabemos, nem o nome (apenas era, segundo ela, *apreciador destemeroso do esforço obstinado da mulher no afan de galar todos os obices que lhe antepõe o indiferentismo e os preconceitos*), mas que lhe havia dado edições da revista *O Commentario*. O amigo recomenda à autora a leitura atenta dos artigos subordinados ao título *Cartas à*

mulher paulista, da feminista Sylvia Rangel, pois poderão “[...] influir na futura orientação que as senhoras pretendem imprimir ao ‘Grêmio’”. (A VIOLETA, n. 196, 1932, p. 3).

Ao trazer uma apreciação de Sylvia Rangel, a autora acaba por definir o seu feminismo, qualificando-o: “Sylvia Rangel é uma **feminista ponderada**, que sabe se ater ao **meio termo, sem cair nos excessos condenáveis do feminismo violento**, sem deixar entretanto de ser **combativo e pertinaz...**”. (A VIOLETA, n. 196, 1932, p. 3, grifo nosso).

Com essa passagem, podemos perceber que Mary vai traçando aos seus interlocutores os limites do feminismo *admitido* pela revista e por suas redatoras, ou seja, um feminismo *ponderado, comedido*, sem excessos. A opinião do *amigo*, trazida ao enunciado por Mary, também qualifica o seu feminismo: “– O seu, por exemplo, já está passando destes lineamentos. Já se acha um tanto **exaltado!**...”. (A VIOLETA, n. 196, 1932, p. 3, grifo nosso).

No parágrafo seguinte do enunciado de 31 de dezembro de 1927, em análise, a autora Mary, ao fazer a sua homenagem à *Violeta*, traz um breve relato referente à tensa jornada envolvendo dificuldades atravessadas ao longo dos doze anos de publicação, em que ela, demais redatoras e associadas do Grêmio, se uniram em esforços: “Para nós, associadas do grêmio Júlia Lopes, para nós principalmente as que acompanhamos de perto os dias de sua jornada, desembaraçando-lhe o caminho, desviando-a das encruzilhadas, animando-lhe as forças extenuadas, esta data tem ressonância especial, e nos é imensamente cara!” (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 2).

Sobre o estilo de linguagem utilizado por ela nesse trecho, evidenciamos os aspectos sintáticos. Em primeiro lugar, o uso da figura retórica de repetição *anáfora*, com a expressão *para nós*. Em seguida, o emprego de *paralelismo ou isócolo* que, conforme Fiorin (2014, p. 139), tem a função de “[...] mostrar que os significados transmitidos pelas construções paralelas são simétricos. Dessa forma, intensifica-se o sentido veiculado por elas”. No exemplo apresentado, a autora acrescenta uma série de orações reduzidas de gerúndio, em que os verbos *desembaraçar*, *desviar* e *animar*, nessa conjugação verbal, criam um efeito de sentido de movimento, mobilização, algo que nunca para de acontecer.

Ao final, visualizamos, ainda, o emprego do ponto de exclamação, que se refere à expressão *imensamente cara!*. Compreendemos tratar-se, novamente, segundo Dahlet (2006, p. 195), do alto grau proporcionado pelo ponto de exclamação, em que “[...] sendo exclamativo, o enunciado não somente transmite o conteúdo, como também, pelo fato de o próprio enunciador ter tomado posição mediante o sinal de pontuação, apela para o leitor tomar posição a respeito”.

A terceira parte do texto traz mais uma vez a voz da Igreja, em que a autora faz considerações sobre o Natal, o mês de dezembro e as ações de caridade envolvendo doações e distribuições de presentes pelo Grêmio a crianças carentes.

Nesse trecho, também composto por três parágrafos, entrevemos o estilo tradicional de Mary, materializado na voz da mulher religiosa, caridosa, e esperançosa de dias melhores, mas também marcado pelo recorrente uso de chavões. O primeiro parágrafo inicia-se com travessão simples, uso bastante incomum, que entendemos estar colocado para destacar o conteúdo que será tratado na sequência, ou seja, a caridade na época do Natal:

– Para festejar a data magna da humanidade, aquella em que recebemos o maior presente do amor divino, Jesús Christo feito homem para nos salvar, costumamos organizar uma Arvore do Natal aos pequeninos desherdados da fortuna, aquelles que não conheceram nunca a alegria de um brinquedo novo, jamais sentiram o sabor das guloseimas caras; os innocentinhos ternamente amados pelo divino Nazareno. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 2).

Conforme já assinalamos, vemos nesse parágrafo o emprego de expressões semanticamente desgastadas, como *pequeninos desherdados da fortuna*, *innocentinhos ternamente amados*. Com isso, a autora expressa traços de um Romantismo piegas. Estabelecemos uma relação dialógica com um trecho do enunciado de 1950, *Como fazer felizes...*, já analisado, em que a redatora expressa também de forma piegas o discurso da caridade e a sua visão sobre a pobreza: “Vamos ao encontro da pobreza desamparada, dessa que se abriga nos ranchinhos miseráveis dos arrabaldes distantes dessa que, ainda, não está recolhida nos asilos e nas casas de caridade”. (A VIOLETA, n. 333, 1950, p. 16).

Dessa forma, a revista demonstra não se preocupar com a questão social, não reivindicando a responsabilidade governamental a respeito da pobreza, como é comum percebermos nos seus enunciados a respeito do desenvolvimento das cidades. Nesse aspecto, as edições de 1927 e 1950 trazem um posicionamento ideológico alienado, pois ignoram o fato de que a pobreza se relaciona diretamente com o progresso urbano.

Retomando o enunciado de 1927, no último parágrafo a autora dirige-se a vários interlocutores, em tom de congratulação ao ano vindouro: “Permita Jesus que o anno que se inicia seja portador de risos, festas, harmonias, ás auctoridades civis, religiosas e militares, ás queridíssimas consocias e gentis assignantes, aos collegas da imprensa e á sociedade cuiabana em geral”. (A VIOLETA, n. 152, 1927, p. 2). Inferimos que esse conjunto de interlocutores listado por Mary envolve as pessoas que *A Violeta* desejava atingir e conquistar como leitores.

Em síntese, Mary se apresenta culta em seu texto, utilizando uma linguagem pomposa, com destaque para sua abordagem bastante conservadora quanto ao papel da mulher, haja vista o seu posicionamento ideológico sobre o *bom feminismo* e os valores da família, religião e assistencialismo social que endossava. Em seu texto, a voz reacionária é predominante e não entrevemos em outros momentos pistas verbo-visuais que possam nos indicar um entrecruzamento de vozes.

A seguir, procedemos à análise do enunciado publicado na edição de números 236-237, de 31 de dezembro de 1937.

4.6 Um brinde ao entrecruzamento de vozes

O enunciado *Chronica*, que abre a edição de 31 de dezembro de 1937, apresenta cabeçalho indicador da publicação com o título da revista destacado na parte superior, em preto e branco, centralizado, em letras serifadas, negritadas. Logo abaixo, traz a referência ao órgão ao qual está vinculado, o Grêmio Literário Júlia Lopes. Em seguida, podemos ler informações sobre a periodicidade da publicação – mensal – e a indicação da direção: Mariana Póvoas e Benilde Moura. A seguir, podemos observar uma composição visual retangular, composta de linhas duplas, em que se destacam o ano da publicação, o local, a data e os números correspondentes à edição da revista, conforme a figura a seguir.

Figura 51 – Cabeçalho da edição 236-237 de *A Violeta*, 31 de dezembro de 1937

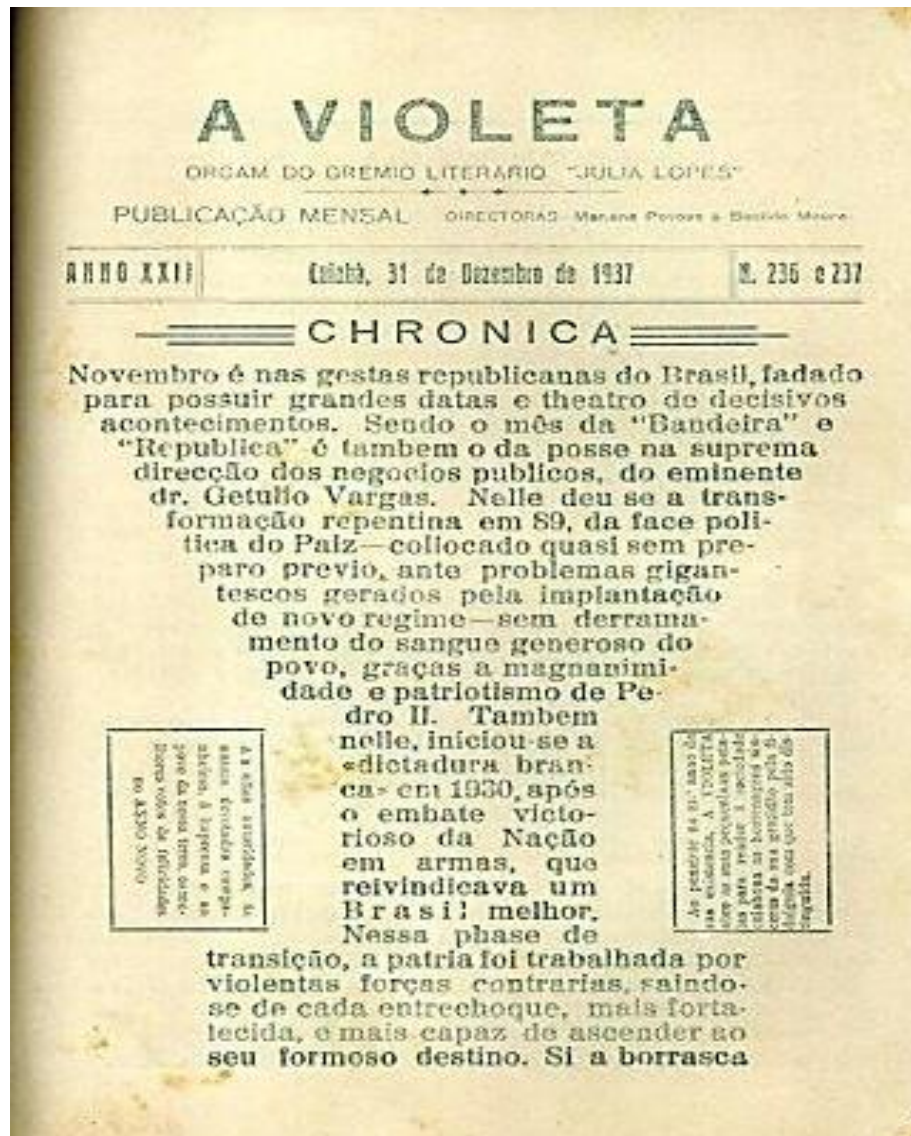


Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Abaixo do cabeçalho, visualizamos o título *Chronica*, centralizado, com espaçamento entre as letras, fonte grande, maiúscula, em negrito. De cada lado do título, há um conjunto de linhas triplas, em que a linha central é mais longa que as outras duas, constituindo um destaque tipográfico que acrescenta um detalhe visual, atraindo o olhar do leitor para o texto que segue, na forma de taça. A impressão sugerida é que o título estilizado dessa forma retrata

o líquido continente na taça ou algo que emerge dela. Visualmente, a centralização do título também se harmoniza com a parte superior da taça, conforme podemos observar na próxima figura.

Figura 52– Chronica de *A Violeta*, n. 236-237, 31 de dezembro de 1937



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

De cada lado da taça, ainda, podemos visualizar duas figuras retangulares, contendo, em cada uma delas, um texto em fontes pequenas. A figura do lado esquerdo traz uma expressão de votos de ano novo: *A's altas autoridades, ás nossas devotadas companheiras, á imprensa e ao povo da nossa terra, os melhores votos de felicidades no ANNO NOVO*. Já o retângulo do lado direito traz uma saudação: *Ao penetrar no 22º anno da sua existência, A VIOLETA abre as suas pequeninas petalas para render á sociedade cuiabana as homenagens sinceras da sua gratidão pela fidalguia com que tem sido distinguida*. Tal composição é de

grande importância, pois vem acrescentar um significado ao plano visual; propositadamente tais pequenos fragmentos relacionam-se com a disposição gráfica do texto principal e também com a temática de avaliação do ano que se encerra e comemoração pelo ano vindouro.

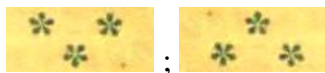
A grafia das palavras *ANNO NOVO* e *A VIOLETA*, em letras maiúsculas, confere um destaque provocativo, chamando a atenção do leitor para o foco temático do enunciado e a avaliação da editoria sobre os futuros acontecimentos.

Figura 53 – Recorte da Chronica de *A Violeta*, n. 236-237, 31 de dezembro de 1937



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

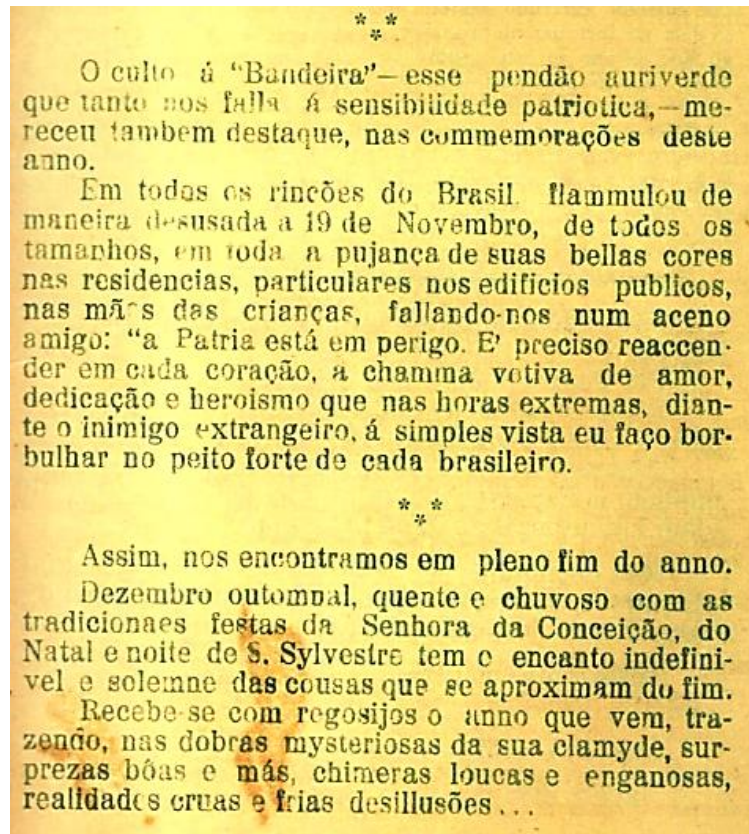
O restante do texto, não organizado em colunas, ocupa mais três páginas, dividindo-se em seções cujas fronteiras são marcadas por uma figura composta de três pequenos asteriscos que, em alguns exemplos no texto, remete ao símbolo matemático *donde*, indicador da conclusão de um raciocínio, mas que, na revista, apresentado muitas vezes em posição invertida, tem a função ornamental apenas de separação de seções com assuntos diferentes:



. Podemos inferir, ainda, que se tratava de uma prática gráfica comum à época, utilizada em revistas³⁸ e obras consagradas que compunham o acervo de leituras das redatoras.

³⁸ Localizamos essa recorrência ao símbolo, por exemplo, na *Revista de Estudos Livres*, periódico de divulgação da filosofia positivista, publicada em Portugal e no Brasil entre 1883 e 1886.

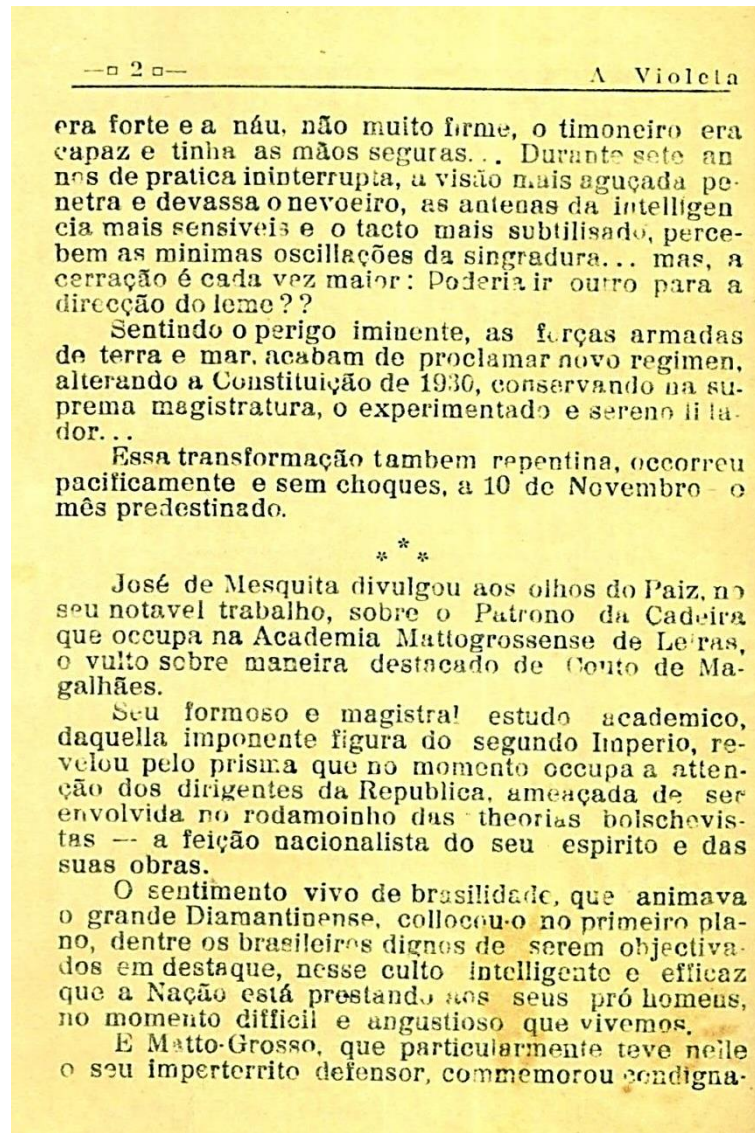
Figura 54 – Posição do símbolo que separa as seções de *A Violeta*, 31 de dezembro de 1937



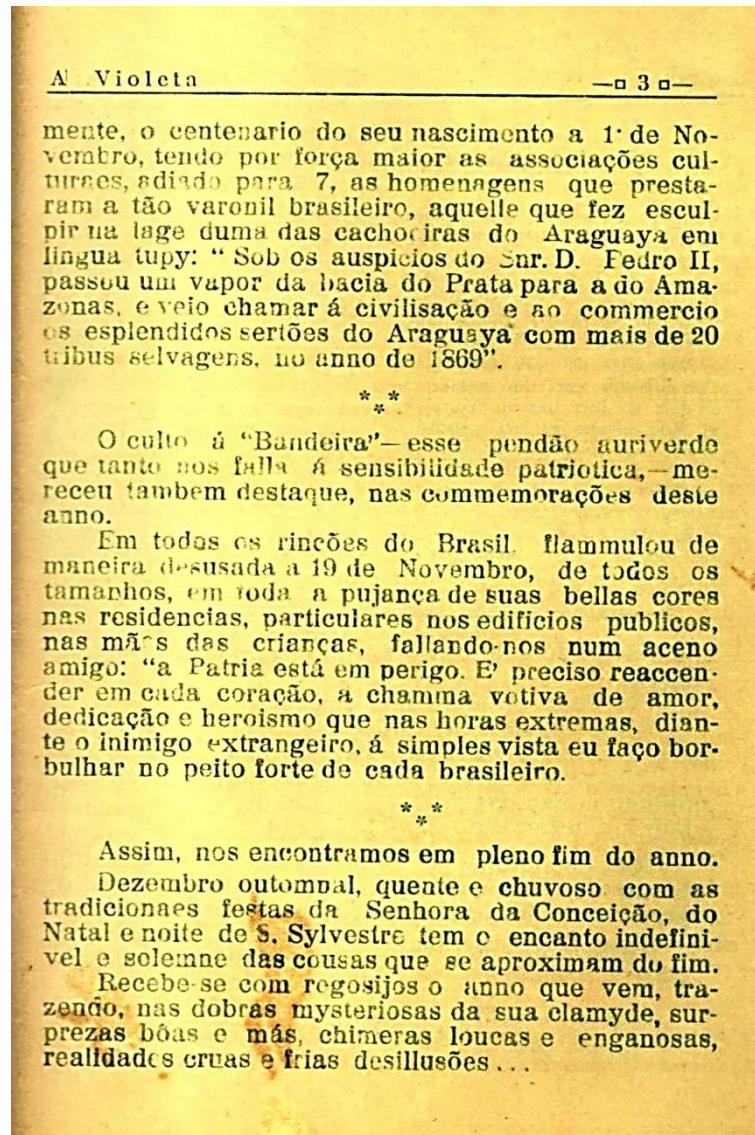
Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

O referido enunciado não vem assinado. O projeto discursivo da editoria objetiva homenagear o ano vindouro (1938) e fazer um retrospecto dos diversos acontecimentos históricos marcantes que envolveram o ano de 1937, expressando um retrato das situações políticas que constituíram o Estado de Mato Grosso e o Brasil da época.

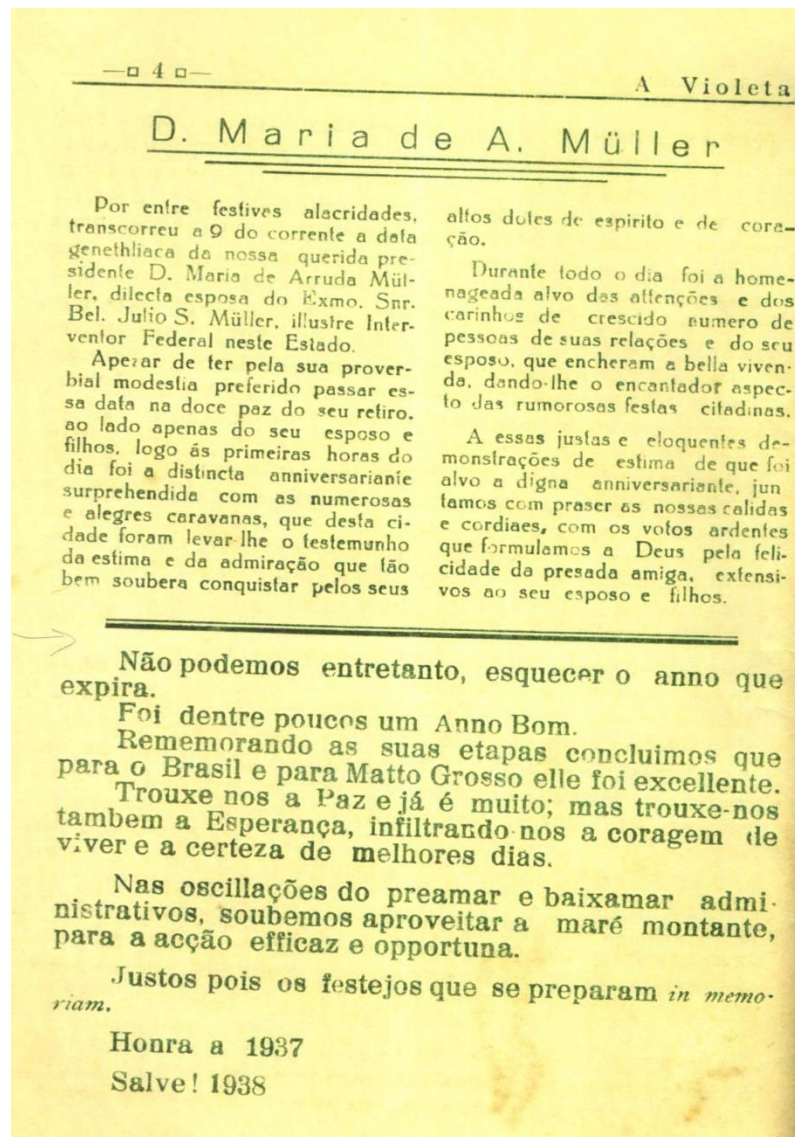
Seguem as figuras que trazem as demais páginas do enunciado.

Figura 55 – Continuação da Chronica de *A Violeta*, n. 236-237, 31 de dezembro de 1937

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 56 – Continuação da Chronica de *A Violeta*, n. 236-237, 31 de dezembro de 1937

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Figura 57 – Continuação da Chronica de *A Violeta*, n. 236-237, 31 de dezembro de 1937

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

O texto encontra-se dividido em quatro partes, todas relacionadas a acontecimentos marcantes ocorridos no mês de novembro, como a Proclamação da República, em 1889, a instalação da *ditadura branca*, que remete ao início da Era Vargas, em 1930, o centenário de nascimento de Couto de Magalhães (1837-1898), e o dia da Bandeira, comemorado em 19 de novembro.

Notamos que o final do enunciado, na página 4, está posicionado na parte inferior da página, pois na parte superior encontra-se uma homenagem, em fonte diferenciada, à data natalícia de D. Maria de A. Müller. Essa diagramação sugere que tratar desse assunto é mais importante que a finalização do enunciado de capa da edição, obrigando o leitor a ler a referida homenagem. Evidenciamos que esse recurso verbo-visual associado à presença do

discurso bajulatório é prática recorrente da revista, como já apontamos no enunciado de 31 de março de 1950, a respeito do Desembargador José de Mesquita.

Prosseguindo a descrição da dimensão visual, o que nos chama mais a atenção, logo à primeira vista, é a diagramação do texto em forma de taça. A disposição gráfica faz alusão ao conteúdo tratado no enunciado, publicado no mês de dezembro, e sugere um brinde comemorativo às festas de passagem de ano. A forma escolhida aponta, ainda, para a celebração da vitória em certas situações políticas, tentando fazer parecer uma concordância da revista com os fatos vivenciados no ano que finda, 1937, ao reproduzir o discurso nacionalista e louvar personagens protagonistas da história, como D. Pedro II.

No início do texto há uma referência aos acontecimentos ocorridos no mês de novembro, o que ocupa a parte superior da taça, pois, pela diagramação da página, não é possível identificar a divisão dos parágrafos:

Novembro é nas gestas republicanas do Brasil, fadado para possuir grandes datas e teatro de decisivos acontecimentos. Sendo o mês da “Bandeira” e “Republica” é também o da posse na suprema direção dos negócios públicos do eminente dr. Getúlio Vargas. Nelle deu-se a transformação repentina em 89, da face política do Paiz – collocado quasi sem preparo previo, ante problemas gigantescos gerados pela implantação de novo regime – sem derramamento do sangue generoso do povo, graças a magnanimidade e patriotismo de Pedro II. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 1).

Observamos, na sequência inicial, a seleção lexical de adjetivos e substantivos que conferem uma aura elevada à linguagem, um estilo peculiar que busca compor um cenário narrativo de fatos históricos: *fadado*; *teatro*; *suprema*; *transformação repentina*; *problemas gigantescos*; *sangue generoso*; *magnanimidade*. O efeito de sentido produzido é o de intensificação, aumento da relevância dos fatos ocorridos.

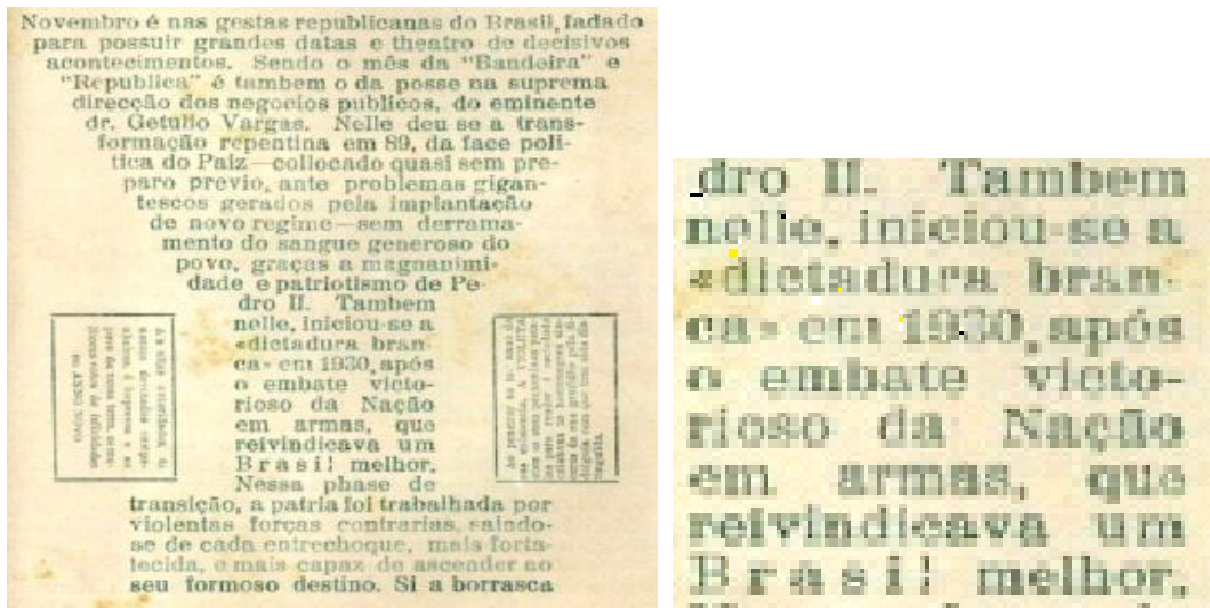
Visualizamos, ainda, o uso do travessão separando a sequência *collocado quasi sem preparo previo, ante problemas gigantescos gerados pela implantação de novo regime*. Sobre o emprego do travessão duplo (DAHLET, 2006), o efeito de sentido criado foi de ressalva, ao enfatizar o fato de que a instauração da República no Brasil foi algo repentino e sem tumultos.

O texto prossegue com a diagramação seguindo o desenho da taça, ilustrando a parte mais estreita, onde a taça pode ser segurada: “Também nelle, iniciou-se a ‘dictadura branca’ em 1930, após o embate victorioso da Nação em armas, que reivindicava um B r a s i l melhor”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 1). Nesse trecho, um detalhe aponta para a inserção de outra voz: a imagem criada pela diagramação, ao retratar a figura de uma taça e o

afunilamento no plano visual, pois a parte inferior da taça se estreita. Quanto ao plano verbal, há inserção de uma sequência textual neste espaço de estrangulamento, pois podemos ler, nessa pequena área do texto, conforme a figura 58, a seguir, um fragmento que se refere à *dictadura branca*, sugerindo, através do plano verbo-visual, uma fase política de estreitamento, fechamento, cerceamento da liberdade de imprensa.

Observamos, além disso, um espaçamento diferenciado na palavra *Brasil*, compondo a expressão *B r a s i l melhor*, seguida de ponto final, recurso tipográfico que aponta para uma ideia da necessidade de alargamento, de ocupação de espaço ou até mesmo de libertação/liberdade. Tal disposição gráfica, em uma única linha, acompanhada do adjetivo superlativo *melhor* pode produzir um efeito de sentido que sugere uma apreciação valorativa da revista sobre o país, naquele momento, e sobre o que se desejava para a nação: um país livre, melhor e ponto final.

Figura 58 – Diagramação em forma de taça: articulação dos planos verbal e visual de *A Violeta*, 31 de dezembro de 1937



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Sobre a ditadura branca, expressão atribuída a Rui Barbosa, compreendemos tratar-se de uma gestão governamental não totalitária, que se apresenta como uma democracia aparente, porém cerceia a liberdade através de alguns mecanismos coercitivos sutis. Evidenciamos que o enunciado em pauta data de 1937, ano que marca o início do Estado Novo, período de imposição e controle do Estado. Exemplo disso é o fato de Vargas ter criado os chamados DIPs (Departamento de Imprensa e Propaganda) e suas respectivas

representações estaduais denominadas DEIPs (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), além dos DASPs (Departamento Administrativo do Serviço Público) que, segundo Silva (2015, p. 41-42), “[...] serviam como instrumentos de moralização administrativa [...] cujos prefeitos e interventores estavam a ele submetidos”.

Ao pé da taça a autoria atualiza informações sobre os acontecimentos políticos do momento: “Nessa phase de transição, a patria foi trabalhada por violentas forças contrárias, saindo-se de cada entrechoque mais fortalecida e mais capaz de ascender ao seu formoso destino”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 1).

O emprego de adjetivos e substantivos que enfocam a intensidade dos acontecimentos vivenciados desvela a apreciação valorativa da autoria sobre os fatos: *violentas forças contrárias*; *entrechoque*; *fortalecida*; *formoso destino*. Ao expressar um otimismo sobre o futuro da pátria, que então será *capaz de ascender ao seu formoso destino*, na base da taça, um possível efeito de sentido criado é de que havia uma base política estabelecida, segura, que sustentava a nação.

Além disso, a primeira linha desse bloco, cujo conteúdo verbal traz a expressão *phase de transição*, localiza-se justamente num espaço de transição entre a parte da taça estreita e a parte de alargamento da base, ou seja, o plano verbo-visual reproduz e reforça a ideia de mudança de um estado político para outro, quer seja o ocorrido na história, com a Proclamação da República, quer seja o vivenciado à época, com o governo Vargas.

A figura metafórica da navegação surge em seguida, criando a imagem de um barco em meio à forte ventania, mas que é seguro pelo timoneiro. Interpretamos que essa tempestade refere-se à Revolta Constitucionalista, que é superada pela proclamação de um novo regime, que altera a Constituição de 1930 e conserva no poder a figura de Getúlio Vargas. Essas considerações começam a ser descritas apenas na segunda página, e não mais aproveitando a diagramação em forma de taça. No início do enunciado, a redação utiliza um recurso verbo-visual que convoca o leitor à alegria, satisfação, agradecimento, comemoração, o que não acontece no restante do texto. Ou seja, o efeito de sentido sugerido é de que pouco havia para se comemorar naquele momento político retratado nas páginas seguintes. Segue o excerto em questão:

Si a borrasca era forte e a nau, não muito firme, o timoneiro era capaz e tinha as mãos seguras... Durante sete annos de prática ininterrupta a visão mais aguçada penetra e devassa o nevoeiro, as antenas da intelligencia mais sensíveis e o tacto mais subtilizado, percebem as mínimas oscillações da singradura... mas, a cerração é cada vez maior: Poderia ir outro para a direção do leme??

Sentindo o perigo iminente, as forças armadas de terra e mar, acabam de proclamar novo regimen, alterando a Constituição de 1930, conservando na suprema magistratura o experimentado e sereno ditador... (A VIOLETA, n 236-237, 1937, p. 1-2).

A alusão aos *sete annos de prática ininterrupta* exige do leitor o entendimento que a autoria está realizando uma demarcação do tempo passado desde o ano da Revolução Constitucionalista, 1930, até o ano de publicação do enunciado, nessa edição, em 1937. O texto prossegue criando cenário próprio de uma navegação conturbada, utilizando um campo lexical expressivo: *nevoeiro; cerração; oscillações da singradura; direção do leme*. Reconhecemos, nesse contexto verbo-visual, uma aproximação com a figura de retórica *hipotipose*:

[...] uma descrição que apresenta uma saliência perceptiva, o que significa que ela é tingida pela subjetividade daquele que descreve, o que lhe dá uma intensidade muito grande.[...] Daí a importância que têm nela os termos ligados à visão. Ela aproxima a linguagem verbal da pintura: ‘*ut pictura poesis*’ (a poesia é como um quadro). (FIORIN, 2014, p. 155).

Para Perelman e Tyteca (2014, p. 190), trata-se de uma figura “[...] que expõe as coisas de uma maneira tal que a ação parece desenrolar-se e a coisa acontecer ante nossos olhos. Portanto, é uma forma de descrever os acontecimentos que os torna presentes à nossa consciência”. Observamos que o tempo verbal predominante, no trecho em questão, é o presente, o que provoca um efeito de sentido, ao leitor, do fato ocorrendo no exato momento da sua leitura.

Em seguida, há uma referência à forte presença das Forças Armadas, que atuam nesse período histórico em defesa do governo da época, apoiando Vargas até a década de 1940. No entanto, evidenciamos algumas marcas no texto, recursos da escrita que podem revelar outro posicionamento político da redação da revista, que talvez não pudesse ser explicitado naquele momento.

Observamos a presença de reticências em três lugares, após as sequências: *o timoneiro era capaz e tinha as mãos seguras; percebem as mínimas oscillações da singradura; e experimentado e sereno ditador*. Tal emprego pode revelar uma incompletude de pensamento,

certa vaguidão a ser preenchida pelo leitor, criando, segundo Dahlet (2006, p. 208), conforme já citamos, espaços de interpretação, ou seja, cabe ao interlocutor cooperar na construção dos sentidos, preenchendo esses espaços.

Ao mesmo tempo, vários efeitos de sentido podem advir desse preenchimento, como, por exemplo, a compreensão de que o timoneiro seria muito capaz e com mãos seguras, por conseguinte, teria outras qualidades. Ou o contrário, de que ter *mãos seguras* poderia ser atributo de um ditador. Da mesma forma, no trecho *mínimas oscillações da singradura...*, as reticências podem sugerir muitos preenchimentos para o signo *oscillações*, como protestos, contestações do novo regime, revoltas, insegurança econômica etc.

No último exemplo, as reticências são colocadas após a expressão *experimentado e sereno ditador*, com referência ao presidente Getúlio Vargas. Uma possibilidade de leitura é a de que esse acréscimo provoca um efeito de sentido irônico, deixando o senso crítico do leitor decidir pela legitimidade ou não dos adjetivos *experimentado* e *sereno*, atribuídos ao substantivo *ditador*, já que esses adjetivos não são trazidos, comumente, para qualificar tal figura.

Outra leitura possível, que advém da atenção ao emprego do termo *conservar*, em *conservando na suprema magistratura o experimentado e sereno ditador...*, é a de que as reticências funcionam como uma espécie de suspensão, criando um efeito de sentido de prolongamento *ad eternum* da permanência *experimentada e serena* de Vargas no poder.

Nesse excerto, ainda vemos o emprego do ponto de interrogação de forma duplamente destacada, sugerindo mais que uma mera interrogação, um grito interrogativo, uma entoação avaliativa grafada na escrita, reafirmando a voz questionadora da revista, a despeito da ascensão de Vargas ao poder: *Poderia ir outro para a direção do leme??*. Sugere-se, com tal recurso, uma participação do leitor, nesse jogo discursivo, para refletir sobre a possibilidade da assunção de outra pessoa ao poder. Outra leitura possível seria a de que não haveria, de fato, outra pessoa melhor do que Vargas para governar. Dessa forma, a pergunta com dupla interrogação seria apenas retórica, como assinalam Dahlet (2006) e Perelman e Tyteca (2014).

No parágrafo final da primeira parte do texto, a autoria faz referência à data 10 de novembro, dia que marca a implantação do Estado Novo: “Essa transformação também repentina ocorreu pacificamente e sem choques, a 10 de Novembro o mês predestinado”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 2). Tal afirmação refere-se especificamente à Constituição de 1930, quando Vargas ascendeu ao poder. Assim, a possível tensão criada ao longo dos parágrafos anteriores, circunscrita no trabalho discursivo com o campo lexical da navegação, é quebrada quando a autoria confere a essa data uma transformação sem entraves.

A segunda parte do enunciado vai tratar do centenário de nascimento de Couto de Magalhães³⁹. Nesse trecho, é apresentada a figura de José de Mesquita⁴⁰, que, juntamente com as associações culturais da época, realizou uma homenagem ao conhecido escritor.

A autoria do texto enfatiza a importância do trabalho de Mesquita por seu nacionalismo, em defesa do país de possíveis ameaças:

Seu formoso e magistral estudo acadêmico, daquela imponente figura do segundo Império, revelou pelo prisma que no momento ocupa a atenção dos dirigentes da República, ameaçada de ser envolvida no rodado das theories bolschevistas – a feição nacionalista do seu espírito e das suas obras. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 2).

A referência, na citação, às *theorias bolschevistas* deve-se à influência das ideias originárias da Revolução Russa na política brasileira. Os *bolcheviques*⁴¹ propunham uma mudança radical de política para o povo, defendendo uma revolução socialista armada, caso fosse necessário.

A autoria, através do uso do travessão simples, faz um corte na sintaxe do período, separando o objeto direto *a feição nacionalista do seu espírito e das suas obras* do verbo *revelou*. Esse procedimento cria um efeito de destaque (DAHLET, 2006), colocando em evidência o nacionalismo de Couto de Magalhães.

O enunciado prossegue trazendo a figura do folclorista, e também deixa transparecer uma apreciação valorativa não muito otimista do momento sócio-histórico, marcado pelo início do Estado Novo: “[...] nesse culto intteligente e efficaz que a Nação está prestando aos seus pró homens, no momento difficil e angustioso que vivemos”. (A VIOLETA, n. 236-237,

³⁹ Couto de Magalhães é considerado o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil, tendo escritos diversas obras, como o *Anchieta e as Línguas indígenas*, *Viagens ao Araguaia*, *Os Guaianases ou a Fundação de São Paulo*; *Revolta de Felipe dos Santos em 1720*; *Selvagem*, obra escrita a pedido de D. Pedro II para figurar na exposição de Filadélfia, em 1876. Além disso, foi político e militar, tendo sido Presidente de Mato Grosso e Presidente das províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo, impedindo que, na Guerra do Paraguai, viessem reforços da Bolívia para o Paraguai. Foi, ainda, secretário do Governo de Minas Gerais entre 1860 e 1861. Disponível em: www.e-biografias.net/couto_magalhaes/. Acesso em: 22 ago. 2014.

⁴⁰ José de Mesquita (1892-1961), frequente colaborador de *A Violeta*, foi jurista e escritor, desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, do qual foi presidente por 11 anos seguidos (1929-1940). Foi, ainda, um dos principais incentivadores da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919, e da Academia Mato-grossense de Letras, em 1921, da qual foi membro fundador e Presidente desde a sua fundação até o seu falecimento, em 1961. Nela, ocupou a cadeira n. 19, cujo patrono foi justamente o ilustre homenageado: José Vieira Couto de Magalhães. Entre as inúmeras obras escritas por Mesquita, identificamos: *Um Paladino do Nacionalismo* (elogio a José Vieira Couto de Magalhães), Cuiabá, 1929, à qual o enunciado faz referência; *Os Jesuítas em Mato Grosso*, Cuiabá, 1921; *O Catolicismo e a Mulher*, Cuiabá, 1926; *Espelho de Almas* (contos), premiado pela Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1932; *Bibliografia mato-grossense*, em colaboração com o Prof. Firmo Rodrigues e Rubens de Mendonça, Cuiabá, 1944. Disponível em: www.e-biografias.net/jose_mesquita/. Acesso em: 22 ago. 2014.

⁴¹ *Bolch* é uma palavra da língua russa e significa “maioritário”. Com essa expressão foram denominados os integrantes da facção do Partido Operário Social-Democrata Russo, liderado por Vladimir Lênin.

1937, p. 2). Ao utilizar a primeira pessoa do plural do verbo viver, a autoria se insere no complicado contexto a que está se referindo, criando um cenário para afirmar que todas as pessoas estão vivenciando as dificuldades oriundas da repressão da ditadura varguista.

Perelman e Tyteca (2014, p. 202) consideram essa troca como uma figura retórica de presença e comunhão, denominada *enálage do número de pessoas*, a permutação do *eu*, do *tu*, pelo *nós*. Fiorin (2014, p. 97-98) apresenta-nos também essa figura e a define como: “[...] uso de uma categoria gramatical por outra (um número por outro, um gênero por outro, uma pessoa por outra, um tempo por outro, um modo por outro, uma voz por outra, uma classe por outra, etc.)”.

No último parágrafo da segunda parte há um destaque para Couto como um *imperterritito defensor* de Mato Grosso, cujo centenário se comemorou no dia 7 de novembro. A autoria apresenta ainda um discurso citado por ele, que é uma tradução da língua tupi, esculpido na laje de uma cachoeira do Araguaia: “Sobos auspícios do Snr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veio chamar á civilização e ao commercio os esplendidos sertões do Araguayá com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1869”. Com o olhar da época, a presença do discurso citado encerrando essa parte marca a apreciação valorativa positiva que se tinha sobre o domínio do branco em terras de ocupação indígena, como um sinal de defesa do território mato-grossense.

A terceira parte do enunciado é dedicada ao dia da Bandeira: “O culto à ‘Bandeira’ – esse pendão auriverde que tanto nos falla á sensibilidade patriotica, – mereceu também destaque, nas commemorações deste anno”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 3). O emprego do travessão duplo cria, mais uma vez, um efeito de destaque, inserindo um aposto que enfatiza o patriotismo, forte voz que perpassa todo o enunciado. O texto prossegue expressando de forma contundente tal aspecto:

Em todos os rincões do Brasil flammulou de maneira desusada a 19 de novembro, de todos os tamanhos, em toda a pujança de suas bellas cores nas residencias, particulares, nos edificios publicos, nas mãos das crianças, fallando-nos num aceno amigo: “a Patria está em perigo. E’ preciso reaccender em cada coração, a chamma votiva de amor, dedicação e heroismo que nas horas extremas, diante o inimigo estrangeiro, á simples vista eu faço borbulhar no peito forte de cada brasileiro. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 3).

Reconhecemos, nesse excerto, a figura retórica identificada como personificação ou prosopopeia, pois a bandeira *fala num aceno amigo*, alertando sobre um provável perigo diante do inimigo estrangeiro. Para Fiorin (2014, p. 51), na personificação “[...] há um

alargamento do alcance semântico de termos designativos de entes abstratos ou concretos não humanos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano”. Tal imagem encarna a voz do discurso nacionalista, do heroísmo, do patriotismo. O perigo a que a autoria se refere pode ser relacionado às turbulências envolvendo a política interna da Era Vargas ou aos prenúncios de questões internacionais que culminaram, em 1939, com a Segunda Guerra Mundial.

Na quarta e última parte do texto, há um chamamento para a época do final do ano. Vários acontecimentos religiosos são enumerados para evidenciar o mês de dezembro e o final do ano: Festa da Nossa Senhora Conceição, do Natal e noite de S. Sylvestre.

Mais adiante, no parágrafo seguinte, a autoria demonstra não ter muitas expectativas positivas sobre o ano que se inicia, ao trazer as situações desfavoráveis, conforme podemos observar no emprego de adjetivos e expressões qualificadoras na sequência: “Recebe-se com regosijos o anno que vem, trazendo, nas dobras mysteriosas da sua clamylde, **surpresas boas e más, chimeras loucas e enganosas, realidades cruas e frias desillusões...**”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 3, grifo nosso).

Notamos que, novamente, o fragmento termina com o emprego de reticências, o que parece criar um efeito de sentido de que, em determinados momentos do texto, reflete-se sobre a *data comemorativa* de passagem de ano, deixando transparecer que, mesmo ciente do contexto governamental e da questão nacionalista, tão presente à época, há muita descrença quanto ao rumo dos encaminhamentos da política nacional.

Apesar disso, o enunciado prossegue com uma apreciação valorativa favorável aos acontecimentos vivenciados no ano de 1937: “Foi dentre poucos um Anno Bom. Rememorando as suas etapas concluímos que para o Brasil e para Matto Grosso ele foi excellente. Trouxe-nos a Paz e já é muito; mas trouxe-nos também a Esperança, infiltrando-nos a coragem de viver e a certeza de melhores dias”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 4).

Recorrendo novamente ao campo lexical da navegação, a autoria aponta para os altos e baixos dos processos políticos da época, apreciando satisfatoriamente os fatos ocorridos: “Nas oscillações do preamar e baixamar administrativos, soubemos aproveitar a maré montante, para a acção efficaz e oportuna”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 4).

Desde a primeira parte do texto, verificamos a utilização de metáforas para se referir indiretamente aos eventos políticos e às figuras centrais desses fatos, articulando o emprego lexical ao campo semântico da navegação, como, por exemplo, na presença das palavras *nau*, *timoneiro*, *nevoeiro*, *singradura*, *borrasca*, *cerração*, *leme*, *terra*, *mar*, *rodamoinho*, *vapor*, *preamar*, *baixamar*, *maré montante*. Comparando este procedimento discursivo que explora um campo semântico para a formação de metáforas às ocorrências do enunciado de 1919,

sobre a palavra *luz*, podemos afirmar que se trata de um traço estilístico característico da redatora Mary, e isso se faz presente em diferentes enunciados.

A parte final contém mais uma apreciação valorativa favorável às comemorações de fim de ano: “Justos pois os festejos que se preparam *in memoriam*. Honra a 1937 Salve! 1938”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 4). O uso da expressão latina *in memoriam*, em itálico e fonte menor que a usada no texto, termo atribuído a pessoas falecidas, é significativo. O efeito de sentido gerado por esse deslocamento na referência ao “ano” que se finda é de personificação de um período de tempo. Além da dimensão estilística que faz alusão à tradição clássica, a autoria também relaciona a questão vida e morte, com seus rituais próprios da vida social, à temporalidade do ano que termina e do ano que se inicia.

O uso de marcas lexicográficas – aspas e reticências (elementos da dimensão verbal) – empregadas no enunciado pela redação permite a inserção de vozes atuando em direção contrária, embora a presença dessas vozes seja bastante sutil e possa ser percebida apenas em uma leitura atenta que revele um olhar aguçado sobre os enunciados e sobre os detalhes verbo-visuais.

Ao relacionarmos a dimensão visual, que se apresenta no enunciado, com os aspectos tipográficos utilizados ao longo do texto e a seleção lexicográfica, na dimensão verbal, identificamos, portanto, um entrecruzamento de vozes: uma voz explícita que, ao brindar o governo varguista, acata o discurso vigente, reproduzindo seus temas como o nacionalismo e o patriotismo, e uma outra voz, velada, porém perceptível na mobilização da dimensão verbo-visual, que é crítica à situação política da época. Lembremos que o próprio texto expressa o entrecruzamento dessas vozes, ao apresentar, na página 3, o descontentamento e insegurança da autoria face à expectativa do ano vindouro, conforme já apontamos na sequência: “Recebe-se com regosijos o anno que vem, trazendo, nas dobras mysteriosas da sua clamyde, surpresas boas e más, chimeras loucas e enganosas, realidades cruas e frias desillusões...”. (A VIOLETA, n. 236-237, 1937, p. 3).

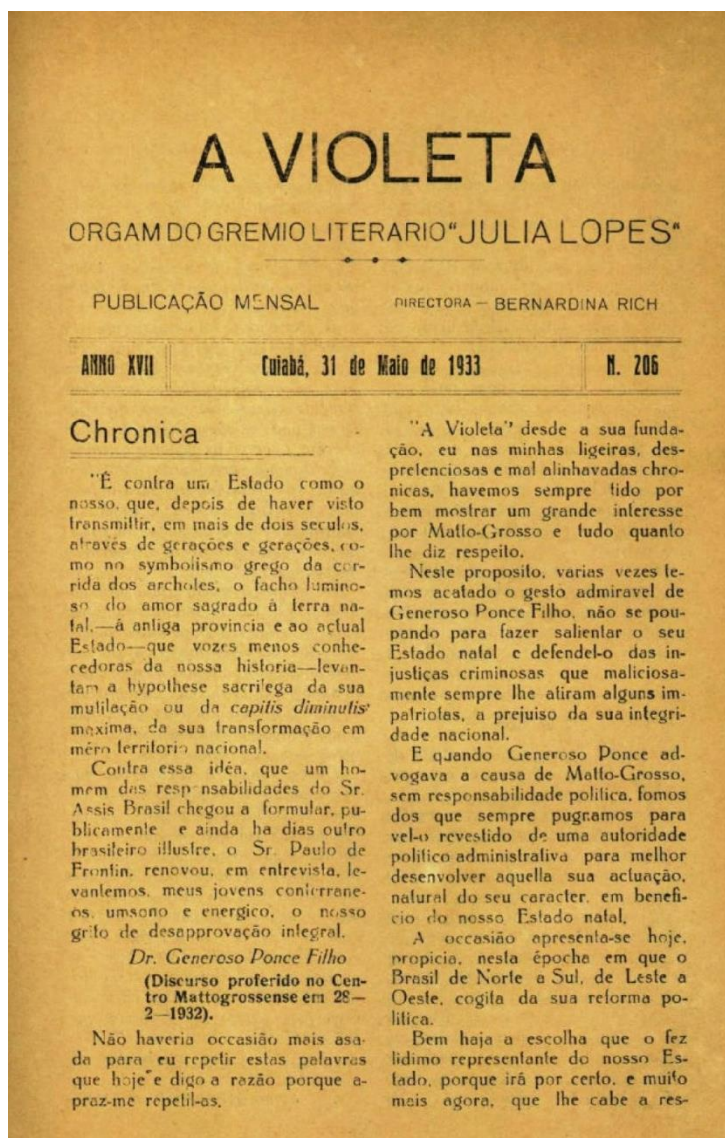
Apesar de a análise ter evidenciado a presença de duas vozes, alguns estudiosos reafirmam a interferência do Estado Novo no feminismo emergente. Segundo Pinto (2003), com o Estado Novo, há um aumento do controle do Estado na imprensa, afetando as manifestações em favor da emancipação feminina. Mas, segundo Silva (2015 p. 42), “[...] as redatoras da revista não tiveram problemas com esse tipo de fiscalização, uma vez que reproduziam um discurso firmado pelo Estado Novo. Pelo contrário, eram elogiadas pela circulação do periódico e pelos seus afazeres solidários em prol da sociedade cuiabana”. Ainda nas palavras de Silva (2003, p. 92-93):

Mesmo com a implantação do Estado Novo, em 1937, não houve alterações conteudísticas na revista. Em primeiro lugar, por se tratar de um grupo de mulheres pertencentes às camadas média e alta da sociedade, portanto, estarem atreladas à classe vigente. Em segundo, por não romperem violentamente com os propósitos varguistas de se desenvolver uma racionalização dos serviços domésticos e de se incumbirem da criação e da educação das crianças. Os artigos da revista variavam entre a sujeição das mulheres ao espaço privado e a luta pela inserção cada vez maior delas no espaço público.

A seguir, apresentamos a análise da edição número 206, de 31 de maio de 1933, próximo enunciado selecionado do *corpus*.

4.7 Arinapi e a divisão do Estado: desvendando seu projeto argumentativo

O enunciado de abertura publicado na edição número 206, de 31 de maio de 1933, ocupa uma página e meia da revista, e vem assinado por *Arinapi*, pseudônimo de Maria Dimpina. Divide-se em três colunas, sendo duas na página inicial, e uma coluna na página seguinte. O cabeçalho traz o título da revista em fontes grandes não serifadas, negritadas, centralizado, sem moldura. Logo abaixo se encontra o nome ORGAM DO GRÊMIO “JÚLIA LOPES”, e após, a periodicidade (mensal) e a indicação da direção: Bernadina Rich. Na sequência encontra-se o ano, o local, a data e o número da edição, emoldurados por um retângulo de linhas duplas, com divisão para cada informação. O título *Chronica* vem destacado na margem esquerda, em fontes diferenciadas. Observamos o emprego de três tipos distintos de fontes no cabeçalho e no título, conforme figura a seguir.

Figura 59 – Chronica de *A Violeta*, n. 206, 31 de maio de 1933

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso –APMT (2013).

Figura 60 – Continuação da Chronica de A Violeta, n. 206, 31 de maio de 1933



Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso –APMT (2013)

O texto é introduzido por uma citação contrária à divisão do Estado de Mato Grosso, sendo parte do discurso proferido no *Centro Mattogrossense em 28-2-1932*, pelo Dr. Generoso Ponce Filho⁴². Segue o discurso transcrito nos dois primeiros parágrafos:

⁴² Advogado, filho do ex-senador Generoso Ponce e chegou a Deputado Federal. Dono de cartório no Rio de Janeiro e empresário do ramo de cinema, possuía diversas salas de projeção, além de ser muito ligado aos meios jornalísticos da época.

É contra um Estado como o nosso, que, depois de haver visto transmittir, em mais de dois séculos, através de gerações e gerações, como no **symbolismo grego da corrida dos archotes**, o **facho luminoso do amor sagrado** à terra natal, - à antiga província e ao actual Estado - que vozes menos conhecedoras de nossa história - levantam a **hypothese sacrílega da sua mutilação ou da *capitis diminutis* máxima**, da sua transformação em mero território nacional. Contra essa Idea, que um homem das responsabilidades do Sr. Assis Brasil chegou a formular, publicamente e ainda ha dias outro brasileiro ilustre, o Sr. Paulo de Frontin, renovou em entrevista, levantemos meus jovens conterrâneos unisono e enérgico, o nosso grito de desaprovação integral. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 1, grifo nosso).

Arinapi, ao trazer a voz de Ponce Filho para o interior do enunciado, prepara o terreno para a discussão a respeito da polêmica divisão do Estado de Mato Grosso, e já antecipa a opinião da revista, contrária à separação. Mais uma vez, ela lança mão da estratégia retórica do discurso citado, evidenciando a prática discursiva das redatoras de inserir em seus enunciados vozes de figuras masculinas, reconhecidas socialmente, para legitimar seus posicionamentos. No discurso de Ponce Filho, outras duas vozes surgem em dissonância: a do Sr. Assis Brasil⁴³ e a do Sr. Paulo de Frontin⁴⁴.

Assis Brasil, como diplomata, era enviado para diversas missões, entre as quais, em 1903, o Presidente Rodrigues Alves o chamou para trabalhar ao lado do Barão do Rio Branco, na questão de limites com a Bolívia. A assinatura do Tratado de Petrópolis, portanto, em 17 de novembro de 1903, terminou com o litígio de fronteiras entre o Brasil e a Bolívia, no atual Estado do Acre. Podemos inferir que, através dessa missão, Assis Brasil teve conhecimento das ideias a respeito da questão envolvendo Mato Grosso, tecendo opiniões a favor.

Paulo de Frontin também se interessava pelas divisões territoriais, tendo proposto a divisão da nossa Nação em doze estados e cinco territórios. Diante de tal fato, podemos deduzir que ele, assim como Assis Brasil, foi um dos entusiastas por esse assunto.

Na verdade, tal questionamento deu início em época anterior:

⁴³ Assis Brasil (1857-1938) foi advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata, estadista brasileiro propagandista da República. Também foi fundador do Partido Libertador, deputado e membro da junta governativa gaúcha de 1891. Conjuntamente com o Barão do Rio Branco, assinou o Tratado de Petrópolis, que assegurou ao Brasil a posse do atual estado do Acre, que estava sendo reivindicado pela Bolívia. Neste estado do Acre foi criado o município de Assis Brasil em sua homenagem.

⁴⁴ Paulo de Frontin (1860-1933) era político e engenheiro brasileiro. Como prefeito do Rio de Janeiro, de fevereiro a julho de 1919, realizou obras importantes como a alargamento da Avenida Atlântica em Copacabana, e a construção das avenidas Niemeyer e Delfim Moreira, ambas na zona sul. É conhecido como Patrono da Engenharia Nacional. Disponível em: <<http://frags.wiki.com.br>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

Desde o século 19, várias foram as tentativas de representantes da população do sul de Mato Grosso para criar um novo Estado, como as ações da Liga Sul-Mato-Grossense que, desde 1932, trabalhava pela emancipação. Em 1974 integrantes da Liga enviaram ao Governo Federal o material estatístico para encaminhar a lei complementar, que em 11 de outubro de 1977 foi assinada pelo Presidente Ernesto Geisel, concretizando assim a criação do Estado, em cerimônia realizada no Palácio do Planalto. (MATO GROSSO DO SUL, 2009, p. 13).

Vários foram os motivos que levaram a essa ocorrência, envolvendo aspectos não apenas físicos ou políticos, mas também socioculturais:

A região norte e a sul de Mato Grosso eram praticamente separadas pela planície do Pantanal, diferentes nos aspectos físicos, étnicos e econômicos. Enquanto o norte pertencia à bacia Amazônica, o sul pertencia à bacia do Prata. Em termos de atividades desenvolvidas no norte, a população concentrou-se na garimpagem de ouro, diamante e na extração da borracha. Já no sul, houve o desenvolvimento da criação de gado, exploração da erva-mate e da agricultura. Outra diferença marcante entre as regiões é a composição étnica. Os primeiros colonizadores no norte de Mato Grosso eram oriundos do Norte e Nordeste do país, mesclados à população indígena que já habitava a região. Para o sul do Estado, vieram mineiros, gaúchos, paulistas, paraguaios, italianos, japoneses e sírio-libaneses. Diante disso, a evolução cultural dos habitantes do norte e do sul do Estado teve traços peculiares e distintos entre si [...] Embora a parte sul de MT participasse com mais de dois terços da arrecadação do Estado, ela não recebia a contrapartida em investimentos na região. (MATO GROSSO DO SUL, 2009, p. 12-13).

A divisão do Estado, contudo, foi apenas oficializada em 1º de janeiro de 1979, de acordo com os preceitos da Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977. Ou seja, o enunciado em análise aborda esse tema no ano de 1933, mas a resolução da questão só ocorre quarenta e seis anos mais tarde.

No terceiro e quarto parágrafos, identificamos o exórdio, cuja função, para Perelman e Tyteca (2014, p. 561), “[...] será conquistar o auditório, captar a benevolência, a atenção, o interesse. Fornecerá também certos elementos dos quais nascerão argumentos espontâneos tendo o discurso e o orador como objeto”.

A autora posiciona-se favoravelmente ao que diz Generoso Ponce, materializando sua postura através de vários recursos linguísticos, tais como o emprego da expressão *apraz-me repetil-as*, referindo-se à satisfação em citar o discurso do advogado. Em seguida, apresenta sua própria posição a respeito de sua atuação jornalística, bem como sua atitude diante do desenrolar dos fatos políticos. O trecho, a seguir, demonstra a sua apreciação a respeito da própria atuação como cronista: “A Violeta desde a sua fundação, eu nas minhas ligeiras, despretenciosas e mal alinhavadas chronicas, havemos sempre tido por bem mostrar um

grande interesse por Matto-Grosso e tudo quanto lhe diz respeito”. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 1).

Nesse excerto, verificamos que *Arinapi* e *A Violeta* mesclam-se como um “nós” (vejamos a conjugação do verbo haver). O eu enunciativo compõe-se, portanto, da voz de *Arinapi* idêntica à voz da revista, figura argumentativa retórica da presença e da comunhão, denominada *enálage do número de pessoas*, de acordo com Perelman e Tyteca (2014), já apresentada na análise de outros enunciados. Outro destaque vai para a qualificação das crônicas como *despretensiosas* e *mal alinhavadas*. Para um leitor atento, fica evidente que as publicações de *Arinapi*/Maria Dimpina não são despretensiosas nem mal elaboradas.

Parece-nos uma forma de “falsa modéstia” ou “proteção” da própria face – reforçada pelo emprego do pseudônimo –, quando ela sugere que não se deve levar muito a sério as *mal alinhavadas crônicas*. Ainda em Perelman e Tyteca (2014, p. 561), podemos compreender esse recurso como sendo uma estratégia retórica de exórdio, em que a autora minimiza sua habilidade de redatora, dando “[...] a conhecer sua competência, sua imparcialidade, sua honestidade”. Vislumbramos, ainda, o emprego de um lugar-comum, a *modéstia afetada*, herança da cultura popular.

No parágrafo seguinte, a autora ressalta o *gesto admirável de Generoso Ponce Filho*, louvando a atitude patriota do nobre conterrâneo em defesa dos interesses do Estado:

Neste proposito, varias vezes temos acatado o gesto admirável de Generoso Ponce Filho, não se poupando para fazer salientar o seu Estado natal e defendel-o das injustiças criminosas que maliciosamente sempre lhe atiram alguns impatriotas a prejuízo da sua integridade nacional. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 1).

As escolhas lexicais neste trecho, nas expressões *injustiças criminosas*, *maliciosamente*, *impatriotas*, *prejuízo*, apontam para uma apreciação valorativa inteiramente negativa para os que, por acaso, pudessem ser favoráveis à divisão do Estado. A autora não apresenta de forma igualitária os dois lados da polêmica, mas antes antecipa ao leitor, de forma autoritária, um posicionamento ideológico que desprestigia o debate, impondo uma única visão sobre a questão.

Trazemos, novamente, para este contexto, as considerações de Bakhtin (2010, p. 145) a respeito da palavra autoritária, como uma palavra que não admite uma abertura para a palavra do outro, se incorpora à autoridade, à personalidade, e apenas é transmitida, sem quaisquer questionamentos. Conforme já evidenciamos no capítulo teórico, a palavra autoritária pode “[...] encarnar conteúdos diferentes (o autoritarismo com tal, a autoridade, o

tradicionalismo, o universalismo, o oficialismo e outros)”. No que se refere à divisão do Estado de Mato Grosso e o posicionamento de *A Violeta*, podemos afirmar que há um conservadorismo, aliado a um bairrismo exacerbado, já que Arinapi se apega aos conteúdos ideológicos do Integralismo, como o patriotismo e o nacionalismo.

A respeito do nacionalismo e do ufanismo, lembramos a figura de Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938), escritor, professor, poeta, historiador, político, jornalista, jurista e magistrado, e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de n. 36. Suas obras, como *Porque me ufano do meu país*, veiculam um exagerado ufanismo, tal qual presenciemos em vários enunciados de *A Violeta*.

No parágrafo seguinte, a autora busca retratar Generoso Ponce como uma personalidade revestida de poder e de reconhecimento social, haja vista os fatos que marcaram a vida profissional do advogado:

E quando Generoso Ponce advogava a causa de Matto-Grosso, sem responsabilidade política, fomos dos que sempre pugnamos para vê-lo revestido de uma autoridade político administrativa para melhor desenvolver aquella sua actuação, natural do seu character, em beneficio do nosso Estado natal. (AVIOLETA, n. 206, 1933, p. 1).

Observamos uma atitude discursiva muito comum às redatoras de *A Violeta*: o emprego de estratégia retórica de enaltecimento da pessoa, que se configura num discurso bajulatório, presente em outros enunciados analisados.

Os dois parágrafos seguintes continuam a tratar da divisão do Estado, trazendo a figura de Generoso Ponce como a mais propícia representação de Mato Grosso sobre a questão. Assim, *Arinapi* faz um movimento retórico que leva à legitimação do discurso do advogado, inculcando no leitor o posicionamento pela não divisão.

Antes de concluir o texto, novamente a autora se reveste de uma falsa modéstia, ao trazer uma apreciação sobre a futura atuação de Generoso Ponce como político. Nesse trecho, ela se esquiva de antecipar elogios, colocando-se no lugar de mera espectadora dos acontecimentos: “Não é proprio de mim tecer elogios sem que haja motivos justos para taes. Os meus parabens reservo para o futuro. Hoje limito-me a gosar das esperanças”. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 2).

Ao final, ela acata e defende a posição de Ponce e, por extensão, acaba por marcar a posição da própria revista. Destaca, no discurso do advogado, a esperança e o incentivo para que o povo confie em suas convicções políticas:

Esperamos que essa voz que se levantava outrora convidando os seus jovens conterrâneos para um grito unísono e enérgico em defesa de Matto-Grosso, hoje, que está nas suas mãos a representação política do Estado, em uma Assembléa Augusta, diga bem alto os seus nobres sentimentos de verdadeiro patriota.

Oxalá, sejam reaes aquillo que prenunciamos e sendo, as nossas palmas serão ao nosso próprio Estado que se orgulhará de ter servido de berço ao seu digno filho. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 2).

O emprego de lugares-comuns é perceptível no referido trecho, ao trazer um discurso encomiástico: *sentimento de verdadeiro patriota, Estado que se orgulhará de ter servido de berço ao seu digno filho*.

Há no enunciado um conjunto de vozes sociais concorrendo em vários momentos. Duas vozes são marcantes na configuração da realidade social: a primeira é evidenciada no próprio discurso de Generoso Ponce e também no posicionamento favorável a ele pela revista, e a segunda no aceno positivo do periódico quanto à postura do advogado. Toda essa credibilidade que a revista tenta passar para o leitor aponta, ainda, para a existência de correntes políticas contrárias, expressas nas vozes de Assis Brasil e Paulo de Frontin, já anteriormente mencionadas.

Em relação ao discurso citado de Generoso Ponce, não tivemos acesso ao texto integral, pois *Arinapi* nos traz apenas um recorte, ou seja, faz uma edição do texto original, apresentando uma seleção sob a qual pauta o seu projeto discursivo. Dessa maneira, o discurso de Ponce é marcado pela acentuação valorativa da autora, que decide a forma e a extensão da enunciação da palavra do outro no enunciado.

Em Ponce vemos o emprego de uma linguagem rebuscada, cheia de pequenas referências metafóricas e uso de termos latinos, além da presença de uma sintaxe marcada diferenciadamente, tendo em vista os padrões atuais de uso da língua. Notamos a presença de vozes tecidas nesse discurso, através do emprego de qualificadores que apontam para variadas esferas.

Como exemplo, podemos citar a esfera religiosa, através do termo *sacrílega*, sugerindo que a hipótese da divisão do Estado de Mato Grosso possa ter sido uma profanação a um *estado sagrado*; a esfera jurídica, com a expressão latina *capitis diminutis*, que, segundo o dicionário significa “[...] diminuição ou perda da capacidade, em geral de forma humilhante ou vexatória”. (FERREIRA, 2010, p. 421). Já a presença do verbo “mutilar” faz alusão às esferas médica e policial, remontando a uma ideia de privação de membros do corpo, por um acidente ou por resultado de um ato violento. Dessa maneira, presumimos o fato de não ter sido aleatória a escolha desse léxico por Ponce, já que o seu projeto discursivo foi justamente

criar um cenário extremamente negativo, atribuindo à ideia de divisão do Estado um caráter criminoso, profano, humilhante, depreciativo, ou seja, algo com o qual ninguém deveria estar de acordo.

Outras expressões utilizadas no discurso aludem à tradição clássica, ao berço da civilização ocidental. Em *symbolismo grego da corrida dos archotes, o facho luminoso do amor sagrado à terra natal*, Generoso Ponce cria uma metáfora, cuja referência é a corrida dos archotes, parte de uma celebração na Grécia denominada Jogos Panatenaicos, realizados em Atenas em honra da deusa protetora da cidade, Atena (ou Minerva). Nesses jogos, o atletismo incluía uma prova de revezamento, chamada corrida dos archotes⁴⁵. Cada equipe era formada por quarenta atletas, dispostos a vinte e cinco metros uns dos outros. Estes cobriam a distância que ia da muralha da cidade ao altar de Prometeu, o Titã que roubou o fogo para entregá-lo aos humanos. A tocha passava de mão em mão e a chama não podia se apagar, vencendo a equipe que conseguisse acender a fogueira colocada no marco de chegada.

Dessa forma, Generoso Ponce, ao trazer essa imagem, sugere que também exista um *facho luminoso* de amor à terra natal por mais de dois séculos, que passa de geração a geração e clama por não se apagar. O autor do discurso encarna uma voz clássica em seu enunciado, baseando seus argumentos na tradição da cultura greco-romana, como se a unidade do Estado de Mato Grosso fosse algo de tamanha importância comparado ao peso da cultura grega em nosso mundo, até os dias de hoje.

O estilo do discurso de Ponce engendra, portanto, na mente do leitor, uma representação não apenas verbal, mas, sobretudo, visual, pictórica, que compreendemos também como algo característico da verbo-visualidade. Essas imagens, também presentes no enunciado de 1943, são criadas a partir da materialidade verbal, produzindo diferentes efeitos de sentido ao trazer variadas vozes para o enunciado, como a da tradição clássica, e outras, oriundas de esferas religiosa, jurídica, médica e policial.

Notamos, outra vez, o emprego da figura de retórica *hipotipose*, já evidenciada anteriormente, e que contribui para a composição do panorama verbo-visual. Dessa forma, o conjunto de imagens sugerido pelo enunciado de Ponce produz um efeito de sentido de composição pictórica de um cenário que deve ser preservado – a unidade do Estado de Mato Grosso – assim como a cultura clássica na sociedade ocidental.

Ainda em Ponce, evidenciamos o emprego de poucos recursos da escrita, pontualmente o travessão, usado para destacar sua apreciação sobre as pessoas favoráveis à

⁴⁵ Para maior aprofundamento, consultar Sottomayor (2001).

divisão e efetuar uma separação textual: – *que vozes menos conhecedoras da nossa historia* –. Quanto ao uso dos recursos tipográficos, há o emprego de negrito, utilizado para destacar o término do discurso, com as referências de autoria, local e data. Também o itálico, usado na expressão latina *capitis diminutis*. Quando Ponce faz alusão à prática discursiva da esfera jurídica de utilização de tais expressões, cria um efeito de sentido de legalidade, normatização, autoridade, intensificando a estratégia argumentativa.

Esse enunciado revelou-se muito profícuo nas imagens criadas e no posicionamento de *Arinapi*. Também pudemos verificar como a redatora se vale de diferentes esferas para introduzir novas vozes ao texto, sustentando o seu projeto argumentativo. Além disso, vale destacar o seu jogo enunciativo, que ora se esconde sob um pseudônimo e ora se revela nas próprias apreciações que produz sobre sua atuação jornalística.

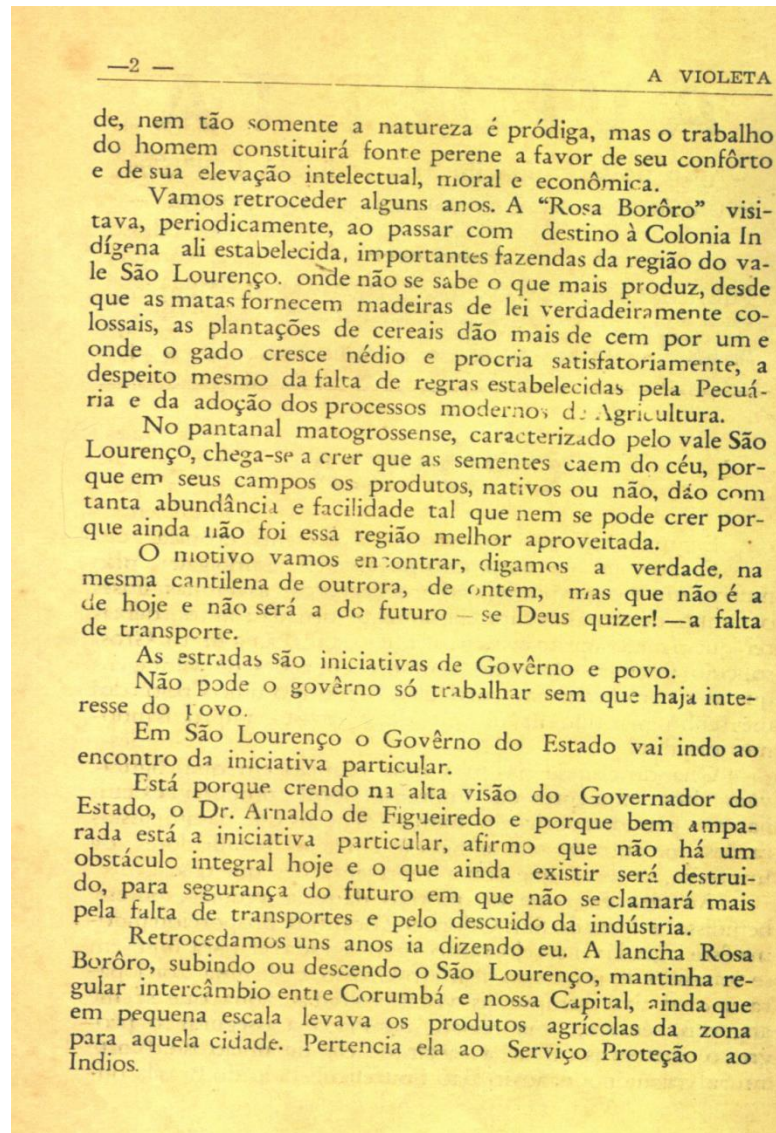
Em face de seu posicionamento, pelo tom crítico, pela defesa e adesão da ideia contrária à divisão do Estado de Mato Grosso e pela união verbal entre *Arinapi* e *A Violeta*, percebemos uma tendência conservadora e a veiculação da palavra autoritária pela redação da revista. Se as divisões geopolíticas são resultado de um desenvolvimento das regiões, por conta de um progresso que gera autonomia, o posicionamento da revista é no mínimo incoerente, pois a divisão territorial de Mato Grosso é interpretada como algo nocivo, e não promissor.

Apesar de, nos enunciados, conforme as análises vêm demonstrando, a revista conceber o progresso como um valor positivo, neste caso específico isso não acontece, pois o progresso não é visto necessariamente como o melhor para Mato Grosso, o que produz um efeito de sentido de falta de visão sobre os avanços geopolíticos ou até mesmo, como já assinalamos, de conservadorismo e bairrismo.

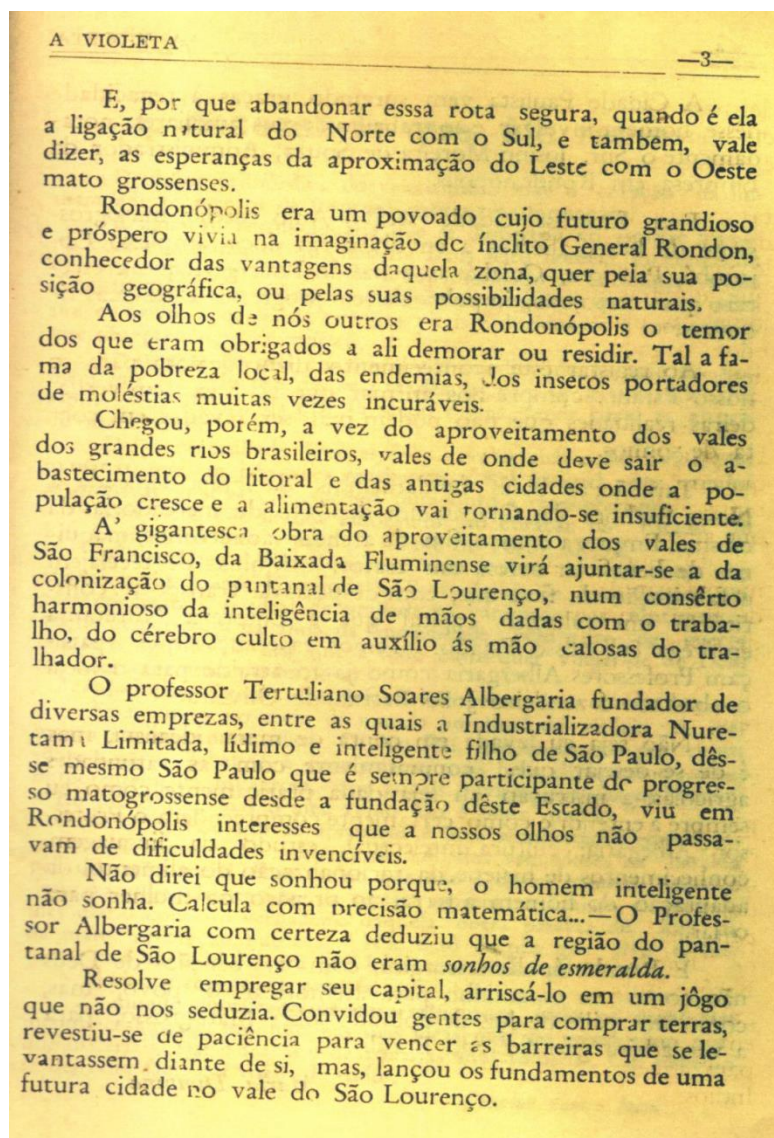
Na sequência, anunciamos a próxima análise.

4.8 Maria Dimpina: estratégias persuasivas

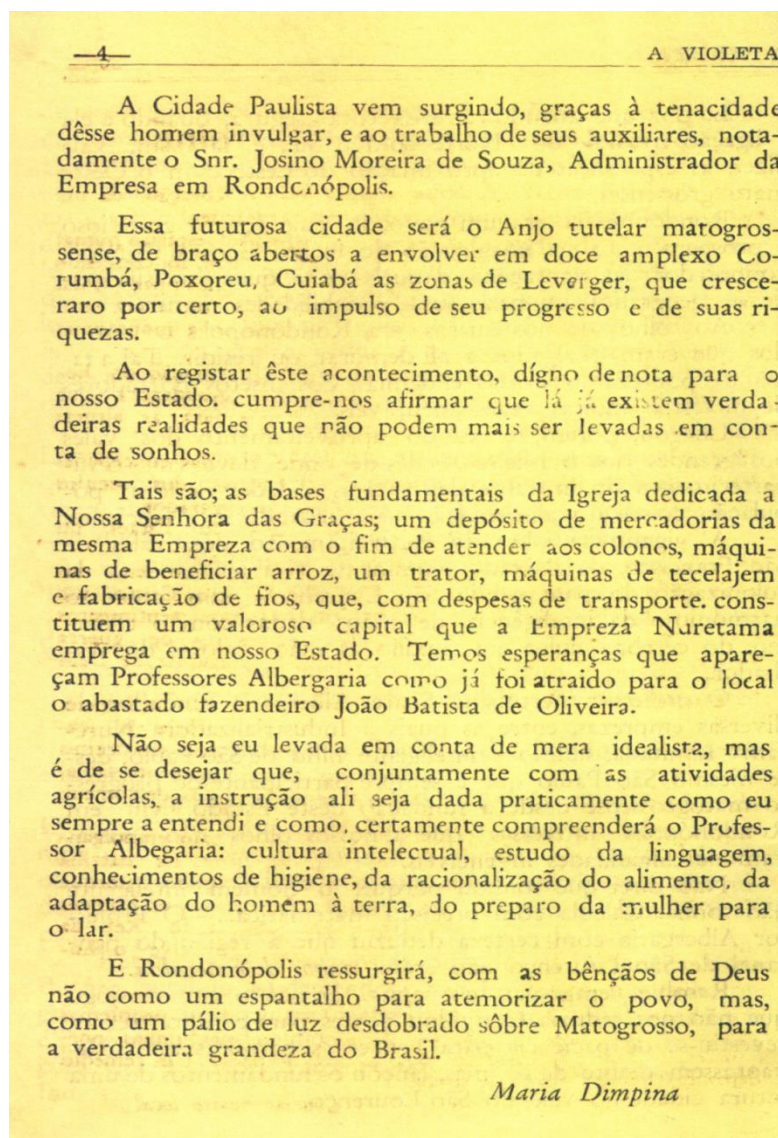
Trata-se de um longo enunciado que ocupa as quatro primeiras páginas da edição número 344, de 30 de setembro de 1948. O texto não se divide em colunas e traz, na página inicial, um cabeçalho com o nome da revista em fonte não serifada bem grande, em negrito, centralizado. Logo abaixo, segue a referência ao Órgão do Grêmio “Júlia Lopes”, também em negrito. Em seguida, há uma indicação do endereço da redação da revista: “Rua Barão de Melgaço n. 34 – CUIABÁ –”, em fontes menores, não negritadas. Há um pequeno ornamento que separa as informações posteriores do cabeçalho, a indicação de publicação mensal e o

Figura 62 – Continuação da Crônica de *A Violeta*, n. 344, 30 de setembro de 1948

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso –APMT (2013).

Figura 63 – Continuação da Crônica de *A Violeta*, n. 344, 30 de setembro de 1948

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso –APMT (2013).

Figura 64 – Continuação da Crônica de *A Violeta*, n. 344, 30 de setembro de 1948

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso – APMT (2013).

Os quatro primeiros parágrafos, que compõem o exórdio, trazem uma discussão sobre o progresso de Mato Grosso, e também a voz da autora, *Maria Dimpina*, que revela com grande entusiasmo o seu contentamento por ter sido convidada para a coletiva de imprensa, durante a qual o governo anunciou a implantação de metas para a abertura de estradas na região norte do Estado.

Por certo, Dimpina refere-se à importância de ela, uma mulher, ter conquistado o reconhecimento da imprensa masculina ao dar representatividade à revista *A Violeta*. Isso pode ser percebido logo no início do enunciado, através de passagens como *Eu me sinto bem ao escrever a presente crônica; e me sinto completamente empolgada; este agradável ensejo, às quais subjaz a voz feminina na luta por um espaço de discussão sobre os aspectos*

envolvendo as questões sociais do Estado e que, segundo ela, sempre fora objetivo do periódico.

Na verdade, essas informações de cunho valorativo revelam, inicialmente, a voz da mulher intelectual sentindo-se vitoriosa por começar a conquistar seu espaço em uma sociedade de domínio masculino. Contudo, quando se depara reunida com *altos expoentes da imprensa local*, Dimpina cinde esse perfil de autoconfiança, expressando sua insegurança quanto à qualificação profissional da mulher para atuar no meio jornalístico, confirmada pelo histórico de não aceitação desse grupo social em uma profissão culturalmente masculina, e conduzindo-a a avaliar o seu potencial: “[...] procurei examinar-me para descobrir em mim credenciais que, com justas razões, me autorizassem a figurar entre os batalhadores da Imprensa, esquivada que sou a representações que tais.” (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 1).

A imagem construída nesse discurso é de uma mulher humilde, que se encontra fragilizada por participar do referido evento. Porém, como já observamos em outros enunciados do *corpus*, podemos considerar essa imagem como de uma falsa modéstia, em que a redatora, empregando uma estratégia retórica, faz parecer ao seu leitor uma fragilidade e insegurança que não são verdadeiras, pela sua própria prática jornalística por mais de três décadas na revista, marcada por uma liderança e por uma atuação politizada que se sobressai em relação às outras parceiras.

Dessa maneira, podemos inferir que há uma divergência de vozes: uma voz explicitamente marcada pela expressão da insegurança de Dimpina por não saber se ela está suficientemente credenciada para as tarefas jornalísticas, e outra velada, que aponta para uma voz atuante, segura de suas posições a respeito dos fatos sócio-políticos da época, característica que se revela no próprio exercício de redação e direção da revista.

O texto prossegue, nos cinco parágrafos seguintes, trazendo uma discussão sobre a iniciativa do governo para alcançar significativo avanço no transporte comercial do Estado, tendo em vista a região do Vale do São Lourenço⁴⁶. Nesse contexto, discute-se a ocupação, o potencial de progresso e o crescimento da cidade de Rondonópolis, localizada ao sul de Mato Grosso.

⁴⁶ O Vale do São Lourenço é composto pelos municípios de Jaciara, Juscimeira, São Pedro da Cipa e Dom Aquino. Segundo as informações do blog Turismo Rural MT: “O Rio São Lourenço tem suas nascentes localizadas nas proximidades Serra de São Lourenço, município de Dom Aquino e se constitui em afluente do Rio Cuiabá pela margem esquerda deste em plena planície Pantaneira. O Rio São Lourenço tem como principais afluentes pela sua margem direita os córregos Amaral, Grande, Do Fortaleza, Bento Ribeiro, Peraputanga e Cedro. Pela margem esquerda, tem como principais tributários os córregos Morosgo, Parnaíba, Chibú, Barroso, Das Pombas e Liso”. Disponível em: <<http://www.turismoruralmt.com>>. Acesso em: 20 set. 2015.

Logo no início do quinto parágrafo, Dimpina cita a lancha Rosa Bororo⁴⁷ como um exemplo de rota segura pelo São Lourenço, praticada na época das expedições de pacificação dos índios. Faz, também, uma apreciação valorativa positiva a respeito da região, que considera próspera:

[...] onde não se sabe o que mais produz, desde que as matas fornecem madeiras de lei verdadeiramente colossais, as plantações de cereais dão mais de cem por um e onde o gado cresce nédio e procria satisfatoriamente, a despeito mesmo da falta de regras estabelecidas pela Pecuária e da adoção dos processos modernos de Agricultura. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 2).

Dimpina prossegue seu projeto discursivo ampliando a imagem de prosperidade da região: “No pantanal mato-grossense, caracterizado pelo Vale São Lourenço, chega-se a crer que as sementes caem do céu, porque em seus campos os produtos, nativos ou não, dão com tanta abundância e facilidade tal que nem se pode crer porque ainda não foi essa região melhor aproveitada”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 2). O emprego da expressão *sementes caem do céu* traz a reminiscência da imagem bíblica da semente lançada à terra, metáfora trazida pela redatora, de forma mais incidente, conforme já apontamos, na edição 298, de 31 de julho de 1943.

Nos três parágrafos seguintes, a autora insere a questão do transporte, tema recorrente no repertório de sua atuação jornalística ao longo dos anos. Vale lembrar que Maria Dimpina ficou conhecida como a *mãe do trem*⁴⁸, pela sua defesa das estradas de ferro.

No sétimo parágrafo vemos o uso de dois travessões para enfatizar uma interjeição que invoca o ser superior, caracterizada pelo discurso laudatório: – *se Deus quizer!* – A expressão entre travessões, intercalada no enunciado, reforça o desejo da autora pela consecução do transporte fluvial, a fim de superar a falta de transporte no Estado de Mato Grosso e cria um efeito de sentido de que o poder público não está agindo em prol dessa causa e resta aguardar

⁴⁷ Segundo Almeida (2003), em seu estudo apresentado ao XXII Simpósio Nacional de História, a índia Bororo Cibaé Modojobádo – Rosa Bororo – participou da pacificação de seus irmãos Coroado, que habitavam o Alto e Baixo rio São Lourenço, “[...] no contexto da política indigenista imperial desenvolvida na Província de Mato Grosso entre os anos de 1845 e 1887”. A índia Cibaé foi aprisionada em 1881 com suas duas filhas, trazida a Cuiabá e adotada pela família de Thomaz Antonio de Miranda, Diretor Geral dos Índios. A transformação de Cibaé em Rosa deu-se por batizado, quando recebeu junto com suas filhas Rita e Rosária nomes cristãos. Ainda segunda Almeida (2003): “Este acontecimento revela a estrutura da política indigenista, que pretendia trazer indivíduos mulheres de grupos considerados ‘selvagens’ para o seu meio social, colonizá-los e, a partir daí, realizar a chamada ‘pacificação’”. Assim, o “pacificado” receberia um nome e educação de “civilizado”, proporcionando o pagamento, por parte do Estado, de um soldo à família que o acolhera.

⁴⁸ Denominação atribuída por Fernando Tadeu Borges (2005, p. 189), por conta da sua ininterrupta tentativa de gestação dessa ideia.

pelo auxílio divino. Os travessões, por sua vez, destacam a frase e inserem uma voz esperançosa por um futuro promissor.

No décimo primeiro parágrafo, a autora traz a figura de autoridade do Governador do Estado na época, Dr. Arnaldo de Figueiredo. Sua apreciação é de que tal personalidade política possui uma “alta visão” dos fatos e que isso pode contribuir para que o futuro seja próspero e que os problemas relativos ao transporte sejam sanados. Mais uma vez, podemos notar o movimento discursivo de enaltecimento da figura masculina de autoridade, com o propósito retórico de obter uma resposta positiva do poder público a respeito da questão do transporte.

Nos dois parágrafos seguintes, Dimpina retoma a imagem da lancha Rosa Bororo, reafirmando sua importância no intercâmbio entre as cidades de Corumbá e Cuiabá. Nesse sentido, a sua reivindicação não se restringe apenas ao transporte por terra, ou ferroviário, mas também às soluções que possam advir de investimentos no transporte fluvial: “E, por que abandonar essa rota segura, quando é ela a ligação natural do Norte com o Sul, e também, vale dizer, as esperanças da aproximação do Leste com o Oeste mato grossenses”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3). No seu projeto argumentativo, em busca da adesão pela ideia do transporte, a redatora fornece ao leitor e ao seu destinatário privilegiado, o poder público, diversas opções para a consecução da implementação do transporte em Mato Grosso.

Prova disso é que, mais adiante no enunciado, ela explicita sua defesa pelo transporte fluvial: “Chegou, porém, a vez do aproveitamento dos vales dos grandes rios brasileiros, vales de onde deve sair o abastecimento do litoral e das antigas cidades onde a população cresce e a alimentação vai tornando-se insuficiente”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3).

Observamos, no prosseguimento do enunciado, que a iniciativa voltada para o avanço regional apresentou opiniões contrárias à escolha do governo quanto à mudança da rota comercial para o Vale de São Lourenço. Em relação a essa questão, notamos um entrecruzamento de vozes, positivas e negativas.

Uma voz positiva observada refere-se à crença de que a região de Rondonópolis era pródiga, sendo possível o aproveitamento de suas riquezas. Essa voz emana de três figuras: Rondon, Albergaria e Arnaldo de Figueiredo. A primeira, o General Rondon, imaginava um *futuro grandioso e próspero*, pois conhecia o potencial do lugar: “Rondonópolis era um povoado cujo futuro grandioso e próspero vivia na imaginação do ínclito General Rondon, conhecedor das vantagens daquela zona, quer pela sua posição geográfica, ou pelas suas possibilidades naturais”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3).

Essa voz de Rondon, na verdade, nos é apresentada pela voz da redatora, o que pode revelar uma acentuação, compondo sua orientação apreciativa com o objetivo de reafirmar as qualidades da região. Segundo Bakhtin/Volochínov (2010, p. 140): “[...] Não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende, antes de mais nada, uma *orientação apreciativa*. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação”.

No décimo oitavo parágrafo, reconhecemos a segunda figura, o Professor Tertuliano Soares Albergaria, *fundador de diversas empresas, entre as quais a Industrializadora Nuretama Limitada*. Dimpina credita a ele muitos elogios como “[...] lídimo, inteligente, participante do progresso, invulgar”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3). De acordo com ela, Tertuliano Albergaria “[...] viu em Rondonópolis interesses que a nossos olhos não passavam de dificuldades invencíveis”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3). Por isso, forneceu recursos para as obras, bem como incentivou as pessoas na compra de terras, lançando os fundamentos de uma futura cidade localizada no vale do São Lourenço. Nesse trecho, Dimpina se utiliza, novamente, de uma retórica calcada em assinalar e gabar os méritos da atuação masculina.

A figura de Albergaria é marcadamente expressa pela voz da autora, representando a opinião da revista, que traz diversas afirmações por meio das quais insiste na defesa da próspera cidade, com boas perspectivas para o futuro: “Essa futura cidade será o Anjo tutelar matogrossense, de braços abertos a envolver em doce amplexo Corumbá, Poxoreu, Cuiabá as zonas de Leverger, que cresceram por certo, ao impulso de seu progresso e de suas riquezas”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 4). Apreendemos aí a visão otimista da redatora, marcada pelas afirmações positivas e confiantes sobre a *natureza pródiga* da região, em anuência com as ideias de Albergaria.

Essa voz positiva constrói em diversos momentos do texto a imagem de prosperidade, encontrada em passagens como estas, que retomamos: “[...] uma região destinada a assegurar o progresso matogrossense”; “[...] que as sementes caem do céu, porque em seus campos os produtos, nativos ou não, dão com tanta abundância [...]”; “Chegou, porém, a vez do aproveitamento dos vales dos grandes rios brasileiros...”; “[...] ao impulso de seu progresso e de suas riquezas”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 4). Cria-se, para o leitor, um efeito de sentido de que, por tais razões descritas por Dimpina, é incontestável o potencial favorável da região, e que, por conta desse panorama, merece ocupação e investimentos.

A direção argumentativa de Dimpina agrega ao cenário positivo da região um conjunto de valores necessários para a formação cidadã, pois, ao mesmo tempo em que se alegra com a ideia de desenvolvimento, ela elenca um projeto de instrução composto de: “[...] cultura

intelectual, estudo da linguagem, conhecimentos de higiene, da racionalização do alimento, da adaptação do homem à terra, do preparo da mulher para o lar”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 4).

Em contrapartida, a imagem construída pelas vozes negativas aponta para uma outra realidade: “Aos olhos de nós outros era Rondonópolis o temor dos que eram obrigados a ali demorar ou residir. Tal a fama da pobreza local, das endemias, dos insetos portadores de moléstias muitas vezes incuráveis”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3). Assim, essa voz se caracteriza pela resistência da população às condições da cidade, uma vez que não se acreditava na produtividade desse novo polo comercial. Damos ênfase ao emprego da expressão “aos olhos de nós outros”, que constitui uma ancoragem enunciativa em que a autora se inclui como partícipe do discurso, em comunhão com a voz negativa, mas ao mesmo tempo, ao acrescentar a palavra “outros”, se exclui de tal apreciação sobre a região.

Essa estratégia discursiva se reafirma, também, com o emprego do verbo ser conjugado no pretérito imperfeito: “era Rondonópolis”, mas que, na opinião da redatora e das eminentes personalidades, as atribuições negativas não mais procedem. Para o leitor, o efeito produzido é de ampliação dos argumentos favoráveis e de distanciamento da valoração negativa de Rondonópolis, pois a fama de lugar inóspito já é passada.

Essas vozes descritas partem do que o enunciado nos oferece em termos de conteúdo temático abordado, que enfoca as possibilidades de avanço para a região do São Lourenço, envolvendo as várias pessoas citadas. Entretanto, através de nossa pesquisa documental, deparamos com um relato histórico que, de forma sintética, esclarece-nos como se deu o desenvolvimento da cidade de Rondonópolis.

Podemos, neste ponto da análise, trazer a contribuição de Brait (2012, p. 125-126), ao enunciar que *os textos chamam, a memória responde*. Em suas palavras:

Estabelecer diálogo entre textos e, conseqüentemente, entre, os discursos que vão constituindo o universo humano, o universo da linguagem, é um procedimento que, para produzir sentido, quer na vida cotidiana, quer nas artes, apela para a memória dos falantes, dos ouvintes, dos espectadores, para a vivência social, cultural, sem que as fronteiras aí implicadas possam ser delineadas de maneira inteiramente objetiva e clara. Afinal, essas fronteiras envolvem o processo de produção, o investimento cognitivo, afetivo, ideológico/literário do autor e as idiosincrasias das memórias envolvidas no percurso transcorrido entre esse momento e a circulação/recepção de um texto. Em geral, percebe-se que o texto está prenhe, dada a difusa sinalização de sua aparência exterior. Mas o que não se pode alcançar, sem técnicas especiais e/ou vivências compatíveis, é o que está lá dentro suscitando memórias, caminhos, pedindo para vir à luz.

Em nosso caso, estabelecemos um diálogo entre o enunciado em foco e o relato histórico. O encontro com o segundo enunciado fez aflorar a memória dos acontecimentos da época, descritos por Dimpina, o que contribuiu para uma melhor compreensão da posição de *A Violeta* e de sua redatora sobre a temática do progresso. Ao cotejarmos o enunciado com o relato histórico, evidenciamos a importância do resgate do contexto da época para a compreensão dos discursos.

Apresentamos, a seguir, um excerto do relato elaborado por Luci Léa Lopes Martins Tesoro⁴⁹ (1993), que nos oferece outra versão dos fatos:

O que diferencia a história de Rondonópolis das demais cidades de Mato Grosso é o fato de seu povoamento ter se iniciado em 1902 e apresentado um crescimento até 1920 (quando passou a ser distrito de Santo Antônio do Leverger); seguiu-se um processo de despovoamento na década de 30 e só depois de 1947 veio a retomar o crescimento e o progresso.

Na época, a vizinha Poxoréu crescia desde 1924 com a exploração de diamante e conseguia a sua emancipação política, ou seja, se transformava em município, enquanto o vilarejo de Rondonópolis (dada a proximidade geográfica) era reconhecido como distrito de Poxoréu, através do Decreto-Lei nº 218 de 26 de outubro de 1938.

Essa situação permaneceu até a emancipação político-administrativa de Rondonópolis em 1953, quando, através do Decreto 666, os moradores daqui passaram a decidir sobre o seu próprio destino.

É importante entender o processo do crescimento que redundou nas águas da emancipação de Rondonópolis.

RETOMADA DO CRESCIMENTO

O fato é que de 1930 a 1947 o local se esvaziara a olhos vistos, sendo que o total de setenta famílias moradoras em 1915 ficara reduzido a apenas três casas. Sobre isso, o bispo Dom Vunibaldo, relembra a passagem por Rondonópolis quando viajava para Chapada dos Guimarães, em 1942: “(...) existiam três casas: a Missão Protestante, a casa do correio e uma tapera onde morava o balseiro.” Em abril de 1947, a Irmã Thereza Marangoni comenta que, de passagem pelo vilarejo observou que “Rondonópolis era um pequeno povoado que mais se parecia com um sertão, coberto de cerrado por todos os lados. Só existia uma rua onde se situava o Correio e, mais para baixo, a casa do Moisés Cury e a do Sr. Jacinto Xavier, que era guarda-linha do telégrafo, e ainda uns três ou quatro ranchinhos. Era só.”

Curioso é o depoimento do historiador Lenine Póvoas que afirma que, ao passar por Rondonópolis, em meados de 1948, teria visto mais de cinquenta ranchos e um povoado em crescimento. Ou seja, naquele momento

⁴⁹ Essas informações foram extraídas de publicação de parte da tese de Doutorado da autora, disponível em <<http://www.tribunamt.com.br/2011/12/o-diferencial-da-nossa-historia/>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

evidencia-se um crescimento demográfico e mudanças que desaguarão na fase emancipacionista de Rondonópolis.

Diante da constatação indaga-se: que motivos teriam provocado a vinda de uma grande leva de migrantes para a nossa região a partir de 1947? Como acontecera o processo de crescimento do município de Rondonópolis?

MIGRANTES ENGANADOS

Em 1947, mais de cinquenta famílias vieram do Estado de São Paulo para se fixar na nossa região – na maioria eram nordestinos residentes no interior do Estado, entre eles o Sr. José Barriga, Sr. Apotâneo de Carvalho, Dona Delvita e o Sr. Olímpio Balduino Silva. Eles haviam comprado lotes de terras da Companhia Noretama de Colonização, em Marília. Contudo, muitas das famílias foram obrigadas a retornar, pois não tiveram como sobreviver. Acontece que as terras compradas pertenciam aos índios e não poderiam ter sido vendidas por Tertuliano Albergaria, dono da tal companhia de colonização.

AÇÃO DO GOVERNADOR

As famílias que ficaram receberam a ajuda do governador Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, que enviou caminhões com alimentos e ferramentas para o plantio da terra, além de sementes, roupas e remédios. Em seguida, Dr. Arnaldo distribuiu lotes para as pessoas plantarem suas roças de arroz, feijão, milho e algodão. Assim, foram criadas as colônias de Campo Limpo, Macaco, Naboreiro e Paulista.

Em 1949, a notícia de que o Governador de Mato Grosso estava doando lotes de 20 a 50 hectares, em Rondonópolis, se espalhou e atraiu milhares de pessoas do país inteiro, principalmente paulistas, mineiros e nordestinos da Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco. Também atraiu mato-grossenses, mas, sobretudo os garimpeiros fixados em Poxoréu que na época estavam em decadência; ou seja, o diamante estava no fim e a vida se tornava cada vez mais difícil nos garimpos. O fato é que, em pouco tempo a população de Rondonópolis cresceu e, em 1950, chegou a somar 2.888 habitantes.

Na relação dialógica entre o enunciado e o relato histórico, podemos encontrar pontos que divergem das afirmações de Dimpina. Pelo que foi exposto, a cidade de Rondonópolis reiniciou seu crescimento a partir de 1947. Lembremos que o enunciado analisado data de 1948. A passagem retirada do relato histórico, “O fato é que de 1930 a 1947 o local se esvaziara a olhos vistos, sendo que o total de setenta famílias moradoras em 1915 ficara reduzido a apenas três casas”, serve-nos como justificativa para compreender as razões da voz negativa ao desenvolvimento, pois a região era de fato inóspita e muitas pessoas se retiraram do local.

Já a defesa de Dimpina em prol do Sr. Albergaria, por outro lado, fica aparentemente injustificada, pois o que Tesoro (1993) nos afirma é que as pessoas “[...] haviam comprado lotes de terras da Companhia Noretama de Colonização, em Marília. [...] as terras compradas

pertenciam aos índios e não poderiam ter sido vendidas por Tertuliano Albergaria, dono da tal companhia de colonização”. Dessa maneira, todos os elogios trazidos no enunciado à pessoa do Sr. Albergaria ficam, numa primeira leitura, infundados.

A *esperança* do progresso é expressa veementemente no tom emocional-volitivo utilizado por Dimpina, o que acaba por nos revelar a ingenuidade da cronista, crédula e defensora dos atos do Sr. Albergaria. Como jornalista, não checara suas fontes, ou a notícia da ação estelionatária ainda não tinha chegado à redação de *A Violeta*. Assim, o enunciado expressa um todo enunciativo que sustenta os argumentos de Dimpina na defesa do desenvolvimento de Rondonópolis, mas os fatos históricos a desmentem. Um dos trechos que comprovam a ingenuidade da redatora está no vigésimo quarto parágrafo: “Temos esperanças que apareçam Professores Albergaria como já foi atraído para o local o abastado fazendeiro João Batista de Oliveira”. (*A VIOLETA*, n. 344, 1948, p. 4).

Não podemos esquecer, contudo, que o projeto enunciativo de Dimpina se utiliza de estratégias retóricas para conseguir a adesão de seus leitores em prol da ideia do progresso da região e de todo Estado de Mato Grosso e, a partir disso, da necessidade de modernização e ampliação dos meios de transporte. Para tanto, enaltecer a figura de Albergaria, mesmo desconhecendo os fatos (ou não), consistia num recurso retórico bastante útil para seus propósitos discursivos. Para Perelman e Tyteca (2014, p. 29), ao tratar de *persuasão e convencimento*: “A busca de uma objetividade, seja qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos”.

O que de fato permitiu o avanço da cidade, segundo o relato histórico, foi a ação do governador Dr. Arnaldo Estevão de Figueiredo, ao doar “lotes para as pessoas plantarem suas roças de arroz, feijão, milho e algodão”. (TESORO, 1993). O governador constitui a terceira figura reconhecida por nós no enunciado e a quem Dimpina tece elogios, conforme já assinalamos anteriormente:

Está porque crendo na alta visão do Governador do Estado, o Dr. Arnaldo de Figueiredo e porque bem amparada está a iniciativa particular, afirmo que não há um obstáculo integral hoje e o que ainda existir será destruído, para segurança do futuro em que não se clamará mais pela falta de transportes e pelo descuido da indústria. (*A VIOLETA*, n. 344, 1948, p. 2).

No décimo nono parágrafo, verificamos o uso de reticências no trecho “Não direi que sonhou porque, o homem inteligente não sonha. Calcula com precisão matemática... – o Professor Albergaria com certeza deduziu que a região do pantanal de São Lourenço não eram

sonhos de esmeralda”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 3). As reticências, neste contexto, podem sugerir, ao leitor, um efeito de sentido de ironia, já que a posição de Albergaria era de negociante e, portanto, os lucros deveriam ser calculados e a precisão matemática não permitia quaisquer erros ou perdas. Ressaltamos que a autora desconhece, nesse momento, ou pelo menos omite, o fato de que o senhor Albergaria vendeu terras indígenas para terceiros. Assim, os lucros advindos referentes a esses negócios eram, na verdade, ilícitos.

Neste mesmo trecho, há uma expressão em itálico: *sonhos de esmeralda*. A partir de uma pesquisa documental, pudemos identificar a obra *O sonho das esmeraldas*, de autoria de Paulo Setúbal⁵⁰, membro da Academia Brasileira de Letras, (1893-1937). Trata-se de um romance histórico sobre o ciclo das bandeiras que, entre outros do mesmo autor, tinha o sentido social de levantar o orgulho do povo bandeirante na fase pós Revolução Constitucionalista (1932) em São Paulo. Como Setúbal era um dos escritores mais lidos do país nesse período, Dimpina pode ter feito uma referência à sua obra, já que, entre os romances históricos, há um dedicado ao ciclo do ouro de Cuiabá: *O ouro de Cuiabá*, de 1933. Outra possibilidade é de uma alusão ao poema narrativo de Olavo Bilac, *O caçador de esmeraldas* (1902), que trata dos feitos do bandeirante Fernão Dias.

Tal fato reafirma a prática de Dimpina que, juntamente com as demais redatoras, procurava manter suas leitoras atualizadas com os assuntos que circulavam na esfera intelectual, inserindo, frequentemente, *vozes literárias* aos seus textos.

Além disso, após percorrermos todos os parágrafos do enunciado, observamos o peso marcante da voz da Igreja, por exemplo, através das expressões *se Deus quiser, com as bênçãos de Deus, o Anjo tutelar matogrossense*.

Consideramos, novamente, o emprego da figura retórica *hipotipose*, que auxilia na construção do cenário verbo-visual, pois é recorrente no enunciado alguns exemplos de imagens construídas através da dimensão verbal:

No pantanal matogrossense, caracterizado pelo vale São Lourenço, chega-se a crer que **as sementes caem do céu**, porque em seus campos os produtos, nativos ou não, dão com tanta abundância e facilidade tal que nem se pode crer porque ainda não foi essa região melhor aproveitada. [...] (A VIOLETA, 1948, p. 2, grifo nosso).

Essa futura cidade será o **Anjo tutelar mato-grossense, de braços abertos a envolver em doce amplexo** Corumbá, Poxoreu, Cuiabá, as zonas

⁵⁰ Segundo o *site* da Academia Brasileira de Letras, Paulo Setúbal ocupou a cadeira 31, eleito em 6 de dezembro de 1934. Era advogado, jornalista, ensaísta, poeta e romancista. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 14 set. 2015.

do Leverger, que cresceram por certo, ao impulso de seu progresso e de suas riquezas. (A VIOLETA, 1948, p. 4, grifo nosso).

A gigantesca obra do aproveitamento dos vales de São Francisco, da Baixada Fluminense virá ajuntar-se a da colonização do pantanal de São Lourenço, **o trabalho do cérebro culto em auxílio às mãos calosas do num consêrto harmonioso da inteligência de mãos dadas com trabalhador**. (A VIOLETA, 1948, p. 3, grifo nosso).

[...] E Rondonópolis ressurgirá, com as bênçãos de Deus não como um **espantinho para atemorizar o povo, mas, como um pálio de luz desdobrado sobre Matogrosso**, para a verdadeira grandeza do Brasil. (A VIOLETA, 1948, p. 4, grifo nosso).

Conforme também observamos em outros enunciados já analisados, cria-se, através da materialidade verbal, na mente do leitor, uma representação visual, pictórica, que estamos tomando, neste trabalho, com base em Brait (2010), como outra ocorrência de verbo-visualidade.

Pinçamos, ainda, no último excerto da citação, um diálogo com o primeiro verso do Hino da Proclamação da República, *seja um pálio de luz desdobrado*. Esta alusão ufanista reforça o desejo de desenvolvimento da região, proporcionalmente ao progresso de toda a pátria com o estabelecimento da República.

É preciso ressaltar, em nossa análise, a importância das informações coletadas através das pesquisas do contexto sócio-histórico da época de circulação da referida edição, pois, do contrário, seria impossível compreendermos os aspectos tratados nos enunciados, e comprovarmos as diferentes posições marcadas ali, ideologicamente, pelos sujeitos envolvidos. A própria posição da revista só pode ser desvelada a partir desse movimento analítico que considera a história dos fatos, que nem sempre o texto em todas as suas nuances é capaz de explicitar.

Salientamos, da mesma forma, as estratégias argumentativas da redatora Dimpina, sua voz persuasiva ao longo do enunciado, para defender sua tese em favor da implementação de novos meios de transporte em Mato Grosso, a partir do enaltecimento de figuras masculinas e da criação de imagens pictóricas para compor um panorama favorável da região de Rondonópolis.

No capítulo seguinte, recuperamos nossos achados de análise, e tecendo outras relações dialógicas entre os enunciados de *A Violeta*, buscamos discutir o estilo das duas principais redatoras da revista.

5 TEXTOS EM DIÁLOGO: SINTETIZANDO OS ACHADOS

Para a consecução deste capítulo, buscamos fundamentos em Brait (2016, p. 14), ao tratar dos três universos constitutivos da concepção dialógica de texto:

- a) o da *materialidade* – sem o qual a vida do texto estaria impossibilitada e que, necessariamente, advém de linguagens socialmente organizadas e reconhecidas, caso do sistema linguístico, por exemplo, mas não exclusivamente dele;
- b) o da *singularidade* – que define o texto como único, configurando por seu inexorável pertencimento a uma situação, a um contexto, a uma cadeia histórico-discursiva, fator que delinea sua natureza enquanto forma viva e responsiva;
- c) o da condição advinda dessa *combinatória* – que possibilita o estabelecimento de *relações dialógicas* com outros textos, no sentido de propiciar, provocar e convocar diálogos, abrindo espaços para respostas, para novos textos, para circulação e produção de discursos sociais, culturais, históricos.

Dessa maneira, procuramos evidenciar possíveis relações dialógicas entre os enunciados singulares do *corpus* da pesquisa e alguns textos presentes em outras edições, com a finalidade de caracterizar o estilo das duas principais redatoras. Trata-se, segundo Grillo (2006), de relações dialógicas *interdiscursivas*. Para tanto, consideraremos a materialidade, ou seja, os elementos formais constitutivos dos enunciados da revista *A Violeta*, em seu plano verbo-visual, que compõem, como bem afirma Bakhtin, *o todo do enunciado*, uma unidade significativa reveladora do viés discursivo estratégico da revista, mostrando e ocultando, ao mesmo tempo, a apreciação valorativa das redatoras.

Compreendemos que cada enunciado, em sua totalidade, é marcado pelo estilo de autor cujos contornos são bem delineados em Maria Dimpina e Maria Müller. Na perspectiva bakhtiniana, o estilo de um autor é:

[...] engendrado do *estilo de sua fala interior*, o qual não se submete a controle, e sua fala interior é ela mesma o produto de sua vida social inteira, “O estilo é o homem”, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa. (VOLOSHÍNOV, s. d., p. 17).

Para Brait (2004, p. 200), conceber o estilo a partir desse ponto de vista nos remete à concepção dialógica da linguagem, pois:

Essa relação constitutiva entre interlocutores e entre os discursos que atravessam os enunciados pronunciados ou não por esses interlocutores está na gênese da concepção de estilo. Da mesma forma, e como consequência lógica, estilo implica interação e o que é mais significativo: está necessariamente implicado em qualquer interação, em qualquer atividade de linguagem e não apenas na atividade literária.

As questões sobre o estilo também podem estar relacionadas com o conceito de *ethos discursivo* cujo fundamento encontramos em Maingueneau (2008) e que se refere à constituição da imagem de si no discurso. Ao mesmo tempo, podemos destacar que o estilo de gênero, no caso de *A Violeta*, dos textos de abertura das edições – as crônicas – suscita a formação de um *ethos* específico, como veremos na subseção a seguir, nos enunciados pertencentes à Maria Dimpina.

5.1 Maria Dimpina e seu peculiar estilo jornalístico

A respeito de Maria Dimpina, conforme já observamos, sua participação na revista foi intensa, através da publicação de muitos textos em diversos gêneros. O seu estilo era oratório, característica retórica que tem relação com as práticas de saraus em *A Violeta falada*, em que se declamavam poesias, realizavam-se discursos e liam-se textos literários variados. Trazemos a título de ilustração, um noticiário com a programação da *Violeta Falada* publicado na edição n. 319, de 30 de abril de 1945, página 29:

Figura 65 - Programação de *A Violeta Falada*, n. 319, 30 de abril de 1945

A VIOLETA —29—

Preleções --Sobre a personalidade do Presidente Vargas houve preleções nos Quartéis e nas Escolas.

O discurso do Dr. Marcondes Filho --em quase todos os lares, foram sintonizados os aparelhos de rádio para transmissão da bela oração proferida pelo Dr. Alexandre Marcondes Filho, Ministro do Trabalho.

Retreta -- Peles bandas militares houve agradável retreta na Praça da República.

«O Estado de Mato-Grosso» -- Circulou este conceituado diário em edição especial com excelentes artigos sobre a personalidade do Presidente Vargas durante uma vida toda consagrada às benemerências nacionais.

«A Violeta» e o *Grêmio Júlia Lopes* aliando-se ao regozijo popular pedem aos céus conceda ao Grande e Benemérito Cidadão, outros muitos anos felizes e por Deus abençoados.

♦♦♦♦♦ NOTICIÁRIO ♦♦♦♦♦

A VIOLETA FALADA

Realizou-se a 13 do corrente, as 20 horas na Casa Barão de Melgaço uma festa litero-musical. -- A Violeta falada -- oferecida a exma Sra. D. Maria Müller uma das fundadoras do Grêmio Júlia Lopes e distinta professora matogrossense ocupante de uma das cadeiras da Academia Matogrossense de Letras.

Foi este o programa desempenhado.

<ol style="list-style-type: none"> 1--Crônica -- Maria Dimpina. 2--A Cruz de Urbieta, de Oscarino Ramos -- Rosa Pennsilvania Ramos. 3--Palestra pela Professora Alice Freire. 4--Souvenir de Drilla (piano) Lúcia de Carvalho. 5--Caminhos da graça (sonetos) José de Meequita pelo Autor. 	<ol style="list-style-type: none"> 6--Embalo do berço (poesia) Evaulita de Barros. 7--Ampola de José Lacalle (canto) de Oliveira 8--Mandiga, de Menotti de Pichia Mariete Lima Avelino. 9--Chanson espagnole de David (piano) Neli Af. 10--Duas almas, de Alceu Wamosy -- Mariana Leocádio da Rosa; 11--Espana de Waldtente (piano) Yara e Yvone Barros Machado. 12--A valsa do Arcebispo de Tomás -- Déa Hashm. 13--Valsa nº 3 de Chopim (piano) Alaide de Lima Bastos. 14--Viagem em busca da poesia de Gervásio Leite <p>A apresentação esteve a cargo do festejada jornalista Ramiro Vieira.</p> <p style="text-align: right;">A assistência, seleta e nume</p>
---	--

Fonte: Acervo do Arquivo Público de Mato Grosso- APMT (2013).

Segundo a *Grammatica Expositiva* (1907, p. 351), de Eduardo Carlos Pereira, o estilo oratório aproxima-se de um dos gêneros do estilo prosaico: “É o estylo proprio do orador no uso da eloquencia”. Apesar de pertencer a uma tradição estilística literária bastante criticada por Bakhtin, citamos a estudiosa Molina (2005, p. 247) que ressalta a posição inovadora de Pereira:

[...] Pereira inovou em muitos sentidos, já que, de um lado, estampou em vários momentos de seu novo texto as mais modernas (a seu tempo) correntes linguísticas e, de outro, mostrou-se preocupado em inserir nele conteúdos que fornecessem instrumentos para que os alunos também se tornassem bons produtores de texto.

E nesse mesmo tom oratório, pudemos observar o peso da palavra autoritária que constituía os enunciados de Dimpina. Por liderar, muitas vezes, a redação, o seu temperamento forte e o seu posicionamento conservador acabava por representar a própria visão da editoria da revista, resultando na incorporação de duas vozes, dela e de *A Violeta*.

Nosso *corpus* aponta para a recorrência de algumas temáticas nos enunciados assinados por Dimpina e seus pseudônimos, como o trabalho, a educação da mulher, o progresso de Cuiabá e do Estado de Mato Grosso. Sobre o trabalho da mulher, podemos afirmar que o posicionamento da autora defendia como apropriados ao sexo feminino os espaços da educação – magistério – e do funcionalismo público⁵¹, cargos também ocupados pelas redatoras. Ao mesmo tempo, valorizava os serviços domésticos, para os quais, segundo sua opinião, não havia trabalhadoras qualificadas.

Sobre a educação da mulher, assunto recorrente em muitos enunciados aqui analisados, esta se estendia para além das filhas e moças da sociedade, alcançando as jovens pobres que deveriam se educar para trabalhar nas casas das famílias da sociedade e, assim, sair da marginalidade, conforme a visão de Dimpina.

Outro aspecto observado em alguns de seus textos diz respeito ao fato de que a atuação política também dependia da educação. Assim, a educação, em vários níveis e aspectos, seria o motor ideológico de sustentação do progresso das cidades e do país, e a mulher educada seria a principal responsável pelo sucesso da nação, conforme verificamos nos enunciados da primeira edição da revista, *A educação da mulher/Andorinhas*. Contudo, a visão sobre a mulher ainda era conservadora, pois a ela não poderia ser oferecida qualquer instrução, e sim uma educação para o lar, para a família, para ser educadora, para a maternidade.

Ao longo de todo tempo de circulação da revista, a concepção sobre o espaço social e profissional da mulher permaneceu inalterada. No enunciado n. 202, de 25 de dezembro de 1932, em relação dialógica com os enunciados selecionados para análise, *Arinapi* reafirma qual posição a mulher deve ter na sociedade da época: “[...] por tudo quanto é concernente á família, á sociedade e á pátria, das quais é a mulher mãe, esposa, irmã ou educadora a energia principal.” (A VIOLETA, n. 202, 1932, p. 2).

Na edição da revista, em 1950, Dimpina, em sua última crônica, em diálogo com o nosso *corpus*, novamente afirma a sua posição quanto à educação da mulher, quanto ao seu papel e quanto às feministas:

⁵¹ Dimpina defendia a participação da mulher no funcionalismo público, haja vista ela mesma ter sido a primeira funcionária pública do Estado de Mato Grosso.

Até o rico precisa bem prover para bem prover. Vi em S. Paulo, na Escola Normal Superior, moças multimilionárias, costurando camisolas e roupas de cama para os hospitais, pregando botões e fazendo remendos em roupas para gente humilde; batendo a careu pata os bifés, foidando batatas, frigindo ovos e preparando o café para uma pequena refeição⁵². Era o adestramento para o lado prático e provável da vida. Como não há de ficar confortado e feliz um chefe de família, quando, regressando ao lar, depois de um dia de afanoso labutar, encontra, preparado pelas próprias mãos da esposa cuidadosa, um prato ou um bolo de sua preferência? São os pequenos segredos da felicidade e bem diferentes do comportamento das mulheres virago, apaixonadas pela politicagem: partidárias de guerras e revoluções a r m a d a s comprometedoras da conduta do homem a quem estão ligadas, pródigas indiferentes aos salutare, princípios da economia doméstica, que malbaratam com esbanjamento ou desinteresse na aquisição diária dos gêneros de primeira necessidade. (A VIOLETA, n. 333, 1950, p. 5).

Neste excerto, podemos evidenciar a apreciação valorativa desfavorável de Dimpina sobre as mulheres militantes extremadas do feminismo que, em sua visão, eram engajadas em politicagem. Por sua vez, eram vistas como *mulheres virago*, ou seja, masculinizadas, desprestigiadas na sociedade.

Apesar de tratar com veemência a questão feminina na sociedade da época, várias vezes o próprio fato de ser mulher, atuando como jornalista, causava-lhe certo desconforto. Isto gerava uma atitude de *falsa modéstia*, característica marcante em seus enunciados, ao compor uma imagem de si, ao longo das edições, de pessoa desprovida de capacidade ou habilidade para exercer politicamente a função de jornalista ou cronista engajada.

Um exemplo da imagem criada por Dimpina pode ser verificado no enunciado de 31 de agosto de 1929, também em relação dialógica com os enunciados de nosso *corpus*, ao dizer que *não é ou não faz política*, sendo que sua atuação como cronista e redatora é, na maioria das vezes, política. Defendia frequentemente pontos de vista, ao se posicionar diante de polêmicas, como a questão da divisão do Estado de Mato Grosso, o voto feminino, o emprego público para a mulher. Além disso, atuava como cidadã crítica ao reivindicar melhorias para a sua cidade e estado, como saneamento, transporte, educação etc. Destacamos o excerto a seguir, que revela sua posição diante do fazer político e da “fragilidade” do ser feminino:

⁵² Onde está escrito “batendo a careu pata os bifés, foidando batatas”, leia-se “batendo a carne para os bifés e fritando batatas”.

Pensarão por certo, as minhas leitoras que transgredi do meu modo de ver e que também vou abandonando **a tradicional fragilidade do meu sexo, que não dá este direito às mulheres, fazer política. Mil vezes, não; continuo, mesmo ou não fazendo política**, a ser patriota, amiga do meu Estado natal, até o bairrismo si quiserem assim compreender, bairrismo tão perdoável aos mattogrossenses, filhos de um grande Estado, imenso pelo seu território, grandioso pelo seu passado, futuroso pela sua posição geographica, rico pelas suas produções naturaes, e no entanto, comparativamente aos outros, sacrificado pela falta de recursos industriaes, que só poderia ter alliando-se o auxílio da Federação aos recursos do próprio Estado. (A VIOLETA, n. 170, 1929, p. 1, grifo nosso).

Entretanto, em mais um parágrafo do mesmo texto, ela enfatiza a atuação política dos jornais e jornalistas da época, entre os quais ela se inclui: “E não há quem, político não seja, e não existe jornal no Brasil, que não falle no assumpto hoje em fóco, e para nós mais interessante que a escolha das bellezas da terra”. (A VIOLETA, n. 170, 1929, p. 1).

Outro enunciado em diálogo que traz a mesma questão é a crônica de 31 de maio de 1933, em que Dimpina cria novamente uma imagem de *falsa modéstia*, quando faz uso das expressões *despretenciosas e mal alinhavadas chronicas*: “‘A Violeta’ desde a sua fundação, eu nas minhas ligeiras, despretenciosas e mal alinhavadas chronicas, havemos sempre tido por bem mostrar um grande interesse por Matto-Grosso e tudo quanto lhe diz respeito”. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 1).

Neste trecho, verificamos que Dimpina considera a cronista e a revista como um “nós”, pela conjugação do verbo haver, através da figura de retórica *enálage de número de pessoas*, procedimento discursivo utilizado por ela em vários enunciados, constituindo uma de suas marcas. Tal emprego produz um efeito de sentido de que a redatora se preserva, ao não se responsabilizar sozinha pelas opiniões emitidas, protegendo-se atrás de um *nós*. Coloca, assim, a editoria da revista – *A Violeta desde a sua fundação* – como sua fiadora discursiva.

Além disso, vale destacar o jogo enunciativo da redatora, que ora se esconde sob um pseudônimo e ora se revela nas próprias apreciações que produz sobre sua atuação jornalística. Aliás, a respeito desse aspecto, as autoras das seções da revista, em vários momentos, recorrem ao emprego de diversos pseudônimos. O quadro, a seguir, construído com base nos estudos de Nadaf (1993), relaciona as colaboradoras da revista aos pseudônimos por elas utilizados.

Quadro 8 – Pseudônimos utilizados pelas redatoras/colaboradoras

REDATORA/COLABORADORA	PSEUDÔNIMOS
Amélia de Arruda Lobo ⁵³ /Alves	Solange, Aurora, Dolores
Ana Luiza da Silva Prado ⁵⁴ /Bastos	Zilah Donato
Antídia Alves Coutinho ⁵⁵	Sertaneja Inconsolável, Yára do Leste
Maria Dimpina Lobo/Duarte	<i>Arinapi</i> , Martha
Maria Ponce de Arruda/Muller	<i>Mary</i> , Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia, Vespertina
Maria Úrsula Santos Costa ⁵⁶ /Gehre	Marília, Mascote
Thereza Lobo	Magnolia
Não identificada a autoria	Aurea, Lair, Irmã Plawasky, Cecy, Célia, Déa, É.M., fada, Isis, Lili, M. C.M., Namira, Tarly, Tavy

Fonte: Construção da autora (2015).

Conforme já apontamos nas análises, o emprego de pseudônimos constitui um recurso bastante comum e marcante nas edições pesquisadas. Tal estratégia discursiva pode ser compreendida como uma necessidade ou preferência das autoras dos textos por não revelar suas identidades, em face do contexto sociopolítico da época. Essa recorrência pode apontar para uma necessidade de apresentar uma variação de autoria, ou pode ser ainda uma reprodução de uma prática corrente na época em periódicos. De qualquer forma, nas interlocuções, ou seja, na troca de cartas com leitores, o endereçamento era sempre feito à personagem, pois as reais identidades foram apenas reveladas após estudos posteriores sobre a revista, principalmente os empreendidos por Nadaf (1993).

Chartier (1995) considera o recurso ao anonimato ou ao pseudônimo como parte da caracterização da escrita feminina, em relação à escrita masculina: a primeira busca dissimular a identidade verdadeira do autor, distanciar-se em relação à edição, destinando a

⁵³ Amélia de Arruda Lobo (1898-1977) era professora de História da Educação e Geografia na Escola Normal. Publicou quatro livros com utilidade pedagógica: *Noções de Corografia de Mato Grosso* (1930); *Minha Cartilha* (1938); *Tesouros de Minha Terra* (s.d.) e *O Município de Cuiabá – Terceiro Livro de Leitura* (s.d.) (NADAF, 1993).

⁵⁴ Ana Luiza da Silva Prado (1898- 1986) formou-se pela Escola Normal, e fez parte do grupo das fundadoras do Grêmio. Em seguida tornou-se membro da Academia Mato-grossense de Letras, fundada em Cuiabá no ano de 1919 (NADAF, 1993).

⁵⁵ Antídia Alves Coutinho (1904- 1978) era natural de Araguaiana-MT, funcionária pública dos Correios e Telégrafos e vereadora eleita em 1947, em sua terra natal. Colaborou na imprensa mato-grossense, goiana e carioca, como *A Violeta*, *A Cruz*, *Jornal das Moças*, *o Ferrão*, *O Social democrata*, *Cidade de Goiás*, *Jornal do Araguaia*, *A Vida Doméstica* (NADAF, 1993).

⁵⁶ Maria Úrsula Santos Costa (1918-[?]) foi bibliotecária e secretária no Departamento de Estatística do IBGE em Mato Grosso e, posteriormente, secretária assistente do jornalista e escritor Dr. Archimedes Pereira Lima, na época diretor da Imprensa Oficial e do jornal *O Estado de Mato Grosso*. Foi atuante colaboradora de *A Violeta* no final da década de 1930 e início de 1940, assinando seus poemas e sua ficção (NADAF, 1993).

obra a um público restrito e cúmplice; já a segunda emprega o nome próprio, busca difundir a publicação a um público grande e longínquo.

A despeito do uso de pseudônimos em periódicos brasileiros do século XIX, Gomes (2009, p. 21) acrescenta:

A ausência da identificação dos redatores e dos colaboradores muitas vezes fazia parte das características dos jornais. Essa estratégia utilizada permitia aos indivíduos envolvidos na impressão dos periódicos o anonimato baseado em pseudônimos ou simplesmente na identificação como “redactor” ou “redactores”. Assim, no calor dos debates, podiam desvincular sua pessoa de suas idéias evitando complicações práticas (processos, devassas...) em sua vida pública e privada.

O fato de as redatoras criarem pseudônimos também pode ser relacionado à leitura de obras literárias que circulavam na época, as quais eram frequentemente citadas em seus textos. Por exemplo, *Dona Martha*, pseudônimo utilizado por Maria Dimpina, pode ser uma alusão (ou homenagem) à personagem Marta do primeiro romance *Memórias de Marta*⁵⁷, de Júlia Lopes de Almeida, publicado em folhetim em 1889, ou à personagem Marta do romance *A falência*, de 1902⁵⁸. Esta mesma personagem acaba por se tornar, na revista, responsável por uma seção denominada *Correspondência de D. Martha*, o que a distingue das outras personagens que apenas assinavam textos de diferentes gêneros que ali circulavam.

Esta seção surgiu em agosto de 1918 e durou até 1940. Segundo Nadaf (1993), teria sido criada por Maria Dimpina. A respeito, comentam Trubiliano e Júnior (2007, p. 351-352): “Dirigindo sempre às leitoras como “Minhas Amiguinhas”, em tom professoral, D. Martha dava conselhos às ‘amáveis leitoras’, ou fazia reivindicações de progresso para Mato Grosso”.

Segundo Stevens⁵⁹, na apresentação do livro *A Mulher escrita: A Escrita-Mulher?*:

⁵⁷ O enredo do romance faz uma apologia ao trabalho feminino e à capacidade das mulheres de superarem desafios (SALOMONI. 2007, p. 19).

⁵⁸ O enredo conta a estória da formação de uma comunidade de mulheres, depois da falência do patriarca da família. Segundo Telles (2012, p.455), “[...] a escritora lança mão de uma forma extremada de resolver a questão entre os sexos, a total separação entre eles e uma utópica comunidade feminil”.

⁵⁹ Apresentação do livro eletrônico do Grupo Vozes Femininas da Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/vozesfemininasunb/a-mulher-escrita-a-escrita-mulher>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

As mulheres, grandes consumidoras de romances, passaram também a produzi-los; esse processo de comercialização da literatura, intensificado a partir do século XIX, foi visto por muitos como um processo de “feminização” da literatura. O conflito entre High Art e Low Art foi caracterizado como uma “batalha entre os sexos” na qual as mulheres estavam associadas a uma retórica de parasitismo e vampirismo, com relação à produção literária de autoria masculina, considerada por todos como de maior valor estético.

Estas observações nos chamaram a atenção, pois encontramos em *A Violeta* um pseudônimo denominado *Vampira*, usado por Maria Müller, em alguns de seus enunciados, o que aponta para uma posição responsiva da redatora em relação ao discurso patriarcal que circulava na época, que desprestigiava a mulher escritora e a concebia como incapaz de produzir uma retórica de qualidade por si mesma, tomando-a apenas como uma reprodutora ou uma “sugadora” das ideias masculinas. Assim, concebia-se, à época, de acordo com uma ideologia patriarcal, a literatura canônica (*High Art*) como masculina e a feminina não reconhecida (ou não literatura, *Low Art*).

Verificamos que os enunciados assinados com o pseudônimo *Arinapi* tendem a trazer um teor político, um tom crítico e reivindicatório, conforme o exemplo a seguir:

Até agora, parece, por falta de que esse serviço seja feito com mais atenção e carinho, o calçamento das ruas de Cuiabá parecem *obras de Sta Engracia*, sem offender a susceptibilidade dos responsáveis. [...] Enquanto o curso dessas águas não tiverem um outro destino, enquanto não tivermos uma boa rede de exgotto, Cuiabá nunca poderá ser higienica, nunca poderá apresentar um aspecto de capital civilizada. (*A VIOLETA*, n. 152, 1927, p. 2).

Já os assinados como Maria Dimpina são, em grande parte, os que abordam o tema da educação da mulher, da escola doméstica, das festas religiosas e dos costumes. Porém, ainda encontramos muitos enunciados nessa mesma direção assinados também por *Arinapi*, ou seja, não há, conforme nosso levantamento, uma regularidade no emprego desses pseudônimos.

Em face de seu posicionamento, seu tom crítico, sua defesa e adesão das ideias favoráveis ao desenvolvimento do Estado de Mato Grosso, e de sua união enunciativa com a editoria da revista, podemos evidenciar o nascimento de um novo gênero na esfera jornalística, ou seja, a *despretensiosa* crônica consistiria em um editorial em gênese na imprensa feminina cuiabana da época. Sobre essa questão, não nos aprofundamos, pois não foi o foco de nossa investigação. Contudo, vale salientar tal fato, tendo em vista que os jornais e revistas da época não traziam a denominação de editorial para os textos de abertura que veiculavam o posicionamento das editorias.

Da mesma forma, o enunciado de abertura da edição de 30 de setembro de 1948 também pode compor o fio dialógico que retrata a imagem que Dimpina cria de si. Vale destacar, nesse texto, uma referência feita por ela ao seu próprio estilo: “[...] não procurarei dar às minhas frases o cunho de fantasias caprichosamente ornadas”. (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 1). Reside, nessa afirmação, uma crítica indireta à escrita ornamental, próxima do Romantismo, e muito utilizada pelas outras redatoras da revista, conforme aponta Nadaf (2009), aspecto abordado no primeiro capítulo deste trabalho. Dessa maneira, Dimpina coloca uma distância entre seu estilo e o das outras colaboradoras, demonstrando que nunca fora poetisa e sim cronista ou articulista.

Em consonância com esta posição, trazemos uma afirmação sua em outro enunciado, *O culto da mulher*, assinado por *Arinapi*, veiculado na edição n. 45, de 20 de fevereiro de 1919, e já evidenciado em nossa análise: “Emfim, esse culto deve ser real e não romântico”. (A VIOLETA, n. 45, 1919, p. 5).

Podemos acrescentar a esse conjunto de enunciados em diálogo, o texto do *corpus*, de 31 de julho de 1943, em que Dimpina *bate sempre sobre a mesma tecla*, ao retomar o tema da educação da mulher, apresentando várias orientações sobre como deve ser a participação social feminina, e reafirmando, mais uma vez, seu posicionamento bastante conservador. Salientamos o excerto trazido na análise realizada no quarto capítulo de nossa tese, que comprova o posicionamento da redatora: “É este o papel da mulher na grande reforma social. É este o seu campo de acção – tornar-se heroína contribuindo para a grandeza de uma Pátria grande e invicta”. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 2).

Chamou-nos a atenção, também, nesse mesmo enunciado de 1943, novamente, a estratégia retórica de Maria Dimpina, ao construir uma imagem de si mesma no último parágrafo. O movimento discursivo realizado é dúbio, pois ela retorna ao tema da sua atuação como jornalista, desejosa de que possa render frutos. Entretanto, qualifica tal atuação como perseverante e não inteligente: “Se eu colher este fruto da minha atuação jornalística que se não tem o mérito da inteligência prima-se pela perseverança, contente poderei dizer que também tive a felicidade de contribuir para a grandeza de minha terra”. (A VIOLETA, n. 298, 1943, p. 3).

Em síntese, podemos afirmar que Maria Dimpina apresenta um discurso que tem por objetivo expressar taxativamente sua posição, mobilizando uma palavra autoritária. Apesar de negar o estilo ornamental, podemos afirmar que ela, da mesma forma que Maria Müller, também segue esse estilo, ao lançar mão de um conjunto de figuras retóricas que acabam por atribuir aos enunciados um ornamento, conferindo-lhes um tom pomposo, oratório. Ao lado

disso, cria, ao longo das edições da revista, uma imagem para o leitor de que sua atuação não é política, não é jornalística profissional, não é inteligente. Ao mesmo tempo em que reivindica para a mulher uma posição de responsabilidade pelos sucessos ou infortúnios da nação, coloca-se como mulher *desqualificada* para a atividade profissional que empreende em *A Violeta*, o que, em nossa compreensão, consiste apenas em um jogo retórico com o leitor, um embuste, como já assinalamos anteriormente.

Esse jogo discursivo remete-nos ao conceito de *ethos*, aprofundado por Maingueneau (2008). Apesar de não estar listado em nosso referencial teórico, o *corpus* analisado apontou para esse conceito, imbricado no estilo e nas vozes das redatoras, nos seus pseudônimos e nas personagens criadas na revista.

Maingueneau, ao reler o conceito de *ethos* à luz da Análise do Discurso de linha francesa (AD), vai conceituá-lo como “[...] a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 220).

Dessa maneira, o *ethos* é compreendido como a imagem construída do enunciador dentro do discurso e não deve ser confundido com a imagem do sujeito social, do sujeito empírico. Entendemos, portanto, a concepção de *ethos* discursivo como algo realizado em processo interativo dentro de um contexto sócio-histórico envolvendo os interlocutores, e criando efeitos de sentido variados. Esses efeitos possibilitam ao interlocutor imaginar a corporalidade do enunciador. Portanto, podemos dizer que Maingueneau mobiliza uma concepção encarnada de *ethos*, que se refere não apenas à dimensão verbal do discurso, “[...] mas também o conjunto das determinações físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador”. (MAINGUENEAU, 2004, p. 98).

O leitor de *A Violeta*, portanto, é convidado, nesse jogo discursivo, a conferir um *ethos* à Dimpina, aderindo a sua proposição de imagem a partir das pistas textuais de diferentes ordens. Ela encarna uma jornalista amadora, desprovida de competência suficiente para redigir seus textos e um ser frágil, por ser feminino. O efeito de sentido provocado pela mobilização dessa imagem é o da perpetuação de um *status quo* para a mulher que se arrisca como jornalista submissa, inferior, incapaz, naquela sociedade patriarcal. Em síntese, o *ethos discursivo* dela alinha-se a sua posição conservadora.

Prova disso é o fato de que Dimpina, apesar de ser defensora da educação e do trabalho da mulher fora do lar, restritamente ao funcionalismo público e ao magistério, era contrária à lei do divórcio e ao voto feminino, conforme podemos verificar nos seguintes excertos, em relação dialógica com o nosso *corpus*.

No enunciado *Chronica*, constante da edição n. 141, de 31 de outubro de 1926, assinado por *Arinapi*, a posição contrária ao divórcio vem expressa pela redatora logo no terceiro parágrafo, ao se referir a essa lei utilizando um jogo de palavras: “Ora, a lei a que me refiro e como a querem alguns, desmorona os alicerces de muitos lares ou vem destruir muitos lares pelos alicerces”. (A VIOLETA, n. 141, 1926, p. 1). Aproxima-se de uma figura retórica denominada *antimetábole* que, segundo Fiorin (2014, p. 125): “A antimetábole é um tipo de *quiasmo*, que é a repetição simétrica de termos ou sintagmas invertidos, para realçar uma situação contraditória, para enfatizar seres ou eventos que estão em relação especular”.

Para *Arinapi*, a aprovação da lei é um grande retrocesso, pois facilita a quebra de uniões e promove a efemeridade das relações: “E pensando bem, deveríamos trabalhar para que a sociedade progredisse; e a Lei do Divórcio não é mais que a protecção a uniões, que digo, fingidas, ephêmeras, para não lhes dar piores qualificativos”. (A VIOLETA, n. 141, 1926, p. 2). O tom apresentado pela redatora é bastante combativo e por vezes expressa um temor de que tal fato possa vir a se concretizar. Nesse ponto, a revista serve como mantenedora do *status quo*, da preservação dos costumes tradicionais da sociedade da época, influenciada fortemente pelo discurso religioso, em que o casamento é um dos sacramentos indissolúveis.

A influência direta da Igreja bem como das correntes de pensamento dominantes na primeira metade do século XX, como a do Positivismo, na vida de Dimpina, já comentada no primeiro capítulo desta tese, marca fortemente seu discurso e as escolhas linguísticas nele realizadas. Prova disso acontece no enunciado de n. 204, de 31 de março de 1933, em que o discurso religioso se faz explicitamente presente no texto, como argumento para combater a ideia do divórcio, considerado pela autora como uma *doença* contra a qual o remédio seria a *cristianização* da família. *Arinapi* lança mão de uma citação bíblica, para coroar sua argumentação, ao tentar convencer o leitor de que o divórcio não é um ato cristão e, portanto, não pode ser aprovado:

Foi Christo, o maior dos legisladores até então quem disse esta parábola: “Naquele tempo, os Phariseus aproximaram-se de Jesus para tentá-lo dizendo: É permitido a um homem repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Respondeu-lhes Jesus: não lestes que o auctor do gênero humano no começo creou um homem e uma mulher e disse: por causa disto deixará o homem seu pae e sua mãe e unirá-se-a á sua mulher e serão dois em uma só carne. Assim, já não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu não o separe o homem. (Math. 19. 3-6)”. E se Christo que tinha a todo o pecador uma palavra de perdão, condemnou o divórcio, por que o apoiarmos nós que nos dizemos christãos? (A VIOLETA, n. 204, 1933, p. 3).

Acrescentamos a essas considerações a constatação de que a voz de Dimpina a respeito do divórcio era dissonante em relação à voz de Júlia Lopes de Almeida.

Da mesma forma, no enunciado presente na edição n. 202, de 25 de dezembro de 1932, *Arinapi* apresenta um tom *defensivo* em relação ao voto feminino, que havia sido aprovado naquele mesmo ano, em 24 de fevereiro. Sua estratégia argumentativa utiliza sua vida pessoal como exemplo:

E assim, leitores meus, daqui do recesso calmo do meu lar, onde me prendem os deveres tão agradáveis para mim de esposa e mãe, ordenada pela lei que me fez eleitora, **de tratar do voto feminino que tantas vezes combato**, não porque me intimidasse a falta de competência para exercê-lo, mas pelas mesmas razões por mim acima alegadas e que se resumem em querer para a nossa Pátria um eleitorado livre, são, consciente, para evitar que na escolha dos detentores dos Poderes Públicos sejam prejudicados os interesses nacionais. (A VIOLETA, n. 202, 1932, p. 4, grifo nosso).

Na citação acima, destacamos em negrito o trecho em que a autora assume ser combatente, contrária ao voto feminino. Um pouco antes ela afirma que se trata de uma lei e que “Uma vez decretadas, a mim e a todos os cidadãos resta-nos cumpril-as”. (A VIOLETA, n. 202, 1932, p. 3).

Esse enunciado, além de se unir a tantos outros que traçam um perfil de *Arinapi* e, portanto, de Dimpina e da revista *A Violeta*, traz uma voz que carrega um discurso reacionário, conservador, tendo em vista a imagem de mulher que a revista quer constituir. Para a redatora, as mulheres não tinham educação, cultura ou discernimento suficiente para escolher os representantes na política do país. Tanto é clara tal posição que o texto se encerra com o seguinte desejo da autora: “Que as minhas patricias se eduquem para serem verdadeiras cidadãs e patriotas nas urnas e no lar, são os meus votos”. (A VIOLETA, n. 202, 1932, p. 4).

Em síntese, Dimpina mobiliza um discurso cujo estilo é marcado pela ornamentação retórica, de tom exortativo, que veicula ideias conservadoras, preservando e cultuando a tradição patriarcal, calcada nos valores positivistas e religiosos da época. Vejamos, a seguir, as características do estilo de Maria Müller.

5.2 Traços literários no estilo de Maria Müller

Conforme já evidenciamos, em todos os enunciados de Maria Müller, a assinatura se dava pelo emprego do pseudônimo *Mary*⁶⁰. Apresenta um estilo ornamental que integra procedimentos poéticos, em que busca realizar jogos de palavras e criar imagens em torno de pequenos campos lexicais. Além disso, emprega frequentemente expressões metonímicas e metafóricas, como por exemplo, os apontados nos enunciados de n. 45, de 20 de fevereiro de 1919 e de n. 152, de 31 de dezembro de 1927. Também lança mão de recursos da escrita, como recorrência a pontos de exclamação, interrogação e reticências, intensificando o sentido e a entoação dada aos enunciados.

Retomamos, aqui, a nossa compreensão de que os diferentes usos da pontuação integram também o plano verbo-visual do texto, tendo em vista que tal utilização é uma das características dos textos de *Mary*. Uma primeira visualização dos seus enunciados, já é perceptível a presença desse recurso, que enfeita o texto com pequenos sinais, guiando o olhar do leitor e sugerindo um cuidadoso e detalhado trabalho sobre a escrita. Como a verbo-visualidade é acionada pela união indissociável entre o verbal e o visual, a incidência dos sinais de pontuação cria um efeito de sentido ao leitor que possibilita maior clareza da apreciação da autora sobre as temáticas exploradas, bem como aumenta a aura ornamental do texto.

A redatora realiza, ainda, um trabalho da ordem da sintaxe, próprio do exercício poético, com a utilização de paralelismo sintático e anáforas em torno de estruturas ou expressões repetidas, conforme vimos respectivamente nos exemplos do emprego da mesma estrutura sintática iniciada pela palavra *Bemdicto*, no enunciado de 1919, e da expressão *Para nós*, do enunciado de 1927. O uso de vocativos também é uma ocorrência constante em seus enunciados, conforme pudemos destacar no texto de 1919.

Outra característica marcante de sua escrita é o uso de chavões, principalmente para exaltar a Pátria, influência de práticas literárias laudatórias e ufanistas, próprias de sua época, representadas, por exemplo, por Bilac e Afonso Celso. Nesse ponto, assemelha-se ao estilo exortativo de Dimpina.

O emprego de expressões desgastadas aponta para uma herança do Romantismo, que se faz perdurar em seus textos de forma piegas. O pieguismo constitui, aliás, traço comum às duas redadoras, por exemplo, quando se referem a questões que envolvem a pobreza. Podemos

⁶⁰ Nesse contexto, Maria Müller nunca empregava seu próprio nome, o que contrastava com Dimpina. Entretanto, em diferentes textos literários, conforme apresentamos no quadro 8, ela lançava mão de diferentes pseudônimos: Chloé, Vampira, Consuelo, Sara, Lucrecia, Ofélia, Vespertina.

entrever, mais uma vez, uma influência direta de autores como Coelho Neto, cuja característica literária foi bastante criticada pelos modernistas, por conta, justamente, de sua linguagem cheia de formalismo, pomposidade e procedimentos retóricos, além do uso de muitos pseudônimos.

Selecionamos um texto com referência à Maria Müller, na edição de *A Violeta* n. 209, datada de 24 de setembro de 1933, p. 11, na seção *Noticiário*, intitulado *As impressões de uma talentosa escriptora cuyabana*, veiculado no Jornal do Commercio, de Campo Grande, em 14 de setembro de 1933. Nele, a redatora é denominada como *Madame Mary Ponce de Arruda Müller*, com destaque para o emprego do pseudônimo integrado ao nome, e recebe elogios sobre sua atuação literária. Tal enunciado comprova o reconhecimento intelectual dela e da revista *A Violeta* como veículo de publicação de cunho literário:

Mme. *Mary Ponce de Arruda Müller*,
Um dos mais belos espíritos da moderna intellectualidade cuyabana. Poetisa e escriptora impressionista, a talentosa beletrista mattogrossense acaba de publicar, na interessante revista literária “A Violeta” curiosas impressões de sua viagem aérea de Cuyabá a Campo Grande. (A VIOLETA, n. 206, 1933, p. 11).

Semelhantemente à Dimpina, *Mary* recebia forte influência do catolicismo, evocando muitas referências ao discurso religioso em seus enunciados. A respeito de seu posicionamento ideológico sobre o feminismo, podemos afirmar que ela defendia, conforme o comentário do texto de 1927 já analisado, o *bom feminismo*, ou o *feminismo moderado*. Apesar dessa qualificação, os dados revelaram se tratar, na verdade, de um feminismo com pouco avanço, por não acatar plenamente as posições de Júlia Lopes de Almeida.

Ao contrário de Dimpina, percebemos em *Mary* uma ausência de uma crítica social e política mais incisiva⁶¹ que possa expressar de forma clara seu posicionamento diante dos fatos. O seu discurso autoral é restrito ao tom laudatório, de exaltação, numa linguagem pomposa e repleta de floreios, como se estivesse fazendo poesia em prosa.

Reafirmamos, assim, que o projeto discursivo de *Mary* objetiva a preservação de um *status quo*, percebido na dimensão verbo-visual. Em seus enunciados predomina a voz reacionária, condutora da palavra autoritária que não nos possibilitou perceber pistas verbo-visuais indicadoras da presença de outras vozes.

⁶¹ Vale ressaltar que Maria Müller era casada com o Interventor do Estado de Mato Grosso, Júlio Müller, o que pode justificar tal atitude de não posicionamento em questões políticas.

5.3 A *Violeta*: diferentes aspectos de um projeto discursivo

De um modo geral, podemos afirmar que os enunciados de autoria de *Mary* são marcados pela veia literária, expressando de forma mais intensa os ornamentos em relação à Maria Dimpina, cujo estilo é pautado pela argumentação, pela racionalidade e pelo esforço de doutrinar seus leitores. Observamos, ainda, a influência das correntes ideológicas da época, como o Positivismo e o Iluminismo.

Encontramos as fontes de tais discursos que as redatoras reproduzem em Jean-Jacques Rousseau e Augusto Comte, cujos excertos aproveitamos para estabelecer relações dialógicas com vários trechos escritos por Dimpina e *Mary*.

A primeira sequência que destacamos é de Rousseau, da obra *Emílio ou da educação*, *Livro Primeiro*:

A atração da vida doméstica é o melhor contraveneno para os maus costumes. O aborrecimento das crianças, que se imagina importuno, torna-se agradável; torna o pai e mãe mais necessários, mais caros um ao outro; estreita entre eles a ligação conjugal. **Quando a família é viva e animada, os cuidados domésticos tornam-se a mais cara ocupação da mulher e o mais doce divertimento do marido.** Assim, desse único abuso corrigido, resultaria em breve uma reforma geral, **logo a natureza readquiriria seus direitos.** Em voltando as mulheres a ser mães, logo os pais voltariam a ser pais e maridos. (ROUSSEAU, 1995, p. 21, grifo nosso).

Muitos dizeres de Dimpina, principalmente, representam quase uma cópia desses ideários, dos quais grifamos as partes acima, que muito se assemelham aos chavões perpetuados em *A Violeta*. Trazemos, a seguir, mais uma passagem de Rousseau, da mesma obra, *Livro Quinto*:

O império da mulher é um império de doçura, de habilidade e de complacência; suas ordens são carinhos, suas ameaças são lágrimas. Ela deve reinar na casa como um ministro de Estado, fazendo com que comandem o que quer fazer. Neste sentido, os lares mais felizes são em geral aqueles em que a mulher tem mais autoridade: mas quando ela despreza a voz do chefe, quando quer usurpar os direitos dele e mandar sozinha, o que resulta da desordem é miséria, é escândalo, é desonra. (ROUSSEAU, 1995, p. 489-490).

Os mesmos valores presentes no conteúdo ideológico desse trecho de Rousseau evidenciamos no enunciado de *Mary*: “Para o lar não necessita saber ler, mas, para ser a rainha do lar, é mister saber mais que lêr”. (*A VIOLETA*, n. 45, 1919, p. 1). Seguindo a mesma perspectiva ideológica, vemos uma citação do Livro das Noivas (1926), de Júlia Lopes

de Almeida, na crônica de abertura da edição n. 177, de 30 de abril de 1930, assinada por *Arinapi*: “É da cosinha que muitas vezes depende a felicidade do homem”.

Outra comprovação de como o discurso da revista está impregnado dessa apreciação sobre o papel da mulher, veiculado aqui na voz iluminista de Rousseau, está no trecho da crônica de abertura da edição de 1950, já aqui apresentado, mas que retomamos para enfatizar a preservação do conteúdo ideológico conservador na produção discursiva de *A Violeta*:

Como não há de ficar confortado e feliz um chefe de família, quando, regressando ao lar, depois de um dia de afanoso labutar, encontra, preparado pelas próprias mãos da esposa cuidadosa, um prato ou um bolo de sua preferência? (A VIOLETA, n. 333, 1950, p. 5).

Na obra de Comte *Catecismo positivista*, encontramos alguns conteúdos ideológicos sobre a mulher, que têm ressonância no discurso das redatoras:

O melhoramento moral do homem constitui, pois, a principal missão da mulher nessa incomparável união instituída para o aperfeiçoamento recíproco dos dois sexos. Quanto às funções da mãe, já vós as definistes como consistindo sobretudo em dirigir o conjunto da educação humana, a fim de o coração aí prevaleça sempre sobre o espírito. Assim, em virtude da sucessão normal destes dois ofícios femininos, vosso sexo permanece sempre sob a providência afetiva do meu. (...) O duplo ofício fundamental da mulher, como mãe e como esposa, equivale, em relação à família, ao do poder espiritual no Estado. Exige, portanto, a mesma isenção da vida ativa, e uma análoga desistência de todo comando. Esta dupla abstenção é ainda mais indispensável à mulher do que ao padre, a fim de conservar a preeminência afetiva onde reside seu verdadeiro mérito, menos suscetível que a superioridade mental de resistir aos impulsos práticos. Toda mulher deve, pois, ser cuidadosamente preservada do trabalho exterior, a fim de poder preencher dignamente sua santa missão. Voluntariamente encerrada no santuário doméstico, a mulher aí promove livremente o aperfeiçoamento moral de seu esposo e de seus filhos, cujas justas homenagens ela aí dignamente recebe. (COMTE, 1978, p. 273-274).

Apesar de o pensamento de Dimpina ser contrário ao de Comte no que concerne ao trabalho da mulher fora de casa, para ela, o espaço doméstico é o lugar mais apropriado para a atuação feminina, como já evidenciamos nas análises dos enunciados. Acentuamos, ainda nesse trecho, a responsabilização da mulher pela formação moral da família e, conseqüentemente, da nação, posição ideológica plenamente assumida pela revista, haja vista os achados de análise em nosso *corpus* em relação à temática da educação da mulher.

Nesse contexto, é importante citar a figura de José de Mesquita, escritor e jornalista mato-grossense que contribuiu diversas vezes com as redatoras e com o Grêmio Literário

Júlia Lopes, em suas muitas atividades, principalmente na publicação de variados artigos. Recorremos, novamente, a Nadaf (2014, p. 176), que caracteriza a posição ideológica de Mesquita, reproduzida nas páginas de *A Violeta*:

Para Mesquita, coube à mulher a missão de salvar a humanidade dos seus males e orientar o mundo para a salvação. De posse desse princípio, construiu seus perfis femininos dotados de excessiva moralidade, humanismo e cristianismo, somados aos seus esperados desdobramentos, entre eles o amor ao próximo, a caridade, a simplicidade, a fé, a bondade e a crença e esperança na prática e no triunfo do bem. Criou uma série de mulheres paradoxalmente fortes, preparadas para cumprir a missão de regeneradoras do homem e dóceis, dotadas de mil virtudes, entre elas o recato, a bondade, a submissão, a simplicidade, o amor altruísta e o fervor religioso.

Mesquita, um dos representantes⁶² da masculinidade dentro do periódico, se associa à voz das redatoras, muitas vezes, de forma coercitiva. Trazemos o enunciado *Cultura Feminina*, presente na edição número 344, de 30 de setembro de 1948, de sua autoria, em relação dialógica com os enunciados do *corpus*. No texto, ao pretender salientar um aspecto de cultura feminina, que é a habilidade artística, ressalta os pequenos detalhes artísticos das intelectuais. Ao final do enunciado, José de Mesquita dá relevo ao papel da mulher naquela época, mas o restringe ao espaço da arte:

O século que vivemos é bem a Era da Mulher. Eva assume o volante... E se em outros setores, ela ainda pode considerar-se *gauche*, ou deslocada, nêste da Arte e do pensamento, ela está no seu *habitat*. E isso porque a Mulher foi feita para a Arte, como a Arte foi feita para a Mulher... (A VIOLETA, n. 344, 1948, p. 14).

Como sua influência dentro de *A Violeta* era marcante, podemos concluir que esta visão reduzida da atuação feminina encontrava eco nos enunciados assinados pelas redatoras. Assim, apesar de Mesquita admitir que se tratava da *Era da mulher*, muitos espaços ainda estavam para ser ocupados para além da esfera artístico-cultural. Na expressão *Eva assume o volante*, José de Mesquita se utiliza de uma figura bíblica para se referir à mulher, *Eva*, ao lado de uma referência muito moderna, para a época, mas que fazia parte do universo masculino, o *volante*. Cria, portanto, uma imagem, uma metáfora, que atribui à mulher o

⁶² Além de Mesquita, outras figuras proeminentes masculinas participaram ativamente da revista, e foram homenageadas, como Estevão de Mendonça (A VIOLETA, n. 43b, de 25 de dezembro de 1918, p. 10); Generoso Ponce (A VIOLETA, n. 206, de 31 de maio de 1933, p. 1-2); Floriano de Lemos (A VIOLETA, n. 35, de 30 de junho de 1918, p. 5); Yttrio Correa da Costa (A VIOLETA, n. 236-237, de 31 de dezembro de 1937).

controle da própria vida, o que não era, nem cotidianamente nem legalmente, verdadeiro, ou ao menos experimentado, salvo raríssimas exceções.

Vemos, nesse enunciado, portanto, uma voz masculina que apresenta um discurso cordial, gentil, ao tecer elogios às mulheres, mas que, na verdade, funciona como regulador dos espaços e dos papéis femininos. Dessa maneira, a voz se alinha às vozes mais conservadoras de Dimpina e *Mary*, configurando a palavra autoritária na revista, como pudemos observar nos enunciados já analisados. Essa observação vem ao encontro do movimento discursivo das redatoras de se apropriar da palavra masculina, ou utilizá-la como argumento de autoridade, configurando uma estratégia retórica já comentada na análise do enunciado de 1943.

Como revista que se auto-intitulava literária e que pertencia a um grêmio também literário, *A Violeta* vivia a efervescência de uma renovação cultural instalada na cidade de Cuiabá, a partir da fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso, em 8 de abril de 1919, e do Centro Mato-grossense de Letras, em 7 de setembro de 1921. Nadaf (2005, p. 176) nos apresenta o retrato cultural de época:

Com a presença hegemônica dessas três associações – Instituto Histórico de Mato Grosso, Centro Mato-grossense de Letras e Grêmio Literário Júlia Lopes – havia que se alterar, de modo natural, o contexto sociocultural de Mato Grosso, nas primeiras décadas do novecentos. O impacto desse dinamismo mede-se ora pelos insistentes informes publicados pela imprensa a respeito de suas ações literárias, musicais, científicas, filantrópicas e recreativas, ora pela circulação de suas revistas divulgadoras da produção de seus associados, e ora, ainda, pela presença extensiva dessa escrita nos demais periódicos regionais. No citado estudo “Epítome da história literária de Mato Grosso”, José de Mesquita chega a afirmar que o Centro Mato-grossense de Letras assinala a fase característica da Renascença literária em Mato Grosso, propondo a divisão da cronologia literária, nesse meio, em dois períodos definidos – antes do “Centro” e depois do “Centro”. (NADAF, 2005, p. 176).

Retomamos, aqui, a rede de sororidade citada no primeiro capítulo deste trabalho, compreendendo que o intercâmbio instaurado entre as redatoras de *A Violeta* com outros periódicos compõe, também uma outra voz, a da imprensa feminina que se estabelecia na esfera jornalística nacional. Assim, temos vários registros de enunciados que comprovam essa rede, como: na edição de *A Violeta*, n. 49, de 20 de maio de 1919, na seção *Noticiario*, consta o recebimento da *Revista Feminina*, n. 59, publicada mensalmente em São Paulo. Nesse texto, a redação qualifica o referido periódico que traz um repertório completo de lições sábias, conselhos úteis e importantes artigos sobre ciência, feminismo, arte, culinária, medicina

caseira, bordados, religião etc. Outro registro é datado de 20 de maio de 1920, e traz outro artigo da *Revista Feminina* assinado por Menotti Del Picchia, intitulado *Caso ou não caso!*

Identificamos, ainda, um artigo extraído da *Revista Feminina*, *A mulher no lar*, divulgado em *A Violeta*, na edição n.149, de 30 de julho de 1927, p. 8-9. Outro enunciado dessa mesma revista trazido pela redação na edição n. 60, em 15 de novembro de 1919 é a notícia intitulada *O feminismo no Brasil*, informando que a primeira colocada no concurso para o cargo de Secretário no Museu Nacional foi a Senhorita Bertha Lutz.

Dando continuidade a essa rede de trocas entre os periódicos, encontramos registro do recebimento, por parte da redação de *A Violeta* na edição n. 65, de 19 de março de 1920, dos números 145 e 146 do periódico *O Corymbo*. Também na edição n.71, de 16 de setembro de 1920, há uma informação de publicação no referido periódico de um texto de autoria de Maria Dimpina, intitulado *História de um leque*.

Outro exemplo de intercâmbio foi um registro de agradecimento da redação de *A Violeta* pelo recebimento do número 304 do jornal *A Cidade*, em Assu, Rio Grande do Norte e publica os agradecimentos recebidos pela redação desse jornal, tendo em vista um artigo de primeira página com o título *A Violeta*, divulgando a revista cuiabana, em 25 de dezembro de 1920.

Podemos entrever, através da instauração dessa rica permuta e da leitura do conjunto das edições, que *A Violeta* não se caracterizava apenas como uma revista literária, mas sim mesclava, em seu interior, um jornalismo informativo, de opinião e de entretenimento, através da publicação de textos literários. Podemos elencar dois traços que a distingue de outras revistas da época: em primeiro lugar, a sua gênese a partir do Grêmio Literário e da patronesse Júlia Lopes, que é cultuada desde a primeira edição; e, em segundo lugar, conforme já assinalamos, a prática da realização de recitais lítero-musicais denominada *Violeta Falada*, características singulares que não encontramos em outras revistas femininas da época.

Neste capítulo, procuramos estabelecer várias relações dialógicas entre diferentes enunciados da revista, não apenas os que foram selecionados como nosso *corpus*, mas, sobretudo, os que puderam contribuir para desvelar a teia dialógica que constitui o projeto discursivo de *A Violeta*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço analítico desta pesquisa procurou evidenciar as vozes presentes na revista *A Violeta* e seu entrecruzamento. Reconhecemos que nosso olhar sobre os dados constitui apenas uma pequena possibilidade dentre as muitas oferecidas por esse objeto jornalístico da imprensa feminina. Nesse sentido, Bakhtin e Volochínov (2010) contribuem para a nossa reflexão, ao assinalarem que toda enunciação é uma pequena parte da comunicação verbal ininterrupta, e essa é apenas um momento da evolução contínua de determinado grupo social, portanto devemos estudar as relações entre a situação concreta e a extralinguística, sempre dedicando atenção ao contexto social mais vasto.

Dessa maneira, em nossa análise, consideramos os meandros do contexto extralinguístico, nem sempre explicitados nos textos, conforme já assinalamos no encerramento do quarto capítulo. No que se refere à revista *A Violeta*, havia uma *situação social mais imediata* no espaço da redação e do Grêmio Literário, em que as redatoras, em sua grande maioria, professoras normalistas, de classe média, exerciam a prática jornalística e literária.

Tal situação refletia os acontecimentos do *horizonte social mais amplo*, constituído por influências diversas, como ecos do Positivismo, do Iluminismo, da Igreja Católica, do Romantismo, do Pré-Modernismo, além dos fatos político-sociais que envolviam a primeira metade do século XX, como as duas grandes guerras mundiais, as instabilidades econômicas, políticas nacionais e internacionais. Aliava-se a isso, o avanço do Capitalismo, a urbanização e modernização das cidades, a ocupação e desenvolvimento do interior do Brasil, conseqüentemente, as conquistas trabalhistas e a renovação do espaço social dedicado à mulher.

Nesse contexto, por ser uma pesquisa pautada pela Análise Dialógica do Discurso, é importante descrever em quais coordenadas temporais e espaciais os discursos e as vozes tiveram a sua realização. Ou seja, tentamos compreender como os enunciados veiculados pela revista refletiram e refrataram a sua época, por meio da materialidade linguística, enunciativa e discursiva.

Salientamos, na observação das formas de constituição material, o plano de expressão verbo-visual, integrante indissociável dos enunciados da revista. Assim, ao longo de nossas análises, atentamos para os aspectos da diagramação, da tipografia, do emprego de sinais de pontuação e convenções da escrita, além das imagens quando presentes. Incluímos as contribuições da Nova Retórica, por força de aspectos evidenciados no *corpus*, principalmente

ao tratarmos do estilo das redatoras. Tais elementos nos auxiliaram a desvelar as relações entre o interior dos textos e a vida, conforme nos traz Medviédev (2012), sobre a dupla orientação do gênero; e as relações dialógicas entre os enunciados, a partir da consideração dos dois polos do texto, conforme teoriza Bakhtin (2011). Essa atitude analítica que leva em conta os aspectos da materialidade linguística e da verbo-visualidade apoia-se nas considerações de Medviédev (2012), ao treinarmos o nosso olhar para os produtos ideológicos como parte de uma realidade social e material ao redor do ser humano.

Ao tomarmos a revista *A Violeta* como produto ideológico de uma época, em nossa posição de pesquisadora, foi necessário exercitar a prática do movimento exotópico, ou seja, considerar que o projeto discursivo ancorado naquele período foi recepcionado de maneira diferente após cem anos decorridos, produzindo sentidos, por vezes, contrários. Por exemplo, em alguns momentos, certos discursos que, por nós, do século XXI, possam ser considerados conservadores, talvez, para a época, fossem bastante avançados, como é o caso da relação entre o texto *A educação da mulher* e o poema *Andorinhas*, presentes na primeira edição da revista de 1916.

A análise efetuada sobre os enunciados selecionados, bem como as relações dialógicas evidenciadas no cotejo com outros enunciados da revista, permitiu-nos formular respostas para as nossas indagações de pesquisa. Para responder a primeira questão: *Como o discurso autoral pode apontar para a presença de diferentes vozes nos enunciados de A Violeta e como elas se constituem ao longo dos textos?*, abordamos os discursos autorais das principais redatoras, bem como os estilos trazidos em seus enunciados.

Evidenciamos, nesse percurso, as vozes presentes nos enunciados e entrevemos, principalmente, pelas pistas verbais, aquelas que encarnam os discursos da Igreja, do Positivismo, do Iluminismo, do nacionalismo ufanista e do patriarcalismo. As pistas da presença dessas vozes foram reveladas nos discursos através do emprego de lugares-comuns, chavões, expressões desgastadas, conforme pudemos observar nas análises, tanto dos enunciados de Dimpina quanto de *Mary*. No estilo dos enunciados de Maria Müller evidenciamos mais explicitamente a voz do Romantismo, corrente literária que influenciou comportamentos muitas vezes rechaçados por Dimpina.

Podemos afirmar, com base nos enunciados analisados, que essas vozes reproduzem o mesmo discurso sobre a mulher, orientando para um modelo de educação, pautado nos fazeres domésticos, nos deveres de esposa e mãe. Como assinalamos em vários exemplos, apesar do trabalho fora de casa ter sido *permitido*, este deveria se restringir ao espaço do funcionalismo

público ou ao magistério, e a circulação social feminina para além do seio familiar deveria se dar apenas nas esferas artístico-culturais.

Destacamos, da mesma forma, a presença de vozes da esfera literária e seus valores, também influenciando os enunciados da revista, pela publicação de diferentes textos como poemas, trechos de contos e novelas de escritores regionais e nacionais. Contudo, tal presença restringiu-se a certas correntes literárias da época e suas instituições, representadas, por exemplo, pelo Romantismo e por escritores como Coelho Neto e Olavo Bilac, os quais não ficaram imunes aos valores mais cultuados, como a beleza, a moralidade, as “boas letras”, as virtudes, entre outros, que encontram suas raízes também em terreno positivista e iluminista, mesclado aos preceitos do catolicismo. Dessa maneira, apesar de as redatoras serem contemporâneas dos movimentos de vanguarda e do Modernismo brasileiro de 1ª e 2ª fases, não transparece a influência dessas correntes em seus enunciados ou nas publicações de *A Violeta*.

Apegadas a um Romantismo tardio, como já assinalamos em nossas análises, as redatoras buscavam imprimir à revista traços da feminilidade, da fragilidade e muitas vezes de uma nostalgia e tristeza. Isso pode ser verificado, por exemplo, nas muitas referências em suas edições aos nomes de flores, a formas de cultivo e ao próprio signo violeta, conforme abordamos no primeiro capítulo. Há vários enunciados, dos quais selecionamos um bem significativo, que traz a lenda da flor violeta, na edição n. 19, de 5 de outubro de 1917. Nesse enunciado, a simbologia da referida flor é trazida como emblema da modéstia e da castidade, recato de planta humilde, mas com perfume excelente. Essa imagem da flor foi a mesma esperada para a mulher daquela época, e a que foi cultuada pela revista ao longo de toda a sua publicação.

Ressaltamos, ainda, as alterações na diagramação e nos traços tipográficos da revista, ao longo das edições, apresentando um aspecto mais formalizado, seguindo os padrões dos jornais da época. Pudemos observar mudanças significativas no cabeçalho, com inclusão de novas informações, modificações no tipo e tamanho das fontes, além da restrição no emprego de traços de feminilidade, como bordas, molduras, enfeites, desenhos e letras capitulares. A divisão do texto em colunas também não constituiu uma regra fixa, assim como as seções que se apresentavam a cada edição.

Conforme já assinalamos, estas mudanças podem produzir um efeito de sentido de modernização da impressão gráfica, ao longo dos anos, por conta do desenvolvimento tecnológico no setor. Contudo, a inconstância nesses aspectos pode indiciar dificuldades de custeio da revista, verificadas nas trocas constantes de gráficas responsáveis pelas edições e

pelos sucessivos apelos, aos leitores, para aumento das contribuições financeiras ao Grêmio Júlia Lopes, extensivo à revista. Podemos afirmar, ainda, que o efeito de sentido gerado por essas mudanças é o de uma masculinização dos aspectos gráfico-editoriais. Assim como assinalamos a respeito da *high art* e *low art*, inferimos que a diagramação mais feminilizada trazida pela revista *A Violeta* nas primeiras décadas poderia ser considerada menos profissional.

Evidenciamos, também, que não foi só o plano verbal o responsável pela presença de diferentes vozes na revista, mas também o plano de expressão verbo-visual. Quando o periódico parece corroborar com a posição da sociedade em relação a determinado fato ou episódio, por exemplo, a educação da mulher, a necessidade de auxílio aos mais necessitados, a condução do governo Vargas, entre outros, apresenta elementos linguístico-discursivos explícitos e favoráveis que reverberam tal direcionamento. Contudo, os enunciados trazem indícios de um trabalho no plano de expressão verbo-visual que aponta para uma posição contrária, revelando outra voz que se faz presente.

A partir desse momento, podemos responder a nossa segunda questão de pesquisa: *Como os aspectos linguístico-discursivos, constitutivos da dimensão verbo-visual, apontam para a presença de entrecruzamento de vozes?*

Sobre esse aspecto, destacamos o trabalho realizado na diagramação dos textos de 1916, *A educação da mulher/Andorinhas*, através da inserção de um poema dentro do artigo, sugerindo um texto emoldurado por outro. Em uma das possíveis leituras que realizamos, o texto que emoldura traz um discurso conservador sobre a mulher, conforme a nossa ótica atual de pesquisadora, e o poema aponta para a emancipação e libertação feminina.

Já no enunciado de 1937, evidenciamos a composição textual em forma de taça, e um trabalho que alia conteúdo do texto à parte específica da taça, ou seja, quando a taça se estreita o conteúdo inserido refere-se à ditadura branca, sugerindo uma fase política de estreitamento. Podemos aliar, no mesmo texto, os aspectos tipográficos aos recursos da escrita e ao conjunto lexical, apontando para um entrecruzamento de vozes com duas orientações: uma voz que acata o discurso vigente, perpetuando as temáticas do nacionalismo e patriotismo e outra voz velada, apenas perceptível nos pequenos detalhes da dimensão verbo-visual, que é contrária à situação política da época.

Outra estratégia de inserção de vozes, através da verbo-visualidade, pudemos observar no enunciado de 1950. Nele, são apresentadas ilustrações que caracterizam como europeias as leitoras cuiabanas, produzindo um efeito de sentido de ironia.

Nos enunciados analisados no *corpus* há outros aspectos que contribuem para a constituição de diversas vozes que encarnam diferentes discursos e posicionamentos ideológicos, como as diferentes estratégias retóricas utilizadas, como o emprego do discurso citado, a criação de campos semânticos que apontam para diferentes esferas, a utilização frequente de recursos da escrita, como aspas, reticências, travessão e sinais de pontuação, além de certos procedimentos sintático-enunciativos, como o paralelismo e a repetição, que pudemos observar, principalmente, nos enunciados atribuídos a Maria Müller.

Outra forma de apresentação da verbo-visualidade encontrada nas análises, como por exemplo nos enunciados de 1943 e de 1948, integrantes do *corpus*, consiste na mobilização do plano verbal, através da criação de imagens pictóricas que são sugeridas ao leitor, por meio de descrições detalhadas, compondo diferentes cenários. Esse procedimento aproxima-se da figura retórica da *hipotipose*, conforme explicitamos em nossa análise.

Após essas considerações, retomando a hipótese levantada em nossa pesquisa, de que havia um conflito no discurso autoral, podemos constatá-la pela presença do entrecruzamento de vozes, o que confirma a nossa tese. Entretanto, por conta da proeminência das vozes conservadoras no periódico, não podemos afirmar o fato de que tal conflito apontava para uma oposição ao pensamento vigente, mas apenas para a defesa da educação e do trabalho da mulher, questões que não colocavam em risco os valores tradicionais mais cultuados, como a família, o casamento, a maternidade.

A par dessas observações, é importante ressaltar que, de início, a pesquisa parecia apontar para uma revista que se apresentava nos moldes das publicações femininas da época, como a *Revista Feminina*, o *Jornal das Moças*, *Frou Frou e Fon Fon*, que tratavam de cuidados com a beleza, a casa, a moda, a culinária, a puericultura, e que deram origem às conhecidas revistas femininas que circulam atualmente. Contudo, nosso estudo revelou tratar-se, conforme já salientamos, não apenas de uma revista literária, mas sim de uma publicação na qual circulavam vários enunciados que abordavam questões políticas, sociais e culturais, com uma parcela bastante reduzida de enunciados sobre os aspectos cotidianos do mundo feminino. Isso pode parecer, à primeira vista, um aspecto transgressor, que apontaria para uma posição jornalística mais moderna. Contudo, apesar da presença de tais temáticas, a posição conservadora sempre prevalecia, como no caso, por exemplo, do enunciado da edição n. 206, de 31 de maio de 1933, sobre a divisão do Estado de Mato Grosso.

Retomamos aqui, a finalidade número dois do Grêmio Literário Júlia Lopes, destacadas no primeiro capítulo, observando, após a conclusão do percurso analítico, que ela não foi totalmente respeitada pelas redatoras de *A Violeta*. A segunda finalidade dizia:

“Manter uma revista de publicação bimensal, onde colaborem as suas associadas ou qualquer outra escritora desde que não trate de questões políticas, religiosas ou animosidades particulares.” Sobre a periodicidade, a revista foi, em sua maioria, mensal, fato positivo que demonstra a superação das expectativas de publicação.

Entretanto, contrariando parte da segunda finalidade, a revista tratou sim de questões políticas e religiosas, conforme comentamos a respeito dos enunciados do *corpus*, como também foi cenário de insatisfações particulares. Prova disso podemos verificar no texto da edição de 15 de outubro de 1919, na seção *Correspondência de Dona Martha*, na qual Dimpina chama a atenção dos tipógrafos da revista por alterarem o sentido das palavras que ela escreve, devido a erros tipográficos.

A respeito da quinta finalidade, que preceituava: “Criar, quando a directoria julgar conveniente, tudo o que fôr necessário para o desenvolvimento intelectual da mulher matto-grossense”, podemos identificar a presença de uma voz coercitiva, que revela uma posição reguladora do Grêmio, a respeito de assuntos que julgasse convenientes para serem tratados. Tal finalidade pode ser interpretada como uma norma de censura a ser praticada na revista. Um exemplo a ser lembrado é o enunciado *El Resurgimiento Femenino*, da seção *Intercâmbio Cultural*, da edição n. 347, de 29 de junho de 1949, assinado por Eunice Utinguassú Tavares e já comentado no quarto capítulo desta tese. O conteúdo abordado nesse enunciado gira em torno da afirmação de que a mulher deve ser renovadora, tendo em vista que a época em que se vive é de grandes realizações: “Estamos em lá época de las grandes realizaciones. La mujer debe ser la renovadora, que, al par del artista, talla su obra hacia el perfeccionamiento.” (A VIOLETA, n. 347, 1949, p. 5).

O tom apreciativo do texto de Eunice é de uma total abertura para as realizações femininas, apesar de não especificar quais as atividades que seriam pertinentes à mulher. Assim como traduz a frase de efeito que encerra o artigo: “Y no hay espacio estrecho para unas alas tendidas!” (A VIOLETA, n. 347, 1949, p. 6). Todavia, ao pé da página, encontramos a *Nota da Redação*, não assinada, mas, tendo em vista o seu conteúdo e o estilo de escrita, é provavelmente redigida por Maria Dimpina (que também é a diretora dessa edição).

Contrariamente à abertura de Eunice Tavares, Dimpina reacentua as afirmações contidas no artigo com seu posicionamento ideológico, que restringe o campo de ação feminino, lembrando à escritora e aos leitores, através de uma entoação assertiva e exclamativa, o lugar e o modo de atuação *renovadora* da mulher.

Questionamos a necessidade dessa nota da redação, cujo título está em negrito, ao final do texto de Tavares. Soa como uma nota de ressalva, ou seja, mesmo que a nós não seja possível saber qual o nível de participação de Eunice Tavares no movimento feminista, a presença de tal nota cria um efeito de sentido de delimitação do espaço feminino de atuação permitido por Dimpina e pela revista, dando uma “direção” cerceadora às atitudes renovadoras. Funciona como um grito de uma voz sobre outra, da voz reacionária sobre a voz progressista, que busca controlar ou estabelecer limites para os avanços femininos.

Não obstante as publicações da revista sobre o movimento feminista no Brasil e no mundo, através da divulgação de congressos, encontros, debates, informações detalhadamente expostas por Nadaf (1993), a redação ainda se manteve firme no seu posicionamento contrário, conservador, ou, como sugere a voz de Maria Müller, num feminismo *moderado*. Tal moderação era compreensível, pois as redatoras não desejavam que a revista tivesse o mesmo fim que teve *O Jasmim*, conforme apresentamos na introdução desta tese.

Sobre alguns temas, há uma divergência de posição das colaboradoras em relação à patronesse. Em Júlia, por conta de sua militância feminista, observamos nos textos um avanço em relação à aceitação do divórcio, às questões relativas ao casamento e à denúncia do machismo, aspectos sobre os quais as redatoras tinham uma posição bastante conservadora, sobretudo Maria Dimpina. Por ter sido a maior contribuidora da revista, ter assumido por muitos anos sua direção e redação quase que única, Dimpina imprime à *Violeta* toda a sua influência, seus valores, sua formação moral. Creditamos a ela os textos mais conservadores sobre as questões do casamento, do divórcio, do voto feminino. Por outro lado, transparece uma posição bastante progressista ao defender o desenvolvimento das cidades, do Estado de Mato Grosso, da capital, dos meios de transporte fluvial, rodoviário e ferroviário. Também ao reivindicar maior atuação do poder público em relação aos problemas da cidade, como esgoto, falta de saneamento básico, asfaltamento, saúde etc.

O conjunto analítico efetuado permitiu-nos afirmar que a revista assume uma voz que, ao mesmo tempo em que é defensora da mulher e de sua educação, sobrepõe uma outra voz contrária, que traz as coerções e tensões da sociedade e das instituições da época, como a Igreja, que limitavam a ação da mulher, apontando para um entrecruzamento de vozes: uma voz possivelmente emancipatória e uma voz reacionária e conservadora que se sobrepõe, evidenciando a força da voz da tradição e da palavra autoritária sobre inúmeras questões.

Dessa maneira, podemos concluir que a revista *A Violeta*, através dos enunciados de suas redatoras, relevou-nos uma dupla face tendo em vista o contexto sócio-histórico da época, tanto do conservadorismo em relação ao papel social da mulher, quanto do

vanguardismo em relação às questões relativas ao progresso das cidades. O tom emocional-volitivo em seu projeto discursivo é sintomático, pois espelha a tensão constitutiva do tecido social em desenvolvimento, característica marcante da primeira metade do século XX.

Tomando a revista como lócus da palavra endereçada à mulher e à sociedade cuiabana, trazemos Bakhtin/Volochínov (2010), ao nos esclarecer que a palavra é o *indicador mais sensível* das mudanças sociais.

Podemos concluir, portanto, que a revista mobiliza discursos e vozes através da utilização da palavra mais cotidiana até a mais complexa forma de apreciação ético-política das questões circundantes no meio social do período de sua circulação. O entrecruzamento de vozes, apontado anteriormente, foi considerado a partir da observação atenta no que concerne às relações estabelecidas pelas palavras no espaço linguístico-discursivo e na dimensão verbo-visual.

Trabalhar com a revista *A Violeta*, a partir de uma base teórica bakhtiniana, associada às considerações sobre a verbo-visualidade, abre um leque de possibilidades de pesquisas futuras para prosseguir na compreensão das vozes presentes nos diversos enunciados, que encarnam variados discursos e se apresentam sob diferentes formas, seja na esfera jornalística ou em outras esferas da atividade humana.

O caminho metodológico trilhado, considerando o contexto extraverbal, permitiu-nos compreender a materialidade verbo-visual que envolveu o jornalismo impresso feminino da primeira metade do século XX. De forma conjunta, o arcabouço teórico mobilizado guiou o nosso olhar em direção ao cumprimento dos objetivos de nossa pesquisa, os quais, acreditamos, terem sido alcançados.

O contato com textos de uma época remota, com ortografia e sintaxe diferenciadas, e que, ao mesmo tempo, ainda trazem questões com as quais nos debatemos na atualidade, tornou a experiência de investigação singular. O término da pesquisa culmina com a comemoração do centenário de criação de *A Violeta* e é imensamente gratificante podermos participar desse evento com uma contribuição doutoral que recupera a importância da revista para a história da imprensa feminina de Mato Grosso e do Brasil.

REFERÊNCIAS

A Violeta, órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes. Cuiabá, MT, n. 1 a n. 333, dezembro de 1916 a março de 1950.

ABREU, Marcella dos Santos. **Moda, teatro e nacionalismo nas crônicas da Revista Popular (1859-1862)**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2008.

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. Gêneros intercalados e dialogismo: análise de fotografias reenunciadas em notícias impressas. **Letra Magna: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua portuguesa, Linguística e Literatura**, Ano 7, n. 14, Edição Especial, 2011.

ALMEIDA, Ângela Maria de; BERNARDES, Elizabeth Lannes; SANTOS, Maria de Fátima Souza. A construção da identidade feminina, em Cuiabá, na Primeira República. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, EdUFMT, v. 7, n. 11, Jan./Jun. 1998.

ALMEIDA, Inês Parolin de. **A Nação em A Violeta: um roteiro de leitura**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2003.

_____. **A Nação em A Violeta: um roteiro de leitura**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., João Pessoa, 2003. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.anais.anpuh.org>>. Acesso em: 20 set. 2016.

ALMEIDA, Jane Soares de. Imagens de mulher: a imprensa educacional e feminina nas primeiras décadas do século. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 79, n.191, p. 31-41, Jan./Abr. 1998.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **A falência**. São Paulo: Hucitec/SCCT-CED, 2. ed., 1978.

_____. **Correio da roça**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

_____. **Eles e Elas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

_____. **Livro das donas e donzelas**. Desenhos de Jeanne Mahieu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

_____. **Memórias de Marta**. Paris: Livraria Francesa e Estrangeira, Truchy-Leroy, s/d.

ALVES, Paula Rúbia Oliveira do Vale. Júlia Lopes de Almeida: o lugar da mulher na literatura brasileira na virada entre os séculos XIX e XX. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 17, n. 5, p. 105-114, 2013.

AMORIM, Marília. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 1, n. 1, p. 8-22, Jan./Jul. 2009.

_____. Cronotopo e exotopia. In: Brait, B. (org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **O pesquisador e seu outro**. São Paulo: Musa, 2004.

_____. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 7-19, jul./2002.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. Trad. do russo Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2010, p. 71-210.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

_____. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 367-392.

_____. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 393-410.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. Trad. do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 3-192.

_____. Os estudos literários hoje. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 359-366.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Trad. do russo Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBOSA, Claudio Sampaio. **Intertextualidade e dialogismo na Revista Cidade Nova**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2005.

BARROS, Leila Figueiredo de. **A autoria nas produções de crônicas da olimpíada da língua portuguesa: um olhar enunciativo-discursivo**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, 2012.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Mulheres cuiabanas na primeira república**. Dissertação (Mestrado em Educação Pública) – Cuiabá, UFMT, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. Comissão da Sociedade Bíblica Intercontinental do Brasil/Talagarça. Rio de Janeiro: SBIP, 2010.

BONAVIDES, Paulo; ANDRADE, Paes de. **História Constitucional do Brasil**. Universidade Portucalense, Universitária Editora e OAB Editora, Conselho Federal, 10. ed., 2008.

BONILHA, Caroline Leal. **Corymbo**: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul. Pelotas, 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, 2010.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. **Esperando o Trem** - Sonhos e Esperanças de Cuiabá. São Paulo: Scortecci, 2005. 440p.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BRAIT, Beth. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. MAGALHÃES, S. Anderson (org.). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014.

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 8. n. 2, p. 43-66, Jul./Dez. 2013.

_____. Tradição, permanência e subversão de conceitos nos estudos da linguagem. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 34, p. 91-121, 2013a.

_____. Os textos chamam, a memória responde. **Todas as Letras**, São Paulo, v.14, n. 2, p. 125-137, 2012.

_____. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, Beth & SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília (org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012a.

_____; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 2, n. 56, p. 371-401, 2012b.

_____. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012c.

_____. (org.) **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2012d.

_____. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 183-196, Jan./Jul. 2011.

_____. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, p. 45-72, 2009.

_____. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, Jan./Jul. 2009a.

_____. Dulce sabor a Brasil antigo: perspectiva dialógica. **Páginas de Guarda. Revista de Lenguaje**, Edición y Cultura Escrita. Buenos Aires: Editoras del Calderon. 2009b.

_____. (org.) **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009c.

_____. Análise e teoria do discurso. In: _____. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2008a.

_____. Práticas discursivas e a esfera publicitária. In: MICHELETTI, G. (org.). **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, p. 15-27, 2008b.

_____. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008c.

_____. Placa-poema: interdição sinalizada. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo: Segmento, v. 21, p.34-35, 2007.

_____. O autor assina o tecido do seu trabalho. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo: Segmento, v. 24, p.34-35, 2007 a.

_____. Enunciação e intersubjetividade. **Letras**, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 33, p. 37-50, 2006.

_____. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2005.

_____. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, Mangueiras, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 185-201, 2004.

_____. O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação. **Letras. Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)** [Propostas de Estudos Avançados em Linguística e Literatura], v. 15, p. 11-28, Jul. /Dez. 1997.

BRANDÃO, Ana Rute Pinto. A postura do positivismo com relação às ciências humanas. **Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre, MG, v. 3, n. 6, 2011.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 6, n.1, p. 268-280, Jul./Dez. 2011.

BUITONI, Ducília Helena Schroeder. **Mulher de papel**. São Paulo: Loyola, 1990.

CAMPOS, Maria Inês Batista. **A construção da identidade nacional nas crônicas da Revista do Brasil**. São Paulo: Olho d'Água/FAPESP, 2011.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; FERREIRA, Isabel M. **Creches e Pré-Escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.

CARMELINO, A. C.; PERNAMBUCO, J. Dois gêneros do discurso, na visão de Bakhtin: editorial e romance. **Coleção Mestrado em Linguística**, v. 3, Franca, São Paulo: Unifran, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Lilian Escorel de. **A revista francesa L'Esprit Nouveau na formação das ideias estéticas e da poética de Mário de Andrade**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo (USP), 2009.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro. Debruçando-se na janela do tempo: cantos e encantos da história feminina brasileira (1870-1940). **Revista del CESLA**, n. 2, 2001.

CENTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA. **Assis Brasil: um diplomata da República**. CHDD/FUNAG, Rio de Janeiro, v.1, 2006.

CHARAUDEAU, PATRICK; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. F. Komesu et al. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica. (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 12. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COLBACHINI, Marina Lee. **Sentidos resolvidos na Revista Piauí: (a intersecção da linguagem literária e jornalística)**. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2011.

COMTE, Auguste. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1852].

COSTA, Cláudia de Lima. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 127-140, 1998.

COSTA, Luiz Rosalvo. **Dialogismo e responsividade no discurso da SBPC**: análise de editoriais da revista *Ciência Hoje* na década de 1980. Dissertação (Mestrado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo (USP), 2009.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação**: usos e significações. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **VEREDAS**: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, 2, p. 95-111, Jan./Dez. 2003.

DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Unicamp. **Cadernos Pagu**, v. 12, p. 275-299, 1999.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FANINI, Michele Asmar. A dramaturgia inédita de Júlia Lopes de Almeida. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION, 11., University of Illinois, Campus Urbana-Champaign, set. 2012.

_____. As encenações do gênero: considerações sobre a peça inédita *A última entrevista*, de Júlia Lopes de Almeida. **Revista Miscelânea**, Assis, v. 10, p. 147-170, 2. sem. 2011.

_____. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de Letras. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n. 27, p. 317-338, 2009.

FARIA E SILVA, Adriana Pucci Penteado de. **Retratos dialógicos da clínica**: um olhar discursivo sobre relatórios de atendimento psicopedagógico. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – São Paulo, PUC-SP, 2010.

FARIA, M. A.; ZANCHETA, J. Jr. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FARIAS, Otávia Marques de; BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Estilo em perspectiva discursiva: uma análise da Revista *Aerolândia*. **Alfa**: Revista de Linguística, São José do Rio Preto, v. 57, n. 1, p. 53-79, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coord. Marina B. Ferreira, Margarida dos Anjos. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Marcelo. Transição do Brasil Império à República Velha. Araucária. **Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades**, ano 13, n. 26, p. 119-145, 2. sem. 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Eduardo Nunes. O *design* no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 291-310, dez. 2009.

FREIRE, Otávio B. De Lamônica. **Revista A Violeta**: um estudo de mídia impressa e gênero. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, 2007.

FREITAS, Irene de Lima. Cotas raciais em cartas de leitores da Revista Caros Amigos: uma perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 40-58, Jan./Jun. 2013.

_____. **A construção discursiva do sistema de cotas na Revista “Caros Amigos”**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2011.

GABRIEL, Sheila Cristina Ferreira; ROCHA, Simone Albuquerque da; CARDOSO, Cancionila Janzkovski. A história da biblioteca em pesquisas: algumas considerações. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10., **Anais...** Curitiba : EDUCERE, 2011.

GARCIA, Dantielli Assumpção. **A Revista do IHGB e o saber linguístico**: um gesto de documentação. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 2011.

GAUTÉRIO, Rosa Cristina Hood. **ESCRÍNIO**: A imprensa feminina sul-rio-grandense como produto cultural na construção da história das mulheres. *Mimeo*, s/d.

GERALDI, João Wanderlei. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, Luciana de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo: Ática, 2007.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado**: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

GOMES, Nailza da Costa Barbosa; SÁ, Nicanor Palhares; DUTRA, Paulo Sérgio. Professores negros e não negros segundo recenseamento de 1890 em Cuiabá-MT. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO/ SBHE, 5, Aracaju, **Anais...** Sergipe, 2008.

GOMES, Nailza da Costa Barbosa. **Uma professora negra em Cuiabá na Primeira República**: limites e possibilidades. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Educação/UFMT, Cuiabá, 2009.

GRILLO, Sheila. Dimensão verbo-visual de enunciados de Scientific American Brasil. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 2. p. 8-22, Jul./Dez. 2009.

_____. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, p. 233-244, 2012.

_____. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Pesquisa FAPESP em revista: esferas e gênero da divulgação científica. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 54., Assis – São Paulo, **Anais...** Caderno de Resumos, UNESP, Araraquara, p. 121-122, 2006.

_____. O dialogismo constitutivo da divulgação científica. In: INTERNATIONAL BAKHTIN CONFERENCE, 11., Curitiba, **Anais...** UFPR, p. 358-265, 2004.

GUIMARÃES, Alex dos Santos. Júlia Lopes de Almeida e o cânone literário: memória e exclusão. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA/ANPUH/BA-, 6., Bahia, **Anais...** 2013.

GUTIERREZ, Silas. **Revistas femininas para adolescentes**: uma relação amigável de poder e dominação. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2005.

HANNER, June E. **A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas**: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HOCHULI, Jost. **O detalhe na tipografia**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INÁCIO, Elissandro Martins. **O controle espetacular nas capas da Revista Veja**: uma análise discursiva. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2008.

LOIS, Marcia Acebedo. **A constituição do Ethos retórico da mulher contemporânea na Revista Nova**: nova mesmo? Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP), 2011.

MACHADO, Flávia Silvia. **Hipertextualidade**: uma abordagem bakhtiniana sobre relações dialógicas entre enunciados em rede. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – São Paulo, USP, 2012.

MACHADO, Ida Lúcia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 108-128, Jan./Jul. 2014.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Nascimento e morte da Lei de Imprensa no Brasil: representações discursivas de autoria em jornalismo. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 1, n. 55, p. 177-204, 2011.

_____. **Subjetivação, jornalismo e ética**: uma abordagem dialógica. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2010.

_____. A questão verbo-visual em reportagens de um jornal carioca: uma perspectiva dialógica dos processos de subjetivação. **Intercâmbio**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, v. XX, p. 44-63, 2009.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; NININ, Maria Otília Guimarães; LESSA, Ângela B. C.T. A dinâmica discursiva na formação de professores: discurso autoritário ou internamente persuasivo? **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 129-147, Jan./Jul. 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Análise de textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARQUES, Ana Maria. O Feminismo nas narrativas de mulheres da Revista *A Violeta* – Cuiabá: 1916-1950. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 4 n. 1, p. 3-17, 1. sem. 2011.

_____. Ora femininas, ora feministas: narrativas de mulheres na Revista "A Violeta" – Cuiabá, 1916-1946. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., Florianópolis, **Anais...** Florianópolis, 2010.

MATO GROSSO. Governo do Estado. **Decreto** n. 759, de 22 de abril de 1927. Dispõe sobre o regulamento da instrução pública primária do Estado. fls. 163-227. Cuiabá, 1927.

MATO GROSSO DO SUL. Tribunal de Justiça. **Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso do Sul: 30 anos**. Organizado pela Secretaria do Gabinete da Presidência – Campo Grande: TJMS, 2009.

MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia. Representações da Belle-Époque. A ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2., IFCH-Unicamp, Campinas, SP, 2006.

MEDVIÉDEV, P. N. (Círculo de Bakhtin). **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina V. Américo, a partir do russo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MENDONÇA, Rubens de. **Roteiro histórico e sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. 3. ed., Cuiabá: Igreja, 1975.

MENNA, Lúcia Regina Maximo Cavalari. **A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português O senhor e da revista brasileira O Tico-Tico**. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo (USP), 2012.

MEIRELES, Cecília. Dona Júlia. **Escolha o seu sonho**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MIRANDA DE SÁ, Dominichi. Uma interpretação do Brasil com doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). **Revista História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 183-203, jul. 2009.

MOISÉS, M. Epígrafe. In: _____. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 158.

MOLINA, M. A. G. **Modificações na Grammatica Expositiva de Eduardo Carlos Pereira**. Confluência (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. único, p. 223-249, 2005.

MORGADO, Eliane Maria Oliveira (org.). **Catálogo de jornais, revistas e boletins de Mato Grosso 1947-1985**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

MOZDZENSKI, Leonardo. Intertextualidade verbo-visual: como os textos multissemióticos dialogam? **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 2, n. 8, p. 177-201, Jul./Dez. 2013.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 11, p. 225-233, Jan./Jun. , 2003.

_____. Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX. In: FLORES, Hilda Agnes übner (org.). **RS: cultura, história e literatura**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. **Páginas do passado: ensaios de literatura**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2014.

_____. **Estudos Literários em livros, jornais e revistas**. Cuiabá: Entrelinhas, 2009.

_____. Maria Dimpina. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Mulheres, 2009, v. 3, p. 795-817.

_____. Os caminhos da pesquisa sobre a mulher e escrita em Mato Grosso. In: CAVALCANTI, Hildinei; LIMA, Ana Cecília Acioli; SCHNEIDER, Liane (org.). **Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades** Maceió: EdUFAL, 2006.

_____. **Rodapé das miscelâneas**. Rio de Janeiro: Lidador, 2005.

_____. **Presença de mulher: ensaios**. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

_____. Imagem da educação feminina na imprensa de Mato Grosso (1850-1950). **Revista de Educação Pública**, Publicação do Curso de Mestrado e Doutorado em Educação Pública da Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: EdUFMT, v. 4, n. 6, p. 256-269, Jun. /Dez. 1995.

_____. **Sob o signo de uma flor: estudo de “A Violeta”**, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes: de 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

NAZÁRIO, H. S. O jogo das epígrafes. In: PÚCHKIN, A. S. **A filha do capitão**. Trad. Helena Nazário. São Paulo: Perspectiva, p. 135-177, 1980.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NÓBREGA-TERRIEN, Silvia Maria; TERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o Estado da questão: reflexões teórico-metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 15, n. 30, Jul./Dez. 2004.

OLIVEIRA, Cláudia Neli Borragini Abuchaim de. **Um olhar sobre o olho que olha**: adorno do *ethos*, autoridade do *pathos* e mudanças discursivas na constituição do feminino na Revista Claudia. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2014.

O MATTO GROSSO [jornal], Cuiabá, 7 nov. 1897.

PADILHA, Simone de Jesus. **Os gêneros poéticos em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental**: uma abordagem enunciativo-discursiva. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – São Paulo, PUC-SP, 2005.

PALOMINO, Rafael Henrique. **O leitor na reportagem de revista**: um estudo das marcas de interação no gênero. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), 2014.

PARDO, M. Carmen Villarino. Dos pré(s)- e dos pós- a propósito do chamado pré-modernismo brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEORIA DA LITERATURA E LITERATURAS LUSÓFONAS, 1., 2005, Coimbra. **Actas...** Coimbra: Almedina, 2005.

PEREIRA, Eduardo Carlos Pereira. **Grammatica Expositiva**. São Paulo e Rio de Janeiro: Weiszflog, 1907.

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

PINTO, Céli Regina J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo/Rio de Janeiro: Perseu Abramo, 2003.

PISTORI, Maria Helena Cruz. Dialogia na persuasão “publicitária”. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 148-167, Jan./Jul. 2014.

_____. Mikhail Bakhtin e Retórica: um diálogo possível e produtivo. **Rétor**: Revista de la Asociación Argentina de Retórica, v. 3, n. 1, p. 60-85, 2013.

PISTORI, Maria Helena Cruz; BANKS-LEITE, Luci. Argumentação e construção de conhecimento: uma abordagem bakhtiniana. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v. 1, n. 4, 129-144, Jul./Dez. 2010.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Trad. coordenada por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Procurando uma palavra outra**. Trad. coordenada por Valdemir Miotello. São Carlos, São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

PUZZO, Miriam Bauab, A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos da constituição de sentido. **Intercâmbio**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, v. 25, 2012.

_____. A linguagem verbo-visual na constituição de sentidos em capas da **Revista Veja**. **Intercâmbio**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo, v. 25, 2012a.

PUZZO, Miriam Bauab et al. **Os sinais de pontuação e seus efeitos de sentido**: uma abordagem discursiva. São Paulo: Pontes Editores, 2014.

RIBEIRO, Diva Conceição. **Retórica e propaganda**: o feminino na Revista O Cruzeiro – 1928 a 1960. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2009.

RIEGO, Christina Barros. **Do futuro e da morte do teatro brasileiro**: uma viagem pelas **revistas** literárias e culturais do período modernista (1922-1942). Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo (USP), 2008.

RIO, João do. **Histórias da gente alegre**: contos, crônicas e reportagens da belle-époque carioca. Rio de Janeiro: José Olympio, 1891.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SALGADO, Plínio. **O que é integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. **A escritora/Os críticos/A escritura**: o lugar de Júlia Lopes Almeida na ficção brasileira. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2005.

SANCHES, Karina Penariol. **Relações dialógicas em artigos científicos**: análise de um periódico de saúde e segurança do trabalho. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2009.

SANCHEZ, Edney Christian Thomé. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2003.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; ALCÂNTARA-ELIEL, Regiane; ELIEL, Oscar. A ciência e o novo estado do conhecimento: a contribuição da ciência da informação. **Revista Bibliocom**: Publicação eletrônica da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, Florianópolis, n. 22, Jul./Dez. 2006.

SANTOS, Solange de Souza. **Ciência, discurso e mídia**: a divulgação científica em revistas especializadas. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo (USP), 2007.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso In: CHARIER, R. **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à era do Rádio**. v. 3, p. 7-48. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: CHARIER, R. **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à era do Rádio**. v. 3, p. 513-619. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a.

SEVERO, Cristine Gorski. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, Unigranrio, v. VII, n. XXV, Abr./Jun. 2008.

SILVA, Gislaíne Crepaldi. A Violeta e as Reivindicações pela Educação Feminina. **Profiscientia: Periódico Multidisciplinar do IFMT- Campus Cuiabá**, n. 3, p. 251-276, 2008.

_____. **Uma mulher educada educa com homens: a revista “A Violeta” e a educação feminina durante o período estadonovista, em Cuiabá**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Cuiabá, UFMT, 2003.

_____. A revista *A Violeta* e a educação feminina em Cuiabá. **Caderno de publicações**. Várzea Grande: UNIVAG, n. 2, p. 39-51, ISSN: 1678-0655, 2015.

SILVA, Paulo Robson Silva da. A relação entre os sujeitos discursivos e o interdiscurso: um estudo inicial acerca da referencialidade discursiva. **Revista Gatilho**, ano VI, v. 12, fev. 2011.

SILVA, Maurício. Academia *versus* confeitaria: duas tendências literárias na Belle Époque carioca. **LETRAS**, Curitiba, n. 46, p. 63-82, 1996.

SIMILI, Ivana Guilherme. A construção de uma personagem: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945). In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/I/Ivana_Guilherme_Simili_42.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SIQUEIRA, Elisabeth Madureira. **Luzes e sombras**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

SOBRAL, Adail. Uma proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth; SALVATERRA, Anderson. **Dialogismo: teoria em prática**. São Paulo: Terracota, 2014.

_____. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela. **O fogo de Prometeu**. Humanitas, v. LIII, 2001, Universidade de Coimbra.

SOUZA, Raquel dos Santos Madanelo. **Convergências e divergências: revistas literárias em perspectiva**. Tese (Doutorado em Letras – Est. Comp. de Literatura de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo (USP), 2008.

TELLES, Lygia Fagundes. **A mulher escritora e o feminismo no Brasil**. mimeo, s/d.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. Fragmentos de um mosaico: escritoras brasileiras no século XIX. *Labrys, Estudos Feministas/ Études Feministes*. Ago./Dez. 2005.

TESORO, Luci Léa Martins. **Rondonópolis-MT: um entroncamento de mão única; o processo de povoamento e de crescimento de Rondonópolis na visão dos pioneiros, 1902-1980**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), 1993.

TRUBILIANO, Carlos A. Barros. **Imagens femininas nos jornais mato-grossenses (1937-1945): identidade e controle social**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, MS, 2007.

TRUBILIANO, Carlos A. Barros; JUNIOR, Carlos Martins. A flor do sertão: imagens femininas em *A Violeta*. **Caderno Espaço Feminino**, UFU, v. 18, n. 2, p. 345-370, Ago./Dez. 2007.

VAUTHIER, B. Bajtín en la encrucijada de las ciencias humanas europeas ‘em crisis’. Revisión de un debate. In: VAUTHIER, B.; CÁTEDRA, P. (ed.) **Mijail Bajitín en la encrucijada de la hermenéutica y las ciencias humanas**. Salamanca: Publicaciones Del Semyr, p. 9-24, 2003.

VIEIRA, Marly Jean de Araújo P. A literatura feminista de Júlia Lopes de Almeida. **Anais do XIV Seminário Nacional/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura**. v.1, n. 1, UNB, Brasília, 2011.

VOLOCHÍNOV, V. N. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaio**s. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLOSHÍNOV, V. N. **O discurso na vida e o discurso na arte**. Trad. a partir do inglês para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. [1926].

WALKER, Marli Terezinha. **Ruptura e continuidade em três séculos de poesia feminina em Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas sociais) – Programa de Pós-graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2013.

WESLING, Donald. Bakhtin, Pushkin e a cocriatividade daqueles que compreendem. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 196-212, Set./Dez. 2016.

ZANCHET, Maria Beatriz. Tradição e Vanguarda na Escrita de Júlia Lopes de Almeida. **Revista Trama**, v. 2, n. 4, p. 143-154, 2. semestre 2006.

ZOMER, Lorena. Relações de poder e símbolos construídos no romance Marysa, de Leonor Castellano, em meados do século XX, em Curitiba. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 25., Anpuh – Ceará, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WEBGRAFIA

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <www.academia.org.br>. Acesso em: 16 dez. 2014.

BIBLIOTECA VIRTUAL JOSÉ DE MESQUITA. **Ex Libris**. Disponível em: <<http://www.jmesquita.brtdata.com.br>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

BRAGA, Teófilo; BASTOS, Teixeira. **Revista de Estudos Livres**. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: ><http://www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Revistadeestudoslivres.htm>>. Acesso em: 31 maio 2016.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Disponível em: <www.dicionariodesimbolos.com.br/violeta/>. Acesso em: 2 out. 2015.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro, Indígena e de Fronteira - **Maria Dimpina Lobo Duarte**. Disponível em: <<http://www.blv.ufmt.edu.br>>. Acesso em: 21abr. 2015.

OLHAR DIRETO. Site de notícias. **Poetisa, educadora e escritora, com a força emblemática de seu nome, Maria é de Arruda Müller**. Disponível em: <<http://www.olhardireto.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

MULHER VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.mulhervirtual.com.br>>. Acesso em : 2 out. 2015.

NUNES, L. **Lei de Imprensa, 180 anos** – a controvérsia, do Império aos nossos dias. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/ipub181120031.htm>>. Acesso em: 08 jan. 2015.

RUFFATO, Luiz. **Júlia (1)**. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/julia-1/>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

SALGADO, Plínio. **Manifesto da ação integralista Brasileira**. 7 de outubro de 1932. Disponível em: <<http://www.integralismo.org.br>>. Acesso em 10 out. 2015.

STEVENS, Cristina Maria T. Apresentação do livro A Mulher escrita: A Escrita-Mulher? Disponível em: <<https://sites.google.com/site/vozesfemininasunb/a-mulher-escrita-a-escrita-mulher>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

TEMPLO CULTURAL DELFOS. Site de notícias. **Júlia Lopes de Almeida**: a escritora da belle époque tropical. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Revistas femininas no Brasil (séculos XIX e XX)

TÍTULO	DATA	PROPRIETÁRIO REDATORES/DIRETORES	PERIODICIDADE	LOCAL	ESTADO	FONTE
A Camélia: orgam da sociedade noites recreativas: dedicado a esmas famílias	1887-1888	Redactor: Francisco Eduardo de Paulo Ribeiro Proprietário: J. Vicente e H. Patricio	Não localizado	São Paulo	SP	APSP
A Camélia: orgão popular	1887-1888	Não localizado	Não localizado	Não localizado	Não localizado	APMG
A Camélia: orgam literario	1900-1900	Não localizado	Quinzenal	Campinas	SP	APSP
A Camélia: orgam literario, noticioso, critico e de variedades	1909-1909	Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo	Indeterminada	Descalvado	SP	APSP
A Camélia: Semanário litterario e humorístico	1904-1904	Não localizado	Semanal	Franca	SP	APSP
A Chrysalida: orgam recreativo do collegio nogueira da gama	02/06/1897	Não localizado	Não localizado	Jacarehy	SP	APMG
A Chrysalida: periódico da mocidade estudiosa do Lyceu Cuiabano	Abril-novembro de 1926 e fevereiro-dezembro de 1927	Redator: Martins de Oliveira	Quinzenal	Cuiabá	MT	MORGADO (2011, p. 40)
A Grinalda: em homenagem ao bello sexo (jornal)	1896-1896	Não localizado	Semanal	São Paulo	SP	APSP
A Ortiga: orgão do Club dos Teimosos: realejo do grupo das ortigas	05/04/1885	Redactores: Ortiga-Assu e Ortiga-Mirim	Não localizado	Ouro Preto	MG	APMG
A Primavera: litterario, humoristico e noticioso	1911	Marques Guimaraes e Helvecio Lisboa (diretor)	Não localizado	Não localizado	NI	FBN
A Violeta	1878-1879	Revocata Heloisa de Mello e Julieta Monteiro	Mensal	Rio Grande- RS	RS	BONILHA (2010, p. 60)
A Violeta: folha litteraria dedicada ao bello sexo: collaborada pelos mais distintos escritores brasileiros	17/07/1887	Não localizado	Não localizado	São Paulo	SP	APSP
A Violeta: orgam dedicado ao bello sexo de Sertãozinho	1900-1900	Não localizado	Indeterminado	Sertãozinho	SP	APSP
A Violeta (13/11/1901- mensal) e A Violeta: orgam critico, litterario e noticioso (25/04/1902- quinzenal)	1901 e 1902	Redator chefe: Leopoldo Poli	Mensal e depois Quinzenal	São Paulo	SP	APSP
A Violeta: orgam do Gremio Litterario Julia Lopes	16/12/1916	Não localizado	Quinzenal	Cuiabá	MT	ACERVO DA PESQUISADO RA

TÍTULO	DATA	REDATORES/DIRETORES	PERIODICIDADE	LOCAL	ESTADO	TÍTULO
Chrysalida	abril e maio 1907	Não localizado	Mensal	São Paulo	SP	APSP
Chrysalida: Folha Litteraria, Critica e Theatral	12 julho de 1873	Não localizado	Semanal	Rio de Janeiro	RJ	CEDAP-UNESP
Chrysalida: orgam do club litterario mineiro	1887-1888	Jose Ignacio de Araujo Lima, Rodrigo Andrade, Antonio Augusto Teixeira, Orosimbo Loureiro, Lima Junior, José Severino de Rezende	Quinzenal	Ouro Preto	MG	APMG
Corymbo	1883-1944	Revocata Heloisa de Mello e Julieta Monteiro	Varição entre semanal, quinzenal e mensal	Rio Grande- RS	RS	BONILHA (2010, p. 60)
Dahlia: as exmas familias que abrilhantam as reunioes do R.C.G. Portuguez	31/10/1894	Não localizado	Mensal	São Paulo	SP	APSP
Écos juvenis: órgão das alunas do colégio Nossa Senhora Auxiliadora	novembro 1936 e outubro 1939	Diretor: Dr. Adalberto Barreto	Não localizado	Campo Grande	MT	MORGADO (2011, p. 40)
Echo das Damas	1879-1888	Redatora e proprietária: Amelia Carolina da Silva Couto	Amelia Carolina	São Paulo	SP	CEDAP-UNESP
Fon Fon: semanario illustrado: a revista feita para o lar	1914-1956	Não localizado	Semanal	Rio de Janeiro	RJ	APSP
Fon Fon: semanário alegre, politico, critico e esfusante	1907-1954	Não localizado	Semanal	Rio de Janeiro	RJ	APSP
Frou Frou	1923-1927	Não localizado	Mensal	Rio de Janeiro	RJ	APSP
Jornal das Moças	1914-1961	Na edição de 04 jan. 1940 aparece o nome do redator e secretario; Oliveira Herencio	Quinzenal	Rio de Janeiro	RJ	FBN
Jornal das Senhoras	1852	Fundadora: Juana Paula Manso	Não localizado	São Paulo	SP	LIMA (2007)
Momento Feminino	1947-1956	Não localizado	Não localizado	[RJ]	RJ	FBN
O Cravo	1904-1904	Não localizado	Semanal	Franca-SP	SP	APSP
O Espelho: revista da vida moderna	1935-1935	Não localizado	Indeterminada	Rio de Janeiro	RJ	APSP
O Gyra-Sol	07/07/1901	Redator-chefe Antonio de Mello Brito	Não localizado	São Paulo	SP	APSP

TÍTULO	DATA	REDATORES/DIRETORES	PERIODICIDADE	LOCAL	ESTADO	TÍTULO
O Iris	01/11/1900	Redatores: Andreilino Assis e Alfredo Assis	Mensal	São Paulo	SP	APSP
O Jasmim: folha semanal	1894-1894	Não localizado	Semanal	São João do Rio Claro-SP	SP	APSP
O Jasmim: orgam da loja da lealdade	1893-1895	Não localizado	Mensal	Piracicaba-SP	SP	APSP
O Jasmim: periódico literário e recreativo	1857-1857	Não localizado	Não localizado	Curitiba	PR	APSP
O Jasmin	13/09/1890	Redactor-proprietario: Americo Egydio de Paula Lima	Não localizado	Ouro Preto	MG	APMG
O Jasmim	10/10/1897	Editado por Leonor Galvao	Não localizado	Cuiabá	MT	A VIOLETA, Cuiabá, MT, n. 63, jan. 1920.
O Lyrio; orgam litterario do Club Lyrio Paulista	08/05/1897	Não localizado	Não localizado	São Paulo	SP	APSP
O Lirio: o jornal de variedade dedicado às famílias	1860-1860	Não localizado	Não localizado	São Paulo	SP	APSP
O Myosotis: periódico literário e dedicado à juventude	4/05/1890	Não localizado	Semanal	Corumbá	MT	Morgado (2011, [p. 157])
Orkhidea: revista de sciencia, arte e polemica litteraria	1902-1903	Não localizado	Mensal	São Paulo	SP	APSP
Revista feminina	1914-1926	Fundadora: Virgilina de Souza Salles	Não localizado	São Paulo	SP	APSP
Revista Vida Doméstica: a revista do lar e da mulher	1924-1959 e 1945-1957	Não localizado	Mensal	Rio de Janeiro	RJ	APSP
Rosa d'amor	1912-1912	Não localizado	Indeterminada	São Paulo	SP	APSP
Violeta: orgam da S. D. Democracia	1888-1888	Não localizado	Indeterminada	Piracicaba	SP	APSP

TOTAL DE REVISTAS = 45

Nota: Construção da autora (2013).

APÊNDICE B – Números de A Violeta (1916 a 1950)

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº DA REVISTA	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
1	1916	16/dez.	1	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-8	NÃO CONSTA
2	1916	25/dez.	2	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
3	1917	15/jan.	3	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
4	1917	31/jan.	4	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
5	1917	15/fev.	5	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
6	1917	28/fev.	6	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
7	1917	23/mar.	7	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
8	1917	31/mar.	8	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
9	1917	15/abr.	9	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
10	1917	30 abr.	10	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
11	1917	22/maio	11	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
12	1917	15/jun.	12	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
13	1917	8/jul.	13	1	BCBM-FR-MT509 E AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	1\$000 - FORA DA CAPITAL 1\$200 POR MÊS	1-12	TYPOGRAFIA J. PEREIRA LEITE - RUA BARAO DE MELGAÇO, N. 35
14	1917	19/jul.	14	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-11	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
15	1917	31/jul.	15	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
16	1917	15/ago.	16	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
17	1917	30/ago.	17	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
18	1917	18/set.	18	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
19	1917	5/out.	19	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
20	1917	15/out.	20	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
21	1917	30/out.	21	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
22	1917	15/nov.	22	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
23	1917	30/nov.	23	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
24	1917	15/dez.	24	1	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
25	1917	25/dez.	25A	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
26	1918	24/jan.	25B	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
27	1918	8/fev.	26	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
28	1918	22/fev.	27	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
29	1918	2/mar.	28	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	1\$000 - FORA DA CAPITAL 1\$200 POR MÊS	1-12	NÃO CONSTA
30	1918	23/mar.	29	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
31	1918	15/abr.	30	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-11	NÃO CONSTA
32	1918	30/abr.	31	2	BCBM-FR-MT509 E AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
33	1918	15/maio	32	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	1\$000 - FORA DA CAPITAL 1\$200 POR MÊS	1-12	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13
34	1918	30/maio	33	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
35	1918	15/jun.	34	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
36	1918	30/jun.	35	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
37	1918	15/jul.	36	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
38	1918	30/jul.	37	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
39	1918	15/ago.	38	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
40	1918	31/ago.	39	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
41	1918	20/set.	40	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
42	1918	18/out.	41	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
43	1918	19/nov.	43A	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
44	1918	25/dez.	43B	2	AYN	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-20	NÃO CONSTA
45	1919	20/jan.	44	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	TIPOGRAFIA LIVRARIA GLOBO	1-18	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
46	1919	20/fev.	45	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	Typografia Livraria Globo	1-23	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13
47	1919	20/mar.	46	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
48	1919	8/abr.	47	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-17	NÃO CONSTA
49	1919	2/maio	48	3	BCBM-FR-MT509 E AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	CAPITAL 1\$000 - FORA CAPITAL 1\$200	1-14	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13
50	1919	20/maio	49	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-18	NÃO CONSTA
51	1919	15/jun.	50	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	Capital 1\$000 - Fora Capital 1\$200	1-14	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13
52	1919	26/jun.	51	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
53	1919	15/jul.	52	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	CAPITAL 1\$000 - FORA CAPITAL 1\$200	1-14	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13
54	1919	31/jul.	53	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
55	1919	15/ago.	54	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	Capital 1\$000 - Fora Capital 1\$200	1-13	TIPOGRAFIA DA LIVRARIA GLOBO - RUA TREZE DE JUNHO N. 13
56	1919	30/ago.	55	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
57	1919	15/set.	56	3	BCBM-FR-MT509 E AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
58	1919	24/set.	57	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
59	1919	15/out.	58	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
60	1919	30/out.	59	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
61	1919	15/nov.	60	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
62	1919	9/dez.	61	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
63	1919	25/dez.	62	3	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-10	NÃO CONSTA
64	1920	15/jan.	63	4	BCBM-FR-MT509	GRUPO EDITORIAL	QUINZENAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
65	1920	15/fev.	64	5	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-11	NÃO CONSTA
66	1920	19/mar.	65	5	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
67	1920	21/abr.	66	5	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-10	NÃO CONSTA
68	1920	20/maio	67	5	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-13	NÃO CONSTA
69	1920	29/jun.	68	5	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
70	1920	17/jul.	69	5	AYN	GRUPO EDITORIAL	MENSAL	NÃO CONSTA	1-13	NÃO CONSTA
71	1920	19/ago.	70	5	AYN	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
72	1920	16/set.	71	5	AYN	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
73	1920	19/nov.	74	5	AYN	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
74	1920	13/dez.	75	5	AYN	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
75	1920	25/dez.	76	5	AYN	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
76	1921	20/mar.	79	5	NDIHR	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
77	1921	18/abr.	80	5	AYN	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
78	1921	18/jun.	82	5	APMT	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
79	1921	27/out.	86	5	ACBM	MARIA DIMPINA LOBO	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
80	1922	7/set.	97	6	BN E NDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
81	1923	27/fev.	102	6	BN E NDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
82	1923	27/mar.	103	6	BN E NDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
83	1923	24/jun.	106-107	6	BCBM-FR-MT509	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
84	1923	24/set.	109	6	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-13	TIPOGRAFIA DO O JORNAL - CUYABA
85	1923	25/dez.	112	8	BN E NDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
86	1925	31/jan.	121	8	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
87	1925	28/fev.	122	8	BN ENDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
88	1925	31/mar.	123	8	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200	1-12	TYPOGRAFIA MODELO - CUYABA
89	1925	30/maio	125	8	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200	1-13	TYPOGRAFIA EMYGDIÓ LIMA
90	1925	25/jul.	126	8	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
91	1925	30/ago.	127	8	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
92	1925	26/set.	128	8	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-11	NÃO CONSTA
93	1925	30/out.	129	8	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
94	1925	28/nov.	130	8	ACBM	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
95	1926	28/jun.	137	10	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS - CUIABÁ
96	1926	25/jul.	138	10	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
97	1926	28/ago.	139	10	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
98	1926	24/set.	140	10	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200	1-16	ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS - CUIABÁ

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
99	1926	31/out.	141	10	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200	1-13	ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS - CUIABÁ
100	1926	25/dez.	142	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
101	1927	30/jan.	143	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
102	1927	27/fev.	144	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
103	1927	31/mar.	145	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
104	1927	30/abr.	146	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
105	1927	31/maio	147	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
106	1927	30/jul.	149	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
107	1927	30/out.	150	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-15	NÃO CONSTA
108	1927	30/nov.	151	11	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
109	1927	31/dez.	152	12	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-15	NÃO CONSTA
110	1928	30 abr.	155	12	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200	1-13	NÃO CONSTA
111	1928	25/dez.	162	13	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-18	NÃO CONSTA
112	1929	31/ago.	170	13	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-13	NÃO CONSTA
113	1929	25/dez.	173	14	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
114	1930	31/jan.	174	14	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
115	1930	28/fev.	175	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-13	NÃO CONSTA
116	1930	30/mar.	176	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
117	1930	30/abr.	177	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
118	1930	30/jun.	179	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
119	1930	31/jul.	180	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
120	1930	31/ago.	181	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
121	1930	24/set.	182	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
122	1930	31/out.	183	14	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
123	1930	25/dez.	184	15	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200, NÚMERO AVULSO 1\$200	1-15	TYP. A EVAN(ILEGÍVEL)
124	1931	31/mar.	186	15	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
125	1931	30/abr.	187	15	BN E NDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
126	1931	31/jul.	189, 190	15	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
127	1931	24/set.	191, 192	15	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200, NÚMERO AVULSO 1\$200	1-17	TYP. D'O MOMENTO

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
128	1931	31/out.	193	15	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
129	1931	25/dez.	194	16	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
130	1932	31/jan.	195	16	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-13	TYP. D'O MOMENTO
131	1932	31/mar.	196	16	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	TYP. D'O MOMENTO
132	1932	31/maio	197	16	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
133	1932	30/jun.	198	16	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
134	1932	31/jul.	199	16	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
135	1932	30 set.	200	16	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200, NÚMERO AVULSO 1\$200	1-12	TYP. OFFICIAL - CUIABÁ
136	1932	31/out.	201	16	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200, NÚMERO AVULSO 1\$200	1-13	TYP. OFFICIAL - CUIABÁ
137	1932	nov.	202	17	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200, NÚMERO AVULSO 1\$200	1-18	TYP. OFFICIAL - CUIABÁ
138	1933	31/mar.	204	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
139	1933	30/abr.	205	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-12	NÃO CONSTA
140	1933	31/maio	206	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
141	1933	25/ago.	208	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
142	1933	24/set.	209	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	1\$000 NA CAPITAL, FORA DA CAPITAL 1\$200, NÚMERO AVULSO 1\$200	1-18	TYP. OFFICIAL - CUIABÁ
143	1933	31/out.	210	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-14	NÃO CONSTA
144	1933	30/nov.	211	17	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO INFORMADO	1-14	NÃO CONSTA
145	1933	25/dez.	212	18	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
146	1934	31/jan.	213	18	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-17	NÃO CONSTA
147	1934	28/fev.	214	18	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
148	1934	8/abr.	215 e 216	18	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	TYP. OFFICIAL
149	1934	31/maio	217	18	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-22	NÃO CONSTA
150	1934	Out.	218	18	APMT	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-29	TYP. OFFICIAL
151	1934	25/dez.	219	19	NDIHR	BERNARDINA RICH	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
152	1937	31/maio	230	21	AYN	MARIANNA PÓVOAS E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA
153	1937	07/set.	233	21	AYN	MARIANNA PÓVOAS E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-16	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
154	1937	31/dez.	236, 237	22	APMT	MARIANA PÓVOAS E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-22	NÃO CONSTA
155	1938	31/jul.	240, 241, 242	27	AYN	MARIANA PÓVOAS E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-25	NÃO CONSTA
156	1938	31/ago.	243	22	NDIHR E AYN	MARIA DIMPINA E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-15	NÃO CONSTA
157	1938	30/nov	246	22	AYN	MARIA D. L. DUARTE E BENILDE B. DE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-30	IMPrensa OFICIAL - CUIABÁ- MATO GROSSO
158	1939	30/jun.	253	23	AYN	MARIA DIMPINA E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-29	IMPrensa OFICIAL - CUIABÁ- MATO GROSSO
159	1940	30/abr.	263	23	AYN	MARIA DIMPINA E BENILDE MOURA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-23	IMPrensa OFICIAL - CUIABÁ- MATO GROSSO
160	1940	31/dez.	271	23	APMT E BN (NADAF, 1993, p.)	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-23	NÃO CONSTA
161	1941	31/mar.	274	24	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-18	NÃO CONSTA
162	1941	06/ago.	278	24	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	NÃO CONSTA
163	1941	31/ago.	279	24	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-23	NÃO CONSTA
164	1941	25/dez.	282 e 283	24	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-32	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
165	1942	30 abr.	286	24	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-26	NÃO CONSTA
166	1943	Jan./ fev. mar.	292, 293 e 294	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-23	NÃO CONSTA
167	1943	30/abr.	295	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
168	1943	31/maio	296	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	ESCOLA INDUSTRIAL DE CUIABÁ
169	1943	30/jun.	297	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-25	ESCOLA INDUSTRIAL DE CUIABÁ
170	1943	31/jul.	298	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-20	NÃO CONSTA
171	1943	31/ago.	299	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL
172	1943	30/out.	301	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-32	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL
173	1943	30/nov.	302	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-21	NÃO CONSTA
174	1944	Jan. e fev.	304 e 305	24	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-17	NÃO CONSTA
175	1944	30/mar.	306	27	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-21	NÃO CONSTA
176	1944	30/jun.	309	27	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-21	NÃO CONSTA
177	1945	31/jan.	316	27	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
178	1945	fev./mar.	317 e 318	27	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-22	NÃO CONSTA
179	1945	30/abr.	319	27	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-32	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
180	1945	07/set.	323	27	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
181	1945	30/set.	324	27	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-18	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
182	1945	28/nov.	325	27	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-20	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
183	1945	25/dez.	326	27	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-20	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
184	1946	jan./fev.	327 e 328	27	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-18	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
185	1946	30 abr.	330	27	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-23	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
186	1946	31/maio	331	27	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-17	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA
187	1950	31/mar.	333	38	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	NÃO CONSTA
188	1946	31/ago.	334	27	NDIHR (NADAF, 1993, p. 512)	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
189	1946	set./out.	335 e 336	27	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA		NÃO CONSTA
190	1948	30 abr.	342a	27	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-19	NÃO CONSTA
191	1948	30 set.	344	27	APMT	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-26	NÃO CONSTA
192	1949	29/jun.	347	27	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-21	NÃO CONSTA
193	1949	30/dez.	331	37	NDIHR	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-23	NÃO CONSTA

QTD. REVISTAS	ANO PUBLICAÇÃO	DATA	Nº	ANO	DADOS DE LOCALIZAÇÃO*	DIREÇÃO	PERIODICIDADE	ASSINATURA	P.	TIPOGRAFIA/ EDITORA
194	1950	31/mar.	333	38	AYN	MARIA DIMPINA	MENSAL	NÃO CONSTA	1-24	TIP. ESCOLA INDUSTRIAL - CUIABA

*Abreviações e Siglas: QTD. = Quantidade - AYN = Acervo Yasmin Nadaf - NDIHR = Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso - BCBM = Biblioteca Casa Barão de Melgaço - FBN = Fundação Biblioteca Nacional - APMT = Arquivo Público de Mato Grosso.

Nota: Conservou-se a grafia conforme os documentos originais

APÊNDICE C – Enunciados de *A Violeta* (1916 - 1918)

SEÇÕES		N.
TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
"A resposta"	Mary	25b
11 de junho	Cenir	12
13 de maio	Genir	11
15 de Novembro	Arinapi (Maria Dimpina)	22
1º de Janeiro	Esora	3
6 de março	Maria Dimpina	6
7 de Setembro	Arinapi (Maria Dimpina)	17
A alavanca de ouro (ao Sr. Estevão de Mendonça)	Magnolia	2
A Caridade	M. Camargo	1
A defesa do cume (estudo psicológico)	Floriano de Lemos	11
A educação da mulher (inicia-se com uma epígrafe sem indicação de autoria)	Maria Dimpina	1
A Esperança e a Realidade	Vera	23
A furia dos elementos (para Thereza Lobo)	Sara	12
A guerra	Arinapi. (Maria Dimpina)	16
A guerra	Solange	22
A infância (à amiga Ruth Pereira)	Arivle	5
À Memória abençoada de Augusto Leverger (com uma epígrafe de E. de Mendonça)	sem indicação de autoria	3
A origem das tres Marias (Dos contos para moças)	Floriano de Lemos	13
A Peta	Lucrecia	8
A primeira missa (À Chiquinha de Figueiredo)	Magnolia	6
A professora (possui epígrafe de E. de Amicis - Do Coração)	Arinapi. (Maria Dimpina)	5
A retomada de Corumba - 13 de Junho de 1867	Magnolia	12
A Rosa	Francisca de Figueiredo	1
A Rosa e a Saudade	Isis	19
A suprema ventura (a D. Leonor Borralho - inicia-se com uma epígrafe de Graciema Nobre)	Thereza Lobo	1
A verdadeira missão	Arinapi (Maria Dimpina)	21

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
A vida das crianças (hygiene infantil) - I O BANHO	sem autoria	8
A vida das crianças (hygiene infantil) - II A BALANÇA	autor não informado	9
A vida das crianças (Hygiene infantil) III - A MESA DA CRIANÇA	sem autoria	10
A vida das crianças (Hygiene infantil) IV- O PRIMEIRO DIA.	sem autoria	11
A vida no campo e a vida na cidade (à grandiosa Lucrecia. Possui epígrafe)	Dolores.	6
A Violeta	a redação	1
A vista da felicidade (à brilhante penna de Lucy)	Zilah Donato	6
Album da "A Violeta" - Secção Recreativa	Chloé; Com resposta de Nena Molinari	17
Album da "A Violeta" - Secção Recreativa	Chloé; Com resposta de Dimpina)	18
Album da "A Violeta" - Secção Recreativa	Chloé; Com resposta de Wanderlina	19
Album da "A Violeta" - Secção Recreativa	Chloé; Com resposta de Nhara	20
Album da "A Violeta" - Secção Recreativa	Chloé	22
Album da "A Violeta"] - Secção Recreativa (correspondente Lenira Figueiredo responde a Cholé)	Chloé.	15
Album da "A Violeta"] - Secção Recreativa (correspondente Marianna Povoas responde a Cholé)	Chloé.	16
Album da Violeta - Secção Recreativa	Chloé.	13
Album da Violeta - Secção Recreativa (correspondente Clorinda F. de Albuquerque responde a Cholé)	Cholé	14
Andorinhas	Regina Prado	1
Ao Luar (A meu pae)	Pequenina Mendes	4
Appello à Imprensa de Matto-Grosso	Camillo Soares de Moura - Interventor Federal	24
As minhas violetas (À Luiza A. corréa)	Zilah Donato	3
As rosas	Arinapi. (Maria Dimpina)	13
Caminho do Céu (À Carmen Lydia com letra menor)	Isís	3
Captivos... (à Senhorita Guiomar)	Arinapi. (Maria Dimpina)	4
Carta	redação	14
Carta	Snr. E. D. Monteiro	17
Carta	Arinapi (Maria Dimpina)	24
Carta aberta (as colaboradoras da secção infantil)	Maria Dimpina	7

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
Carta íntima	Sara	10
Cartões de Boas Festas - Typ. João Pereira Leite	A redação	23
Certamen Poético - (trata-se de um espaço para divulgação e informação sobre um concurso de poesia promovido pelo Gremio Julia Lopes. Neste número publicam uma poesia de Bocabe: O painel da natureza: Glosa)	Ebbe	18
Certamen Poético - (trata-se de um espaço para divulgação e informação sobre um concurso de poesia promovido pelo Gremio Julia Lopes. Neste número publicam uma poesia de Odalicia Leoni que usa o pseudonimo Odeloni com a poesia: Emquanto o soldado luta	Ebbe	20
Christovão Colombo	Mary	20
Chronica	Magnolia	2
Chronica	Célia	3
Chronica	Magnolia	4
Chronica	Aurea	5
Chronica	Aurea	6
Chronica	Mary	7, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22
Chronica	Arinapi (Maria Dimpina)	23, 24, 25a, 25b
Como eu a julgo	Arinapi (Maria Dimpina)	18
Concessões para a felicidade	Julia Lopes (do Livro das Noivas)	23
Convite	Directoria.	6, 13
Convite	A redação	19
CONVITE (para uma reunião geral do gremio julia lopes no dia 5 de agosto)	a directoria	15
Coração de pae - AO ILLUSTRADO DR. FLORIANO DE LEMOS	Sara (assinado com letra palace script MT	15
Correspondência (à suave Magnolia)	Lucrecia	4
D. Julia L. de Almeida	a redação	7
De tudo para todos	Nil	19, 21
Dez de julho (à saudosa memória do meu avô)	Maria Ponce de Arruda	14
Discurso (na secção inaugural do Gremio Literario "Julia Lopes"	proferido pela Prof. Francisca de Figueiredo	3

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
Divagando (Dedicado "Para a alma branca de Luiza Corrêa)	Sara	18
Dr. Floriano de Lemos (carta íntima a sua mãe)	redação	8
Dr. José de Mesquita	redação	10
Efeitos da Guerra	Aurora	25a
Entre dois futuros...	Solange de Messiens	6
Gremio Julia Lopes O festival em comemoração à Revolução Pernambucana - (discurso - Oratória de Floriano de Lemos - dissertando sobre o sugestivo tema Flores e Moças)	redação	7
Grupo de socias do Gremio Julia Lopes	Redação	25a
Homenagem - Primeira página é composta somente pelos dados da revista e uma foto entre moldura ricamente ornada da sra. Julia Lopes	A redação	25a
Hygiene infantil - Do 3º ao 6º mez.	sem autoria	15
Hygiene infantil - Os dois primeiros mezes	sem autoria	14
Ideal	Lucrecia	9
Ilusões	Lizeron	2
Impressões de viagem (à minha querida Alzira)	Lizeron	10
Indiferença!	Célia	25b
Inspiração	Sara	11
Janeiro (à amiga Lilia)	Ophelia	5
Junto ao berço	Carmina	5
Maio	Edilvin? (ilegível)	10
Maio findou	Solange	12
Maria	Fernanda (Do Correio da Roça de D. Julia Lopes d'Almeida)	25b
Minhas amigas! (Antes do título há uma frase: A mulher brasileira deve tomar o grande exemplo de Edith Carul)	Julia Lopes de Almeida	24
Mulher Apostolo	Zilah Donato	8
Myosotis	Floriano de Lemos (do livro Contos para moças)	20
Na hora do footing...	Hebe	8, 9, 10
Na hora do footing...	Tavy	13, 16, 17

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
Na hora do footing...	Paule Labat	18, 23
Na hora do footing...	Redação	22
Natal	Carmen Lydia	2
Natal	Consuelo	2
Natal	Célia	25a
Natal brasileiro	Julia Lopes de Almeida	25a
Noite de inverno	Sylvia	2
Nostalgia	Lucrecia	3
Noticiário: Agradecido, Aniversarios	A redação	1
Noticiário: Aniversarios - Fizaram annos, d. Anna de Albuquerque, Viajantes, Comunicação de posse no cargo de chefe do primeiro distrito thelegraphic	A redação	7
Noticiário: Aniversarios - Fizaram annos, Fazem annos	A redação	4
Noticiário: Aniversarios, D. Carlos, João Cunha, Nascimento, Festas, Fallecimento, Mez de Maria, Viajantes Illustres, Chá das cinco, Convite (a diretoria do gremio julia lopes convidando para uma reuniao na redacao da violeta, Doação da revista Santa Cruz editada em São Paulo, Pedes desculpas AOS LEITORES (grifo nosso) por ter editado somente um numero da revista no mes de maio, tal fato deve-se as diversas festas que as impediram de trabalhar na revista	A redação	12
Noticiário: Aniversarios, Esponsaes, Os que partem, Enferma, Promoção, Gremio Julia Lopes, Aviso de mudanca de endereço da revista para a rua Pedro Celestino, residencia da presidente Clorinda de Albuquerque	A redação	16
Noticiário: Aniversarios, Fallecimento	A redação	20
Noticiário: Aniversarios, Fallecimento, Viajante, Dr. Soter de Araujo, E. D. Monteiro, Collação de Gráo, Agencia Pestana	A redação	11
Noticiário: Aniversarios, Nascimento, Viajantes, Fallecimentos, Berta Majthanyi Komor - cantora lírica	A redação	14
Noticiário: Aniversarios, Nascimento, Os que chegam, Fallecimentos, Temporada theatral, Dr. Richards	A redação	19
Noticiário: Aniversarios, Nascimento, Viajantes, Nomeações, Enfermos	A redação	18
Noticiário: Aniversarios, Offerta, Os que chegam, A Razão, Nesta, Lisboa, O Baile do dia 30	A redação	21
Noticiário: Aniversarios, Visita, Festival do Gremio Julia Lopes, Anjinho, Noites de arte	A redação	15
Noticiário: Boas Festas, General Dr. Caetano de Albuquerque, Drs. Alberto e Arlindo Jorge, Pic-Nic, Aniversarios-fizaram annos, fazem annos, Fallecimentos	A redação	3

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
Noticiário: Cartas, jornal "O Povo", Tiro Baptista das Neves (apelo), Fizeram annos, General Caetano de Albuquerque, Farão anniversários, Enlace Dreux, Baptisados, Collegio São Luiz, Agradecimentos e boas Festas, Offertas (de livros), Cha' de cacao, João Duarte Monteiro,	A redação	25b
Noticiário: Conferencia Litteraria - Tema: As mulheres e as flores, as flores e as mulheres, Anniversarios-Fizeram annos, Fazem annos, Chegadas, Fallecimentos	A redação	6
Noticiário: Convite para a comemoração do primeiro aniversário do Gremio Julia Lopes dia 25 de dez as 19h, Adv. Estevão de Mendonça, Fizeram annos, Os que partem..., Os que chegam..., Convite, Offertax, Visita, Aviso	A redação	25a
Noticiário: Dr. Camillo Soares, Bodas de prata, Anniversarios, Fallecimentos, Ex-Tudo-versos matemáticos (livro de poesias do Soter)	A redação	5
Noticiário: Em comemoração ao 3 de maio, Programma, Viajantes, Bodas, Enferma, Datas intimas, Dr. Oscarino Ramos, Soirée	A redação	10
Noticiário: Enlace, Anniversarios, Cel. Pedro Celestino, Festejos de S. Benedicto, Recebimento de doação: revista editada no estrangeiro, tratados diversos sobre a guerra, discurso do sr. Ruy Barbosa, jornal A Razão, Aviso de que a Biblioteca Nacional acusou o recebimento dos números 7, 8 e 9 de A Violeta, Livro O Bem de Floriano de Lemos (diretor da tipografia oficial)	A redação	13
Noticiário: Festa Artistica da Cruz Vermelha Portugueza, Programma, Gral. Cypriano Ferreira, Gral. Carlos de Campos, Os que partem, Os que chegam, Anniversarios, Nomeações de professoras, Nascimentos	A redação	17
Noticiário: Festival de caridade, D. Aquino, Athayde de Mattos, Promoção, Fizeram annos, Viajantes	A redação	9
Noticiário: Fizeram annos, Baptista, Casamento, Os que partem..., Dr. Caetano Albuquerque, Dr. Estevão A. Corrêa, Gremio Julia Lopes, Dr. Floriano de Lemos, Aristides de Figueiredo, Aviso de que a escritora Andradina de Oliveira iria se hospedar em Cuiaba.	A redação	22
Noticiário: Gremio Litterario "Julia Lopes", anniversarios	A redação	2
Noticiário: O nosso hymno, A nossa data, Exposição escolar, Correio da A Violeta, Retificando, Fizeram annos, Maria Ponce de Arruda, Farão anniversario, Offertas, Exames, Os que chegam..., Alexandre Leite de Figueiredo, Despedidas	A redação	24
Noticiário: Paginas vivas, Gremio Julia Lopes, Elance Oliveira - Epaminondas, Festival de Caridade, Anniversarios, Soirée Intima, Viajantes, Notícia sobre a tomada de posse da estação telegráfica	A redação	8
Noticiário: Pela Instrução, , Festa da Bandeira, Exames, Mme. Andradina de Andrada e Oliveira, Fizeram annos, Os que chegam	A redação	23
O Cego (à Mãe)	Tavy	16
O footing nas touradas...	Tavy	12
O Guarany	Dolores	6

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
O Infortunio	isis	9
O Louco	Sylvia	4
O melhor presente	Solange	25a
O Natal da Patria	Francisco, Bispo auxiliar	11
O Orphão	Arville	2
O poder da fé	Maria Dimpina	2
O Regato	Marianna Póvoas	1
O Sorriso de Jesus	Mary	25a
O ultimo beijo (com epigrafe sem autoria)	Isis	8
O ultimo dia de Juracy	Esora	7
O vício das crianças	Maria Dimpina	4
O. S. Nicolau	D. Andradina Andrada de Oliveira (Do livro Contos do Natal)	25a
Obediencia filial (À memoria de Miguelina)	M. D.	5
Odette Werneck Genofre	a redação	1, 2
Orphã	Floriano de Lemos	14
Os dentes cariados são perigosos	Odete Genofre	11
Os livros	Julia Lopes (do Livro das Noivas)	22
Os Precursores	José de Mesquita	10
Perfil	Pharailde	16
Perfil - Doutor	Amelinha	3
Perfil de Mlle N...	Vespertina	4
Perfil (perfil de Mademoiselle F...)	Não identificado	24
Perfil (perfil de Mlle A.	Trevo.	7
Perfil (perfil de Mlle. M...)	Aurora	23
Perfume	Gilka Machado	8
Polaco	Julia Lopes de Almeida (do livro Historias da nossa terra)	13
Postaes	Redação	13, 16, 18, 19, 22, 23, 24

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
PRESADOS LEITORES	A redação	11
Presentimento fatal (à gentil Isis)	Carmen Lydia	4
Primeira pagina inicia-se com um CONVITE	A redação	10
Que é ser feliz?	Andradina de Oliveira	25b
Quem és?	Arinapi. (Maria Dimpina)	7
Recordações	Dolores	23
Recordações - ao ler minhas violetas(à Zilah Donato)	Lucy	5
Recordações saudosa	Suzane	24
Recordações saudosas (com epigrafe em francês de Lamartine)	Cecy	5
Recordando...	Isis	6
Reminiscências tragicas (contemplando a "casa isolada" das flechas)	Maria Ponce de Arruda	1
Retirada da Laguna	Arinapi (Maria Dimpina)	20
Revelação (à graciosa amiguinha Noca De s.)	Mary	14
Salve Cabral (à Anna Luiza Prado)	Sylvia S. S. de Barros	11
Santo Antonio	Floriano de Lemos	12
Saudade (à collega Thereza Lobo)	Consuelo	4
Saudades (à santa memoria de minha Mãe)	Guiomar	3
Saudades (à santa memoria de minha Mãe)	Arinapi. (Maria Dimpina)	16
Secção Infantil	Ecila.	4
Secção Infantil (à minha estremecida mãe) trazendo uma epigrafe da de Olavo Bilac	Meli	7
Secção Infantil (com título Considerações, trazendo uma epigrafe da Gazeta Official de 25 de janeiro)	Alzita	5
Secção Infantil (contém epigrafe de autoria de E. de Amicis)	Alzita	11
Secção Infantil Um Jardim	Ecila Ponce	10
Secção Recreativa	Ophelia	8
Secção recreativa	Ophelia. Resposta à secção do sr. Djalma Soares Dutra que encaminhou carta à redação	17
Secção recreativa	Ophelia. Resposta à secção do sr. Placido Dutra que encaminhou carta à redação	18

TÍTULO*	AUTOR COM PSEUDÔNIMO QUANDO EXISTE	N.
Seção Recreativa (correspondente Eduardo Ludolf)	Ophelia	14
Seção Recreativa (correspondente Floriano de Lemos)	Ophelia	10
Seção Recreativa (correspondente Glaudie Ley)	Ophelia	15
Seção Recreativa (correspondente Joaquim A. P. de Azevedo)	Ophelia	16
Seção Recreativa (correspondente José H. Verlangieri.)	Ophelia	13
Seção Recreativa (correspondente Mario Abreu)	Ophelia	12
Seção Recreativa (correspondente Palmyro Pimenta)	Ophelia	9
Seção Recreativa (correspondente Phylogonio Correa)	Ophelia	11
Sem título	Lucrecia	7
Sem título	A redação	7, 25b
Sem título (registro de recebimento de obras, notícia sobre a intenção de instalação da biblioteca A Violeta.)	redação	14
Ser mãe	Julia Lopes (Do Livro das Noivas)	5
Sino da tarde (com epígrafe de Olavo Bilac)	Carmen Lydia	3
Sonhos (Para o coração sincero de Nilce)	Tavy	20
Sonhos que morrem (à gentil Arinapi)	Guiomar	5
Theoria da Inspiração	Autor não identificado	21
Tristesas (à disfinta consocia Neén Evangelista)	Arinapi. (Maria Dimpina)	13
Um apelo	sem indicação de autoria	4
Um retrato que chora	Solange de Messiens	9
Uma tarde de primavera	A. Lobo	2
Violeta	Floriano de Lemos (do livro Contos para moças)	19
Violeta (À minha mãe)	Lucrecia	2
Visão	Tavy	18

Nota: Conservou-se a grafia conforme os documentos originais.